

MAIS DE 1 MILHÃO DE EXEMPLARES VENDIDOS NO BRASIL

L.J. SMITH

DIÁRIOS do VAMPIRO

CAÇADORES VOL. 2

Canção
da lua

Livro que deu origem à série
de TV *Vampire Diaries*



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Série Diários do Vampiro

O despertar

O confronto

A fúria

Reunião sombria

O retorno — Anoitecer

O retorno — Almas sombrias

O retorno — Meia-noite

Caçadores — Espectro

Caçadores — Canção da Lua

Série Mundo das Sombras

Vampiro Secreto

Filhas da escuridão

Submissão mortal

Série Círculo Secreto

A iniciação

A prisioneira

O poder

Série Diários de Stefan

Origens

Sede de sangue

Desejo

L.J. SMITH

**DIÁRIOS do
VAMPIRO**
CAÇADORES em VOL. 2

**Canção
da lua**

Tradução
Ryta Vinagre

1ª edição



G A L E R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S649c

Smith, L. J. (Lisa J.), 1965-

Caçadores [recurso eletrônico] : canção da lua / L. J. Smith ;
tradução Ryta Vinagre. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera Record,
2014.

recurso digital

Tradução de: The Hunters: Moonsong

Sequência de: Caçadores: Espectro

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Epílogo

ISBN 978-85-01-05075-5 (recurso eletrônico)

1. Literatura infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I.

Vinagre, Ryta. II.

Título.

14-13213



TOCA DA CORUJA
www.tocadacoruja.net

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original

Vampire Diaries: The Hunters: Moonsong

Copyright © 2012 by L. J. Smith

Publicado mediante acordo com a Rights People, London.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil

adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 2585-2000

que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produido no Brasil

ISBN 978-85-01-05075-5

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Querido Diário

Estou com tanto medo.

Meu coração martela, minha boca está seca e minhas mãos tremem. Enfrentei tanto e sobrevivi: vampiros, lobisomens, espectros. Coisas que nunca imaginei que fossem reais. E agora estou apavorada. Por quê?

Simplesmente porque vou embora de casa.

Sei que isso é inteira e loucamente ridículo. Na verdade, mal estou saindo de casa. Vou para a universidade, só a algumas horas de carro desta querida casa onde moro desde bebê. Não, não vou começar a chorar de novo. Dividirei um quarto com Bonnie e Meredith, minhas duas melhores amigas em todo o mundo. No mesmo alojamento, a apenas alguns andares dali, estará meu amado Stefan. Meu outro melhor amigo, Matt, ficará a uma curta caminhada do campus. Até Damon estará num apartamento da cidade próxima.

Sinceramente, eu só poderia ficar mais perto de casa se não saísse dela. Estou sendo tão fraca. Mas parece que acabei de voltar — para minha casa, minha família, minha vida —, depois de ficar

exilada por tanto tempo, e, de repente, tenho de partir mais uma vez.

Acho que estou com medo em parte porque as últimas semanas de verão foram maravilhosas. Concentramos toda a diversão dos últimos meses — se não fosse pela luta com os kitsune, a viagem à Dimensão das Trevas, a batalha com o espectro do ciúme e todas as outras coisas Nada Divertidas que fizemos — nessas três gloriosas semanas. Fizemos piqueniques e festinhas de pijama e fomos nadar e fazer compras. Fomos à feira do condado, onde Matt ganhou um tigre de pelúcia para Bonnie e ficou vermelho feito um pimentão quando ela deu um gritinho e pulou nos braços dele. Stefan até me beijou no alto da roda-gigante, como qualquer cara normal faria com a namorada em uma linda noite de verão.

Estávamos tão felizes. Tão normais quanto eu pensei que nunca mais conseguiríamos ser.

Acho que é isso que me assusta. Tenho medo de que essas poucas semanas tenham sido um interlúdio luminoso e dourado e que, agora que as coisas estão mudando, tenhamos de voltar às trevas e ao horror. Parece aquele poema que li na aula de inglês no outono passado: Nada que é dourado permanece. Não para mim.

Até Damon...

Os passos no corredor do primeiro andar a distraíram, e a caneta de Elena Gilbert parou. Ela olhou as últimas duas caixas espalhadas pelo quarto. Stefan e Damon deviam ter chegado para buscá-la.

Mas ela queria terminar seus pensamentos, expressar a última preocupação que a importunou nessas semanas perfeitas. Voltou ao diário,

escrevendo com mais rapidez para registrar o que pensava antes de ter de ir embora.

Damon mudou. Desde que derrotamos o espectro do ciúme, ele tem sido... mais gentil. Não só comigo, nem só com Bonnie, por quem ele sempre teve um fraco, mas até com Matt e Meredith. Ele ainda consegue ser tremendamente irritante e imprevisível — não seria Damon sem isso —, mas não tem aquela virulência cruel. Não como antigamente.

Parece que ele e Stefan estão se entendendo. Eles sabem que amo os dois e mesmo assim não deixaram o ciúme se intrometer entre eles. Estão próximos, agindo como verdadeiros irmãos, de um jeito que nunca vi. Um equilíbrio delicado entre nós três durou todo o fim do verão. E me preocupa que qualquer passo em falso de minha parte venha fazer com que este equilíbrio se desfaça e que, como o primeiro amor dos dois, Katherine, eu separe os irmãos. Então perderemos Damon para sempre.

Tia Judith chamou, impaciente.

— Elena!

— Já vou! — Rapidamente, Elena escreveu mais algumas frases em seu diário.

Ainda assim, é possível que esta nova vida seja maravilhosa. Talvez eu vá encontrar tudo o que procuro. Não posso ficar na escola, nem em minha vida em casa, para sempre. E quem sabe? Talvez desta vez o dourado tenha vindo para ficar.

— *Elena!* Sua carona está *esperando!*

Tia Judith agora, sem dúvida nenhuma, estava ficando estressada. Ela queria levar Elena à faculdade. Mas Elena sabia que não conseguiria se despedir da família sem chorar, por isso pediu a Stefan e Damon que a levassem. Seria menos constrangedor ficar emocionada em casa do que chorar por todo o campus da Dalcrest. Como Elena decidira ir com os irmãos Salvatore, tia Judith se ocupou com cada detalhezinho, receosa que a carreira universitária de Elena não fosse começar com perfeição se ela não estivesse presente para supervisionar. Tudo porque tia Judith a amava, Elena sabia.

Ela fechou o diário de capa de veludo azul e o largou numa caixa aberta. Levantou-se e foi em direção à porta, mas, antes de abrir, virou-se para olhar seu quarto uma última vez.

Estava tão vazio, sem seus pôsteres preferidos na parede e metade dos livros da estante. Só algumas roupas continuavam no armário e na cômoda. A mobília ainda estava toda no lugar. Mas agora seu quarto perdera a maior parte de suas posses e mais parecia um quarto impessoal de hotel do que o refúgio confortável de sua infância.

Tanta coisa aconteceu ali. Elena se lembrava de se aconchegar com o pai junto à janela para ler quando era pequena. Ela, Bonnie e Meredith — e Caroline, que antigamente também era uma boa amiga — passaram pelo menos cem noites ali contando segredos, estudando, vestindo-se para festas ou só ficando juntas. Stefan a beijou ali, no início da manhã, e desapareceu rapidamente quando tia Judith veio acordá-la. Elena se lembrou do sorriso cruel e triunfante de Damon quando ela o convidou a entrar pela primeira vez, o que parecia fazer milhões de anos. E, não muito tempo atrás, sua alegria quando ele apareceu numa noite escura, depois de todos pensarem que estava morto.

Houve uma batida baixa na porta, e ela se abriu. Stefan estava na soleira, olhando-a.

— Está pronta? — perguntou ele. — Sua tia está meio preocupada. Acha que você não terá tempo de desfazer as malas antes da orientação aos alunos, se não formos agora.

Elena se aproximou para abraçá-lo; ele estava com um cheiro limpo e amadeirado, e ela aninhou a cabeça em seu ombro.

— Estou indo — disse ela. — É que é difícil dizer adeus, sabe? Tudo está mudando.

Stefan virou-se para ela e tomou sua boca suavemente em um beijo.

— Eu sei — disse ele em seguida, passando gentilmente o dedo pela curva de seu lábio inferior. — Vou levar essas caixas para baixo e lhe dar mais um minuto. Tia Judith vai se sentir melhor se vir a mala do carro sendo ocupada.

— Tudo bem. Já desço.

Stefan saiu do quarto com as caixas e Elena suspirou, olhando ao redor novamente. As cortinas de flores azuis que a mãe fizera quando Elena tinha 9 anos ainda cobria as janelas. Elena se lembrou da mãe a pendurando, com os olhos meio lacrimosos, quando sua menininha disse que era grande demais para cortinas do Ursinho Puff.

Foi a vez dos olhos de Elena se encherem de lágrimas, e ela colocou o cabelo atrás das orelhas, espelhando o gesto que a mãe usava quando se esforçava para pensar. Elena era nova demais quando os pais morreram. Talvez, se eles estivessem vivos, ela e a mãe agora fossem amigas, se entenderiam como iguais, e não apenas como mãe e filha.

Os pais também tinham estudado na Dalcrest. Foi lá que se conheceram, na realidade. No térreo, em cima do piano, havia uma foto deles vestindo

beca de formatura no gramado ensolarado à frente da biblioteca da Dalcrest, rindo, incrivelmente jovens.

Talvez a ida para a Dalcrest aproximasse Elena deles. Talvez ela aprendesse mais sobre as *pessoas* que eles foram, não apenas a mãe e o pai que ela conheceu quando pequena, e encontrasse sua família perdida em meio aos prédios neoclássicos e gramados da faculdade.

Ela não estava indo embora. Estava avançando.

Elena cerrou firmemente o queixo e saiu do quarto, apagando a luz.

No térreo, tia Judith, o marido, Robert, e a irmã de 5 anos de Elena, Margaret, estavam reunidos no saguão, esperando, olhando Elena enquanto ela descia a escada.

Tia Judith estava alvoroçada, claro. Não conseguia ficar quieta; suas mãos se retorciam, alisavam o cabelo, mexiam nos brincos.

— Elena — disse ela —, tem certeza de que guardou tudo o que precisava? É muita coisa para se lembrar. — Ela franziu o cenho.

Graças à ansiedade óbvia da tia, foi mais fácil para Elena sorrir tranquilizadamente e abraçá-la. Tia Judith retribuiu o abraço com força, relaxando por um momento, e fungou.

— Vou sentir sua falta, querida.

— Também sentirei saudade. — Elena apertou a tia um pouco mais, sentindo os lábios tremerem. Soltou uma risada trêmula. — Mas vou voltar. Se eu esquecer alguma coisa, ou se tiver saudade de casa, volto logo para passar o fim de semana. Não preciso esperar o Dia de Ação de Graças.

Ao lado delas, Robert jogava o próprio peso de um pé para o outro e pigarreou. Elena soltou tia Judith e se virou para ele.

— Escute, sei que os universitários têm muitas despesas — disse ele. — E não queremos que você tenha de se preocupar com dinheiro, então abrimos

uma conta na loja dos alunos, mas... — Ele abriu a carteira e entregou um maço de notas a Elena. — Só por precaução.

— Oh. — Elena ficou comovida e meio perturbada. — Muito obrigada, Robert, mas não precisa fazer isto.

Desajeitado, ele a afagou no ombro.

— Queremos que tenha tudo de que precisar — disse com firmeza. Elena sorriu, agradecida, dobrou o dinheiro e colocou no bolso.

Ao lado de Robert, Margaret olhava obstinadamente para os sapatos. Elena se ajoelhou diante dela e pegou as mãos da irmã mais nova.

— Margaret? — incitou ela.

Os grandes olhos azuis a fitaram. Margaret franziu a testa e meneou a cabeça, com a boca numa linha firme.

— Vou sentir muito a sua falta, Meggie — disse Elena, puxando-a para mais perto, os olhos se enchendo de lágrimas de novo. O cabelo macio como dente-de-leão da irmã roçou no rosto de Elena. — Mas eu volto para o Dia de Ação de Graças, e talvez você possa me visitar no campus. Eu adoraria mostrar minha irmãzinha a todos os meus novos amigos.

Margaret engoliu em seco.

— Não quero que você vá — disse ela, a vozinha muito triste. — Você está sempre *indo embora*.

— Ah, meu amor — disse Elena, impotente, aninhando mais perto a irmã. — Mas eu sempre volto, não é?

Elena estremeceu. Mais uma vez, se perguntou o quanto Margaret se lembrava do que *realmente* tinha acontecido em Fell's Church no ano anterior. As Guardiãs prometeram alterar as lembranças de todos daqueles meses sombrios, quando vampiros, lobisomens e kitsune quase destruíram a cidade — e quando a própria Elena morreu e renasceu —, mas parecia haver

exceções. Caleb Smallwood se lembrava, e às vezes o rostinho inocente de Margaret ganhava uma expressão estranhamente perspicaz.

— Elena — disse tia Judith novamente, com a voz embargada e chorosa —, é melhor você ir.

Elena abraçou a irmã mais uma vez antes de soltá-la.

— Tudo bem. — Ela se ergueu e pegou a bolsa. — Ligo para vocês hoje à noite e conto como estou me ajeitando.

Tia Judith assentiu, e Elena lhe deu outro beijo rápido antes de enxugar os olhos e abrir a porta da frente.

Na rua, o sol brilhava tão forte que a fez piscar. Damon e Stefan estavam recostados na pick-up que Stefan alugou, com as coisas de Elena guardadas no porta-malas. Ao se aproximar, os dois levantaram a cabeça e, ao mesmo tempo, sorriram para ela.

Oh. Eles eram tão bonitos, os dois, que vê-los ainda a deixava trêmula depois de todo esse tempo. Stefan, seu amado Stefan, com os olhos verdes cintilando ao vê-la, era lindo com seu perfil clássico e aquela curvinha meiga e beijável no lábio inferior.

E Damon — todo pele clara luminescente, olhos pretos aveludados e cabelos sedosos — era elegante e letal ao mesmo tempo. O sorriso luminoso de Damon fazia algo dentro dela se esticar e ronronar como uma pantera reconhecendo seu parceiro.

Os dois pares de olhos a fitavam com amor e possessividade.

Os irmãos Salvatore agora eram dela. O que ia fazer a respeito disso? A ideia fez sua testa franzir e os ombros se recurvarem de nervosismo. Depois ela desfez conscientemente as rugas na testa, relaxou e sorriu para eles. O que tiver de ser, será.

— Hora de ir — disse ela, virando o rosto para o sol.

Meredith segurou firme o calibrador na válvula do pneu traseiro esquerdo, verificando a pressão. Estava boa.

A pressão nos quatro pneus estava normal. O anticongelante, o óleo e os fluidos de transmissão estavam completos, a bateria do carro era nova, e o macaco e o estepe estavam em perfeitas condições. Ela sabia muito bem. Os pais não eram do tipo que deixariam de ir ao trabalho para vê-la partir para a faculdade. Eles sabiam que ela não precisava de mimos, mas mostraram seu amor certificando-se de todos os preparativos, que ela estivesse segura e perfeitamente preparada para qualquer coisa que pudesse acontecer. É claro que eles também não *diriam* a ela que tinham verificado tudo; queriam que ela continuasse protegendo a si mesma.

Não havia nada que ela tivesse de fazer a não ser partir. E esta era a única coisa que Meredith não queria fazer.

— Venha comigo — disse ela sem levantar a cabeça, desprezando o fraco tremor que ouviu na própria voz. — Só por umas semanas.

— Sabe que não posso. — Alaric roçou a mão de leve em suas costas. — Se eu fosse com você, não ia querer ir embora. Assim é melhor. Você vai curtir as primeiras semanas de faculdade como todos os outros novos alunos, sem ninguém a prendendo. E, logo, vou visitá-la.

Meredith se virou e viu que ele a olhava. A boca de Alaric se retesou, a mais leve tensão, e ela entendeu que se separarem de novo depois de apenas algumas semanas juntos era tão difícil para ele quanto para ela. Meredith se curvou e o beijou com doçura.

— Melhor do que se eu fosse para Harvard — murmurou ela. — Muito mais perto.

Quando o verão terminou, ela e Matt tinham percebido que não podiam deixar os amigos e partir para faculdades em outros estados, como tinham planejado. Todos haviam passado por muita coisa juntos e queriam *ficar* juntos, protegendo uns aos outros, mais do que queriam ir a qualquer outro lugar.

O lar de todos quase foi destruído mais de uma vez, e só a chantagem de Elena sobre a Corte Celestial conseguiu restaurar a cidade e salvar suas famílias. Eles *não podiam* se separar. Não quando eram os únicos que se colocavam contra as trevas lá fora, a escuridão que sempre seria atraída ao Poder das mágicas linhas de força que cruzavam a área ao redor de Fell's Church. A Dalcrest era perto o bastante para eles voltarem se houvesse ameaça de perigo novamente.

Eles precisavam proteger a cidade.

Então Stefan tinha ido aos escritórios de administração da Dalcrest e usado seu *mojo* de vampiro. De repente, Matt tinha a bolsa de futebol da Dalcrest, que ele rejeitara em favor da Kent State na primavera, e Meredith não só era esperada como caloura, como fora colocada em um quarto para três no melhor alojamento do campus, com Bonnie e Elena. O sobrenatural havia trabalhado *a favor* deles, para variar.

Ainda assim, ela teve de abrir mão de alguns sonhos para ficar ali. Harvard. Alaric a seu lado.

Meredith balançou a cabeça. *Esses* sonhos eram incompatíveis, de qualquer maneira. Alaric não podia ir para Harvard com ela. Ia ficar em Fell's Church e pesquisar a origem de todas as coisas sobrenaturais que haviam marcado a história da cidade. Por sorte, a Duke deixou que ele considerasse isso parte de sua tese sobre o paranormal. E ao mesmo tempo ele poderia monitorar a cidade, procurando perigos. Eles teriam de se separar, aonde quer que Meredith escolhesse ir, mas pelo menos a Dalcrest ficava a uma curta distância de carro.

A pele de Alaric estava com um leve bronzeado, e um salpico de sardas cruzava as maçãs do rosto. Os dois estavam com as faces tão próximas que ela sentia o calor da respiração dele.

— No que está pensando? — A voz de Alaric era um murmúrio baixo.

— Em suas sardas. São lindas. — Ela respirou fundo e se afastou. — Eu te amo — disse, depois se apressou a sair antes que uma onda de desejo a dominasse. — Preciso ir.

Ela pegou uma das bolsas de viagem ao lado do carro e colocou na mala.

— Eu também te amo. — Alaric segurou a mão de Meredith com força por um momento, olhando em seus olhos. Depois a soltou e colocou a última bolsa na mala, batendo a porta.

Meredith o beijou, com rapidez e intensidade, e entrou rapidamente no carro. Sentada com o cinto afivelado e o motor ligado, ela se permitiu olhá-lo de novo.

— Tchau — disse ela pela janela aberta. — Te ligo hoje à noite. Toda noite.

Alaric assentiu. Seus olhos estavam tristes, mas ele sorriu e acenou se despedindo.

Meredith deu a ré com cuidado na entrada da casa. Suas mãos estavam em dez para as duas e ela mantinha os olhos na rua e a respiração firme. Sem

nem mesmo olhar, ela sabia que Alaric estava na entrada, vendo o carro sumir de vista. Meredith apertou os lábios com firmeza. Ela era uma Sulez. Era uma caçadora de vampiros, uma aluna excepcional e inteiramente equilibrada em todas as situações.

Não precisava chorar; afinal, veria Alaric novamente. Em breve. Nesse meio-tempo, seria uma verdadeira Sulez: pronta para tudo.

A Dalcrest era *linda*, pensou Elena. Já tinha estado lá, é claro. Elena, Bonnie e Meredith foram de carro a uma festa da fraternidade no penúltimo ano do ensino médio, quando Meredith namorava um universitário. E ela se lembrava vagamente de os pais a levarem a um evento de ex-alunos quando era pequena.

Mas, agora que fazia parte do corpo discente, quando este seria seu lar pelos quatro anos seguintes, tudo parecia diferente.

— Muito elegante — comentou Damon enquanto o carro passava entre os portões dourados na entrada da escola e pelos prédios neoclássicos de tijolinhos e mármore imitando o estilo georgiano. — Isto é, para a América.

— Bem, nem todos podem crescer em palácios italianos — respondeu Elena distraidamente, muito consciente da leve pressão da coxa dele na dela.

Estava sentada no banco da frente da pick-up, entre Stefan e Damon, e não havia muito espaço. Ter os dois tão perto era uma distração aflitiva.

Damon revirou os olhos e resmungou para Stefan:

— Bem, já que vai bancar o humano e fazer faculdade *de novo*, maninho, pelo menos não escolheu um lugar horrendo demais. E é claro que a companhia compensará qualquer inconveniência — acrescentou, galanteador, com um olhar de lado para Elena. — Mas ainda acho que é uma perda de tempo.

— Mesmo assim, você está aqui — disse Elena.

— *Eu* estou aqui para manter vocês longe de problemas — retorquiu Damon.

— Por favor, desculpe o Damon — pediu Stefan, de bom humor, a Elena.
— Ele não entende. Foi expulso da universidade nos velhos tempos.

Damon riu.

— Mas me diverti muito enquanto estive lá. Havia todo tipo de prazer para um homem de posses na universidade. Mas imagino que as coisas tenham mudado um pouco.

Eles estavam trocando farpas, Elena sabia, mas não havia aquele travo amargo e duro que costumava haver antes. Damon sorria para Stefan por cima da cabeça de Elena com um afeto irônico, e os dedos de Stefan estavam soltos e relaxados no volante.

Ela pôs a mão no joelho de Stefan e apertou. Damon se retesou ao seu lado, mas, quando ela o olhou, ele observava pelo para-brisa com uma expressão neutra. Elena recolheu a mão. A última coisa que queria era perturbar o delicado equilíbrio entre os três.

— Chegamos. — Stefan parou junto a um prédio coberto de hera. — A Pruitt House.

O alojamento assomava diante deles, um prédio alto de tijolinhos com um torreão de um lado e janelas reluzentes ao sol da tarde.

— Dizem que é o alojamento mais bonito do campus — comentou Elena.

Damon abriu a porta, saltou e se virou para olhar longamente para Stefan.

— O melhor alojamento do campus, é? Andou usando seus poderes de persuasão para obter *recompensas pessoais*, jovem Stefan? — Ele meneou a cabeça. — Sua moral está se desintegrando.

Stefan saiu do carro e se virou para estender a mão de forma cortês a Elena.

— É possível que você finalmente esteja me influenciando — disse ele a Damon, com os lábios se torcendo levemente de diversão. — Vou ficar no torreão, num quarto de solteiro. Tem sacada.

— Que bom para você — comentou Damon, com os olhos movendo-se rapidamente entre eles. — Este é um alojamento misto, então? Os pecados do mundo moderno...

Sua expressão ficou pensativa por um instante; depois ele abriu um sorriso luminoso e começou a tirar a bagagem da traseira.

Ele parecera quase solitário a Elena naquele segundo — o que era ridículo, Damon nunca era *solitário* —, mas essa impressão fugaz foi suficiente para que ela dissesse, impetuosamente:

— Podia ter vindo para a faculdade conosco, Damon. Não é tarde demais, se usar seu Poder para se matricular. Pode morar no campus também.

Ela sentiu Stefan paralisar. Depois ele respirou lentamente e se colocou ao lado de Damon, estendendo a mão para a pilha de caixas.

— Podia mesmo — disse ele, despreocupado. — Tentar estudar de novo pode ser mais divertido do que você pensa, Damon.

Ele balançou a cabeça com escárnio.

— Não, obrigado. Desliguei-me da academia há muitos séculos. Serei mais feliz em meu novo apartamento na cidade, onde posso ficar de olho em vocês sem ter de me misturar com os outros alunos.

Ele e Stefan sorriram um para o outro com o que parecia uma compreensão perfeita.

Muito bem, pensou Elena com um misto curioso de alívio e decepção. Ela ainda não vira o apartamento novo, mas Stefan lhe garantira que Damon moraria, como sempre, no luxo, pelo menos o máximo que a cidade mais próxima podia oferecer.

— Vamos, meninos — disse Damon, pegando várias malas sem esforço algum e indo em direção ao alojamento. Stefan ergueu a torre de caixas e o seguiu.

Elena pegou uma caixa e foi atrás deles, admirando a graça natural, a força elegante dos dois. Ao passarem por algumas portas abertas, ela ouviu uma garota uivar como um lobo, de brincadeira, e dar uma gargalhada com a colega de quarto.

Uma caixa virou da enorme pilha de Stefan enquanto ele começava a subir a escada, e Damon a pegou tranquilamente, apesar das malas. Stefan assentiu casualmente, agradecendo.

Eles passaram séculos como inimigos. Eles se *mataram*, uma vez. Centenas de anos de ódio mútuo, ligados pela infelicidade, pelo ciúme e pela tristeza. Katherine fez isso com os irmãos, tentando ter os dois quando cada um deles queria ser exclusivo.

Tudo agora era diferente. Eles tinham melhorado muito. Desde que Damon morreu e voltou, desde que batalharam e derrotaram o espectro do ciúme, eles se tornaram parceiros. Havia um reconhecimento tácito de que trabalhariam juntos para proteger o pequeno grupo de humanos. Mais que isso, havia um afeto, cauteloso mas verdadeiro, entre os dois. Eles dependiam um do outro; lamentariam perder um ao outro de novo. Não falavam nisso, mas Elena sabia que era verdade.

Ela fechou os olhos por um segundo. *Sabia* que os dois a amavam. Os dois sabiam que ela os amava. *Mas*, sua mente a corrigiu com certo escrúpulo, *Stefan é meu verdadeiro amor*. Algo mais nela, porém, aquela pantera imaginária, se alongou e sorriu. *Mas Damon, meu Damon...*

Ela balançou a cabeça. Não podia separá-los, não podia deixar que brigassem por sua causa. Não faria o que Katherine tinha feito. Se um dia tivesse de escolher, escolheria Stefan. É claro.

É mesmo?, a pantera ronronou tranquilamente, e Elena tentou afastar o pensamento.

Tudo podia se desintegrar com muita facilidade. E cabia a ela cuidar para que isso nunca mais acontecesse.

Bonnie afofou os cachos ruivos ao andar às pressas pelo gramado da Dalcrest. Era tão lindo ali. Estreitas calçadas de lajota margeavam o gramado, levando aos vários alojamentos e prédios de aulas. Flores de cores vivas — petúnias, beijo-turco, margaridas — cresciam em toda parte, pelas laterais do caminho e na frente dos prédios.

O cenário humano também era lindo, pensou Bonnie, disfarçadamente olhando um garoto bronzeado deitado numa toalha perto da margem do gramado. Mas não disfarçou tão bem — o cara levantou a cabeça morena e desgrehada e piscou para ela. Bonnie riu e acelerou o passo, com o rosto em brasa. Sinceramente, ele não devia estar *desfazendo as malas*, arrumando o quarto ou coisa assim? Em vez de só ficar deitado seminu, piscando para meninas que passavam como um grande... *sedutor*.

A sacola de coisas que Bonnie tinha comprado na livraria do campus tilintava de leve em sua mão. É claro que ela não pôde comprar livro nenhum, já que eles só se matriculariam nas matérias no dia seguinte, mas aparentemente a livraria vendia *de tudo*. Ela comprou umas coisas ótimas: uma caneca da Dalcrest, um ursinho de pelúcia com uma camiseta fofa da Dalcrest e alguns artigos que viriam a calhar, como um porta-trecos de chuveiro bem organizado e uma coleção de canetas de todas as cores do

arco-íris. Bonnie precisava admitir que estava muito animada com o início na faculdade.

Ela passou a sacola para a mão esquerda e flexionou os dedos dormentes da direita. Animada ou não, todas essas coisas que comprara eram *pesadas*.

Mas precisava delas. Seu plano era este: ela se tornaria uma nova pessoa na faculdade. Não *inteiramente* nova; gostava muito de si mesma, na maior parte do tempo. Mas ia se tornar mais líder, mais madura, o tipo de pessoa de quem os outros dizem “Pergunte à Bonnie” ou “Confie na Bonnie”, em vez de “Ah, *Bonnie*”, o que era completamente diferente.

Estava decidida a sair da sombra de Meredith e Elena. É claro que as duas eram *demais*, suas melhores amigas sem sombra de dúvida, mas elas nem percebiam o quanto eram terrivelmente mandonas o tempo todo. Bonnie queria se tornar uma pessoa incrível e cheia de autoridade por mérito próprio.

Além disso, talvez conhecesse um cara realmente especial. Isso seria ótimo. Bonnie não podia *culpar* Meredith nem Elena pelo fato de, por todo o ensino médio, ela ter tido muitos encontros, mas nenhum namorado sério. Mas a dura realidade era que, mesmo que todos a achassem uma graça, se duas de suas amigas mais íntimas eram lindas, inteligentes e poderosas, o tipo de garoto que quer se apaixonar pode achar você meio... banal, em comparação.

Bonnie tinha de admitir, porém, que ficou aliviada por ela, Meredith e Elena morarem juntas. Podia não querer ficar na sombra das duas, mas elas ainda eram suas melhores amigas. E, afinal...

Tum. Alguém esbarrou de lado em Bonnie, que perdeu o fio do raciocínio e cambaleou para trás. Um corpo masculino e grande arremeteu em direção a ela de novo, batendo brevemente o rosto de Bonnie em seu peito, e ela tropeçou, caindo na lateral de alguém. Havia meninos a toda

volta, empurrando-se, brincando e brigando, sem prestar atenção nela, que era jogada entre eles, até que alguém de mão forte de repente a segurou no meio do tumulto.

Quando Bonnie conseguiu se equilibrar, eles estavam se mexendo de novo, cinco ou seis corpos masculinos se empurrando, sem parar para pedir desculpas, como se nem ao menos tivessem percebido Bonnie, como se ela não passasse de um obstáculo inanimado no caminho.

A não ser por um deles. Bonnie se viu olhando para uma camiseta azul desbotada e um tronco magro com braços musculosos. Ela se endireitou e ajeitou o cabelo, e a mão que segurava seu braço a soltou.

— Você está bem? — perguntou uma voz baixa.

Estaria melhor se você quase não tivesse me nocauteado, Bonnie estava prestes a responder, ferina. Estava sem fôlego, a sacola era pesada, e aquele cara e os amigos precisavam seriamente olhar por onde andavam. Então ela levantou a cabeça e seus olhos encontraram os dele.

Uau. O cara era lindo. Os olhos eram de um azul claro e sincero, a cor do céu ao amanhecer de um dia de verão. Suas feições eram bem definidas, as sobrancelhas arqueadas, as maçãs do rosto altas, mas a boca era macia e sensual. E ela nunca vira um cabelo daquela cor, só em crianças mais novas, aquele louro claro que a fazia pensar em praias tropicais sob um céu de verão...

— Você está bem? — repetiu ele, mais alto, com um franzido de preocupação na testa perfeita.

Meu Deus. Bonnie se sentia corando até a raiz do cabelo. Ela o estava encarando de boca aberta.

— Estou ótima. — Tentou se recompor. — Acho que não prestei atenção aonde estava indo.

Ele sorriu, e um *zing!* mínimo disparou por Bonnie. O sorriso dele também era lindo e iluminava todo seu rosto.

— Gentileza sua dizer isto — disse ele —, mas acho que talvez *nós* é que devíamos olhar aonde estávamos indo em vez de nos empurrarmos pelo caminho. Meus amigos às vezes ficam meio... turbulentos.

Ele olhou por cima do ombro de Bonnie, que olhou para trás. Os amigos tinham parado e esperavam por ele mais adiante. Enquanto Bonnie olhava, um deles, um cara moreno e alto, bateu na nuca de outro, e um instante depois eles estavam se atracando e se empurrando de novo.

— É, estou vendo — disse Bonnie, e o lindo louro riu. Seu sorriso vibrante fez Bonnie imitar o gesto, e ela voltou a atenção para aqueles *olhos*.

— Mas, então, aceite minhas desculpas — disse ele. — Sinto muito. — E estendeu a mão. — Meu nome é Zander.

O aperto dele era agradável e firme, a mão grande e quente envolvendo a dela. Bonnie se sentiu ruborizar de novo, jogou os cachos ruivos para trás e empinou o queixo corajosamente. Não ia demonstrar que estava toda afobada. E daí que ele era lindo? Ela era amiga — mais ou menos — de *Damon*. A essa altura, devia ser imune a homens bonitos.

— Meu nome é Bonnie. — Ela sorriu para ele. — É meu primeiro dia aqui. Você também é calouro?

— Bonnie — disse ele, pensativo, arrastando a pronúncia do nome dela um pouco, como se o saboreasse. — Não, já estou aqui há algum tempo.

— Zander... Zander... — Os meninos na calçada começaram a entoar, as vozes ficando mais aceleradas e mais altas com as repetições. — *Zander... Zander... Zander.*

Ele estremeceu, voltando a atenção para os amigos.

— Desculpe, Bonnie, tenho que correr — disse ele. — Estamos numa espécie de... — ele se interrompeu. — Lance de clube. Mas, como eu disse,

me desculpe por quase termos derrubado você. Espero que a gente se veja de novo logo, está bem?

Ele apertou a mão de Bonnie mais uma vez, abriu-lhe um sorriso demorado e se afastou, ganhando velocidade ao se aproximar dos amigos. Bonnie o viu se reunir ao grupo de meninos. Pouco antes de eles virarem para um alojamento, Zander olhou para ela, abriu aquele sorriso lindo e acenou.

Bonnie ergueu a mão para retribuir o aceno, acidentalmente batendo a sacola pesada contra o corpo enquanto ele virava.

Demais, pensou ela, lembrando-se da cor dos olhos dele. *Eu poderia me apaixonar.*

Matt se recostou na pilha instável de malas que tinha formado na entrada de seu quarto do alojamento.

— Droga — disse ele, mexendo com a chave na fechadura da porta. Eles nem haviam lhe dado a chave certa?

— Ei — chamou uma voz atrás dele, e Matt teve um sobressalto, derrubando uma das malas no chão. — Opa, desculpe por isto. Você é o Matt?

— Sou. — Matt girou a chave uma última vez e finalmente abriu a porta. Ele se virou, sorrindo. — Você é o Christopher? — A faculdade havia lhe dito o nome do colega de quarto, e que ele também era do time de futebol americano, mas os dois ainda não tinham se encontrado. Christopher parecia legal. Era um grandalhão com corpo de zagueiro, sorriso simpático e cabelo louro-areia curto que ele coçava com uma das mãos ao recuar para abrir espaço ao animado casal de meia-idade que o seguia.

— Olá, você deve ser o Matt — disse a mulher, que carregava um tapete enrolado e uma flâmula da Dalcrest. — Meu nome é Jeniffer, mãe de

Christopher, e este é Mark, o pai dele. É um prazer conhecê-lo. Seu pessoal está aqui?

— Hummm, não, vim sozinho de carro. Minha cidade, Fell's Church, não fica muito longe daqui. — Matt pegou as malas e levou-as para o quarto, apressando-se para sair do caminho da família de Christopher.

O quarto dos dois era bem pequeno. Tinha um beliche junto a uma parede, um espaço estreito no meio e duas mesas e cômodas espremidas lado a lado na outra parede.

As meninas e Stefan sem dúvida moravam no luxo, mas não parecia muito certo Stefan usar seu Poder para conseguir um bom quarto para Matt. Já era bem ruim Matt ter pegado a vaga de um aluno e o lugar de outro no time de futebol.

Stefan o convencera a fazer exatamente isso.

— Olhe, Matt — disse ele, com os olhos verdes sérios. — Entendo como se sente, não gosto de influenciar as pessoas para fazerem o que eu quero. Mas a realidade é que precisamos ficar juntos. Com as linhas de Poder que correm por toda esta parte do país, temos que estar sempre de sobreaviso. Somos os únicos que *sabem*.

Quando Stefan colocou dessa forma, Matt teve de concordar. Mas rejeitou o quarto de alojamento suntuoso que Stefan se oferecera para arrumar e ficou com o que a administração tinha lhe atribuído. Tinha de se ater a pelo menos uma migalha de sua honra. Além do mais, se ficasse no mesmo alojamento dos outros, teria sido difícil se negar a dividir um quarto com Stefan. Ele gostava muito de Stefan, porém seria demais morar com ele, vê-lo com Elena, a menina por quem Matt tinha sido apaixonado, e que ainda amava apesar de tudo que acontecera. E seria divertido conhecer gente nova, expandir um pouco os horizontes depois de passar a vida toda em Fell's Church.

Mas o quarto *era mesmo* pavorosamente pequeno.

E Christopher parecia ter uma tonelada de coisas. Ele e os pais subiram e desceram a escada, carregando um sistema de som, um frigobar, uma TV, um Wii. Matt enfiou suas três malas no canto e os ajudou a carregar tudo.

— Vamos dividir a geladeira e o sistema de entretenimento, claro — disse Christopher, olhando para as malas de Matt, que claramente não continham nada além de roupas e talvez alguns lençóis e toalhas. — Se conseguirmos achar um lugar onde enfiar tudo. — A mãe de Christopher andava pelo quarto, orientando o pai sobre onde colocar as coisas.

— Ótimo, obrigado... — Matt começou a falar, mas o pai de Christopher, depois de enfim conseguir alojar a TV no alto de uma das cômodas, virou-se para Matt.

— Ei — disse ele. — Acabo de me lembrar... Se é de Fell's Church, vocês foram campeões estaduais no ano passado. Você deve ser um jogador e tanto. Em que posição joga?

— Hummm, obrigado — agradeceu Matt. — Sou quarterback.

— Titular? — perguntou o pai de Christopher.

Matt corou.

— É.

Agora todos o encaravam.

— Caramba — disse Christopher. — Não quero ofender, cara, mas por que você veio para a *Dalcrest*? Quero dizer, estou animado de jogar na faculdade, mas você podia ter ido, tipo, para a primeira divisão.

Matt deu de ombros, pouco à vontade.

— Hummm, eu precisava ficar perto de casa.

Christopher abriu a boca para falar mais alguma coisa, porém a mãe meneou a cabeça de leve e ele se calou. *Queeo ótimo*, pensou Matt. Devem pensar que ele tinha problemas familiares.

Mas ele precisava admitir que ficara um pouco comovido por estar com pessoas que reconheciam tudo de que ele havia desistido. As meninas e Stefan não entendiam muito de futebol americano. Embora Stefan tivesse jogado em seu time da escola, a mentalidade dele ainda era a do aristocrata europeu da Renascença: os esportes eram passatempos agradáveis que mantinham o corpo em forma. Stefan não se importava, na realidade.

Mas Christopher e a família dele — eles *entendiam* o que significava para Matt desprezar a chance de jogar em um time de futebol universitário de primeira linha.

— Então — disse Christopher, meio de repente demais, como se tentasse pensar num jeito de mudar de assunto —, que cama vai querer? Não ligo de ficar com a de cima ou a de baixo.

Todos olharam para os beliches, e foi aí que Matt o viu pela primeira vez. Deve ter chegado enquanto ele estava no térreo ajudando Christopher com a bagagem. Um envelope de cor creme no beliche de baixo, feito de um papel grosso e elegante como um convite de casamento. Na frente estava escrito em caracteres elaborados: “Matthew Honeycutt”.

— O que é isso, querido? — perguntou a mãe de Christopher, com curiosidade.

Matt deu de ombros, mas começou a sentir a empolgação bater no peito. Ouvira falar alguma coisa sobre convites que certas pessoas da Dalcrest recebiam, que apareciam misteriosamente, mas ele sempre achou que era um mito.

Virando o envelope, ele viu um lacre de cera azul com a impressão de uma letra V ornamentada.

Hummm. Depois de olhar o envelope por um segundo, Matt o dobrou e colocou no bolso traseiro. Se fosse o que estava pensando, deveria abrir a sós.

— Acho que é o destino nos dizendo que o beliche de baixo é seu — disse Christopher afavelmente.

— É. — Matt estava distraído, com o coração aos saltos. — Podem me dar licença por um minuto?

Ele foi até o corredor, respirou fundo e abriu o envelope. Dentro dele havia mais um papel grosso e elegante com a mesma caligrafia e um pedaço estreito de tecido preto. Dizia:

Fortis Aeternus

Por gerações, os melhores e mais brilhantes da Dalcrest College foram escolhidos para integrar a Vitale Society. Este ano, você foi selecionado.

Se desejar aceitar esta honra e se tornar um de nós, vá amanhã às oito horas ao portão principal do campus. Deve estar vendado e vestindo traje para ocasiões solenes.

Não conte a ninguém.

O leve retumbar de empolgação no peito de Matt aumentou até ele ouvir o coração martelando nos ouvidos. Ele escorregou pela parede e respirou fundo.

Já tinha ouvido histórias sobre a Vitale Society. Alguns atores conhecidos, escritores famosos e grandes generais da Guerra Civil que a Dalcrest contava entre os ex-alunos foram integrantes da Vital Society, segundo os boatos. Pertencer à lendária sociedade devia assegurar seu sucesso, ligar você a uma rede incrivelmente secreta que o ajudaria por toda a vida.

Mais que isso, falavam de feitos misteriosos, de segredos que só eram revelados aos membros. E eles deviam dar festas incríveis.

Mas tudo isso era apenas fofoca, e ninguém jamais admitiu abertamente pertencer à sociedade. Matt sempre imaginou que era um mito. A própria faculdade negava veementemente qualquer conhecimento sobre a Vitale Society, e Matt desconfiava que o pessoal da admissão pudesse ter inventado a coisa toda, tentando fazer com que a universidade parecesse um pouco mais exclusiva e misteriosa do que realmente era.

No entanto, ali — ele olhou o papel creme nas mãos — estava a prova de que todas as histórias podiam ser verdadeiras. Podia ser uma brincadeira, supôs ele, um trote que alguém pregava em alguns calouros. Mas não *parecia* brincadeira. O lacre, a cera, o papel caro; era muito esforço para um convite que não fosse genuíno.

A sociedade mais exclusiva e mais secreta da Dalcrest era real. E eles queriam *Matt*.

— Só mesmo a Bonnie para conhecer um cara bonito no primeiro dia de faculdade — disse Elena. Aplicava cuidadosamente esmalte na unha do pé de Meredith, pintando-a de rosa acobreado. Elas passaram a tarde na orientação de novos alunos com os outros colegas de alojamento, e agora queriam relaxar. — Tem certeza de que é esta cor mesmo? — perguntou Elena a Meredith. — Não me parece um pôr do sol de verão.

— Eu gosto — respondeu Meredith, mexendo os dedos pintados.

— Cuidado! Não quero esmalte na minha colcha nova — avisou Elena.

— Zander é simplesmente *lindo* — disse Bonnie, espreguiçando-se suntuosamente na cama do outro lado do quarto. — Esperem só até conhecê-lo.

Meredith sorriu para Bonnie.

— Não é uma sensação maravilhosa? Quando você acaba de conhecer alguém e sente que tem alguma coisa entre vocês, mas não tem certeza do que vai rolar? — Ela soltou um suspiro exagerado, revirando os olhos num desmaio fingido. — É a expectativa, e você sente arrepios só de vê-lo. Adoro essa primeira parte. — Seu tom era leve, mas havia algo de solitário em seu rosto. Elena tinha certeza de que, por mais composta e calma que parecesse, Meredith já sentia falta de Alaric.

— Claro — disse Bonnie. — É demais, embora eu queira passar à *próxima* fase, para variar. Quero um relacionamento onde ambos se conheçam bem, um namoro sério, em vez de apenas uma paixão. Como vocês têm. Isso é melhor, não é?

— Acho que sim — concordou Meredith. — Mas você não deve tentar apressar a fase de acabamos-de-nos-conhecer, porque só tem um tempo limitado para curtir isso. Não é, Elena?

Elena passou uma bola de algodão pelas bordas das unhas com esmalte de Meredith e pensou em quando conheceu Stefan. Com tudo que tinha acontecido desde então, era difícil acreditar que só fazia um ano.

O que ela se lembrava mais era da própria determinação de ter Stefan. Não importava o que se interpusesse no caminho. Ela sabia, com um propósito firme e claro, que ele seria *dela*. E de fato, naqueles dias depois que ele *foi* dela, havia sido glorioso. Parecia que a parte que faltava de si mesma tinha se encaixado em seu lugar.

— É verdade. — Elena enfim respondeu a Meredith. — Depois disso, as coisas ficam mais complicadas.

No início, Stefan tinha sido um prêmio que Elena queria ganhar: sofisticado e misterioso. Ele também era um prêmio cobiçado por Caroline, e Elena nunca permitiu que Caroline a derrotasse. Mas depois Stefan deixou Elena ver a dor e a paixão, a integridade e a nobreza que tinha dentro de si, então ela se esqueceu da competição e amou Stefan de todo coração.

E agora? Ainda amava Stefan com tudo o que tinha, e ele a amava. Mas ela também amava Damon e às vezes o compreendia — o Damon manipulador, que tramava, perigoso — melhor do que a Stefan. Damon era como ela de algumas maneiras: ele também era incansável na busca do que queria. Ela e Damon se ligavam, pensou Elena, em algum nível

essencialmente profundo e instintivo que Stefan era bom e honrado demais para entender. Como se podia amar duas pessoas ao mesmo tempo?

— Complicado — zombou Bonnie. — Mais complicado do que nunca ter certeza se alguém gosta ou não de você? Mais complicado do que ter de esperar perto do telefone para saber se tem um encontro no sábado à noite ou não? Estou pronta para essa complicação. Sabia que 49 por cento das mulheres com educação universitária conhecem seus futuros maridos no campus?

— Você inventou esta estatística — disse Meredith, levantando-se e indo para a própria cama, com o cuidado de não borrar o esmalte.

Bonnie deu de ombros.

— Tudo bem, talvez eu tenha inventado. Mas aposto que é um percentual alto, de qualquer forma. Seus pais não se conheceram aqui, Elena?

— Sim — disse Elena. — Acho que eles fizeram algumas matérias juntos no segundo ano.

— Que romântico — falou Bonnie num tom feliz.

— Bem, se você vai se casar, terá de conhecer seu futuro marido em algum lugar — disse Meredith. — E há muitos possíveis futuros maridos na universidade. — Ela franziu a testa para a colcha de seda em sua cama. — Acha que posso secar minhas unhas com o secador de cabelo ou vou estragar o esmalte? Quero dormir.

Ela examinou o secador de cabelo como se fosse o principal objeto de algum experimento científico, com a expressão concentrada. Bonnie a olhava de cabeça para baixo, a cabeça tombada para trás na beira da cama e os cachos ruivos roçando o chão, batendo os pés com energia na parede. Elena sentiu uma onda de amor pelas duas. Lembrou-se das incontáveis festinhas de pijama que elas fizeram durante toda a época da escola, antes que a vida delas ficasse... complicada.

— Adoro nós três juntas — disse ela. — Espero que o ano todo seja exatamente assim.

Foi quando elas ouviram as sirenes pela primeira vez.

Meredith olhava pelas cortinas, reunindo os fatos, tentando analisar o que acontecia fora da Pruitt House. Uma ambulância e várias viaturas policiais estavam estacionadas do outro lado da rua, piscando suas luzes vermelhas e azuis. Holofotes iluminavam de um branco macabro o pátio apinhado de policiais.

— Acho que precisamos sair daqui — disse ela.

— Está brincando? — perguntou Bonnie de trás dela. — Por que a gente faria isso? Eu estou de *pijama*. — Meredith olhou para trás. Bonnie estava de pé, com as mãos nos quadris, os olhos castanhos indignados. Estava mesmo vestindo um pijama lindinho com estampa de sorvete de casquinha.

— Bem, rápido, vista a calça jeans — disse Meredith.

— Mas *por quê?* — perguntou Bonnie, melancólica.

Os olhos de Meredith encontraram os de Elena do outro lado do quarto, e elas assentiram rapidamente.

— Bonnie — disse Elena com paciência —, temos a responsabilidade de verificar tudo que acontece por aqui. Talvez a gente só queira ser normal, mas *sabemos* a verdade sobre o mundo... A verdade que os outros não percebem, sobre vampiros, lobisomens e monstros... E precisamos saber se o que está havendo lá fora não faz parte dessa verdade. Se for um problema *humano*, a polícia vai cuidar dele. Mas, se for outra coisa, a responsabilidade é *nossa*.

— Sinceramente — grunhiu Bonnie, já pegando suas roupas —, vocês duas têm um... complexo de salvar gente ou coisa assim. Depois que eu fizer psicologia, vou *diagnosticar* o problema de vocês.

— Então vamos lamentar — disse Meredith, concordando.

A caminho da porta, Meredith pegou o estojo comprido de veludo no qual guardava seu bastão de combate. Era uma arma especial, projetada para lutar com adversários humanos ou sobrenaturais, e fora feito segundo especificações transmitidas por sua família durante gerações. Só um Sulez podia ter um bastão daqueles. Ela acariciou o estojo, sentindo os cravos afiados de diferentes materiais que ocupavam suas extremidades: prata para os lobisomens, madeira para os vampiros, freixo para os Antigos, ferro para as criaturas sobrenaturais, seringas hipodérmicas mínimas que podiam ser enchidas com veneno. Ela sabia que não podia tirar o bastão do estojo no pátio, não cercada de policiais e espectadores inocentes, mas se sentia mais forte quando podia sopesá-lo.

Lá fora, a umidade do dia de setembro na Virgínia dava lugar a uma noite fria, e as meninas andaram rapidamente em direção à multidão que cercava o pátio.

— Não deem a impressão de que vamos direto para lá — cochichou Meredith. — Finjam que vamos a um dos prédios. Tipo o centro acadêmico. — Ela se desviou um pouco, como se estivessem passando pelo pátio, depois as levou para mais perto, olhando por cima da fita de isolamento policial que cercava a grama, fingindo surpresa com a atividade ali perto. Elena e Bonnie a seguiram, olhando em volta, com os olhos arregalados.

— Posso ajudá-las, senhoritas? — perguntou um dos seguranças do campus, avançando para bloquear o progresso das meninas.

Elena sorriu para ele de um jeito cativante.

— Estávamos indo para o centro acadêmico e vimos todo mundo aqui fora. O que está acontecendo?

Meredith esticou o pescoço para ver o que havia além dele. Só o que conseguiu distinguir eram grupos de policiais conversando e mais

seguranças do campus. Alguns policiais estavam de quatro, examinando a grama com cuidado. *Peritos criminais*, pensou ela vagamente, desejando saber mais sobre os procedimentos da polícia do que via na TV.

O segurança deu um passo de lado para bloquear sua visão.

— Nada sério, só uma menina que acabou tendo um probleminha por andar sozinha aqui fora. — Ele sorriu, tranquilizador.

— Que tipo de problema? — perguntou Meredith, tentando ver ela mesma.

Ele se remexeu, bloqueando sua visão novamente.

— Nada com que se preocupar. Desta vez, todos ficarão bem.

— Desta vez? — perguntou Bonnie, franzindo a testa.

Ele deu um pigarro.

— Meninas, fiquem juntas à noite, está bem? Tratem de andar aos pares ou em grupos quando saírem pelo campus, e ficarão bem. Regras básicas de segurança, entenderam?

— Mas o que aconteceu com a garota? Onde ela está? — perguntou Meredith.

— Nada com que se preocupar — disse ele, desta vez com mais firmeza. Seus olhos estavam no estojo de veludo preto na mão de Meredith. — O que tem aí dentro?

— Taco de sinuca — mentiu Meredith. — Vamos jogar no centro acadêmico.

— Divirtam-se — disse ele, num tom que era claramente uma dispensa.

— Pode deixar — falou Elena com doçura, com a mão no braço de Meredith. Ela abriu a boca para fazer outra pergunta, mas Elena a puxou para longe do segurança e em direção ao centro acadêmico.

— Ei — protestou Meredith em voz baixa quando elas estavam fora de alcance. — Eu ia fazer outras perguntas.

— Ele não ia nos dizer nada. — A boca de Elena era uma linha firme e séria. — Aposto que aconteceu muito mais do que alguém tendo um probleminha. Viu as ambulâncias?

— Não vamos ao centro acadêmico, vamos? — perguntou Bonnie, suplicante. — Estou muito cansada.

Meredith fez que não com a cabeça.

— Mas é melhor a gente dar a volta pelos prédios até nosso alojamento. Vai parecer suspeito se voltarmos direto para lá.

— Isso não foi assustador? — perguntou Bonnie. — Vocês acham... — Ela se interrompeu, e Meredith viu que a amiga engoliu em seco — Acham que aconteceu alguma coisa muito ruim?

— Não sei — respondeu Meredith. — Ele disse que uma menina teve um probleminha. Isso pode significar qualquer coisa.

— Acha que alguém a atacou? — perguntou Elena.

Meredith lançou um olhar sugestivo.

— Talvez. Ou talvez tenha sido atacada por alguma *coisa*.

— Espero que não. — Bonnie estremeceu. — Já vivenciei o suficiente para uma vida inteira. — Elas tinham passado por trás do prédio de ciências, por um caminho mais escuro e mais solitário, e contornado até chegar ao alojamento, cuja entrada estava fortemente iluminada como um farol. As três aceleraram o passo, indo em direção à luz.

— Estou com a minha chave — disse Bonnie, tateando o bolso dos jeans. Bonnie abriu a porta, e ela e Elena correram para dentro.

Meredith parou e olhou o pátio movimentado, depois para o céu escuro acima do campus. Qualquer que tenha sido o “problema”, quer a causa tenha sido humana ou não, ela sabia que precisava estar em ótimas condições, pronta para lutar.

Ela quase podia ouvir a voz do pai: “*Acabou a época de diversão, Meredith.*” Era hora de se concentrar em seu treinamento novamente, de trabalhar em seu destino de protetora, como uma Sulez, para manter os inocentes seguros das trevas.

O sol brilhava demais. Bonnie protegeu os olhos com uma das mãos e examinou ansiosamente em volta ao atravessar o pátio em direção à livraria. Ela demorou muito a dormir depois que as três voltaram ao alojamento na noite anterior. E se um louco estivesse vigiando o campus?

Estou em plena luz do dia, disse para si mesma. Tem gente por todo lado. Não tenho por que temer. Mas coisas ruins também podiam acontecer durante o dia. Meninas eram atraídas para carros por homens horríveis ou levavam pancadas na cabeça e eram carregadas para lugares escuros. Os monstros não espreitavam só à noite. Afinal, ela sabia de vários *vampiros* que andavam de dia o tempo todo. Damon e Stefan não lhe davam medo, não mais, porém havia outros monstros diurnos. *Eu só quero me sentir segura pelo menos uma vez na vida,* pensou com tristeza.

Estava chegando à área em que a polícia fizera buscas na noite anterior, ainda isolada com a fita amarela. Havia estudantes parados ali perto em grupos de dois ou três, conversando em voz baixa. Bonnie notou uma mancha marrom avermelhada na calçada que ela achava que podia ser sangue e passou mais rapidamente por ali.

Em seguida ouviu um farfalhar nos arbustos. Apressou ainda mais o passo, imaginando um agressor de olhos arregalados escondido nas plantas,

e observou em volta, nervosa. Ninguém olhava em sua direção. Será que ajudariam, se ela gritasse?

Ela se arriscou a dar outra espiada atrás do arbusto — será que deveria correr? — e parou, constrangida com o martelar furioso de seu coração. Um esquilinheiro lindo pulou hesitante de sob os galhos. Farejou o ar, disparou pelo caminho e subiu numa árvore atrás da fita da polícia.

— Sinceramente, Bonnie McCullough, você é uma monga — murmurou ela para si mesma. Um sujeito passando por ela na outra direção a ouviu e riu, fazendo Bonnie corar de raiva.

Quando ela chegou à livraria, o rubor estava sob controle. Ter a típica pele de ruiva era chato — tudo que sentia era transmitido pelo rubor ou pela palidez da pele. Com sorte, porém, ela conseguiria lidar com um simples passeio para comprar livros sem se humilhar.

Bonnie começara a se familiarizar com a livraria quando fez sua farra de compras na véspera, mas não tinha investigado a parte dos *livros*. Hoje, porém, estava com a lista de livros para as matérias em que se matriculou, e precisava se preparar para estudar seriamente. Nunca foi muito fã dos estudos, mas talvez a faculdade fosse diferente. Endireitando os ombros resolutamente, ela se afastou dos artigos reluzentes e se voltou para os livros didáticos.

Mas a lista era medonha de tão *comprida*. Ela achou o gordo *Introdução à psicologia* com certa satisfação: este definitivamente lhe daria a terminologia para diagnosticar as amigas. O seminário de inglês para o primeiro ano em que se matriculou cobria alguns romances, então ela andou pela seção de ficção, pegando nas prateleiras *O vermelho e o negro*, *Oliver Twist* e *A era da inocência*.

Virou em um canto em busca do resto dos *Ws*, pretendendo acrescentar *Rumo ao farol* à sua pilha crescente de livros, e ficou paralisada.

Zander. O lindo, maravilhoso Zander estava encostado graciosamente numa estante, a cabeça loura-clara tombada sobre um livro. Ele ainda não a vira, então Bonnie se abaixou no corredor anterior imediatamente.

Ela se encostou à parede, respirando com dificuldade. Sentia o rosto esquentando de novo, aquele medonho rubor revelador.

Com cuidado, ela espiou pelo canto. Ele não a vira; ainda lia atentamente. Estava com uma camiseta cinza, e seu cabelo, que parecia macio, enroscava-se um pouco na nuca. O rosto parecia meio triste com aqueles lindos olhos azuis escondidos sob os cílios longos, e não havia sinal de seu fabuloso sorriso. Ele estava com olheiras.

O primeiro instinto de Bonnie foi escapular dali. Ela podia esperar e procurar o livro de Virginia Woolf no dia seguinte; não ia ler hoje mesmo. Não queria que Zander pensasse que ela o estava perseguindo. Seria melhor se *ele* a visse em algum lugar, quando ela não estivesse prestando atenção. Se ele a abordasse, ela saberia que ele estava interessado.

Afinal, talvez ele *não estivesse* interessado em Bonnie. Ele foi meio sedutor quando esbarrou nela, mas quase a derrubou. E se só estivesse sendo simpático? E se nem se lembrasse dela?

Não, era melhor dar um tempo e esperar até estar mais preparada. Ela nem tinha passado delineador, pelo amor de Deus. Decidindo-se, Bonnie virou-se, determinada.

Mas, por outro lado...

Bonnie hesitou. Havia uma ligação entre eles, não havia? Ela sentiu *algo* quando seus olhos encontraram os de Zander. E ele sorriu como se realmente a *enxergasse*, para além da agitação e futilidade dela.

E quanto à resolução que ela havia tomado no dia anterior, indo para o alojamento depois de sair desta mesma livraria? Se ela queria se tornar uma

pessoa incrível e confiante que saía das sombras, não podia fugir sempre que via um cara de quem gostava.

Bonnie sempre admirou a maneira como Elena dava um jeito de conseguir o que queria. Elena simplesmente ia atrás, e *nada* a impedia. Quando Stefan chegou a Fell's Church, não queria nada com Elena; certamente não queria cair em seus braços e começar uma espécie de romance maravilhoso e eterno. Mas Elena não se importou. Ela teria Stefan, mesmo que isso a matasse.

Ora essa, e *matou mesmo*, não foi? Bonnie estremeceu.

Ela meneou um pouco a cabeça. A questão era que, se você queria encontrar o amor, não podia ter medo de tentar, podia?

Empinou o queixo, decidida. Pelo menos não estava mais vermelha. Seu rosto parecia tão frio que ela provavelmente estava branca como uma boneca de neve, mas definitivamente não estava corada. Isso já era alguma coisa.

Antes que pudesse mudar de ideia outra vez, ela virou rapidamente a esquina para o corredor onde Zander lia.

— Oi! — Sua voz foi meio estridente. — Zander!

Ele levantou a cabeça, e aquele sorriso maravilhoso e lindo se espalhou por seu rosto.

— Bonnie! — respondeu com entusiasmo. — Oi, que bom te ver. Estive pensando em você.

— *Esteve?* — Bonnie de imediato quis se chutar por parecer tão abertamente entusiasmada.

— É — respondeu ele com brandura. — Estive. — Seus olhos azul-celeste se fixaram nos dela. — Eu queria ter pegado o seu telefone.

— Queria? — perguntou Bonnie, e desta vez nem se preocupou em como soava.

— Claro. — Ele remexia os pés no carpete, como se estivesse meio nervoso, e um calor brotou dentro de Bonnie. *Ele* estava nervoso de falar com *ela*! — Andei pensando — continuou Zander — que talvez a gente pudesse fazer alguma coisa uma hora dessas. Quero dizer, se você quiser.

— Ah. Quero dizer, sim! Quero. Se você quiser.

Zander sorriu novamente, e foi como se o cantinho deles da seção de ficção se iluminasse com uma luz radiante. Bonnie teve de se conter para não cair para trás, de tão lindo que ele era.

— Que tal neste fim de semana? — perguntou Zander, e Bonnie, subitamente leve e animada como se pudesse flutuar, sorriu para ele.

Meredith recuou o pé esquerdo e levantou o calcanhar direito, assumindo uma postura traseira enquanto levantava as mãos incisivamente, de punhos unidos, num movimento de bloqueio. Depois deslizou o pé de lado para uma postura frontal e socou com a mão esquerda. Ela adorava fazer as sequências de movimentos do taekwondo. Cada movimento era coreografado, e só o que se tinha a fazer era praticar sem parar até que toda a sequência fluísse com precisão, graça e controle. As sequências de movimentos de taekwondo podiam ser aperfeiçoadas, e Meredith gostava da perfeição.

O mais glorioso era que, depois de conhecer as sequências bem a ponto de passarem a ser naturais como respirar, ela estava pronta para tudo. Numa luta, poderia sentir qual seria o movimento seguinte do adversário e reagir com um bloqueio, pontapé ou soco sem nem mesmo pensar.

Ela se virou com rapidez, num bloqueio alto da mão direita e baixo da esquerda. Era a preparação. Meredith sabia. Se seu corpo estivesse preparado a ponto de sentir que movimento era necessário sem a ajuda do cérebro, conseguiria verdadeiramente proteger a si mesma e todos à volta.

Algumas semanas antes, quando ela e os amigos foram atacados pelo espectro e ela torceu o tornozelo, só Stefan tinha ficado com Poder suficiente para defender Fell's Church.

Stefan, um *vampiro*.

Os lábios de Meredith se cerraram quando ela automaticamente deu um pontapé com o pé direito, deslizou numa pose de tigre e bloqueou com a mão esquerda.

Meredith gostava de Stefan e confiava nele, de verdade, mas ainda assim... Podia imaginar gerações e mais gerações de Sulez se revirando no túmulo, xingando-a, se soubessem que ela deixara a si e aos amigos tão vulneráveis, com apenas um vampiro entre eles e o perigo. Os vampiros eram o inimigo.

Não *Stefan*, é claro. Apesar de todo seu treinamento, ela sabia que podia confiar em Stefan. Damon, por outro lado... por mais que tivesse sido útil em algumas batalhas, por mais que tivesse se comportado de forma razoavelmente agradável e, francamente, pouco característica nas últimas semanas, Meredith não conseguia crer nele.

Mas, se treinasse bem, se ela se aperfeiçoasse como guerreira, não teria de confiar. Ela passou a uma postura frontal e, precisa e fluida, deu um soco com a mão direita.

— Belo soco — disse uma voz atrás dela.

Meredith se virou e viu uma afro-americana de cabelo curto recostada na porta da sala de treino, observando-a.

— Obrigada — disse Meredith, surpresa.

A menina entrou na sala.

— O que você é — perguntou ela —, faixa preta?

— Sim — disse Meredith, sem conseguir deixar de acrescentar com orgulho: — Em taekwondo e caratê.

— Hummmm. — Os olhos da menina brilharam. — Eu faço taekwondo e aikido. Meu nome é Samantha. Estava procurando uma parceira de treino. Interessada?

Apesar da despreocupação no tom, Samantha quicava nervosamente nos calcanhares, com um sorriso malicioso brincando nos cantos da boca, e os olhos de Meredith se estreitaram.

— Claro — respondeu ela, despreocupada. — Mostre-me suas habilidades.

O sorriso de Samantha se alargou. Ela tirou os sapatos aos pontapés e foi para o tatame ao lado de Meredith. As duas se encararam, avaliando-se. Ela era uma cabeça mais baixa que Meredith, magra, porém forte e elegantemente musculosa; se movimentava com a graça de um gato.

A expectativa nos olhos da menina entregava a crença de Samantha de que seria fácil derrotar Meredith. Ela pensava que Meredith era uma daquelas cheias de formas e técnica, mas sem o verdadeiro instinto de luta. Meredith conhecia bem esse tipo de lutadora, enfrentara muitas em competições. Se era isso que Samantha pensava de Meredith, ela teria uma surpresa.

— Pronta? — perguntou Samantha. Após um gesto de cabeça de Meredith, ela de imediato deu um soco enquanto lançava o pé do lado oposto numa tentativa de dar uma rasteira em Meredith. Esta reagiu por instinto, bloqueando o golpe, esquivando o pé e depois dando um chute, que Samantha evitou, sorrindo de prazer.

Elas trocaram mais alguns golpes, e, mesmo a contragosto, Meredith ficou impressionada. Essa menina era rápida, mais que a maioria das lutadoras com quem Meredith já havia lutado, até no nível de faixa preta, e muito mais forte do que parecia.

No entanto era presunçosa demais, uma lutadora agressiva e não defensiva; a pressa em dar o primeiro golpe mostrava isso. Meredith podia usar a presunção contra ela.

Samantha mudou o peso do corpo, e Meredith deslizou por baixo de suas defesas, dando um pontapé veloz que pegou Samantha fortemente na parte superior da coxa. Ela cambaleou um pouco, e Meredith saiu de seu alcance rapidamente.

O rosto da menina atingida mudou de pronto. Ela agora se enfurecia, Meredith sabia, e isso também era um ponto fraco. Estava de testa franzida, os lábios cerrados, enquanto Meredith mantinha a expressão vaga de propósito. Os punhos e pés de Samantha moviam-se rapidamente, mas ela perdera parte de sua precisão ao acelerar.

Meredith fingiu recuar do ataque e manter a adversária desequilibrada, se permitindo ser encurralada enquanto ainda bloqueava os golpes de Samantha. Quando estava quase sem saída, jogou o braço contra o punho de Samantha, detendo-a antes que ela pudesse estender inteiramente o golpe, e passou o pé por baixo dela.

Samantha tropeçou, pega pelo golpe de Meredith na parte inferior do corpo, e caiu com um baque no tatame. Ficou deitada ali e olhou Meredith por um momento com uma expressão pétrea, enquanto Meredith pairava acima dela, hesitando de repente. Será que havia machucado Samantha? A menina ia ficar colérica e explodir?

Então do rosto de Samantha brotou um sorriso largo e luminoso.

— Esta foi demais! — disse ela. — Pode me mostrar este movimento?

Cautelosamente, Matt sentiu o caminho com o pé até achar grama, e se aproximou aos poucos, de mãos estendidas, por fim tocando o tronco áspero de uma árvore. Não devia haver muita gente por perto, fora do portão principal do campus, mas ele não queria que ninguém o visse vendado, de terno de casamento-e-enterro e gravata, parecendo, ele tinha certeza, um idiota.

Por outro lado, ele queria que quem viesse recebê-lo conseguisse localizá-lo. Será melhor parecer um idiota a céu aberto agora e tornar-se parte da Vitale Society do que se esconder e passar o resto da noite vendado na moita. Matt se aproximou aos poucos de onde pensava que devia estar o portão, e cambaleou. Agitando as mãos, conseguiu recuperar o equilíbrio.

De repente, ele queria ter contado a alguém aonde ia. E se o bilhete tivesse sido deixado para ele por outra pessoa, e não pela Vitale Society? E se fosse um plano para ele cair sozinho numa armadilha? Matt passou o dedo por baixo da gola suada e apertada demais. Depois de todas as coisas estranhas que tinham acontecido no ano anterior, ele não podia deixar de ser paranoico.

Se ele sumisse agora, os amigos nunca saberiam o que tinha acontecido. Ele pensou nos olhos azuis e risonhos de Elena, seu olhar claro e

perscrutador. Ela sentiria falta se ele desaparecesse, Matt sabia, mesmo que ela nunca o tivesse amado como ele queria. O riso de Bonnie perderia o tom despreocupado se Matt sumisse, e Meredith ficaria mais tensa e agressiva, exigiria mais de si mesma. Ele era importante para elas.

Mas o convite da Vitale Society era claro: não conte a ninguém. Se ele quisesse entrar no jogo, tinha de obedecer às regras. Matt entendia de regras.

De repente, alguém, aliás, dois alguéms agarraram seus braços, um de cada lado. Por instinto, Matt lutou, e ouviu um grunhido de exasperação de quem estava à direita.

— *Fortis aeternus* — sibilou o da esquerda como uma senha, a respiração quente no ouvido de Matt.

Matt parou de lutar. Este era o slogan na carta da Vitale Society, não era? Latim, ele tinha certeza. Queria ter tido tempo para descobrir o que significava. Deixou que as pessoas que seguravam seus braços o guiassem pelo gramado e pegassem a estrada.

— Suba — sussurrou o da esquerda, e Matt avançou com cuidado, subindo no que parecia a traseira de um furgão.

Mãos firmes empurraram sua cabeça para baixo para que ele não batesse no teto, e Matt foi lembrado daquela vez terrível no verão passado em que foi preso, acusado de atacar Caroline. Os policiais empurraram sua cabeça para baixo do mesmo jeito quando o colocaram algemado na traseira de uma viatura. Seu estômago se contraiu com o pavor da lembrança, mas ele afugentou a ideia. As Guardiãs apagaram a falsa acusação de Caroline da memória de todos, assim como mudaram todo o resto.

As mãos o guiaram a um banco e fecharam o cinto de segurança nele. Parecia haver gente sentada dos dois lados, e Matt abriu a boca para falar — para dizer o quê, não sabia.

— Fique quieto — sussurrou a voz misteriosa, e Matt fechou a boca, obediente. Esforçou-se para enxergar alguma coisa através da venda, mesmo uma sugestão de luz e sombra, mas tudo era escuridão.

Passos soaram pelo piso do furgão; depois as portas bateram e o motor foi ligado.

Matt se recostou. Tentou acompanhar as curvas que a van fazia, mas depois de alguns minutos perdeu quantas vezes entrou à direita e à esquerda e, em vez disso, ficou em silêncio, esperando para ver o que aconteceria depois.

Após cerca de 15 minutos, o furgão parou. As pessoas dos dois lados de Matt se ajeitaram em seus lugares, e ele ficou tenso. Ouviu as portas da frente se abrirem e fecharem, em seguida contornaram o furgão antes de abrirem a porta de trás.

— Continue em silêncio — ordenou a voz que falou com ele antes. — Você será guiado para a próxima fase de sua jornada.

A pessoa ao lado de Matt roçou nele enquanto ele se levantava, e Matt o ouviu pisar no que parecia cascalho ao ser levado para fora. Matt estava atento, mas, depois que essa pessoa saiu, ele só escutou o remexer nervoso de outros sentados no furgão. Sobressaltou-se quando as mãos pegaram seus braços mais uma vez. De algum modo, eles se aproximaram de novo sem que ele ouvisse.

As mãos o ajudaram a sair do furgão e o guiaram pelo que parecia uma calçada ou pátio, onde seus sapatos bateram primeiro em cascalho, depois em calçamento. Os guias o fizeram subir um lance de escada, andar por uma espécie de corredor, depois voltar a descer. Matt contou três lances para baixo antes de pararem novamente.

— Espere aqui — disse a voz, e seus guias se afastaram.

Matt tentou imaginar onde estava. Ouvia outras pessoas, provavelmente seus companheiros do furgão, remexendo-se em silêncio, mas ninguém falava nada. A julgar pelos ecos que seus pequenos movimentos produziam, eles estavam num espaço grande: um ginásio de esportes? Um porão? Provavelmente um porão, depois de descer tanta escada.

De trás, veio o estalo baixo de uma porta se fechando.

— Agora podem tirar as vendas — disse uma nova voz, grave e confiante.

Matt desamarrou a venda e olhou em volta, piscando enquanto os olhos se adaptavam à luz. Era uma luz fraca e indireta, o que apoiava sua teoria do porão, porém, se isto era um porão, era o mais elegante que ele já vira.

O espaço era imenso, estendendo-se na escuridão do outro lado, e o piso e as paredes eram revestidos de madeira escura e pesada. Arcadas e pilares sustentavam o teto a certos intervalos, e havia entalhes ali: o rosto inteligente e distorcido do que podia ser uma fada olhava-o com sarcasmo de uma pilastra; a figura de um cervo corria por uma arcada. Cadeiras de assento de veludo vermelho e mesas pesadas de madeira ladeavam as paredes. Matt e os outros estavam diante de uma grande arcada central encimada por uma grande letra *V* ornamentada de diferentes tipos de metais cintilantes e muito polidos, requintadamente soldados. Abaixo do *V* estava o mesmo lema que aparecia na carta: *Fortis Aeternus*.

Olhando as pessoas à volta, Matt viu que não era o único a se sentir confuso e apreensivo. Havia talvez outras 15 pessoas ali, e pareciam vir de turmas diferentes: não havia como aquele cara alto e recurvado com barba cerrada ser calouro.

Uma menina baixa de rosto redondo com cachos curtos de cabelo castanho fitou Matt nos olhos. Ergueu as sobrancelhas para ele, alargando a boca numa expressão exagerada de pasmo. Matt sorriu para ela, relaxando

aos poucos. Ele se aproximou um pouco, e tinha acabado de abrir a boca para cochichar uma apresentação quando foi interrompido.

— Bem-vindos — disse a voz grave e autoritária que os instruíra a tirar as vendas, e um jovem se aproximou da arcada central, ficando diretamente abaixo do *V* imenso.

Atrás dele veio uma roda de outros, aparentemente um misto de meninos e meninas, todos mascarados e vestidos de preto. O efeito devia ter sido extravagante, pensou Matt, mas em vez disso as figuras mascaradas pareciam misteriosas e reservadas, e ele reprimiu um estremecimento.

O cara abaixo do arco era o único que não usava máscara. Era um pouco mais baixo que as figuras silenciosas em volta dele, tinha cabelo preto e cacheado e sorria calorosamente ao estender a mão para Matt e os outros.

— Bem-vindos — disse ele novamente — a um segredo. Talvez tenham ouvido boatos sobre a Vitale Society, a mais antiga e mais ilustre organização da Dalcrest. Sobre esta sociedade costuma-se falar aos sussurros, mas quase ninguém sabe a verdade. Ninguém, exceto seus membros. Meu nome é Ethan Crane, o atual presidente da Vitale Society, e estou feliz que tenham aceitado nosso convite.

Ele parou e olhou em volta.

— Vocês foram convidados a fazer o juramento porque são os melhores entre os melhores. Cada um de vocês tem pontos fortes diferentes. — Ele gesticulou para o cara alto e barbudo que Matt havia notado. — Stuart Covington é a mente científica mais brilhante do último ano, talvez um dos mais promissores do país. Seus artigos sobre biogenética já foram publicados em vários periódicos.

Ethan andou pelo grupo e parou ao lado de Matt. De perto, Matt via que os olhos de Ethan eram de um castanho quase dourado, cheios de calor.

— Matt Honeycutt entrou para a Dalcrest como titular do time de futebol americano depois de levar sua escola ao campeonato estadual no ano passado. Podia ter escolhido outros programas de futebol universitário, mas preferiu vir para a Dalcrest. — Matt baixou a cabeça com modéstia, e Ethan apertou o ombro dele antes de ir à menina bonitinha de rosto redondo ao lado de Matt.

— A segundanista Chloe Pascal, como sabem os que compareceram à exposição de arte do campus no ano passado, é a artista mais talentosa da universidade. Suas esculturas dinâmicas e inspiradoras lhe garantiram o prêmio Gershner por dois anos consecutivos. — Ele afagou Chloe no braço enquanto ela corava.

Ethan continuou, passando por cada um dos que integravam o pequeno grupo e listando suas realizações. Matt apenas entreouvia enquanto olhava em volta as expressões de êxtase dos outros candidatos, mas teve a impressão de um amplo leque de talentos e de que este era um encontro dos melhores entre os melhores, uma reunião dos vencedores do campus. E ele parecia ser o único calouro.

Sentiu que Ethan tinha acendido uma chama dentro dele: ele, Matt, que era o menos especial de seu grupo de amigos, agora estava em destaque.

— Como podem ver — disse Ethan, voltando à frente do grupo —, cada um de vocês tem habilidades diferentes. Intelecto, criatividade, virtudes atléticas, capacidade de liderar. Essas virtudes, quando unidas, podem fazer de vocês a elite mais poderosa, não só no campus, mas por toda a vida. A Vitale Society é uma organização com uma longa história e, depois que vocês se integrarem a ela, serão parte disto por toda a vida. Para sempre. — Ele ergueu um dedo, num alerta. — Mas esta reunião é apenas o primeiro passo na estrada para se tornar um Vitale. E é uma estrada difícil. — Ele sorriu de novo. — Creio... Nós cremos... Que todos vocês têm o necessário

para se tornar um Vitale. Não teriam sido convidados se não pensássemos que eram dignos.

Matt endireitou os ombros e manteve a cabeça erguida. Sendo ou não o menos notável de seu grupo de amigos, ele *havia salvado o mundo* — ou pelo menos sua cidade natal — mais de uma vez. Mesmo que só fosse um integrante de uma equipe, ele tinha certeza absoluta de que podia lidar com o que a Vitale Society lhe impusesse.

Ethan sorriu diretamente para ele.

— Se estiverem preparados para fazer o juramento à Vitale Society, a guardar nossos segredos e conquistar nossa confiança, deem um passo à frente agora.

Sem hesitar, Matt deu um passo. Chloe e o barbudo — Stuart — o acompanharam e, olhando em volta, Matt viu que cada um dos candidatos tinha avançado um passo.

Ethan se aproximou de Matt e segurou a lapela de seu terno.

— Tome — disse ele, prendendo rapidamente alguma coisa ali e soltando Matt. — Use isto o tempo todo, mas discretamente. Deve guardar segredo de seu envolvimento com a sociedade. Entraremos em contato novamente. Meus parabéns. — Ele abriu um breve e genuíno sorriso para Matt e passou a Chloe, dizendo o mesmo.

Matt virou a lapela e viu o *V* azul-escuro mínimo que Ethan havia prendido ali. Nunca pensou muito em fraternidades, nem em sociedades secretas, nem em nenhuma organização que não fosse um time esportivo. Mas isto, ser o único calouro desejado pela lendária Vitale Society, era diferente. Eles viram algo nele, algo *especial*.

— Teria sido difícil encontrar um grupo menos apto a construir uma nova colônia a partir do zero do que os 105 homens que navegaram pelo rio a partir da baía de Chesapeake em 1607 e fundaram Jamestown. — O professor Campbell dava uma aula na frente da turma de Elena. — Embora entre eles houvesse alguns carpinteiros, um pedreiro, um ferreiro e talvez uma dezena de trabalhadores, eles eram poucos se comparado com os autoproclamados cavalheiros que compunham metade do grupo.

Ele parou e sorriu sardonicamente.

— “Cavalheiros”, neste caso, significa homens sem profissão nem ofício. Muitos eram ociosos, preguiçosos que se uniram à expedição da London Company na esperança de lucrar, sem perceber quanto trabalho realmente implicava fundar uma colônia no Novo Mundo. Os colonos desembarcaram na primavera e, no final de setembro, metade deles estava morta. Em janeiro, quando o capitão Newport voltou com suprimentos e mais colonos, apenas 38 do grupo original ainda estavam vivos.

Preguiçosos e desinformados, escreveu Elena com esmero no caderno.
Mortos em menos de um ano.

História do Sul era sua primeiríssima aula, e a faculdade já se provava uma experiência reveladora. Os professores do ensino médio sempre

destacaram a coragem e o espírito empreendedor quando falavam dos primeiros colonos da Virgínia, e não suas desventuras.

— Na quinta-feira, falaremos da lenda de John Smith e Pocahontas. Vamos discutir os fatos e como eles diferem do relato pessoal de Smith, uma vez que ele tendia a se promover — anunciou o professor Campbell. — A tarefa de leitura está na apostila, então, por favor, preparem-se para uma discussão animada na próxima aula. — Ele era um baixinho roliço e vigoroso, cujos pequenos olhos pretos percorreram a turma e pararam em Elena enquanto acrescentava: — Elena Gilbert? Por favor, fique um pouco depois da aula. Gostaria de falar com você.

Ela teve tempo de se perguntar, nervosa, como ele sabia qual dos alunos era ela enquanto o resto da turma saía da sala, alguns parando para fazer perguntas ao professor. Ela não falou nada durante a aula, e havia cerca de cinquenta alunos na turma.

Quando os últimos colegas desapareceram pela porta, ela se aproximou da mesa dele.

— Elena *Gilbert* — disse ele como um tio, os olhos brilhantes procurando os dela. — Peço desculpas por tomar seu tempo. Mas, quando ouvi seu nome, tive de perguntar.

Ele parou, e Elena falou:

— Perguntar o quê, professor?

— Eu conheço o nome Gilbert, sabe — disse ele —, e quanto mais olho para você, mais me lembra alguém... Duas pessoas... Que foram amigos muito queridos meus. Será possível que você seja filha de Elizabeth Morrow e Thomas Gilbert?

— Sim, sou — respondeu Elena devagar.

Ela devia ter esperado conhecer alguém que conheceria os pais dela na Dalcrest, mas mesmo assim foi estranho ouvir os nomes deles.

— Ah! — Ele entrelaçou os dedos sobre a barriga e abriu um sorriso satisfeito. — Você é muito parecida com Elizabeth. Tomei um susto quando entrou na sala. Mas também há algo de Thomas em você, não há como se enganar. Algo em sua expressão, eu acho. Ver você me leva de volta aos velhos tempos, quando eu era aluno da graduação. Ela era uma menina adorável, sua mãe, simplesmente adorável.

— O senhor foi colega dos meus pais? — perguntou Elena.

— Certamente. — Os olhinhos pretos do professor Campbell se arregalaram. — Foram grandes amigos meus aqui. Dois dos melhores que já tive. Tomamos rumos diferentes com o passar dos anos, mas eu soube do acidente. — Ele desentrelaçou os dedos e, hesitante, segurou o braço dela. — Sinto muito.

— Obrigada. — Elena mordeu o lábio. — Eles nunca falaram muito dos tempos da faculdade. Quando eu ficasse mais velha, talvez eles... — A voz falhou e ela percebeu, alarmada, que seus olhos se enchiam de lágrimas.

— Ah, minha cara, eu não pretendia perturbá-la. — O professor Campbell bateu nos bolsos do paletó. — E nunca tenho um lenço quando preciso de um. Ah, por favor, não chore.

A expressão cômica de agonia fez Elena abrir um sorriso apesar dos olhos lacrimosos, e ele também relaxou e sorriu.

— Pronto, assim está melhor — disse ele. — Escute, se quiser saber mais sobre seus pais, como eles eram naquela época, será um prazer lhe contar. Tenho histórias de todo tipo.

— É mesmo? — Elena ficou esperançosa, e sentiu uma centelha de empolgação.

Às vezes tia Judith conversava sobre a mãe de Elena, mas as lembranças que ela partilhava eram principalmente da infância das duas. E Elena não

sabia muito do passado do pai: ele era filho único e os pais dele estavam mortos.

— Certamente, certamente — disse o professor Campbell com ânimo. — Venha à minha sala depois das aulas e vou lhe contar nossas farras dos velhos tempos. Estou lá toda segunda e sexta-feira de três às cinco e vou colocar um capacho de boas-vindas para você. Metaforicamente falando, é claro. Servirei a você o horrível café do departamento.

— Obrigada, professor Campbell — agradeceu Elena. — Eu adoraria.

— Pode me chamar de James. Não é nada de mais. Disponha do que eu puder fazer para você se sentir à vontade na Dalcrest. — Ele inclinou a cabeça e a olhou indagativamente, com os olhos brilhantes e curiosos de um animalzinho. — Afinal, como filha de Elizabeth e Thomas, você deve ser uma menina muito especial.

O grande corvo preto na frente da janela aberta da sala de aula andava de um lado a outro, fechando e abrindo as poderosas garras no galho onde estava encarapitado. Damon queria se transformar em seu eu vampiro, entrar pela janela e submeter aquele professor a uma sessão de interrogatório rápida mas *eficaz*.

Mas Elena não ia gostar se o fizesse.

Ela era tão *ingênua*, droga.

Sim, sim, ela era sua princesa linda, brilhante e inteligente, mas também era tremendamente ingênua: todos eles eram. Damon alisou, irritado, as penas de volta ao brilho iridescente. Eles eram tão *jovens*. A essa altura, Damon conseguia examinar o passado e dizer que ninguém aprendia nada na vida, não nos primeiros cem anos. Era preciso ser imortal, de verdade, para ter tempo de aprender a julgar por conta própria.

Considere Elena, olhando com tanta confiança para o professor. Depois de tudo o que passou, tudo o que viu, ela era tão fácil de seduzir à complacência — o homem só precisou sacudir na cara dela a promessa de informações sobre seus pais e ela correria feliz para encontrá-lo em sua sala sempre que ele sugerisse. Tola sentimental. O que o homem podia dizer que tivesse importância verdadeira? Nada podia trazer seus pais de volta.

O professor não era um perigo, muito provavelmente. Damon o sondara com seu Poder, sem sentir nada além da cintilação da mente humana; nenhuma onda sombria vinha do homenzinho, nenhuma emoção perturbada ou violenta. Mas ele não podia ter *certeza*, podia? O Poder de Damon não conseguia detectar todos os monstros, não podia prever todas as perversões do coração humano.

Mas o problema real aqui era Elena. Ela claramente se esquecera de que havia perdido todo seu Poder, que as Guardiãs a tinham despojado àquele ser vulnerável e frágil de menina mortal de novo. Ela pensava, erroneamente, que podia proteger a si mesma.

Todos eram assim. Damon se enfurecera no início por aos poucos perceber que começava a sentir que todos eram humanos *dele*. Não só a adorável Elena e a ruivinha, mas *todos*: a bruxa da sra. Flowers, a caçadora e o sarado desmiolado. Os dois últimos nem gostavam dele, mas Damon era compelido a ficar de olho neles para evitar que se metessem em perigo graças à sua estupidez inata.

Não era *Damon* que queria estar ali. Não, a ideia de “vamos dar as mãos e dançar para completar nossa educação juntos” não foi sua, e ele a tratava com o desdém adequado. Ele não era Stefan. Não ia perder tempo fingido ser uma das crianças mortais.

Mas ele descobrira, para seu desânimo, que também não queria perdê-los.

Era constrangedor. Os vampiros não eram seres gregários, não como os humanos. Ele não devia se importar com o que lhes acontecesse. Essas crianças deviam ser *suas presas*, mais nada.

Mas morrer e voltar, lutar com o espectro do ciúme e expulsar a inveja e a infelicidade doentias que o mantinham cativo desde que ele era humano tinham transformado Damon. Com aquele nó duro de ódio fora do peito, onde habitara por tanto tempo, ele acabou se sentindo mais leve. Quase como se ele... como se ele *se importasse*.

Constrangedor ou não, era surpreendentemente agradável ter essa ligação com o pequeno grupo de humanos. Mas ele preferia morrer — de novo — antes de admitir isso em voz alta.

Ele bateu o bico algumas vezes enquanto Elena se despedia do professor e saía da sala. Depois abriu as asas e as bateu até uma árvore ao lado da entrada do prédio.

Perto dali, um sujeito magro colava em outra árvore um cartaz com a foto de uma menina, e Damon voou para ver mais de perto. *Aluna Desaparecida*, dizia o alto do cartaz, e abaixo da foto havia informações sobre um desaparecimento de pesadelo: sem pistas, sem rastros, nenhuma evidência, nenhuma ideia de onde Taylor Harrison, de 19 anos, poderia estar. Suspeitava-se de um crime. Havia a promessa de uma recompensa da família angustiada por informações que levassem a seu retorno em segurança.

Damon soltou um grasnado áspero. Havia algo *errado* ali. Ele já sabia — tinha sentido algo um tanto desconexo neste campus assim que chegara, dois dias antes, embora não conseguisse situar o que era. Por que mais ele ficaria tão preocupado com sua princesa?

Elena saiu do prédio e partiu pelo pátio, colocando o cabelo dourado e comprido atrás das orelhas, indiferente ao corvo preto que voava de árvore

em árvore acima dela. Damon ia descobrir o que estava acontecendo ali, e o faria antes que a coisa tocasse *qualquer um* de seus humanos.

Especialmente Elena.

— Ai. Acho que não tem nada no bufê de pratos quentes que eu pensaria em comer — disse Elena a Stefan. — Metade das coisas eu nem consigo identificar.

Stefan olhava pacientemente enquanto ela passava ao bufê de saladas.

— Isto não é muito melhor — continuou ela, erguendo uma colherada aguada de queijo cottage e deixando cair no recipiente, para dar ênfase. — Pensei que a comida da faculdade seria mais comestível que a do refeitório da escola, mas, ao que parece, eu estava enganada.

Stefan soltou um ruído vago de concordância e olhou em volta, procurando um lugar para se sentarem. Ele não ia comer. Agora a comida humana não tinha o mesmo gosto, e ele usara seu Poder para atrair uma pomba até a sacada naquela manhã. Isso lhe dera sangue suficiente para se segurar até a noite, quando precisaria caçar novamente.

Depois que Elena finalmente se decidiu por uma salada, ele a levou à mesa vazia que tinha localizado.

Ela o beijou antes de se sentar, e ele foi tomado por um tremor de prazer quando a mente dos dois se conectou. A ligação familiar entre eles se estabeleceu, e ele sentiu a alegria de Elena, a satisfação por estar com ele, naquela nova vida quase normal. Abaixo disso, uma faísca de emoção

atravessou Elena, e Stefan enviou-lhe um pensamento perguntando o que havia acontecido desde que tinham se encontrado de manhã.

Elena interrompeu o beijo e respondeu à pergunta que ele não verbalizou.

— O senhor Campbell, meu professor de história, conheceu meus pais quando eles estavam na faculdade. — Sua voz parecia calma, mas os olhos brilhavam, e Stefan percebeu o quanto aquilo era importante para ela. — Ele foi amigo dos meus pais. Pode me contar histórias sobre eles, partes da vida deles que eu desconheço.

— Que bom — disse Stefan, satisfeito por ela. — Como foi a aula?

— Foi ótima. — Elena começou a comer a salada. — Nas primeiras semanas, falaremos dos tempos coloniais. — Ela levantou a cabeça, com o garfo no ar. — E você? Como foi sua aula de filosofia?

— Boa. — Stefan parou.

Boa não era realmente o que ele pretendia dizer. Era estranho se sentar em uma sala de aula de novo. Ele frequentou a universidade algumas vezes durante sua longa história, vendo a moda mudar na educação. No início, seus colegas de turma formavam um seleto grupo de jovens ricos, e agora havia uma mescla mais diversificada de meninos e meninas. Mas havia uma semelhança essencial em todas essas experiências. O professor lecionava, os alunos ou se entediavam ou se impacientavam. Certa superficialidade de pensamento, um pudor de expor sentimentos mais profundos.

Damon tinha razão. Este lugar não era para Stefan; ele só estava interpretando, de novo. Matando parte de seu tempo ilimitado. Mas Elena — ele a olhou, seus olhos azuis brilhantes fixos nele —, ela *pertencia* a este lugar. Merecia a chance de uma vida normal, e ele sabia que ela não iria para a faculdade sem ele.

Será que ele podia dizer isso a Elena? Não queria empanar o ânimo naqueles olhos de lápis-lazúli, mas tinha jurado a si mesmo que sempre seria franco com ela, que a trataria como igual. Ele abriu a boca, na esperança de explicar parte do que sentia.

— Soube de Daniel Greenwater? — perguntou uma menina perto deles, a voz aguda de curiosidade enquanto ela e os amigos sentavam-se em cadeiras vagas do outro lado da mesa.

Stefan fechou a boca e se virou para ouvir.

— Quem é Daniel Greenwater? — perguntou outra pessoa.

— Olhe — disse a menina, abrindo um jornal que ela segurava. Olhando de lado, Stefan viu que era o jornal do campus. — É do primeiro ano e simplesmente desapareceu. Saiu do centro acadêmico quando estava fechando ontem à noite, e o colega de quarto disse que não voltou para o alojamento. É bem sinistro.

Os olhos de Stefan encontraram os de Elena na mesa, e ela ergueu uma sobrancelha, pensativa. Seria algo que eles deviam investigar?

Outra menina na outra ponta da mesa deu de ombros.

— Ele deve ter ficado estressado e foi para casa. Ou talvez o colega de quarto dele o tenha matado. Sabia que você tira nota máxima automaticamente quando seu colega de quarto morre?

— Isso é um mito — disse Stefan distraidamente, e as meninas olharam para ele, surpresas. — Posso ver o jornal um minuto, por favor?

Elas o passaram adiante, e Stefan examinou a foto na primeira página. Uma foto de anuário escolar sorria para ele, um garoto de cabelo bagunçado e magrelo, com um leve prognatismo e olhos simpáticos. Ele reconheceu o rosto. Tinha achado o nome familiar.

— Ele mora no nosso alojamento — disse Stefan mansamente a Elena. — Lembra dele na orientação? Parecia feliz de estar aqui. Não acho que tenha

ido embora, não por livre e espontânea vontade.

Elena o fitou com os olhos arregalados, agora apreensivos.

— Acha que aconteceu alguma coisa ruim com ele? Houve algo estranho no pátio na nossa primeira noite aqui. — Ela engoliu em seco. — Disseram que uma menina tinha se metido em problemas, mas a polícia não nos contou nada. Acha que pode estar relacionado ao desaparecimento de Daniel Greenwater?

— Não sei — respondeu Stefan rigidamente. — Mas estou preocupado. Não gosto de nada fora do comum. — Ele se levantou. — Está pronta para ir? — Elena assentiu, embora metade do almoço ainda estivesse na bandeja. Stefan devolveu o jornal educadamente às meninas e seguiu Elena para fora do refeitório.

— Talvez seja paranoia nossa, porque estamos acostumados a coisas horríveis — disse Elena depois que eles estavam no caminho que subia a colina até seu alojamento. — Mas as pessoas desaparecem o tempo todo. Às vezes meninas são assediadas ou atacadas. É uma infelicidade, mas não quer dizer que haja alguma trama sinistra por trás disso.

Stefan parou, olhando um cartaz pregado numa árvore perto do refeitório. *Aluna Desaparecida*, dizia a legenda na foto de uma menina.

— Prometa que terá cuidado, Elena. Fale com Meredith e Bonnie também. E com Matt. Nenhum de vocês deve andar pelo campus sozinho. Não à noite, pelo menos.

Elena assentiu, pálida, vendo a foto no cartaz. Stefan sentiu uma forte onda de remorso, apesar da ansiedade. Ela estava tão animada quando eles se encontraram para almoçar, e agora aquela sensação havia sumido.

Ele passou o braço pela cintura de Elena, querendo abraçá-la, mantê-la segura.

— Por que não saímos esta noite? — perguntou ele. — Preciso ir a um grupo de estudos, mas não deve demorar muito. Vamos jantar fora do campus. Talvez você pudesse passar a noite fora? Eu me sentiria melhor se soubesse que está segura.

Elena o fitou, os olhos de repente brilhando de alegria.

— Ah, desde que essa seja a única razão para me querer em seu quarto — disse ela, sorrindo. — Detestaria pensar que você tem planos secretos para minha virtude.

Stefan pensou na pele leitosa e no cabelo dourado e sedoso de Elena, em seu calor, no delicioso vinho de seu sangue. A ideia de tê-la nos braços de novo, sem tia Judith e a senhoria dele, a sra. Flowers, no mesmo corredor, era inebriante.

— Claro que não — murmurou ele, baixando a cabeça em direção à dela. — Eu não tenho planos secretos. Vivo apenas para servi-la.

Ele beijou Elena novamente, enviando-lhe todo seu amor e desejo.

No alto, Stefan ouviu um grasnado estridente e um bater de asas e, com os lábios ainda nos de Elena, franziu a testa. Ela pareceu sentir a súbita tensão e se afastou, seguindo o olhar até o corvo preto que rodava acima deles.

Damon. Vigiando-os, vigiando Elena, como sempre.

* * *

— Excelência. — A voz de Ethan soou pela quadra externa de basquete, onde os aspirantes estavam reunidos. Amanhecia, e não havia ninguém por perto exceto Ethan e os outros, os olhos inchados de sono. — Como sabem de nosso primeiro encontro, cada um de vocês aqui exemplifica o auge de uma ou mais realizações. Mas isso não basta. — Ele parou, olhando de um

rosto a outro. — Não basta que cada um de vocês tenha uma parte do melhor. Vocês *podem* englobar todos esses atributos. Durante o processo de admissão, descobrirão mundos dentro de si que nunca imaginaram existir.

Matt friccionou os tênis contra o asfalto e tentou manter a expressão cética. Esperar que eles alcançassem o pináculo do sucesso artístico ou acadêmico, ele sabia, era um tiro no escuro.

Não tinha muita modéstia, mas era realista e podia citar suas maiores virtudes: atleta, bom amigo, honrado. Também não era burro, mas se a excelência no intelecto e na criatividade eram requisitos para fazer parte da Vitale Society, ele podia desistir agora mesmo.

Esfregando a nuca, ele olhou seus companheiros aspirantes. Era tranquilizador ver que a maioria mal conseguia disfarçar a expressão de pânico: aparentemente “englobar todos esses atributos” não era algo que eles também tenham considerado. Chloe, a garota bonitinha de rosto redondo que ele notou na primeira reunião, captou seu olhar e piscou, os cílios roçando de leve, e ele sorriu, sentindo-se estranhamente feliz.

— Hoje — anunciou Ethan — trabalharemos no aspecto atlético.

Matt suspirou de alívio. Atletismo ele podia fazer.

Em volta, ele viu as expressões deprimidas. Os intelectuais, os líderes, os gênios criativos... eles não ansiavam por testar seu valor atlético. Um murmúrio baixo de rebeldia cresceu entre eles.

— Não se deprimam — disse Ethan, rindo. — Garanto-lhes que, quando se tornarem membros plenos da sociedade, cada um de vocês terá alcançado o auge de sua perfeição física. Pela primeira vez, sentirão o que é estar verdadeiramente *vivo*. — Seus olhos brilharam de possibilidades.

Ethan continuou a delinear as tarefas dos aspirantes. Eles estavam prestes a embarcar numa corrida de 25 quilômetros, com vários obstáculos pelo caminho.

— Preparem-se para se sujar — disse ele animadamente. — Mas será maravilhoso. Quando terminarem, terão realizado algo novo. Podem ajudar uns aos outros. Mas cuidado: se não concluírem a corrida em três horas, não serão convidados a passar à próxima fase do processo. — Ele sorriu. — Só os melhores podem ser parte da Vitale Society.

Matt olhou em volta e viu que os aspirantes, até os que davam a impressão de nunca saírem do laboratório de ciências ou da biblioteca, amarravam os tênis com mais força e se alongavam, com uma expressão decidida.

— Santa mãe do céu — disse uma voz ao lado dele. O tom era gentil e sincero, o sotaque de algum lugar mais ao sul do que a Virgínia, e Matt sorriu antes mesmo de ver que era Chloe. — Imagino que você seja a única pessoa aqui que não terá *muitos* problemas com isto — comentou ela.

Ela era tão lindinha. Covinhas apareciam nas bochechas quando ela sorria e o cabelo, preto e curto, caía em cachos atrás das orelhas.

— Oi, meu nome é Matt — disse ele, sorrindo para ela.

— Sei disso — respondeu, animada. — Você é nosso astro do futebol.

— E você é Chloe, a incrível artista — elogiou ele.

— Ah. — Ela corou. — Não sei nada disso.

— Adoraria ver seu trabalho um dia desses — disse Matt, e o sorriso dela se ampliou.

— Alguma dica para hoje? — perguntou ela. — Eu nunca corro, a não ser que esteja prestes a perder o ônibus, e acho que vou me arrepender disso.

O rosto dela era tão atraente que Matt por um momento teve vontade de abraçá-la. Em vez disso, franziu a testa pensativamente para o céu.

— Com essas condições — disse ele —, o melhor a fazer é inclinar os braços 45 graus em relação ao chão e correr em um ritmo mais leve.

Chloe o fitou por um minuto e riu.

— Está brincando comigo. Isso não é justo. Não entendo nada dessas coisas.

— Eu te ajudo — disse Matt, sentindo-se bem. — Podemos fazer isto juntos.

Cadê vc? digitou Elena, com impaciência. Stefan devia encontrá-la em seu quarto de alojamento há mais de vinte minutos. A essa altura, o grupo de estudo dele já havia acabado. Ela estava *faminta*.

Ela andava pelo quarto, de vez em quando olhando para os galhos escuros da árvore do lado de fora. Não era típico de Stefan se atrasar.

Elena verificou o telefone. Era cedo demais para tentar falar com ele de novo.

Lá fora, algo escuro se mexeu e ela ofegou.

Depois meneou a cabeça. Eram só os galhos das árvores, agitando-se na brisa. Elena se aproximou mais, tentando enxergar através dos reflexos no vidro. Seu quarto ficava no terceiro andar; não haveria ninguém sentado ali, tão no alto. Pelo menos, ninguém humano. Elena deu de ombros.

— Elena — disse uma voz fria e clara vinda de fora.

Com o gritinho de um coelho assustado, Elena deu um pulo para trás, colocando a mão no coração aos saltos. Depois de um instante, foi até a janela e a abriu.

— Damon. Você quase me mata de susto. O que está fazendo aí?

Houve um clarão de dentes brancos nas sombras. Havia um tom zombeteiro na resposta:

— Esperando que me convide para entrar em seu quarto, é claro.

— Não precisa de convite. Você me ajudou na mudança.

— Eu sei — disse Damon, sorrindo. — Estou sendo cavalheiro.

Elena hesitou. Ela confiava em Damon, claro, mas isto parecia tão íntimo. Damon lá fora no escuro, Elena sozinha no quarto, nenhuma das amigas por ali. Ele tinha estado em seu quarto em casa, mas tia Judith e Robert estavam no mesmo corredor. Ela se perguntou se Stefan se importaria de ela ficar a sós com Damon ali, mas afugentou a ideia. Ele confiava em Elena, e era isso que importava.

— *Elena* — o tom de Damon era doce, mas insistente. — Deixe-me entrar antes que eu caia.

Revirando os olhos, ela falou:

— Você jamais cai. E se cair, vai voar. Mas pode entrar, mesmo assim.

Com um leve silvo, mais rápido do que o olho humano poderia acompanhar, Damon de repente estava ao lado dela. Elena teve de recuar um passo. Olhos e cabelos escuros como a noite, pele clara e luminosa, feições perfeitas. Ele até tinha um cheiro bom. Os lábios dele pareciam tão macios...

Elena se pegou inclinando-se para ele, os próprios lábios se abrindo, e se afastou.

— Pare com isto — disse ela.

— Não estou fazendo nada — afirmou Damon com inocência. Quando Elena lhe arqueou uma sobrancelha cética, ele deu de ombros e abriu um sorrisinho brilhante. *Aí está*, pensou Elena. *É por isso que Stefan pode se importar com a presença de Damon aqui.* — Ah, tudo bem. Só estou provocando você.

Ele olhou o quarto e arqueou uma sobrancelha.

— Ora essa, Elena. Estou quase decepcionado. Você e suas amigas estão se comportando como sempre.

Elena acompanhou o olhar dele. O lado de Bonnie do quarto era uma bagunça, uma confusão de bichos de pelúcia, roupas largadas e parafernália da Dalcrest. Já a área de Meredith era meticulosamente arrumada, livros organizados em ordem alfabética, uma única caneta de prata na mesa ao lado do laptop prateado, a cama bem-feita com uma colcha de seda em uma padronagem sutil de cinza e branco. A cômoda dela e o armário estavam fechados, mas, do lado de dentro, Elena sabia, as roupas de Meredith estariam organizadas por tipo, cor e estação. Damon tinha razão: só de olhar para onde cada uma ficava no quarto, podia-se dizer que Meredith era racional, sofisticada, cuidadosamente controlada e reservada, enquanto Bonnie era frívola, adorava se divertir e era desorganizada.

E quanto às coisas de Elena? O que diziam sobre ela? Ela examinou criticamente sua parte do quarto. Gravuras de arte emolduradas de suas exposições preferidas, escova e pente prateados na cômoda, lençóis azul-escuros que ela sabia que destacavam seus olhos e o cabelo. Alguém que valorizava o que gostava e não mudava com facilidade? Alguém muito consciente do que combinava com ela? Elena não tinha certeza.

Damon sorriu novamente, desta vez sem o traço de zombaria.

— Não pense mais nisso, princesa — disse com afeto. — Você é mais do que suas posses.

— Obrigada — respondeu Elena rispidamente. — Então, só passou na minha janela para dar um olá?

Ele estendeu a mão e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha dela. Os dois estavam muito próximos, e Elena recuou um pouco.

— Agora que você é uma universitária, pensei que talvez pudéssemos sair à noite e nos divertir um pouco.

— Divertir? — Elena ainda estava distraída com a boca de Damon. — Que tipo de diversão?

— Ah, você sabe. Um jantarzinho, alguns drinques. Coisas de amigos. Nada ousado demais.

— Sei — disse Elena com firmeza. — Parece legal. Mas hoje não posso. Stefan e eu vamos jantar fora.

— Claro. — Damon assentiu de um jeito breve mas firme, e deu o que tão obviamente deveria ter sido um sorriso de apoio e ela precisou reprimir o riso. Apoio, amizade e timidez não eram expressões naturais no rosto de Damon.

Ele tentava ao máximo ser *amigo*, embora todos soubessem que havia mais que isso entre os dois. Desde que morreu e voltou, ele esteve tentando mudar sua relação com Stefan e com ela, Elena sabia disso. Ele estava se esforçando de uma forma como nunca fizera. Não podia ser fácil para o pobre Damon tentar ser bom. Ele não tinha prática.

O telefone de Elena tocou. Ela leu o texto de Stefan:

Desculpe. O grupo de estudo está atrasado. Acho que ainda vai levar pelo menos uma hora. A gente se vê depois?

— Problemas? — Damon a observava com o mesmo sorriso inocente e simpático, e o carinho por ele dominou Elena. Damon era *amigo* dela. Por que não podia sair com ele?

— Mudança de planos — disse ela, animada. — Vamos sair, mas só um pouquinho. Preciso voltar para encontrar Stefan daqui a uma hora. — Ela mandou uma mensagem rapidamente a Stefan falando que ia buscar comida, e viu surgir um sorriso triunfante no rosto de Damon enquanto ele estendia a mão para pegar o braço dela.

Bonnie andava pelo campus praticamente pulando no ritmo da música feliz em sua cabeça. Um *encontro* com Zander, lá lá lá lá. Já não era sem tempo. Ela ficou a semana toda na expectativa de vê-lo de novo e, embora

eles tivessem se falado por telefone, ela não deitara os olhos nele no campus, apesar de claramente ter procurado.

Pelo menos ia vê-lo. Lá lá lá lá lá. O lindo e adorável Zander.

Bonnie estava de jeans e uma espécie de blusa prateada e decotada que pelo menos *dava a impressão* de que podia ter seios fartos. Era uma boa roupa, pensou ela, discreta o bastante para sair, mas também meio especial. Porque eles podiam decidir ir a uma boate ou coisa assim no último minuto. Zander não disse a Bonnie o que pretendia fazer, só pediu para ela se encontrar com ele na frente do prédio de ciências. Lá lá lá lá lá, cantarolou Bonnie.

Os passos de Bonnie se reduziram e a música em sua cabeça morreu quando ela viu luzes bruxuleantes iluminando um grupo de pessoas à frente. Estavam reunidos no pátio na frente de um dos alojamentos.

Aproximando-se, ela percebeu que era um grupo de meninas segurando velas. A luz oscilante das chamas criava sombras nos rostos sérios. Encostadas na parede do alojamento havia três fotos ampliadas: duas meninas e um garoto. A grama na frente deles tinha flores amontoadas, cartas e ursinhos de pelúcia.

Hesitante e sem querer romper o silêncio, Bonnie tocou o braço de uma das meninas.

— O que está havendo? — cochichou ela.

— Estamos fazendo uma vigília pelos desaparecidos — cochichou a garota.

Desaparecidos? Bonnie avaliou os rostos nas fotos. Jovens sorridentes, mais ou menos da idade dela.

— São todos alunos daqui? — perguntou, apavorada. — O que aconteceu com eles?

— Ninguém sabe — disse a menina com o olhar sério. — Simplesmente sumiram. Não ouviu falar disso?

O estômago de Bonnie se revirou. Ela sabia que uma menina fora atacada — ou coisa assim — no pátio, na primeira noite, mas não soube de nenhum desaparecimento. Não admirava que outro dia seus instintos tivessem avisado para ter medo de andar pelo campus. Ela podia estar em perigo.

— Não — respondeu Bonnie devagar. — Não soube de nada. — Ela baixou os olhos e a cabeça, em silêncio, enquanto enviava uma oração fervorosa para que aqueles três rostos felizes fossem encontrados, e que estivessem seguros e bem.

Ao longe, uma sirene começou a soar.

— Aconteceu alguma coisa.

— Acha que alguém foi atacado?

Um tagarelar de vozes assustadas se elevou enquanto as sirenes se aproximavam. Uma menina perto de Bonnie começou a chorar, um som magoado e assustado.

— Muito bem, qual é o problema aqui? — perguntou uma voz nova e cheia de autoridade, e Bonnie viu dois seguranças do campus abrindo caminho pela multidão.

— Nós... Hummm... — A menina que falara com Bonnie gesticulou para as fotos e flores encostadas na parede. — Estamos fazendo uma vigília. Pelos desaparecidos.

— Por que essas sirenes? — perguntou outra menina, elevando a voz.

— Não há nada com que se preocupar — respondeu o segurança, mas seu rosto se abrandou ao ver a menina chorosa. Com um leve choque, Bonnie percebeu que ele não era muito mais velho que ela. — Senhorita? — disse ele à menina. — Vamos ajudá-la a ir para casa.

Seu parceiro olhou o grupo.

— Está na hora de terminar essas coisas e entrar — disse ele com severidade. — Andem juntas e tenham cuidado.

— Pensei que tinha dito que não havia por que se preocupar — falou outra menina com raiva. — O que vocês não estão nos contando?

— Não há nada que vocês já não saibam — disse o homem com paciência. — Há desaparecidos. Todo cuidado é pouco.

Se não há motivo de preocupação, por que temos de ter cuidado?, perguntou-se Bonnie, mas engoliu as palavras e correu pelo caminho até o prédio de ciências, onde Zander sugerira que eles se encontrassem.

A ideia de tentar ter uma visão para talvez descobrir alguma coisa sobre os desaparecidos cutucou a mente de Bonnie, mas ela a afastou. *Detestava* isso. Detestava a perda de controle que sentia quando entrava em uma de suas visões.

De qualquer modo, era improvável que desse certo. Suas visões sempre foram de pessoas que ela conhecia, de problemas imediatos que eles enfrentavam. Ela não conhecia nenhum dos desaparecidos. Mordeu o lábio e acelerou o passo. A emoção relacionada ao encontro tinha passado, e ela agora não se sentia segura. Pelo menos, se conseguisse chegar até Zander, não estaria só.

Quando chegou ao prédio de ciências, porém, Zander não estava lá. Bonnie hesitou e olhou em volta, nervosa. Aquela parte do campus parecia mais deserta.

Ela tentou abrir a porta do prédio de ciências, mas estava trancada. *É claro* — não havia aulas a essa hora. Frustrada, Bonnie sacudiu a maçaneta. Colocou a mão na bolsa, depois percebeu que tinha deixado o telefone no quarto.

De repente, sentiu-se muito exposta. A polícia do campus disse para ficarem juntas, que ninguém andasse sozinho à noite, mas ali estava ela,

completamente só. Uma brisa fria farfalhou seu cabelo e ela tremeu. Estava ficando pavorosamente escuro.

— Bonnie. *Pssst*, Bonnie!

A voz de Zander. Mas onde ele estava?

Bonnie não viu nada além do pátio às escuras, as luzes dos postes lançando pequenos círculos de luz no caminho. Acima dela, as folhas farfalhavam ao vento.

— Bonnie! Aqui em cima.

Levantando a cabeça, ela enfim localizou Zander no terraço, a espiando pela lateral, o cabelo claro quase brilhando ao luar.

— O que está fazendo aí em cima? — perguntou ela, confusa.

— Suba aqui — convidou Zander, apontando a escada de incêndio na lateral do prédio. Estava abaixada, a pouca distância do chão.

— Sério? — perguntou Bonnie em dúvida.

Ela se aproximou da escada de incêndio. Podia subir, tinha certeza, mas ia parecer desajeitada e inábil. E se fosse apanhada? Ela não leu todo o regulamento do campus, mas subir uma escada de incêndio até o terraço de um prédio fechado não contrariava as regras?

— Venha, Bonnie — chamou Zander. Os pés dele faziam barulho nos degraus de ferro. Ele desceu a escada de incêndio, balançando-a, e saltou no chão, pousando como um felino ao lado dela. Abaixou-se num joelho e uniu as mãos. — Eu faço escadinha para você poder alcançar.

Bonnie engoliu em seco, depois subiu nas mãos de Zander e se esticou para a escada. Depois de passar a perna no primeiro degrau, foi moleza, embora o metal levemente enferrujado fosse áspero em suas mãos. Ela parou um instante para agradecer a todos os poderes do universo por ter decidido usar jeans em vez de saia.

Zander a seguia pela escada de um patamar a outro, até que enfim chegaram ao terraço.

— Temos permissão de subir aqui? — perguntou Bonnie, nervosa.

— Bem — disse Zander, devagar —, provavelmente não. Mas eu subo aqui o tempo todo e ninguém me disse para não vir. — Ele abriu aquele sorriso quente e maravilhoso para ela e acrescentou: — Este é um dos meus lugares preferidos.

Era uma linda vista, Bonnie tinha de admitir. Abaixo deles, o campus se estendia, arborizado, verde e misterioso.

Se outro a tivesse levado ali em cima, porém, ela teria reclamado da escada enferrujada e do terraço de concreto, e sugerido que talvez um encontro envolvesse *ir a algum lugar*. Isto era um encontro, não era? Ela ficou paralisada por um momento de pânico, tentando se lembrar exatamente do que Zander dissera quando sugeriu que se encontrassem ali. Não se lembrava das palavras exatas, mas definitivamente tinham algo de encontro; ela não era mais criança, sabia quando alguém a convidava para sair.

E Zander era tão gracinha que valia o esforço.

— É bonito aqui — disse ela, sem jeito, e então, olhando o concreto sujo e sem graça: — Eu quis dizer a vista aqui do alto.

— Ficamos mais perto das estrelas. — Zander a pegou pela mão. — Venha aqui. — Seu toque era quente e firme, e Bonnie apertou a mão dele. Zander tinha razão: as estrelas eram lindas. Era bom poder vê-las com mais clareza, ali, acima das árvores.

Ele a levou para um canto do terraço, onde uma manta antiga e puída do exército estava estendida com uma caixa de pizza e umas latas de refrigerante.

— Todos os confortos do lar — disse ele. Depois, mais baixo: — Sei que não é um encontro muito elegante, Bonnie, mas eu queria partilhar isto com você. Achei que entenderia como é especial estar aqui em cima.

— E entendo mesmo. — Bonnie ficou lisonjeada.

Um gritinho secreto cresceu dentro dela: *Oba! Zander sabe que estamos num encontro!*

Logo Bonnie se viu aninhada ao lado dele, o braço de Zander em seus ombros, comendo uma pizza quente, gordurosa e deliciosa enquanto olhavam as estrelas.

— Venho muito aqui sozinho — disse Zander. — Uma vez, no ano passado, fiquei deitado olhando uma lua cheia e gorda ser tragada pela sombra da terra num eclipse. Ficou quase preto como breu sem a luz da lua cheia, mas eu ainda enxergava sua forma vermelha no céu.

— Os vikings achavam que os eclipses eram causados por dois lobos, um que queria devorar o sol, outro que queria comer a lua — disse Bonnie, indolente. — Esqueci qual deles queria comer a lua, mas, sempre que acontecia um eclipse solar ou lunar, as pessoas faziam muito barulho para assustar o lobo.

Zander a olhou.

— Isso é que é cultura inútil. — Mas sorriu ao dizer isso.

Bonnie se remexeu com prazer sob a mera força do sorriso dele.

— Tenho interesse por mitologia — disse ela. — Druida e celta, principalmente, mas mitos e histórias em geral. Os druidas também veneravam a lua; tinham toda uma astrologia baseada no calendário lunar. — Ela se sentou reta, desfrutando do olhar de admiração de Zander. — Tipo agora, do final de agosto ao final de setembro, estamos no mês da Lua Artista. Mas, daqui a algumas semanas, vamos para o mês da Lua Agonizante.

— O que isso quer dizer? — perguntou Zander. Ele estava muito perto dela, olhando-a bem nos olhos.

— Bem, quer dizer que é tempo de términos — disse Bonnie. — Tudo gira em torno de morrer e dormir. O ano druida começa de novo depois do Halloween.

— Hummm. — Zander ainda a olhava atentamente. — Como sabe de tanta coisa, Bonnie McCullough? — Um sorrisinho brincava em sua boca.

— Bem, meus ancestrais eram druidas e celtas. — Bonnie se sentia idiota. — Minha avó me disse que descendíamos de sacerdotisas druidas, e é por isso que às vezes eu vejo coisas. Minha avó também vê.

— Que interessante — disse Zander suavemente. Seu tom ficou mais leve. — Então você vê coisas?

— Vejo mesmo — afirmou Bonnie, séria, olhando para ele. Não pretendia contar aquilo. Não queria causar estranheza, não no primeiro encontro, mas também não queria mentir.

Tão azul. Os olhos de Zander eram profundos como o mar, e ali ela caía, cada vez mais perdida neles. Não havia nada acima dela, nada abaixo; ela caía incessante e suavemente.

Com um solavanco, Bonnie desviou os olhos de Zander.

— Desculpe — disse ela, meneando a cabeça. — Isso foi esquisito. Acho que quase dormi por um minuto.

— Não se preocupe — disse Zander, mas sua expressão estava tensa e estranha. Depois ele abriu o sorriso caloroso e encantador de sempre, e se levantou. — Vamos, quero te mostrar uma coisa.

Bonnie se levantou devagar. Ainda se sentia meio estranha, e apertou brevemente a testa.

— Por aqui. — Zander a puxou pela outra mão. Levou-a até o canto do telhado e subiu no ressalto estreito que corria por ele.

— *Zander* — disse Bonnie, apavorada. — Desça! Você pode cair!

— Não vamos cair. — *Zander* sorriu para ela. — Suba aqui.

— Ficou *maluco*?

— Ela jamais gostara de altura. Lembrou-se de atravessar uma ponte muito alta uma vez, com Damon e Elena. Eles tinham de atravessar, se quisessem salvar Stefan, mas ela nunca teria conseguido se Damon não tivesse usado seu Poder e a convencido de que ela era acrobata, que andava na corda-bamba e para ela a altura não significava nada. Quando ele a liberou do Poder, depois de eles terem cruzado a ponte, seu medo retroativo foi nauseante.

Ainda assim, ela havia conseguido atravessar a ponte, não foi? E prometeu a si mesma que seria mais confiante, mais forte, agora que estava na faculdade. Olhou para *Zander*, que sorria de cima para ela, com doçura e ansiedade, de mão estendida. Bonnie a pegou e deixou que ele a ajudasse a subir.

— Oh — disse ela, depois de chegar lá em cima. O chão oscilou vertiginosamente bem abaixo e ela virou o rosto. — *Oh*. Não, esta não é uma boa ideia.

— Confie em mim. — *Zander* pegou a outra mão dela para mantê-la segura. — Eu não vou deixar você cair.

Bonnie olhou em seus olhos muito azuis e se sentiu reconfortada. Havia algo tão sincero e franco ali...

— O que eu faço agora? — Ela teve orgulho quando a voz saiu firme.

— Feche os olhos — disse *Zander* e, quando ela obedeceu: — E coloque o pé direito para fora do ressalto.

— *O quê?* — Bonnie quase abriu os olhos de novo.

— Confie em mim — repetiu *Zander*, e desta vez havia uma insinuação de riso em sua voz. Hesitante, Bonnie levantou o pé.

Nessa hora, o vento aumentou, e Bonnie sentiu que sua força estava prestes a arrebatá-la do ressalto e atirá-la no céu como uma pipa de linha arrebetada. Apertou mais as mãos de Zander.

— Está tudo bem — disse ele, tranquilizador. — É incrível, Bonnie, eu prometo. Relaxe. Não vale a pena viver se não assume riscos.

Inspirando devagar e deixando a respiração fluir, Bonnie se obrigou a relaxar. O vento soprava os cachos de seu cabelo para todo lado, assobiando em suas orelhas, puxando suas roupas e sua perna erguida. À medida que relaxava, ela quase sentiu que era erguida gentilmente no céu, sustentada pelo ar à volta. Parecia que estava voando.

Bonnie percebeu que ria por mero prazer e abriu os olhos, fitando diretamente os de Zander. Ele também ria, e a segurava com força, ancorando-a à terra enquanto ela quase voava. Ela nunca esteve tão consciente do sangue correndo por suas veias, de cada nervo captando as sensações do ar à volta.

Ela nunca se sentira tão viva.

O bar onde Elena e Damon foram parar era animado e cheio, mas, obviamente, Damon cuidou para que não tivessem de esperar por uma mesa. Ele se recostava em um lado da cabine, com a aparência arrogante e relaxada de um felino grande e lindo, e ouvia tranquilamente Elena falar. Ela se viu tagarelando alegremente, dando-lhe todas as minúcias da vida no campus até agora, da descoberta de que o professor Campbell conheceu seus pais às personalidades dos outros alunos que ela conheceu nas aulas.

— O elevador estava realmente lotado e era lento, e as costas da minha dupla de laboratório estavam tocando nos botões. De algum jeito ela apertou o alarme por acidente e ele disparou. — Elena tomou um golinho do refrigerante. — De repente, apareceu uma voz do nada e perguntou: “Você tem uma emergência?” e ela respondeu: “Não, foi um acidente”. A voz disse: “O quê? Não estou ouvindo.” Ficou assim, de lá para cá, até que ela começou a gritar: “Acidente! Acidente!”

Damon parou de traçar desenhos com o dedo na condensação do copo e a olhou por entre os cílios, torcendo os lábios num sorriso.

— Quando a porta se abriu no térreo, havia quatro seguranças ali com um kit de primeiros socorros — concluiu Elena. — Não sabíamos o que

fazer, então passamos direto por eles. Quando saímos do prédio, começamos a correr. Foi tão constrangedor, mas não conseguíamos parar de rir.

Damon deixou que um leve sorriso se abrisse — não o torcer habitual e frio de seus lábios nem o sorriso breve, brilhante e enigmático vem-e-vai, mas um sorriso sincero de inchar as bochechas.

— Gosto de você assim — disse ele de repente.

— Assim como? — perguntou Elena.

— Relaxada, acho. Desde que nos conhecemos, você vivia no meio de uma crise ou outra. — Ele ergueu a mão e tirou um cacho de seu rosto, gentilmente tocando a bochecha dela.

Elena estava vagamente ciente do garçom parado perto da mesa, esperando que eles levantassem a cabeça para ele, enquanto respondia com um leve toque de sedução.

— Ah, e você não teve nada a ver com isso?

— Eu não diria que sou o principal culpado, não — disse Damon friamente, fechando o sorriso. Ele levantou a cabeça, com os olhos aguçados e sagazes. — Olá, Stefan.

Elena ficou paralisada de surpresa. Não era o garçom, então. Era Stefan. Um olhar para ele e ela estremeceu, o estômago se contraindo. Seu rosto podia ter sido entalhado em pedra. Ele olhava para a mão de Damon, ainda estendida na mesa em direção a Elena.

— Oi — disse ela, insegura. — Como foi seu grupo de estudo?

Stefan a olhou.

— Elena, procurei você por toda parte. Por que não atendeu o telefone?

Pegando o celular, Elena viu que havia várias mensagens de Stefan.

— Ah, não. Desculpe. Não ouvi tocar.

— A gente ia se encontrar — disse Stefan, sério. — Fui até seu quarto e você simplesmente tinha *sumido*. Elena, as pessoas estão desaparecendo por

todo o campus.

Ele tinha ficado assustado, com medo de que algo terrível tivesse acontecido a ela. A expressão de Stefan ainda estava carregada de ansiedade. Ela começou a estender a mão para reconfortá-lo. Sabia que era difícil para Stefan aceitar o fato de que ela perdera o Poder que teve por tão pouco tempo. Ele achava que a mortalidade dela a deixava frágil, e tinha medo de perdê-la. Ela devia ter pensado nisso, devia ter deixado um recado para ele que dissesse mais do que “volto logo”.

Antes que ela conseguisse tocar nele, o olhar de Stefan se voltou para Damon.

— O que está havendo? — perguntou ele ao irmão, com a voz cheia de frustração. — Foi por isso que você nos seguiu até a faculdade? Para se fixar em Elena?

A mágoa que apareceu na expressão de Damon foi apenas uma sombra sutil, e desapareceu tão rapidamente que Elena nem teve inteira certeza se realmente a vira. Suas feições se acomodaram numa expressão de desdém indolente, e Elena ficou tensa. A paz entre os irmãos era tão frágil — ela sabia disso — e, ainda assim, ela havia deixado que Damon a paquerasse. Ela era tão *idiota*.

— Alguém precisa cuidar da segurança dela, Stefan. — Damon arrastou as palavras. — Você está muito ocupado brincando de humano, não é? *Grupos de estudo*. — Ele ergueu uma sobrancelha com escárnio. — Estou surpreso que não tenha notado que há algo acontecendo no campus. Preferia que Elena ficasse sozinha em perigo do que comigo?

Linhas tensas se formavam na boca de Stefan.

— Está dizendo que não há motivos ocultos aqui? — perguntou ele.

Damon gesticulou com desprezo.

— Você sabe o que sinto por Elena. E Elena sabe o que sinto também. Até o Mutt que adora esportes sabe como são as coisas entre nós. Mas o problema não sou eu, maninho... É você e seu ciúme. Você querendo ser um “humano comum” — Damon fez aspas com os dedos — e ainda assim continuar com Elena, que não tem nada de comum. Você quer ter tudo ao mesmo tempo. *Eu* não fiz nada de errado. Elena não teria saído comigo se não quisesse.

Elena estremeceu de novo. Seria sempre *assim*? Qualquer passo em falso de sua parte faria com que Damon e Stefan voassem no pescoço um do outro?

— Stefan... Damon — implorou ela, mas eles a ignoraram.

Eles se fuzilavam com os olhos. Stefan se aproximou, flexionando os punhos, e Damon cerrou o queixo, desafiando Stefan em silêncio a mexer um dedo que fosse. Pela primeira vez, Elena viu uma semelhança entre eles.

— Não posso fazer isto — disse ela. Sua voz parecia fraca e baixa aos próprios ouvidos, mas os irmãos Salvatore a ouviram, e viraram a cabeça com uma velocidade sobrenatural. — Não posso fazer isto — repetiu Elena, mais alto e com mais firmeza. — Não posso ser Katherine.

Damon fez uma careta.

— *Katherine*? Acredite, querida, ninguém aqui quer que você seja Katherine.

Stefan, com a expressão mais branda, falou:

— Elena, meu amor...

Ela o interrompeu.

— Escutem-me. — Ela enxugou os olhos. — Eu estive pisando em ovos, tentando evitar que isto... esta *coisa* entre nós três nos separe. Se alguma coisa boa veio de tudo que aconteceu é que vocês se encontraram, começaram a ser irmãos de novo. Não posso...

Ela respirou fundo e tentou encontrar um tom sensato e prático em algum lugar dentro de si.

— Acho que devemos dar um tempo — continuou ela categoricamente.
— Stefan, eu o amo muito. Você é minha alma gêmea, é tudo para mim. Sabe disto.

Ela o olhou, suplicante, pedindo em silêncio para ele entender. Depois seus olhos passaram dele para Damon, que a fitava de testa franzida. Prosseguiu:

— E Damon, você faz parte de mim agora. Eu... sinto por você. — Ela olhava de um para o outro, as mãos segurando cada um deles. — Não posso perder nenhum dos dois. Mas preciso pensar em quem sou agora, depois de tudo que aconteceu, e preciso fazer isso sem ter medo de destruir a relação de vocês. E precisam entender que podem ser amigos, mesmo que eu esteja na vida dos dois.

Damon soltou um ruído cético, mas Elena continuou falando.

— Eu vou entender — ela engoliu em seco — se não quiserem esperar por mim. Mas eu sempre, sempre amarei vocês. *Os dois*. De jeitos diferentes. Mas, por enquanto, não posso ficar com vocês. Com *nenhum* dos dois.

Ela estava chorando de novo, e suas mãos tremeram ao enxugar os olhos.

Damon se inclinou sobre a mesa com um sorrisinho torto pairando nos lábios.

— Elena, você acabou de terminar com *nós dois*?

As lágrimas secaram instantaneamente.

— Damon, eu *nunca* namorei você — disse ela com raiva.

— Eu sei. — Ele deu de ombros. — Mas não tenho dúvida de que acabei de ser largado. — Ele olhou para Stefan, depois rapidamente virou o rosto, com a expressão fechada.

Stefan ficou arrasado. Por um momento, seu rosto estava tão melancólico que era difícil acreditar que ele tinha mais de 500 anos.

— O que você quiser, Elena. — Ele ia estender a mão para ela, mas a recolheu. — Independentemente de qualquer coisa, eu sempre a amarei. Meus sentimentos não vão mudar. Leve o tempo que precisar.

— Tudo bem. — Elena se levantou, trêmula. Tinha vontade de vomitar. Metade dela queria puxar Stefan, beijá-lo até aquela expressão magoada desaparecer. Mas Damon a observava com o rosto inescrutável, e tocar em qualquer um deles seria... um erro. — Preciso ficar sozinha por um tempo — disse ela.

Ela sabia que, em qualquer outro momento, os dois teriam protestado à ideia de ela andar sozinha pelo campus. Eles teriam discutido, seguido Elena, qualquer coisa para garantir a segurança dela.

Agora, porém, Stefan deu um passo de lado, cabisbaixo, para ela poder sair da mesa. Damon ficou imóvel e a observou sair, de olhos semicerrados.

Elena não olhou para trás ao atravessar a porta do bar. Suas mãos tremiam e os olhos transbordavam de lágrimas mais uma vez. Porém ela também sentia como se houvesse carregado algo muito pesado por um tempo e finalmente tivesse conseguido soltar.

Esta pode ser a melhor decisão que tomei em muito, muito tempo, pensou ela.

Querido Diário,

Sempre que me lembro do rosto de Stefan quando eu disse a ele que precisava de espaço, meu peito dói. Parece que não consigo respirar.

Eu jamais quis magoá-lo. Nunca. Como poderia? Somos tão próximos, tão envolvidos; ele é como um pedaço de minha alma —

sem ele, não sou completa.

Mas...

Também amo Damon. Ele é meu amigo — minha imagem especular sombria —, o inteligente e maquinador que fará o que for preciso para ter o que quer, mas com uma gentileza por dentro que nem todos veem. Também não me imagino vivendo sem Damon.

Stefan quer me prender demais. Ele gosta do irmão — de verdade —, e Damon também gosta dele, e ter a mim entre os dois está confundindo tudo.

Nós três temos ficado próximos demais por causa das crises com que tivemos de lidar recentemente — minha morte e renascimento, o ataque de Klaus, a volta de Damon da morte, o ataque do espectro —, e cada gesto que fizemos, cada pensamento que tivemos envolveu os outros dois. Não podemos continuar assim.

Sei que tomei a decisão certa. Sem mim entre eles, os dois podem se tornar irmãos novamente. Depois posso arrumar os fios embaraçados de minhas relações com os dois sem ter de me preocupar que cada atitude minha vá romper o tênue laço entre nós.

É a decisão certa. Ainda assim, parece que estou sofrendo uma morte lenta. Como posso viver por um segundo que seja sem Stefan?

Tudo que posso fazer é tentar ser forte. Se eu perseverar, vou passar por isto. E no fim tudo será maravilhoso. Tem de ser.

— Café, minha cara? — perguntou o professor Campbell. *James*, Elena lembrou a si mesma. A um gesto de concordância dela, ele se levantou e foi rapidamente até a pequena cafeteira empoleirada no alto de uma pilha vacilante de papéis.

Ele lhe trouxe uma xícara, com creme e açúcar, e se acomodou satisfeito na cadeira, olhando Elena por cima da mesa abarrotada com uma expressão de prazer inocente.

— Creio que temos uns biscoitos — ofereceu. — Não são caseiros, mas têm um sabor razoável. Não?

Elena meneou a cabeça educadamente e bebericou o café.

— Está muito bom. — Ela sorriu para ele.

Já tinham se passado alguns dias desde que ela dissera a Stefan e Damon que precisava de um tempo longe deles. Depois da necessária sessão de choro com Bonnie e Meredith, ela fez o possível para viver normalmente — foi às aulas, almoçou com as amigas, manteve a máscara de corajosa. Parte dessa tentativa de normalidade era ir à sala de James depois das aulas para saber mais sobre seus pais. Embora eles não pudessem estar presentes para reconfortá-la, falar neles lhe proporcionava algum consolo.

— Meu Deus! — exclamou James. — Você tem o rosto de Elizabeth e, quando sorri, as covinhas de Thomas aparecem. Idênticas às dele, só de um lado. Conferia a ele um certo charme arrojado.

Elena se perguntou se devia agradecer a James. Ele a estava elogiando, de certo modo, mas os elogios na verdade eram dirigidos aos pais, e parecia meio presunçoso ficar agradecida por isso.

— Que bom que acha que me pareço com meus pais — conformou-se em dizer. — Quando eu era criança, me lembro de pensar que eles eram muito elegantes. — Ela deu de ombros. — Acho que todas as crianças pequenas acham os pais bonitos.

— Bem, sua mãe certamente era — disse James. — Mas não é só a aparência. Sua voz é parecida com a dela, e os comentários que você fez em aula esta semana me lembraram de coisas que seu pai teria dito. Ele era muito observador. — O professor mexeu nas gavetas da mesa e, depois de vasculhar um pouco, tirou uma lata de biscoitos amanteigados. — Tem certeza de que não quer um? Ah, tudo bem. — Ele escolheu um e deu uma mordida. — Sim, como eu dizia, Elizabeth era extremamente bonita. Eu não chamaria Thomas de bonito, mas ele tinha charme. Talvez por isso tenha conseguido conquistar o coração de Elizabeth no fim.

— Oh. — Elena mexeu o café, distraída. — Ela teve outros namorados, então? — Era ridículo, mas de certo modo imaginava que os pais sempre estiveram juntos.

James riu.

— Ela partia corações. Imagino que você também, minha cara.

Elena pensou, infeliz, nos olhos verdes, suaves e melancólicos de Stefan. Jamais quis magoá-lo. E Matt, que ela namorou no ensino médio e continuava apaixonado por ela em silêncio. Ele não se apaixonou, nem mesmo se interessou, por ninguém desde então. *Partindo corações, sim.*

James a observava com os olhos brilhantes e inquisitivos.

— Não fica *feliz* em partir corações, então? — perguntou ele mansamente. Elena o olhou, surpresa, e ele baixou a xícara de café com um tinido. Endireitou-se. — Elizabeth Morrow — disse ele numa voz animada de executivo — era do primeiro ano quando a conheci. Ela estava sempre fazendo coisas, particularmente cenários e figurinos incríveis que desenhava para o departamento de teatro. Seu pai e eu éramos do segundo ano na época... Pertencíamos à mesma fraternidade, éramos amigos íntimos... E ele não parava de falar da garota maravilhosa. Depois que a conheci, também fui atraído por sua órbita.

Ele sorriu e continuou:

— Thomas e eu tínhamos algo especial: eu era academicamente dotado, e Thomas conversava com qualquer um sobre qualquer coisa. Mas ambos éramos bárbaros culturais. Elizabeth nos ensinou arte, teatro, sobre o mundo fora das cidadezinhas do Sul onde crescemos. — James comeu outro biscoito, lambendo distraidamente o açúcar dos dedos, e suspirou fundo. — Achei que seríamos amigos para sempre. Mas, no fim, tomamos caminhos diferentes.

— Por quê? — perguntou Elena. — Aconteceu alguma coisa?

Seus olhos brilhantes se desviaram dos dela.

— Claro que não — disse ele com desdém. — Só a vida, creio. Mas, sempre que ando pelo corredor do terceiro andar, não consigo evitar de olhar uma foto nossa. — Ele soltou um riso constrangido, acariciando a barriga. — Mais por vaidade, creio. Reconheço a mim mesmo na juventude com mais facilidade do que o velho gordo que vejo no espelho agora.

— Do que está falando? — perguntou Elena, confusa. — O corredor do terceiro andar?

A boca de James formou um O de surpresa.

— Mas é claro, você ainda não conhece as tradições da faculdade. O longo corredor no terceiro andar deste prédio tem fotos de todos os diferentes períodos da história da Dalcrest. Inclusive uma linda fotografia de seus pais e este que vos fala.

— Terei de dar uma olhada. — Elena sentiu-se mais animada. Não tinha visto muitas fotos dos pais anteriores ao casamento.

Houve uma batida à porta, e uma menina baixinha e de óculos colocou o rosto para dentro.

— Ah, desculpe — disse ela e ia se retirar.

— Não, não, minha cara — disse James jovialmente, levantando-se. — Elena e eu estamos falando de velhos amigos. Você e eu precisamos ter uma conversa séria sobre sua dissertação assim que for possível. Entre, entre. — Ele fez uma meia mesura absurda a Elena. — Elena, teremos de continuar esta conversa em outra hora.

— Claro. — Elena se levantou, apertando a mão que James lhe estendia.

— E por falar em velhos amigos — disse ele despreocupadamente enquanto ela se virava para sair —, conheci uma amiga sua, a Dra. Celia Connor, pouco antes de o semestre começar. Ela falou que você vinha para cá.

Elena girou de repente, encarando-o. Ele conhecia *Celia*? Imagens encheram a mente de Elena: Celia nos braços de Stefan enquanto ele corria mais rápido que qualquer humano, desesperado para salvar a vida dela; Celia defendendo-se do espectro numa sala em chamas. O quanto ele sabia? O que Celia tinha lhe contado?

James sorriu mansamente.

— Mas vamos conversar depois — disse ele. Depois de um instante, Elena assentiu e saiu da sala, com a mente em disparada. A menina que esperava manteve a porta aberta para ela.

No corredor, ela se recostou na parede e refletiu por um momento. Será que Celia tinha contado a James sobre Stefan e Damon serem vampiros, ou qualquer coisa sobre a própria Elena? Provavelmente não. Celia se tornara uma amiga no fim da batalha contra o espectro. Ela teria guardado o segredo deles. Além disso, Celia era uma acadêmica muito perspicaz. Não diria aos colegas nada que pudesse fazê-los pensar que ela estava louca, e isso incluía dizer que tinha conhecido vampiros de verdade.

Elena expulsou a inquietude que sentiu no fim da conversa com James e pensou na foto da qual ele falara. Subiu a escada até o terceiro andar para ver se a encontrava.

Por acaso, não foi difícil achar o “corredor do terceiro andar”. Embora o segundo andar fosse um labirinto de passagens e salas dos docentes, quando chegou ao terceiro ela descobriu que esse era um longo corredor que ia de uma ponta à outra do prédio.

Ao contrário da tagarelice de pessoas no segundo andar, o de cima parecia abandonado; era silencioso e meio escuro. Portas fechadas apareciam a intervalos regulares ao longo do corredor. Elena espiou pelo vidro numa porta, vendo apenas uma sala vazia.

Por todo o corredor, entre as portas, havia imensas fotografias. Perto da escada, onde ela começou a olhar, elas pareciam estar no mesmo lugar desde a virada do século: rapazes de cabelo penteado para o lado e usando ternos, sorrindo rigidamente; meninas com blusas brancas de gola alta e saias compridas, o cabelo puxado no alto da cabeça. Em uma delas, uma fila de meninas portando guirlandas de flores para algum evento esquecido do campus.

Havia fotos de regatas e piqueniques, casais produzidos para bailes e equipes esportivas. Em uma fotografia, o elenco de uma peça estudantil — talvez dos anos 1920 ou 30, as meninas com cortes de cabelo de melindrosa,

os rapazes com coberturas estranhas nos sapatos — gargalhava no palco, de boca aberta paralisada, as mãos no ar. Um pouco mais adiante, um grupo de meninos com fardas militares olhava para ela com seriedade, de queixo cerrado e olhos decididos.

Ao avançar pelo corredor, as fotos mudavam do preto-e-branco para o colorido; as roupas ficavam menos formais; os cabelos mais compridos, depois mais curtos; mais desgrenhados, depois arrumados. Embora a maioria das pessoas nas fotografias parecesse feliz, algo nelas entristeceu Elena. Talvez fosse como o tempo parecia passar nelas: todas aquelas pessoas tinham a idade de Elena, eram alunos como ela, com seus próprios temores, alegrias e mágoas, e agora não estavam mais ali, tinham envelhecido ou até morrido.

Ela pensou brevemente numa garrafa enfiada no fundo de seu armário em casa, contendo a água da vida eterna que ela acidentalmente tinha roubado das Guardiãs. Seria essa a resposta? Ela afastou o pensamento. Não era a resposta *ainda* — sabia disso —, e ela tomou a decisão muito clara de não pensar na garrafa, não decidir nada por ora. Tinha tempo, tinha mais vida para viver naturalmente antes de querer fazer essa pergunta a si mesma.

A foto a que James se referiu ficava perto do fim do corredor. Nela, o pai, a mãe e James estavam sentados na grama do pátio, sob uma árvore. Os pais estavam inclinados para a frente, numa conversa fervorosa, e James — uma versão muito mais magra, o rosto quase irreconhecível sob uma barba descuidada — estava recostado e os observava, com a expressão ferina e irônica.

Sua mãe parecia incrivelmente nova, o rosto suave, os olhos grandes, o sorriso largo e luminoso, mas também de certo modo era exatamente a mãe de que Elena se lembrava. O coração de Elena deu um salto doloroso mas feliz ao vê-la. Seu pai estava mais desarrumado do que o pai elegante que

Elena conhecera — e a camisa de estampa pastel era um desastre tratando-se de proporções épicas de moda —, mas havia uma *paizice* essencial nele que fez Elena sorrir.

Ela percebeu o broche primeiro em sua horrível camisa pastel. Achou que era uma mancha, mas, olhando mais de perto, distinguiu o formato de um V azul-escuro e pequeno. Olhando as outras figuras, notou que a mãe e James usavam os mesmos alfinetes, o da mãe meio encoberto por uma longa mecha de cabelo.

Que estranho. Ela bateu o dedo lentamente no vidro sobre a foto, tocando em um V, depois nos outros. Perguntaria a James sobre isso. Ele não disse que o pai e ele tinham sido da mesma fraternidade? Talvez tenha alguma coisa a ver com isso. Os meninos de fraternidade não “alfinetavam” suas namoradas?

Algo cutucava o canto de sua mente. Ela vira um desses broches em algum lugar. Mas não conseguia lembrar onde, então deixou para lá. O que quer que significasse, era algo que não sabia sobre os pais, outro aspecto da vida deles a ser descoberto ali.

Ela estava ansiosa para saber mais.

— Bom treino — disse Christopher, parando ao lado de Matt enquanto ele ia para o vestiário. — Você se desloca bem pra caramba, cara.

— Obrigado — agradeceu Matt, desviando os olhos dos sapatos que estava calçando. — Você também esteve muito bem. — Ele sabia que Christopher seria um bom colega de time, o tipo de cara que fazia seu trabalho e se concentrava na situação como um todo, ajudando o restante da equipe. Também era um ótimo colega de quarto, generoso e descontraído. Nem mesmo roncava.

— Vamos deixar o salão de jantar pra lá e pedir uma pizza? — perguntou Christopher. — Esta é a minha noite de derrotar você no *Guitar Hero*... Estou sentindo isso.

Matt riu. Nas duas semanas em que estavam morando juntos, ele e Christopher tinham jogado todos os jogos do Wii que Christopher trouxera para a faculdade.

— Tudo bem, eu te vejo no quarto.

Christopher lhe deu um tapa nas costas, com um largo sorriso. Depois que saiu, Matt não teve pressa para pegar suas coisas, deixando que os outros saíssem do vestiário antes dele. Queria andar até o alojamento sozinho esta noite. Eles eram um grupo bom, mas ele estava dolorido e

cansado. Com os treinos de futebol e as atividades de aspirante da Vitale Society, ele nunca tinha malhado tanto. Era bom.

Ele se sentia bem. Mesmo as atividades mais idiotas da Vitale — e algumas eram muito idiotas: outra noite, tiveram de trabalhar em equipe para construir casas de jornal — eram meio divertidas, porque ele estava conhecendo algumas pessoas incríveis. Ethan tinha razão. Como grupo, os aspirantes eram inteligentes, determinados, talentosos, tudo que se esperava. E *Matt* era um deles.

As aulas também eram interessantes. Na escola, ele tirava notas razoáveis, mas fazia basicamente apenas o necessário para passar. A Guerra Civil, geometria, química, *O sol é para todos*: todo o trabalho escolar de certo modo se misturava ao fundo de sua vida real de amigos e esportes.

Parte do que ele fazia na Dalcrest era parecido, mas na maioria das aulas ele começava a ver ligações entre as coisas. Ele estava adquirindo a noção de que história, línguas, ciência e literatura faziam parte do mesmo todo — como as pessoas pensavam e as histórias que contavam —, e isso era muito interessante.

Era possível, pensou Matt, com um sorriso um tanto irônico, que ele estivesse “florescendo” na faculdade, como previu o orientador educacional do ensino médio?

Ainda não havia escurecido inteiramente, mas estava ficando tarde. Matt acelerou o passo, pensando na pizza.

Não havia muita gente andando pelo campus. Matt imaginou que estavam no refeitório ou entocados em seus quartos, com medo. Mas ele não estava preocupado. Deduziu que havia muitos alvos mais vulneráveis do que um jogador de futebol americano.

Uma brisa começou, agitando os galhos das árvores no pátio e trazendo o cheiro de grama até Matt. Ainda parecia verão. Nos arbustos, alguns vaga-

lumes de início da noite piscavam. Ele mexeu os ombros, curtindo o alongamento depois de um longo treino.

Mais à frente, alguém gritou. Um homem, pensou Matt. O grito cessou de repente.

Antes mesmo que pudesse pensar, Matt correu em direção ao grito. Seu coração martelava, e ele tentou obrigar as pernas cansadas a correr mais rápido. Era um som de puro pânico, pensou Matt. Ele apurou os ouvidos, mas não escutou nada além da própria respiração entrecortada.

Ao se aproximar da reitoria, uma figura escura que estivera recurvada sobre alguma coisa na grama saiu correndo, as longas pernas magras disparando. Movimentava-se com *rapidez*, e seu rosto estava inteiramente escondido por um capuz. Matt não conseguiu ver se era homem ou mulher.

Ele se desviou para correr atrás da figura de preto, mas foi detido de repente pela forma na grama.

Não era só uma forma. Por um momento, a mente de Matt se recusou a processar o que via. O vermelho e dourado de uma camisa de futebol. Um fluido espesso se espalhando em volta dela. Um rosto conhecido.

E tudo entrou em foco de repente. Ele se ajoelhou.

— Christopher. Ah, não, Christopher.

Havia sangue para todo lado. Matt bateu freneticamente o peito do garoto, procurando onde fazer pressão para tentar estancar o sangramento. *Em toda parte, em toda parte, está saindo de todo lado.* Todo o corpo de Christopher se sacudia, e Matt apertou as mãos contra a camisa de futebol ensopada para tentar mantê-lo parado. O sangue fresco escorria em espessos jarros carmim contra o vermelho vivo do tecido da camisa.

— Christopher, cara, aguente firme, vai ficar tudo bem. Você vai ficar bem. — Matt sacou o telefone para chamar a emergência. As mãos estavam

cobertas de sangue, e o telefone estava escorregadio quando ele o levou à orelha.

— Por favor — disse ele com a voz trêmula. — Estou na Dalcrest College, perto da reitoria. Meu colega de quarto... alguém atacou meu colega de quarto. Ele está sangrando muito. Não está consciente. — O atendente da emergência começou a fazer algumas perguntas, e Matt tentou manter o foco.

De repente, Christopher abriu os olhos, tomando uma golfada de ar.

— Christopher — disse Matt, largando o celular. — Chris, estão mandando uma ambulância, agente firme.

O tremor piorou, os braços e pernas de Christopher vibravam num ritmo acelerado. Seus olhos se fixaram no rosto de Matt e a boca se abriu.

— Chris — disse Matt, tentando mantê-lo deitado, tentando ser gentil. — Quem fez isto? Quem te atacou?

Christopher ofegou novamente, um espasmo rouco de deglutição. O tremor parou e ele ficou imóvel. Suas pálpebras se fecharam sobre os olhos.

— Chris, por favor, agente — implorou Matt. — Eles estão chegando. Vão te ajudar. — Ele pegou Christopher, balançando-o um pouco, mas Christopher não se mexia, nem respirava.

Sirenes soaram ao longe, mas Matt sabia que a ambulância estava chegando tarde demais.

Bonnie segurava o muffin de banana e nozes no peito como se fosse uma oferenda sagrada. Não conseguia se obrigar a bater à porta de Matt. Em vez disso, voltou os grandes olhos castanhos e suplicantes para Meredith e Elena.

— Ah, *Bonnie* — murmurou Meredith, passando por ela com a pilha de bagels e a caixa de suco de laranja que carregava e batendo alto à porta.

— *Eu não sei o que dizer* — sussurrou Bonnie, agoniada.

A porta se abriu e Matt apareceu, de olhos vermelhos e pálido. De certo modo, parecia menor e mais recurvado do que Bonnie já vira. Tomada de pena, ela se esqueceu de ficar nervosa e se atirou em seus braços, deixando o muffin cair.

— Eu sinto tanto — disse ela, sufocada, as lágrimas escorrendo pelo rosto. Matt a abraçou com força, curvando-se e enterrando a cabeça em seus ombros. — Está tudo bem — falou ela por fim, desesperada, afagando a nuca dele. — Quero dizer, não, não está... claro que não está... Mas nós te amamos, estamos aqui.

— Não pude fazer nada por ele. — A voz de Matt estava abafada, o rosto ainda mergulhado no pescoço de Bonnie. — Tentei o que pude, mas ele morreu assim mesmo.

Elena e Meredith se juntaram a eles, passando os braços por Matt, uma de cada lado.

— A gente sabe — disse Elena, acariciando as costas do amigo. — Você fez tudo que podia.

Matt se desvencilhou dos abraços e gesticulou para o quarto.

— Tudo isto é dele. Os pais ainda não estão preparados para tirar as coisas, foi o que disseram à polícia. Está me matando ver tudo isto aqui e ele não. Pensei em encaixotar para os pais dele, mas é possível que a polícia queira olhar.

Bonnie estremeceu ao pensar pelo que os pais de Christopher deviam estar passando.

— Você precisa comer alguma coisa — disse Meredith. — Aposto que não come há séculos. Talvez te ajude a se sentir melhor.

As três meninas se agitaram, arrumando o café da manhã que tinham levado para Matt e convencendo-o a provar alguma coisa, qualquer coisa. Ele bebeu um pouco do suco e pegou um bagel, de cabeça baixa.

— Fiquei a noite toda na delegacia — disse ele. — Tive que contar várias vezes o que aconteceu.

— Mas *o que* aconteceu? — perguntou Bonnie, hesitante.

Matt suspirou.

— Bem que eu queria saber. Só vi alguém de preto correndo para longe de Christopher. Eu queria ir atrás, mas Chris precisava da minha ajuda. E depois ele morreu. Eu tentei, mas não pude fazer nada. — Sua testa se vincou. — Mas o que foi realmente estranho — disse ele devagar — é que, embora eu tenha *visto* uma pessoa correndo, a polícia acha que Christopher foi atacado por um animal. Ele foi... muito dilacerado.

Elena e Meredith trocaram um olhar de alerta.

— Um vampiro? — perguntou Meredith. — Ou um lobisomem, talvez?

— Era o que eu estava me perguntando — admitiu Matt. — Faz sentido. — Sem parecer notar, ele terminou o bagel, e Elena aproveitou a distração dele para colocar uma fruta em seu prato.

Bonnie se abraçou.

— *Por quê?* Por que é assim? Aonde quer que a gente esteja, sempre acontecem coisas estranhas e apavorantes. Pensei que tudo seria diferente depois que saíssemos de Fell's Church.

Ninguém a questionou. Por um tempinho, os três ficaram sentados em silêncio, e Bonnie sentiu que eles se aproximavam, tentando se proteger de algo frio e horrível.

Por fim, Meredith estendeu a mão e pegou uma fatia de laranja no prato de Matt.

— A primeira coisa que precisamos fazer, então, é investigar e tentar entender se esses ataques e desaparecimentos são sobrenaturais. — Ela mastigou, pensativa. — Odeio dizer isto, mas talvez tenhamos que colocar Damon nesta. Ele é bom neste tipo de coisa. E Stefan também deve saber o que está havendo. — Ela olhou para Elena, com a voz mansa. — Eu falarei com eles, está bem, Elena?

Elena deu de ombros. Bonnie sabia que ela tentava manter a expressão vaga, mas seus lábios tremiam.

— Claro — respondeu ela depois de um minuto. — Sei que os dois estão verificando tudo, de qualquer modo. Você sabe como eles são paranoicos.

— E não sem motivo — disse Meredith secamente.

Os olhos de Matt estavam úmidos.

— Aconteça o que acontecer, preciso que me prometam uma coisa. Por favor, tenham cuidado. Eu não posso... perder mais ninguém, está bem?

Bonnie se aconchegou mais perto dele, pegando sua mão. Meredith colocou a própria mão sobre a deles e Elena se juntou à pilha.

— Vamos cuidar uns dos outros — disse Elena.

— Um juramento — sugeriu Bonnie, tentando sorrir. — Sempre vamos cuidar uns dos outros. Vamos pensar na segurança de todos.

Neste momento, enquanto eles murmuravam sua aquiescência, Bonnie teve certeza de que podiam fazer isso.

Meredith girou e avançou, levando para baixo o bastão para golpear os joelhos acolchoados de Samantha. Esta se esquivou do golpe e investiu com o próprio bastão em direção à cabeça de Meredith, que bloqueou o golpe e jogou o bastão no peito de Samantha.

Samantha cambaleou e perdeu o equilíbrio.

— Caramba. — Ela esfregou a clavícula e olhou para Meredith com um misto de ressentimento e admiração. — Isto *doeu*, mesmo com a proteção. Nunca treinei com alguém tão forte.

— Ah, bem... — disse Meredith com modéstia, sentindo-se absurdamente satisfeita. — Eu treino muito.

— Sei. — Samantha a encarou. — Vamos parar um pouco. — Ela arriou no tatame, e Meredith, com o bastão equilibrado de leve na mão, sentou-se ao lado.

É claro que não era o bastão *dela*, o especial de caçadora. Não podia levar seu bastão de matadora para a academia — era claramente uma arma letal personalizada. Mas havia ficado deliciada ao saber que Samantha lutava com um *jo* de 1,20m e que tinha um de reserva.

Samantha era rápida, inteligente e feroz, uma das melhores parceiras de treino que Meredith já tivera. Lutando, Meredith conseguia vencer a impotência que sentira no quarto de Matt aquela manhã. Havia algo de tão patético em ver as coisas de Christopher ali, prontas para ele, quando ele nunca mais voltaria. Ela vira um daqueles jardins zen pequenos e estranhos

na mesa, a areia muito bem-cuidada. Talvez no dia anterior mesmo Christopher tenha pegado o ancinho mínimo e alisado a areia, e agora nunca mais tocara nele.

E era culpa dela. Meredith apertou o bastão, embranquecendo os nós dos dedos. Precisava admitir isso. Se tinha o poder de ser uma força potente contra as trevas, uma caçadora e matadora de monstros, também tinha a responsabilidade. Se qualquer coisa aparecesse e matasse alguém em seu território, era por falha e vergonha de Meredith.

Ela precisava se esforçar mais. Treinar mais, sair em patrulha pelo campus, manter as pessoas em segurança.

— Você está bem? — A voz de Samantha interrompeu os pensamentos de Meredith. Sobressaltada, Meredith viu Samantha fitando-a de olhos arregalados, escuros e solenes, percebendo os dentes trincados e os punhos cerrados de Meredith.

— Não inteiramente — disse Meredith de um jeito seco. — Hummm. — Ela achava que precisava explicar aquela amargura. — Soube do que aconteceu na noite passada, o cara que foi assassinado? — Samantha assentiu lentamente, com uma expressão indecifrável. — Bem, ele era colega de quarto de um grande amigo meu. E eu estive com ele hoje, tentando ajudá-lo. Foi... perturbador.

O rosto de Samantha endureceu, e ela se ajoelhou.

— Escute, Meredith, eu te prometo que isso não vai acontecer novamente. Não sob minha vigilância.

— Sob sua vigilância? — perguntou Meredith baixinho. De repente, estava difícil respirar.

— Eu tenho responsabilidades — disse Samantha. Ela baixou os olhos até as mãos. — Vou pegar esse assassino.

— É uma tarefa grandiosa — avisou Meredith. Não era possível, era? Mas Samantha era uma lutadora muito boa, e o que ela estava dizendo... por que achava ser responsabilidade dela deter o assassino? — Por que acha que pode fazer isso? — perguntou.

— Sei que é difícil de acreditar, e eu nem devia contar a você, mas preciso de sua ajuda. — Samantha olhava bem em seus olhos, praticamente vibrando de sinceridade. — Sou uma caçadora. Fui criada para... Eu tenho um encargo sagrado. Toda a minha família, por gerações, combate o mal. Sou a última de nós. Meus pais foram assassinados quando eu tinha 13 anos.

Meredith ofegou, assustada, mas Samantha meneou a cabeça intensamente, desprezando a solidariedade de Meredith.

— Eles não terminaram meu treinamento — continuou ela —, e preciso que me ajude a melhorar, a ficar mais rápida. Ainda não sou forte o suficiente.

Meredith a encarava. Samantha prosseguiu:

— Por favor, Meredith. Sei que parece loucura, mas é verdade. As pessoas dependem de mim.

Incapaz de se conter, Meredith começou a rir.

— Não é uma piada — disse Samantha, levantando-se, de punhos cerrados. — Isso é... Eu não devia ter dito nada.

Ela partiu em direção à porta, as costas retas como as de um soldado.

— Samantha, espere. — Samantha voltou-se para ela com o rosto repleto de fúria.

Meredith tomou fôlego e tentou desesperadamente se lembrar de uma coisa que tinha aprendido quando criança, mas nunca teve oportunidade de usar. Juntando os dedos mínimos, ela uniu os polegares e formou um triângulo, a saudação secreta entre duas caçadoras.

Samantha se limitou a olhar com uma expressão vaga. Meredith se perguntou se teria se lembrado corretamente do sinal. Será que a família de Samantha chegou a ensinar isso a ela? Meredith sabia que havia outras famílias pelo mundo, mas nunca tinha conhecido nenhuma. Seus pais haviam saído da comunidade de caçadores antes de ela nascer.

Então Samantha, movendo-se com a rapidez que tinha quando elas treinavam, foi para diante dela, segurando seus braços.

— Pra valer? — disse Samantha. — Está falando sério?

Meredith assentiu, e Samantha a abraçou com vontade. Seu coração batia com tanta força que Meredith podia senti-lo. De início enrijeceu — não era de expressar carinho fisicamente, apesar de ser grande amiga da loucamente afetuosa Bonnie havia anos —, mas depois relaxou no abraço, sentindo o corpo musculoso e magro de Samantha em seus braços, assim como o dela própria.

Teve uma estranha sensação de familiaridade, como se estivesse perdida e agora encontrasse a verdadeira família. Meredith sabia que nunca poderia dizer nada disso, e parte dela sentia como se estivesse traindo Elena e Bonnie só de pensar assim, mas não podia evitar. Samantha se afastou, sorrindo e lacrimosa, enxugando os olhos e o nariz.

— Eu pareço uma idiota — disse ela. — Mas esta é a melhor coisa que me aconteceu. Juntas, podemos combater isso. — Ela fungou com certa histeria e olhou para Meredith, com os olhos imensos e brilhantes. — Parece que ganhei uma nova melhor amiga — comentou ela.

— Sim — concordou Meredith, sem chorar nem rir, fria como sempre por fora, mas, por dentro, se desfazendo de felicidade. — Sim, acho que tem razão.

Matt arriou os ombros, infeliz. Fora à reunião de aspirantes porque não queria ficar sozinho no quarto, mas agora preferia não ter ido. Esteve evitando Elena, Meredith e Bonnie — não era culpa delas, mas acontecera tanta violência em torno dos quatro no ano anterior, tantas mortes. Ele achava que seria melhor ficar com outras pessoas, gente que não via quanta escuridão havia no mundo, mas não estava dando certo.

Quase parecia que ele estava embrulhado em plástico-bolha, grosso e nebuloso. Enquanto os outros aspirantes se movimentavam e falavam, ele conseguia vê-los e ouvi-los, mas se sentia separado deles; tudo parecia abafado e obscuro. Ele também se sentia frágil, como se remover a camada protetora pudesse fazê-lo se desintegrar.

Enquanto ele estava parado com o grupo de aspirantes, Chloe se aproximou e se colocou ao lado dele, pegando seu braço tranquilizadamente com a mão pequena e forte. Um espaço se abriu no plástico-bolha, e ele realmente sentiu que ela estava com ele. Matt colocou a mão sobre a dela e a apertou, agradecido.

A reunião de aspirantes acontecia na sala subterrânea revestida de madeira onde eles se conheceram. Ethan garantiu que aquele era apenas um dos muitos esconderijos secretos — os outros só eram abertos aos

plenamente iniciados. Matt descobrira agora que mesmo esta sala tinha várias entradas: uma delas por uma antiga casa nos arredores do campus, que devia ter sido aquela à qual levaram a todos na primeira vez, uma por um galpão perto dos campos de esporte e outra pelo porão da biblioteca. O chão abaixo do campus devia ser uma colmeia de túneis para que tantas entradas dessem neste lugar, pensou ele, e teve uma imagem inquietante de alunos andando na grama ensolarada enquanto, alguns centímetros abaixo, abriam-se túneis intermináveis e escuros.

Ethan falava, e Matt sabia que em geral estaria bebendo cada palavra dele. Hoje, a voz de Ethan passava por Matt quase sem ser ouvida, e Matt deixou que os olhos simplesmente seguissem as figuras mascaradas dos membros da Vitale que andavam pela sala atrás de Ethan. Vagamente, ele se perguntou sobre eles, sobre como as máscaras disfarçavam bem o bastante para ele nunca saber se reconhecia qualquer um pelo campus. Isto é, qualquer um menos Ethan. Matt se perguntou com curiosidade o que tornava o líder imune a essas restrições. Como os túneis abaixo do campus, o anonimato dos Vitale era um tanto inquietante.

Por fim a reunião terminou, e os aspirantes começaram a sair da sala. Alguns deram tapinhas nas costas de Matt ou murmuraram palavras solidárias, e ele se reconfortou ao perceber que eles se importavam, que de algum modo se sentiam amigos, graças a todas as atividades tolas de integração.

— Pode esperar um minuto, Matt? — Ethan estava ao lado dele de repente. Ao olhar de Ethan, Chloe apertou o braço de Matt de novo e soltou.

— A gente se vê depois — murmurou ela. Matt a viu atravessar a sala e sair pela porta com o cabelo batendo na nuca.

Quando olhou novamente para Ethan, a cabeça deste estava inclinada, os olhos castanhos dourados reflexivos.

— É bom ver que você e Chloe estão ficando tão próximos — declarou Ethan, e Matt deu de ombros, sem graça.

— É, bem... — disse ele.

— Vai descobrir que os outros Vitale são as pessoas que podem entender você melhor — disse Ethan. — Eles é que vão apoiá-lo por toda a faculdade e pelo resto da vida. — Ele sorriu. — Pelo menos, foi o que aconteceu comigo. Estive observando você, Matt — concluiu.

Matt ficou tenso. Algo em Ethan atravessou a sensação de plástico-bolha, mas não de forma reconfortante, como aconteceu com Chloe. Agora Matt se sentia exposto, e não protegido. A clareza do olhar dele, talvez, ou a impressão de que Ethan sempre parecia acreditar firmemente no que dizia.

— É? — indagou Matt, cauteloso.

Ethan sorriu.

— Não fique tão paranoico. É no bom sentido. Cada aspirante a Vitale é especial, por isso são escolhidos, mas todo ano tem um ainda *mais* especial, um líder entre os líderes. Posso ver que, neste grupo, é você, Matt.

Matt deu um pigarro.

— É mesmo? — perguntou, lisonjeado, sem saber o que dizer. Ninguém jamais o chamara de líder.

— Tenho grandes planos para a Vitale Society este ano. — Os olhos de Ethan brilhavam. — Vamos fazer história. Seremos mais poderosos do que jamais fomos. Nosso futuro é *brilhante*.

Matt abriu um meio-sorriso e assentiu. Quando Ethan falava com aquela voz calorosa e convincente, aqueles olhos dourados fixos em Matt, ele também podia ver. Os Vitale liderando não só o campus, mas, um dia, o mundo. O próprio Matt deixaria de ser o cara comum que sabia que sempre tinha sido e se tornaria alguém confiante, de visão clara; um líder entre os líderes, como disse Ethan. Ele podia imaginar tudo isso.

— Quero que seja meu braço direito aqui, Matt — disse Ethan. — Você pode me ajudar a levar esses aspirantes à grandeza.

Matt assentiu novamente e, com os olhos de Ethan fixos nos dele, sentiu um ardor de orgulho, a primeira coisa boa que sentia desde a morte de Chris. Ele lideraria os Vitale ao lado de Ethan. Tudo ficaria melhor. O caminho à frente estava desimpedido.

Keynes, por sua vez, postulava que a atividade econômica era determinada pela demanda agregada. Pela décima quinta vez em meia hora, Stefan lia a frase sem sequer começar a compreendê-la.

Tudo parecia tão *sem sentido*. Ele tentou se distrair investigando o assassinato no campus, mas só ficou mais ansioso por não poder estar ao lado de Elena, garantindo pessoalmente que ela estivesse segura. Fechou o livro e baixou a cabeça nas mãos.

Sem Elena, o que ele estava fazendo ali?

Ele a teria seguido a qualquer lugar. Ela era tão linda que às vezes doía olhar para ela, como doía olhar para o sol. Ela brilhava como aquele sol, com seu cabelo dourado e olhos de lápis-lazúli, a pele leitosa e delicada que retinha o mais leve toque de rosa.

Porém havia mais em Elena do que a beleza. Só a aparência não teria prendido a atenção de Stefan por tanto tempo. Na realidade, a semelhança dela com Katherine quase o afugentou. Mas sob aquele exterior belo e agradável havia uma mente errática que estava sempre trabalhando e planejando, e um coração fortemente protetor de todos que amava.

Stefan tinha passado séculos procurando algo que o fizesse se sentir vivo novamente, e nunca teve tanta certeza de nada como tinha de Elena. Ela era *tudo*, a única para ele.

Por que ela não podia ter a mesma certeza em relação a ele? Porque, apesar de Elena dizer que Stefan era tudo, ainda havia este fato: as únicas duas mulheres que ele amou em sua longa vida amavam não só Stefan, mas também o irmão.

Stefan fechou os olhos e esfregou a ponte do nariz entre os dedos, depois saiu da mesa. Talvez estivesse com fome. Em alguns passos rápidos, atravessou o quarto pintado de branco com suas posses elegantes e a mobília barata da faculdade, chegando à sacada. Do lado de fora, a noite tinha cheiro de jasmim e escapamento de carro. Stefan estendeu gentilmente sondas do seu Poder pela noite, investigando, procurando por... alguma coisa... *Ali*. Uma mente diminuta respondeu rapidamente a ele.

Sua audição, mais aguçada que a de um humano, captou o fraco gemido de sonar, e um pequeno morcego peludo pousou na grade da sacada, atraído pelo Poder. Stefan o pegou, mantendo sob controle a suave conexão entre sua mente e a do morcego, e olhou mansamente o rostinho alerta de raposa.

Stefan baixou a cabeça e bebeu, com o cuidado de não tirar demais da criaturinha. Fez uma careta com o gosto e soltou o morcego, que bateu as asas, hesitante, meio tonto, depois ganhou velocidade e se perdeu de novo na noite.

Ele não estava com muita fome, mas o sangue clareou sua mente. Elena era tão *jovem*. Ele precisava se lembrar disso. Ela era ainda mais nova do que ele quando se tornou vampiro, e precisava de tempo para experimentar a vida, para que seu caminho a levasse de volta a Stefan. Ele podia esperar. Tinha todo tempo do mundo.

Mas sentia tanta falta dela.

Reunindo forças, ele saltou da sacada e caiu de leve no chão. Havia um canteiro de flores ali e ele estendeu a mão, sentindo as pétalas macias como

seda. Uma margarida, nova e inocente. Ele a colheu e entrou de novo no alojamento, desta vez usando a entrada da frente.

Diante da porta de Elena, ele hesitou. Ouvia os leves ruídos dela se movendo por ali, sentia seu cheiro característico, o aroma inebriante. Estava sozinha, e ele ficou tentado a bater à porta. Talvez ela ansiasse por ele, como ele ansiava por ela. Se ficassem a sós, será que ela se derreteria em seus braços, mesmo a contragosto?

Stefan meneou a cabeça, cerrando a boca. Ele tinha de respeitar a vontade de Elena. Se ela precisava de tempo sozinha, ele lhe daria isso. Olhando para a margarida branca, ele lentamente a equilibrou sobre a maçaneta de Elena. Ela encontraria a flor e saberia que era dele.

Queria que Elena soubesse que ele podia esperar por ela, se era o que ela precisava, mas que estava sempre pensando nela.

Enquanto ia para a porta de seu quarto, Elena vasculhava a bolsa, verificando uma lista mental: *carteira, chaves, telefone, gloss, delineador, escova de cabelo, carteira de estudante*. Ao abrir a porta, algo flutuou para o chão.

Uma margarida branca perfeita. Elena estendeu a mão e a pegou. Virando-a, sentiu uma dor súbita e aguda no peito. *Meu Deus, como sinto falta de Stefan*. Não tinha dúvida de que a margarida tinha vindo dele. Era típico dele mostrar que pensava nela apesar de respeitar seu espaço.

A dor no peito aos poucos foi substituída por um sentimento brilhante e doce. Parecia tão tolo e artificial evitar falar com Stefan. Ela o *amava*. E, além de tudo, ele era um de seus melhores amigos. Elena pegou o celular a fim de ligar para ele.

Então parou. Respirando fundo, devolveu o celular à bolsa.

Se falasse com Stefan, ia querer vê-lo. Se o visse, ia querer tocar nele. Se o tocasse, tudo estaria acabado. Ela ficaria caída por ele, envolvida em amor. Depois levantaria a cabeça e veria os olhos insondáveis de Damon observando-os, e sentiria aquela atração por ele também. Os irmãos se olhariam, o amor, a dor e a fúria passariam por seus rostos, e tudo começaria de novo.

Era *bom* se afastar deles por um tempo, embora também fosse dilacerante, pavoroso e terrivelmente solitário. Mas, desde então, Elena sentiu uma calma pairar. Não estava exatamente feliz — era como se estivesse coberta de hematomas e, se não tivesse cuidado, a dor a tomava quando se lembrava do que tinha feito. Mas também lhe parecia que havia prendido a respiração por semanas e agora conseguisse respirar.

Ela sabia que Stefan estaria esperando quando ela estivesse pronta para encará-lo novamente. Não era isso que significava a margarida?

Elena colocou a flor na bolsa e partiu pelo corredor, estalando os saltos firmemente. Ia sair com as amigas, se divertir, e não pensaria em Stefan nem em Damon. Nem mesmo em desaparecimentos nem na morte de Christopher. Elena suspirou sob o peso de tudo aquilo. Por dias, eles lamentaram, e agora Elena e as amigas precisavam abraçar a vida de novo. Mereciam uma noite de liberdade. Precisavam se lembrar do motivo de sua luta.

— Aí está ela. — Elena ouviu Bonnie falar ao entrar no bar lotado. — Elena! Aqui!

Bonnie, Meredith e uma menina que Elena não conhecia estavam sentadas a uma mesinha perto da pista de dança. Elas convidaram Matt para ir junto, mas ele disse que precisava estudar, com o rosto educadamente reservado, e elas sabiam que ele ainda não estava preparado, que precisava de um tempo sozinho.

Meredith, elegante e relaxada, abriu um sorriso frio para Elena num cumprimento e apresentou sua amiga Samantha. Ela era magra, de olhos brilhantes e alertas. Parecia ter energia de sobra, remexendo-se de um lado para o outro, conversando sem parar.

Bonnie também estava claramente *ligada*, e desandou a falar assim que Elena chegou à mesa. Bonnie era corajosa, pensou Elena. A morte de Christopher a chocara, e ela havia ficado tão preocupada com Matt quanto qualquer uma delas, mas estava com o queixo empinado, sorrindo e fofocando, e seguia com a vida da melhor maneira possível, porque elas decidiram que a noite seria assim.

— Peguei uma Coca para você — disse Bonnie. — Pediram minha identidade, então não pude comprar outra coisa. Adivinhe só? — Ela fez uma pausa dramática. — Liguei para o Zander e ele falou que ia tentar vir para cá esta noite. Estou louca para vocês conhecerem ele! — Bonnie praticamente quicava de empolgação na cadeira, batendo os cachos ruivos para todo lado.

— Quem é Zander? — perguntou Samantha com inocência.

Meredith olhou furtivamente para Elena.

— Sabe que eu não sei? — comentou ela com uma falsa confusão. — Bonnie, fale sobre ele.

— Sim — acrescentou Elena, sorrindo com malícia. — Acho que você nunca falou nele, não é?

— Ah, calem a boca — disse Bonnie num tom amistoso e, inclinando-se sobre a mesa na direção de Samantha, relatou todas as virtudes de Zander para a nova plateia.

Elena deixou a mente vagar. Ultimamente ouvia tudo aquilo noite após noite, no quarto; os olhos de Zander, o sorriso de Zander, o charme acanhado de Zander, o corpo de gato de Zander (palavras de Bonnie). Que Zander e Bonnie estudaram juntos num canto retirado da biblioteca e Zander furtivamente levou lanches para Bonnie, embora fosse *totalmente proibido* na biblioteca. Que eles conversavam ao telefone toda noite, as longas pausas suaves quando parecia que Zander estava prestes a sussurrar

alguma coisa íntima, algo que ninguém, só Bonnie, podia saber, mas em vez disso fazia uma piada e Bonnie ria como louca. Havia algo tão doce em Bonnie estar apaixonada. Elena torcia para que o cara fosse digno dela.

— Ele ainda nem me beijou — acrescentou Bonnie, de olhos arregalados.

— Mas vai rolar logo. *Espero*.

— O primeiríssimo beijo — disse Samantha, mexendo as sobrancelhas.

— Quem sabe esta noite?

Bonnie riu.

A dor voltara ao peito de Elena, e ela colocou a mão sobre o esterno. Durante o primeiro beijo com Stefan, o mundo se desintegrara e só havia os dois, lábios e almas se tocando. Tudo pareceu tão claro na época.

Ela respirou fundo e rejeitou as lágrimas. Não ia se lembrar de nada esta noite; ia apenas se divertir com as amigas.

Ter Samantha ali, Elena logo percebeu, seria de imensa ajuda. Se fossem só Elena, Meredith e Bonnie, elas acabariam conversando sobre o assassinato de Christopher e os desaparecimentos no campus, passando obsessivamente um pente fino em todas as coisinhas que sabiam e teorizando sobre tudo que não fosse de seu conhecimento. Mas, com Samantha presente, teriam de manter a conversa leve.

De algum modo, Bonnie deixou o assunto do maravilhoso Zander e passou à leitura de mãos.

— Olhe — disse ela a Samantha. — Vê a linha que cruza sua palma e atravessa as outras três linhas? É a linha do destino, e nem todo mundo tem.

— O que isso quer dizer? — Samantha olhou a própria palma com muito interesse.

— Bem — começou Bonnie, franzindo a testa —, ela muda muito de direção... Está vendo aqui? E aqui?... Isso significa que seu destino vai mudar por causa de forças externas que a influenciarão.

— Hummm — disse Samantha. — E o amor? Vou conhecer alguém incrível esta noite?

— Não — respondeu Bonnie devagar até que a voz mudou, ficando monótona, quase metálica. Elena levantou a cabeça rapidamente e viu as pupilas de Bonnie se dilatarem, os olhos deixarem a mão de Samantha e focarem no vazio. — Esta noite, não. Mas há alguém esperando por você que mudará tudo. Você o conhecerá logo.

— Bonnie — chamou Meredith incisivamente. — Você está bem?

Bonnie piscou, e seus olhos voltaram a entrar em foco.

— Claro — respondeu ela, confusa. — O que quer dizer com isso?

Elena e Meredith trocaram um olhar — será que Bonnie teve uma visão? Antes que pudessem perguntar, no entanto, todo um grupo de meninos de repente estava à sua mesa, rindo, gritando, xingando. Elena franziu o cenho para eles.

— Ei, linda — disse um deles, olhando para Elena —, quer dançar?

Elena ia menear a cabeça, mas outro dos meninos se sentou ao lado de Bonnie e passou o braço por ela.

— Oi — disse ele. — Sentiu minha falta?

— Zander! — exclamou Bonnie com o rosto rosado de alegria.

Então este era Zander, pensou Elena, e o olhou disfarçadamente enquanto os três amigos dele também se sentavam, apresentando-se animadamente enquanto pareciam fazer o máximo de barulho possível, arrastando cadeiras e brigando para se sentar ao lado das meninas. Zander era mesmo uma graça, Elena tinha de admitir. Cabelo louro-claro e um lindo sorriso.

Ela não gostou muito do modo como ele puxava Bonnie, virando sua cabeça na direção dele, com as mãos correndo sem parar pelos ombros dela mesmo enquanto falava com os amigos por cima da cabeça de Bonnie.

Parecia muito possessivo para um cara que ainda nem a beijara. Elena olhou para Meredith a fim de ver se a amiga estava pensando o mesmo. Meredith ouvia, com um sorriso de diversão, enquanto o cara ao lado dela — Marcus, ela achava, amigo de Zander e de cabelo castanho desgrenhado — explicava sua rotina de levantamento de pesos.

— Biritá — disse outro amigo de Zander sucintamente, unindo-se a eles com uma bandeja de copinhos. — Vamos jogar a moeda da sorte.

Bonnie riu.

— Não servem bebida para nós aqui. Somos menores.

O cara sorriu.

— Tudo bem. Eu paguei por elas, não você.

— Quer dançar? — Spencer, que tinha perguntado o mesmo a Elena um minuto antes, desta vez convidava Samantha.

— Claro! — Ela se levantou de um salto. Os dois rapidamente se perderam na multidão da pista.

— Cara, tomei o maior porre ontem à noite — disse Jared, o sujeito ao lado de Elena, reclinando a cadeira para trás nas duas pernas traseiras e olhando alegremente para ela.

O amigo do outro lado o observou por um minuto, depois virou uma bebida em seu colo.

— Ei! — Num momento, eles estavam de pé e se empurravam, o cara que tinha despejado o drinque rindo e Jared com o rosto vermelho e colérico.

— Parem com isto, os dois — disse Zander. — Não quero ser expulso daqui também.

Também? Elena levantou as sobrancelhas. Esse cara e os amigos definitivamente eram rebeldes demais para a inocente Bonnie. Elena olhou para Meredith de novo, querendo confirmação, mas ela ainda estava perdida

no mundo do atletismo, agora dando sua opinião sobre o melhor treinamento de pesos para as artes marciais.

Bonnie deu uma gargalhada aguda e quicou uma moeda diretamente em um dos copos de bebida. Todos os meninos gritaram.

— E agora? — perguntou ela sem fôlego, com os olhos brilhando.

— Agora você aponta quem vai beber — disse o cara que tinha trazido os drinques.

— Zander, é claro — disse Bonnie, e o menino abriu um demorado sorriso que até Elena tinha de admitir que era de arrasar. Então bebeu, piscando em seguida para Bonnie enquanto ela ria novamente.

Bonnie estava... realmente feliz. Elena não se lembrava da última vez em que ela rira assim. Devia fazer pelo menos um ano, antes de as coisas enlouquecerem em Fell's Church.

Elena suspirou e observou a mesa. Esses meninos eram turbulentos — brigavam e se empurravam —, mas também eram simpáticos. E era esse tipo de coisa que as pessoas faziam na faculdade, não era? Se isso deixava Bonnie feliz, Elena devia pelo menos tentar acompanhá-los.

Samantha e Spencer voltaram à mesa, os dois rindo, e Samantha desabou na cadeira.

— Chega. — Ela ergueu as mãos para se defender dele. — Preciso de uma água. Você é louco, sabia?

— *Você* vai dançar comigo, então? — suplicou Spencer a Elena, arregalando os olhos castanhos como um cachorrinho para ela.

— Ele vai tentar te pegar no colo — avisou Samantha. — E largar você. E te rodar. Mas não se preocupe, vou voltar para a pista logo, logo.

— Por favor, por favor? — pediu Spencer, fazendo uma cara ainda mais digna de pena.

Bonnie riu triunfante quando quicou outra moeda no copo.

Dançar com um grupo de amigos não é trair ninguém, pensou Elena. Além do mais, ela agora estava solteira. Mais ou menos, de qualquer modo. Devia tentar curtir a faculdade, viver. A noite de hoje não era para isso? Ela deu de ombros.

— Claro, por que não?

Quando Stefan passou pelo quarto de Elena novamente, a margarida não estava lá, e o cheiro sutil de seu xampu cítrico perdurava no corredor.

Sem dúvida ela saíra com Meredith e Bonnie, e ele podia confiar que Meredith a protegeria. Ficou pensando se Damon as estaria observando, se ele se aproximaria de Elena. Um filete amargo de ciúme se enroscou no estômago de Stefan. Às vezes era difícil ser o bonzinho, aquele que respeitava as regras, enquanto Damon fazia o que queria.

Ele se recostou na porta do quarto de Elena. Havia uma janela do outro lado do corredor e ele pensou, observando a lua crescente alta no céu, em seu quarto silencioso, nos livros de economia e filosofia esperando por ele.

Não. Não ia voltar para lá. Não podia ficar com Elena, mas não precisava ficar sozinho.

Havia um frio no ar pela primeira vez desde que as aulas começaram; o calor abafado do verão da Virgínia finalmente dava lugar ao outono. Stefan recurvou os ombros e colocou as mãos nos bolsos do jeans.

Sem saber realmente para onde ia, Stefan saiu do campus. Ideias vagas de caça no bosque passaram por sua cabeça, mas ele não estava com fome, só inquieto, e saiu da trilha que levava por esse caminho. Em vez disso, vagou pelas ruas da cidadezinha perto da universidade.

Não havia muito que fazer. Existiam alguns bares lotados de universitários e alguns restaurantes, já fechados. Stefan não podia imaginar se espremer num bar quente e abarrotado agora. Queria ficar perto de gente, talvez, mas não demais, nem tão perto, muito menos o bastante para sentir a pulsação de sangue por baixo de suas peles. Quando estava infeliz, como esta noite, sentia algo forte e perigoso surgindo dentro dele, e sabia que precisava ter cuidado com o monstro que levava dentro de si.

Ele entrou em outra quadra, ouvindo o toque suave de seus passos na calçada. Perto do fim da rua, uma batida fraca de música vinha de um prédio dilapidado cuja placa de néon dizia EDDIE'S BILLIARDS. Nenhum dos poucos carros no estacionamento tinha o adesivo da Dalcrest. Claramente era um lugar para os moradores, não para estudantes.

Se Stefan não tivesse essa solidão ardendo furiosa dentro dele, não teria entrado. Ele parecia um estudante — *era* um estudante —, e este não parecia um lugar que os recebesse bem. Mas a coisa feia dentro dele se agitava à ideia de talvez ter um motivo para dar um ou dois socos.

O bar era bem-iluminado, mas sujo, o ar denso e azulado de fumaça. Um rock antigo tocava numa jukebox no canto. Seis mesas de sinuca ficavam no meio do salão, com mesinhas redondas nas laterais e um balcão de bar na extremidade. Duas mesas de sinuca e algumas redondas estavam ocupadas por moradores, que deixaram os olhos vagarem por ele naturalmente e viraram o rosto.

No balcão, Stefan viu uma cabeça morena familiar. Embora tivesse *certeza* de que Damon estava seguindo Elena, não ficou surpreso por vê-lo. Stefan refreara seu Poder, concentrando-se na própria infelicidade, mas sempre conseguia sentir o irmão. Se tivesse pensado nisso, saberia que o irmão estava ali.

Damon, também sem se surpreender, virou-se e cumprimentou Stefan com o copo e um leve sorriso irônico. Stefan se juntou a ele.

— Olá, maninho — disse Damon suavemente quando Stefan se sentou.
— Não deveria estar entocado em algum lugar, chorando a perda de sua adorável Elena?

Stefan suspirou e se jogou na banquetta. Apoiando os cotovelos no balcão, pousou a cabeça nas mãos. De repente, estava terrivelmente cansado.

— Não vamos falar de Elena — pediu. — Não quero brigar com você, Damon.

— Então, não brigemos. — Dando-lhe um leve tapinha no ombro, Damon se levantou e saiu do lugar. — Vamos jogar sinuca.

Um detalhe de viver centenas de anos, Stefan sabia, era que você tinha tempo para ficar realmente bom nas coisas. Várias versões do bilhar apareceram na vida dele e de Damon, embora ele gostasse mais da moderna — agradava-lhe o cheiro do giz e o guincho da ponta de couro no taco.

Os pensamentos de Damon pareciam ter o mesmo rumo.

— Lembra quando éramos crianças e jogávamos bilhar no gramado do *palazzo* de papai? — perguntou ele ao reunir as bolas.

— Mas era um jogo diferente na época — disse Stefan. — Pode começar.

Ele imaginava com clareza: os dois brincando quando todos os adultos estavam dentro de casa, atirando as bolas pelo gramado em direção aos alvos com os bastões de ponta pesada, num jogo que era uma mistura de sinuca moderna e croquê. Nessa época, Damon era rebelde, tendia a brigar com os rapazes do estábulo e passar noites zanzando pelas ruas, mas ainda não era tão colérico quanto ficou quando se tornou um jovem homem. Na época, ele deixava que o irmão mais novo e mais tímido, que o venerava, o seguisse e partilhasse de suas aventuras.

Elena tinha razão numa coisa, Stefan admitia para si mesmo: ele gostava de ficar com Damon, de ser *irmão* dele novamente. Quando viu Damon no bar naquele momento, sentiu um leve alívio da solidão que estava carregando. Damon era a única pessoa que se lembrava dele quando criança, a única pessoa que se lembrava dele vivo.

Talvez eles pudessem ser amigos, sem Katherine ou Elena entre os dois por um tempo. Talvez algo de bom pudesse advir disso.

Bilhar ou sinuca, Damon sempre gostou de jogar. Era melhor que Stefan e, depois de centenas de anos de prática, se aperfeiçoara muito.

Por isso Stefan ficou tão surpreso quando a partida de Damon fez com que as bolas girassem alegremente por toda a mesa, mas não acertasse nenhuma na caçapa.

— O que foi? — perguntou ele, erguendo uma sobrancelha para Damon ao passar giz no taco.

Estive observando os moradores, disse Damon em silêncio. *Tem alguns trapaceiros aqui. Quero atraí-los para nós. Trapacear com eles, para variar.*

Vamos lá, acrescentou Damon rapidamente quando Stefan hesitou. *Não é errado trapacear com trapaceiros. É como matar assassinos, um serviço de utilidade pública.*

Sua bússola moral é seriamente distorcida, rebateu Stefan, mas não conseguiu deixar de sorrir. Que mal faria?

— Bola dois na caçapa do canto — acrescentou em voz alta. Ele deu a tacada e encaçapou mais duas bolas antes de errar de propósito e recuar para dar a vez a Damon.

Eles continuaram nessa, jogando muito bem, mas não bem *demais*, com o cuidado de parecer dois universitários presunçosos que sabiam jogar sinuca, mas que não seriam páreo para um jogador profissional. A falsa frustração de Damon quando errou uma tacada divertiu Stefan. Ele tinha se

esquecido: era *divertido* fazer parte dos esquemas de Damon. Stefan ganhou por algumas bolas, e Damon sacou uma carteira cheia de dinheiro.

— Você me pegou, cara — disse numa voz um tanto embriagada que não parecia muito a dele, e estendeu uma nota de vinte. Stefan piscou para ele.

Pegue, pensou Damon. Algo em seu queixo lembrou de novo a Stefan como o irmão era quando os dois eram crianças, como ele mentia para o pai sobre suas desventuras, confiando que Stefan o apoiaria. Damon confiava nele até sem pensar, percebeu Stefan.

Ele sorriu e colocou a nota no bolso traseiro.

— Vamos de novo? — sugeriu, percebendo que também tinha feito uma voz meio embriagada e um pouco mais nova do que normalmente faria.

Eles jogaram outra partida, e Stefan devolveu a nota de vinte.

— Outra? — perguntou ele.

Damon começou a errar, suas mãos ficando mais lentas. Ele lançou um olhar a Stefan e voltou às bolas.

— Escute — disse ele, respirando fundo —, eu lamento pelo que está acontecendo com Elena. Se eu... — hesitou. — Não posso deixar de sentir o que sinto por ela, mas não pretendia dificultar as coisas para você. Nem para ela.

Stefan o encarou. Damon *nunca* pedia desculpas. Estava falando sério?

— Eu... Obrigado — disse ele.

Damon olhou para além dele, e sua boca se torceu em um sorriso repentino e luminoso. *Morderam a isca*, disse em silêncio. Lá se foi o momento comovente entre irmãos.

Dois homens se aproximavam. Um era baixo e magro com cabelo cor de areia, o outro grandalhão, volumoso e moreno.

— E aí? — disse o mais baixo. — A gente estava se perguntando se vocês não queriam jogar em dupla, dar uma misturada. — O sorriso era brilhante

e tranquilo, mas os olhos eram astutos e atentos. Os olhos de um predador.

Os nomes eram Jimmy e David, e eles eram profissionais de verdade. Mantiveram as partidas parelhas, esperando até depois da terceira rodada para sugerir um aumento nas apostas para que as coisas ficassem mais interessantes.

— Cem? — sugeriu Jimmy, despreocupado. — Posso chegar a esse valor, se quiser.

— Que tal mais? — perguntou Damon, aparentando embriaguez de novo. — Stefan, ainda tem aqueles quinhentos na carteira?

Stefan não tinha nem perto disso, mas achava que não precisaria pagar. Ele assentiu, mas, a um olhar de Damon, fingiu relutância.

— Não sei, Damon... — disse ele.

— Não se preocupe com isso — rebateu Damon, expansivo. — Grana fácil, não é?

Jimmy os observava com os olhos atentos.

— Então são quinhentos — concordou, sorrindo.

— Eu começo — disse Damon, entrando em ação.

Depois de um instante, Stefan apoiou o taco na parede. Não teria a chance de jogar; nenhum deles teria. Damon se movimentava com a precisão de um relógio para encaçar uma bola depois da outra.

Ele não fazia esforço nenhum para esconder que ele e Stefan tinham aplicado um golpe, e as expressões de Jimmy e David tornaram-se perigosamente sombrias enquanto as últimas bolas caíam nas caçapas.

— Pague — exigiu Damon incisivamente, baixando o taco.

Jimmy e David se aproximaram, de cara amarrada.

— Vocês dois se acham muito espertos, não é? — grunhiu David.

Stefan se aprumou, pronto para lutar ou fugir, o que Damon quisesse. Eles não teriam problema nenhum para se defender desses sujeitos, mas

com os desaparecimentos e ataques por todo o campus, era melhor não chamar atenção.

Damon, frio e relaxado, olhou para Jimmy e David, estendendo a mão aberta.

— Acho que vocês querem pagar o que nos devem — disse calmamente.

— Ah, é o que você acha, é? — falou Jimmy com sarcasmo. Ele mudou a pegada no taco de sinuca e agora o segurava como uma arma.

Damon sorriu e soltou uma onda de Poder pelo salão. Até Stefan, que de certo modo esperava por isso, ficou assustado quando Damon ergueu o rosto por um momento, os olhos negros frios e mortais. Jimmy e David cambalearam para trás como se tivessem sido empurrados por mãos invisíveis.

— Tudo bem, não precisa ficar nervoso — disse Jimmy com a voz trêmula.

David piscava como se tivesse sido espancado com uma toalha molhada, claramente sem saber o que acontecera. Jimmy abriu a carteira e contou quinhentos dólares em notas de cinquenta na mão de Damon.

— Agora está na hora de vocês irem para casa — ordenou Damon tranquilamente. — Talvez não queiram jogar sinuca por algum tempo.

Jimmy assentiu, e parecia não conseguir parar de concordar com a cabeça, movendo-a para cima e para baixo como uma mola. Ele e David recuaram rapidamente em direção à porta.

— Assustador — comentou Stefan. Ainda tinha um oco no peito, uma dor vazia de saudade de Elena, mas se sentia melhor do que no dia em que ela saiu sozinha pela porta. Esta noite, percebeu com um leve choque, ele se *divertira* com Damon.

— Ah, eu sou um terror — concordou Damon alegremente, embolsando todo o dinheiro. Stefan ergueu uma sobrancelha para ele. Não se importava

com o dinheiro, mas era típico de Damon supor que era todo dele. Damon deu um risinho. — Que foi, maninho? Vou te pagar uma bebida.

— Esta foi demais! Sério! — Bonnie estava feliz, pulando de mãos dadas com Zander. — Eu sou tipo a Rainha da Moedinha. Quem diria que eu tinha esse talento oculto?

Rindo, Zander lançou o braço sobre os ombros dela puxando-a para mais perto.

— Você é mesmo incrível — concordou ele. — Jogos de bebida, visões, astrologia. Alguma outra habilidade que eu deva conhecer?

Aninhando-se nele, Bonnie franziu a testa numa falsa concentração.

— Não me lembro de nada agora. Mas cuidado com minha excelência geral. — A camiseta dele era macia e gasta, e Bonnie inclinou um pouco a cabeça para pousar o rosto ali. — Que bom que nossos amigos se deram bem — disse ela. — Achei que Marcus e Meredith se entenderam de verdade, não foi? Não no sentido amoroso, nada disso, o que é bom, porque Meredith tem um namorado supersério, mas parecia que eles falavam a mesma língua secreta de atletas. Talvez a gente possa sair em grupo de novo um dia desses.

— É, Meredith e Marcus realmente se ligaram na malhação — concordou Zander, mas houve uma certa hesitação no tom que fez Bonnie parar e olhá-lo incisivamente.

— Não gosta de minhas amigas? — perguntou ela, magoada.

Ela, Meredith e Elena sempre tiveram o que chamavam em particular de “irmandade velociraptor”. Pise no calo de uma delas e as outras duas se aproximam para protegê-la. Zander *tinha* de gostar delas.

— Não, eu gostei muito — garantiu Zander. Hesitou, depois acrescentou: — Elena parecia meio... pouco à vontade. Talvez a gente não seja do tipo que ela goste.

Bonnie enrijeceu.

— Está chamando minha melhor amiga de esnobe? — perguntou.

Zander acariciou suas costas, tentando apaziguá-la.

— Mais ou menos. Quero dizer, ela *é legal*, mas meio esnobe. O tipo de esnobe mais tranquilo. Eu só quero que ela goste de mim.

— Ela não é esnobe. — Bonnie ficou indignada. — E, mesmo que fosse, teria motivos de sobra. Ela é linda, inteligente e uma das melhores amigas que já tive. Eu faria qualquer coisa por ela. E ela também faria qualquer coisa por mim. Então não importa que seja esnobe — concluiu, olhando feio para ele.

— Venha cá — disse Zander. Eles estavam perto do prédio de música, e ele a puxou para um canto iluminado, perto da porta da frente. — Senta aqui comigo? — pediu, acomodando-se nos degraus de tijolo e puxando a mão dela.

Bonnie se sentou, mas estava decidida a não se aninhar nele de novo. Em vez disso, manteve alguma distância entre os dois e encarou a noite com teimosia, o queixo firmemente cerrado.

— Escute, Bonnie — disse Zander, tirando uma longa mecha de cabelo ruivo de seus olhos. — Vou conhecer Elena melhor e sei que vou gostar dela. Farei com que ela goste de mim também. Sabe por que vou conhecê-la melhor?

— Não, por quê? — disse Bonnie, olhando para ele com relutância.

— Porque eu quero conhecer *você* melhor. Pretendo passar muito tempo com você, Bonnie McCullough. — Ele a cutucou gentilmente com o ombro, e Bonnie se derreteu.

Os olhos de Zander eram tão azuis, do azul que tem a manhã no primeiríssimo dia das férias de verão. Tinham inteligência e humor, com um leve toque de rebeldia. Ele se inclinou em direção a ela, e Bonnie tinha certeza de que ele estava prestes a beijá-la, enfim seu primeiro beijo.

Ela virou a cabeça para trás a fim de encontrar os lábios dele, de cílios fechados e palpitando.

Depois de um momento esperando o beijo que não veio, ela se sentou reta, abrindo os olhos. Zander olhava para além dela, para a escuridão do campus, de cenho franzido. Bonnie deu um pigarro.

— Oh — disse ele —, desculpe, Bonnie, eu me distraí por um minuto.

— Se *distraiu*? — ecoou Bonnie, indignada. — O que quer dizer com...

— Espere um minutinho. — Zander pôs um dedo sobre os lábios, calando-a.

— Ouviu alguma coisa? — perguntou Bonnie, um arrepio desconfortável subindo pelas costas.

Zander se levantou.

— Desculpe, acabo de me lembrar de uma coisa que preciso fazer. Te vejo depois, está bem? — Com um aceno desanimado, sem nem olhar para Bonnie, ele correu em direção à escuridão.

Bonnie ficou boquiaberta.

— Espere! — disse ela, levantando-se com dificuldade. — Vai me deixar aqui... — Zander tinha sumido — Sozinha? — terminou numa voz bem fraquinha.

Que ótimo. Bonnie foi para o meio da calçada, olhando em volta, e esperou um minuto para ver se havia algum sinal de que Zander voltaria. Mas não havia ninguém à vista. Ela nem ouvia mais os passos dele.

Havia poças de luz sob os postes na calçada, mas não iam muito longe. Uma brisa sacudiu as folhas das árvores no pátio, e Bonnie estremeceu. *Não tem sentido ficar aqui,* pensou, e começou a andar.

Nos primeiros passos até o alojamento, Bonnie estava com muita raiva, rubra e humilhada. Como Zander pôde ser tão egoísta? Como pôde deixá-la inteiramente só no meio da noite, especialmente depois de todos os ataques e desaparecimentos no campus? Ela chutou com raiva uma pedrinha no caminho.

Alguns passos além, a raiva de Bonnie cessou. Estava com muito medo, e o medo expulsava a raiva. Ela devia ter voltado ao alojamento com Meredith e Elena, mas garantiu às duas, alegremente, que Zander a levaria de volta. Como ele pôde deixá-la? Ela se abraçou com força e continuou com a maior rapidez possível sem realmente correr, os sapatos idiotas de salto alto vamos-dançar machucando e fazendo os calcanhares doerem.

Era bem tarde; a essa altura, a maioria dos moradores do campus devia estar enfiada na cama. O silêncio era inquietante.

Quando os passos atrás dela começaram a soar, ficou ainda pior.

No início, ela não tinha certeza se realmente estava ouvindo passos. Aos poucos, ficou consciente do bater fraco e rápido ao longe, alguém se movendo com leveza e velocidade. Ela parou e escutou, e os passos ficaram mais altos e mais velozes ainda.

Alguém corria na direção dela.

Bonnie acelerou, tropeçando, na pressa. Seus sapatos escorregaram numa pedra solta na calçada e ela caiu, escorando-se nas mãos e num joelho. O impacto foi forte o suficiente para provocar lágrimas, mas ela tirou os

sapatos, sem se importar de deixá-los para trás. Levantou-se, atrapalhada, e correu ainda mais rápido.

Os passos de seu perseguidor agora soavam com mais clareza, e começavam a alcançá-la. O ritmo era estranho: passos periódicos e altos com batidas mais rápidas e mais leves entre eles. Bonnie percebeu com horror que havia mais de uma pessoa em seu encalço.

Seu pé escorregou de novo. Ela mal conseguiu manter o equilíbrio, cambaleando de lado alguns passos para não cair, perdendo mais terreno.

A mão pesada pousou no ombro de Bonnie, que gritou e girou o corpo, os punhos erguidos numa tentativa desesperada de se defender.

— Bonnie! — Meredith ofegou, segurando Bonnie pelos ombros. — O que está fazendo aqui fora sozinha? — Samantha apareceu ao lado delas, carregando os sapatos de Bonnie até que se recurvou, arfando.

— Você é rápida demais para mim, Meredith — disse ela.

Bonnie engoliu o choro de alívio. Agora que estava segura, teve vontade de se sentar e ter uma crise histérica.

— Você me assustou — disse ela.

Meredith parecia furiosa.

— Lembra que prometemos ficar juntas? — Os olhos cinzentos de Meredith estavam coléricos. — Você devia ter ficado com Zander até chegar em casa.

Bonnie, prestes a responder acaloradamente que não foi opção *dela* ficar ali fora sozinha, de repente fechou a boca e assentiu.

Se Meredith soubesse que Zander tinha deixado Bonnie sozinha, ela nunca, jamais o perdoaria. E Bonnie estava chateada por Zander tê-la abandonado, mas não o bastante para voltar Meredith contra ele. Talvez houvesse uma explicação. E ela ainda queria aquele beijo.

— Desculpe — disse Bonnie, resignada, olhando para os próprios pés. — Tem razão, eu devia ter feito isso.

Amolecida, Meredith passou o braço pelos ombros de Bonnie. Samantha entregou-lhe os sapatos em silêncio, e Bonnie os calçou.

— Vamos levar Samantha ao alojamento dela e depois iremos para casa juntas. — Meredith a perdoava. — Você vai ficar bem conosco.

Ao virar o corredor para o quarto, Elena arriou e se encostou na parede por um momento. Tinha sido uma noite muito longa. Teve bebida e dança com o imenso Spencer de cabelo desgrehado que, como Samantha a avisara, tentou pegar Elena e rodá-la.

As coisas ficaram ruidosas e se exacerbaram, mas o tempo todo seu coração doía. Ela não sabia se queria andar pelo mundo sem Stefan. *É só por enquanto*, disse a si mesma, endireitando-se e seguindo pelo canto.

— Olá, princesa — disse Damon. Elena enrijeceu, assustada.

Recostado no chão na frente do quarto dela, Damon de algum modo conseguia ficar elegante e com postura perfeita no que teria sido uma posição estranha para qualquer outro. Enquanto se recuperava do choque da presença dele ali, Elena se surpreendeu com a explosão de alegria que subiu por seu peito ao vê-lo.

Tentando ignorar aquele pulinho de felicidade interior, ela disse friamente:

— Eu já falei que não quero ver você por um tempo, Damon.

Ele deu de ombros e se levantou com graça.

— Querida, não estou aqui para pedir sua mão. — Seus olhos se demoraram na boca de Elena por um instante, mas ele continuou num tom seco e distante: — Só estou checando se você e a ruivinha estão bem,

certificando-me de que não desapareceram com a coisa desagradável que está acontecendo neste campus.

— Estamos ótimas — disse Elena rispidamente. — Estou aqui, e o namorado novo de Bonnie a está trazendo para casa.

— Namorado novo? — Damon ergueu uma sobrancelha. Ele sempre, de algum modo, tivera uma ligação com Bonnie. Elena sabia disso, e imaginou que o ego dele não deve ter ficado empolgado por ela ter superado a paixãoite que concentrava em Damon. — E como você veio para casa? — perguntou Damon com acidez. — Notei que não arrumou um namorado novo para protegê-la. Ainda não, pelo menos.

Elena corou e mordeu o lábio, recusando-se a pegar a isca.

— Meredith acabou de sair para patrulhar o campus. Vejo que você não perguntou dela. Não quer saber se ela está em segurança?

Damon bufou.

— Tenho pena de qualquer demônio que vá atrás dessa aí — disse ele, demonstrando mais admiração do que qualquer outra coisa. — Posso entrar? Note que estou sendo educado novamente, esperando você *aqui* neste corredor sujo em vez de confortavelmente em sua cama.

— Pode entrar por um minuto — respondeu Elena de má vontade, abrindo a bolsa para procurar a chave.

Oh. Ela sentiu uma onda repentina de mágoa. No topo da bolsa, agora amassada e murcha, estava a margarida que tinha encontrado em sua porta no início da noite. Ela a tocou com gentileza, relutando em empurrá-la de lado na busca pela chave.

— Uma margarida — disse Damon com secura. — Que amor. Mas você não parece ter cuidado bem dela.

Ignorando-o de propósito, Elena pegou a chave e fechou a bolsa.

— Então você acha que os desaparecimentos e ataques se devem a demônios? Quer dizer algo sobrenatural? — perguntou ela, destrancando a porta. — O que você descobriu, Damon?

Dando de ombros, Damon a seguiu até o quarto.

— Nada — respondeu ele num tom implacável. — Mas não acho que os alunos desaparecidos tenham simplesmente surtado e voltado para casa, ou ido para Daytona Beach ou coisa assim. Acho que você precisa ter cuidado.

Elena se sentou na cama, puxou os joelhos para cima e pousou o queixo ali.

— Você usou seu Poder para tentar entender o que está havendo? Meredith disse que ia pedir isso a você.

Damon se sentou ao lado dela e suspirou.

— Amada, por menos que eu goste de admitir, até meu Poder tem limites. Se alguém for mais forte que eu, como Klaus era, pode se esconder. Se alguém é muito mais fraco, em geral não causa impressão suficiente para que eu o encontre, a não ser que eu já saiba quem é. E por um motivo ridículo — ele fechou a cara —, jamais consigo sentir os lobisomens.

— Então não pode ajudar? — indagou Elena, desanimada.

— Ah, eu não disse isso — respondeu Damon, e tocou uma mecha solta do cabelo dourado de Elena com um dedo. — Lindo — disse ele distraidamente. — Gosto do seu cabelo assim, preso para trás. — Ela se afastou, e ele baixou a mão. — Estou tentando — continuou Damon com os olhos brilhando. — Não tenho uma boa caçada há muito tempo.

Elena não sabia se devia achar isso reconfortante, mas achou, de um jeito meio assustador.

— Quer dizer que você vai ser incansável? — Ela foi tomada de um leve arrepio e ele assentiu, os longos cílios pretos velando um pouco os olhos.

Ela estava com muito sono, e mais feliz agora que vira Damon, embora soubesse que não devia tê-lo deixado entrar. Também sentia falta dele.

— É melhor você ir — disse ela, bocejando. — Conte-me o que descobrir.

Damon se levantou, hesitando na ponta da cama.

— Não gosto de deixar você sozinha aqui — ponderou ele. — Não com tudo que está acontecendo. Onde estão aquelas suas amigas?

— Vão chegar logo — disse Elena. Algo generoso nela a fez acrescentar: — Mas, se está tão preocupado, pode dormir aqui, se quiser. — Sentia falta dele, de verdade, e ele era um perfeito cavalheiro. Precisava admitir: sentia-se mais segura com Damon por perto.

— Posso? — Damon arqueou uma sobrancelha irônica.

— No chão — respondeu Elena com firmeza. — Sei que Bonnie e Meredith também ficarão felizes com sua proteção. — Era mentira. Embora Bonnie pudesse ficar empolgada ao vê-lo, havia uma boa chance de Meredith chutá-lo de propósito ao atravessar o quarto. Ela até podia usar botas pontudas especiais para isso.

Elena se levantou e pegou um cobertor no armário para ele, depois foi escovar os dentes e se trocar. Quando voltou, já pronta para dormir, ele estava deitado no chão, enrolado no cobertor. Os olhos de Damon se demoraram por um minuto na curva do pescoço de Elena, descendo para a camisola de renda branca, mas ele não disse nada.

Ela subiu na cama e apagou a luz.

— Boa noite, Damon — disse ela.

Houve uma leve agitação no ar. De repente, ele sussurrou suavemente em seu ouvido:

— Boa noite, princesa. — Lábios frios roçaram seu rosto e se foram.

Ao acordar na manhã seguinte, Elena descobriu que Damon havia ido embora, o cobertor bem dobrado ao pé da cama. Meredith se vestia para o treino da manhã, de olhos sonolentos e em silêncio, e se limitou a assentir quando Elena passou por ela; Elena aprendera há muito tempo que Meredith era inútil para conversar antes de ter tomado a primeira xícara de café. Bonnie, que só tinha aulas à tarde, era um montinho sob as cobertas.

Certamente Meredith teria dito alguma coisa se tivesse notado Damon no chão, pensou Elena ao passar no refeitório para pegar um muffin antes da aula. Talvez Damon nem tenha ficado. Elena mordeu o lábio ao pensar naquilo, chutando pedrinhas a caminho da aula. Imaginara que ele ficaria, que ele queria mantê-la em segurança. Seria certo ela *gostar* disso e sentir mais do que uma pontada de mágoa por ele ter ido embora?

Não *queria* que Damon fosse apaixonado por ela, queria? Não era parte do motivo para ela colocar o namoro com Stefan em suspenso? Para que ela e Damon pudessem tirar um ao outro da mente? Mas...

Eu sou uma pessoa horrível, percebeu ela.

A reflexão sobre seu caráter durou todo o caminho até a aula de história do Sul, e ela rabiscava tristemente no caderno quando o professor Campbell — James — entrou. Dando um pigarro alto, ele se dirigiu à frente da sala, e

Elena relutantemente desviou a atenção dos próprios problemas para se concentrar nele.

James parecia diferente. Inseguro, percebeu Elena. Seus olhos não brilhavam como de costume, e ele de alguma forma parecia menor.

— Houve outro desaparecimento — falou em voz baixa. Surgiu um tagarelar ansioso pelo resto da turma, e ele ergueu a mão. — Desta vez a vítima... e acho que a esta altura podemos dizer que estamos falando de vítimas, e não de alunos que simplesmente saem do campus... infelizmente é aluna desta turma. Courtney Brooks está desaparecida; foi vista pela última vez voltando para seu alojamento depois de uma festa na noite passada.

Percorrendo a sala com os olhos, Elena tentou se lembrar de quem era Courtney Brooks. Uma menina alta e calada com cabelo cor de caramelo, pensou ela, e viu seu lugar vazio.

James levantou a mão novamente para aquietar o clamor crescente de vozes amedrontadas e emocionadas.

— Por este motivo — disse ele devagar —, creio que hoje devemos adiar a continuação de nossa discussão sobre o período colonial para eu lhes contar um pouco sobre a história da Dalcrest College. — Ele olhou para os rostos confusos da turma. — Entendam que esta não é a primeira vez que coisas incomuns acontecem no campus.

Elena franziu a testa e, observando os colegas de turma, viu que sua confusão se espelhava em outros rostos.

— A Dalcrest, como muitos de vocês sem dúvida sabem, foi fundada em 1889 por Simon Dalcrest com o objetivo de proporcionar educação aos filhos ricos da aristocracia sulista pós-guerra. Ele dizia querer que a Dalcrest fosse considerada a “Harvard do Sul”, e que ele e sua família estivessem na vanguarda do intelectualismo e do conhecimento acadêmico no novo século

que logo chegaria. Isso é descrito com frequência nas histórias oficiais do campus.

“Mas é menos notório que as esperanças de Simon se frustraram em 1895, quando seu filho rebelde de 20 anos, William Dalcrest, foi encontrado morto com outros três nos túneis sob a universidade, no que pareceu um pacto de suicídio. Alguns objetos e símbolos encontrados nos túneis com os corpos sugeriam ligações com magia negra. Dois anos depois, a esposa de Simon, Julia Dalcrest, foi brutalmente assassinada no lugar que agora é a reitoria; o mistério que cercou sua morte nunca foi esclarecido.”

Elena olhou para os colegas. Será que eles sabiam disso? Os folhetos da universidade mencionavam quando foi fundada e por quê, mas nada sobre suicídios e assassinatos. *Túneis sob a universidade?*

— Julia Dalcrest é uma entre pelo menos três fantasmas que os boatos dizem assombrar o campus. Os outros fantasmas são de uma menina de 17 anos que se afogou, novamente em circunstâncias misteriosas, quando veio ao campus para um baile de fim de semana em 1929. Dizem que ela vaga gemendo pelos corredores da McClellan House, deixando poças de água no caminho. O terceiro é um rapaz de 21 anos que desapareceu em 1953, cujo corpo foi encontrado três anos depois no porão da biblioteca. Conta-se que o fantasma dele é visto entrando e saindo das salas da biblioteca, correndo e olhando para trás, apavorado, como se alguém o perseguisse.

“Há também boatos de várias outras ocorrências misteriosas: um aluno desapareceu em 1963 por quatro dias e reapareceu, dizendo ter sido sequestrado por *elfos*.”

Um riso nervoso correu pela turma, e James agitou um dedo, reprovando a plateia. Ele parecia estar se empertigando, se inflando como fazia quando estava sob a influência da atenção da turma.

— A questão — disse ele — é que a Dalcrest é um lugar incomum. Tirando elfos e fantasmas, há uma pletora de ocorrências incomuns documentadas, e brotam boatos e lendas pelo campus a cada ano. Mortes misteriosas. Sociedades secretas. Histórias de monstros. — Ele fez uma pausa dramática e olhou a turma. — Peço a vocês: não façam parte da lenda. Sejam inteligentes, fiquem em segurança e andem juntos. Turma dispensada.

Os alunos se olharam, inquietos, assustados com a súbita dispensa quando ainda restava mais de meia hora de aula. Apesar disso, começaram a pegar seus pertences e sair da sala em grupos de dois ou três.

Elena pegou a bolsa e correu para a frente da sala.

— Professor — disse ela. — *James*.

— Ah, Elena — falou James. — Espero que tenha prestado atenção hoje. É importante que vocês, meninas, estejam atentas. Os meninos também, na verdade. O que afeta este campus não parece discriminar. — De perto, ele parecia pálido e preocupado, mais velho do que no início do semestre.

— Fiquei muito interessada no que disse sobre a história da Dalcrest — disse Elena. — Mas você não falou do que está acontecendo *agora*. O que acha que está havendo?

O rosto do professor Campbell se vincou em rugas ainda mais amargas, e seus olhos brilhantes não se fixaram nela.

— Bem, minha cara, é difícil dizer. Sim, muito difícil. — Ele lambeu os lábios, nervoso. — Passei muito tempo nesta universidade, sabe, anos e anos. A esta altura, não há muitas coisas nas quais eu não acreditaria. Mas eu simplesmente não sei — disse ele baixinho, como se falasse consigo mesmo.

— Tem outra coisa que quero lhe perguntar — continuou Elena, e ele a olhou atentamente. — Fui ver a foto sobre a qual me falou. Aquela de você

com meus pais quando eram alunos daqui. Todos usavam o mesmo broche na foto. Era azul e tinha a forma de um V.

Ela estava perto o bastante de James para sentir que todo o corpo dele foi tomado por um solavanco de surpresa. Seu rosto perdeu o caráter amargo e pensativo, ficando inexpressivo.

— Ah, é? Nem imagino o que seja. Deve ser algo que Elizabeth fez. Ela sempre foi muito criativa. Agora, minha cara, eu preciso mesmo correr. — Ele passou por Elena e escapuliu, saindo às pressas da sala, apesar de outros alunos tentarem detê-lo com perguntas.

Elena o observou sair, sentindo as próprias sobrancelhas se erguerem de surpresa. James sabia mais do que dizia, isso era certo. Se ele não queria contar — e ela não ia desistir dele ainda —, ela descobriria de outra maneira. Aqueles broches tinham significado; a reação dele provava isso.

Que mistério podia estar ligado a um broche? James tinha dito algo sobre *sociedades secretas*?

— Depois da morte de meus pais — disse Samantha a Meredith —, fui morar com minha tia. Ela também vinha de uma família de caçadores, mas não sabia nada sobre isso. Parecia que nem queria saber. Continuei fazendo artes marciais e tudo que podia aprender sozinha, mas não tinha com quem treinar.

Meredith lançou a luz da lanterna nos arbustos escuros sobre o prédio de música e agitou o facho. Nada para ver, a não ser plantas.

— Você fez um bom trabalho treinando a si mesma — disse ela a Samantha. — Você é inteligente, forte e cautelosa. Só precisa confiar em seus instintos.

Foi ideia de Samantha patrulhar o campus juntas depois do poente, verificar os lugares onde a menina desaparecida, Courtney, tinha sido vista

pela última vez, para ver se descobriam alguma coisa.

Meredith tinha se sentido poderosa no início da noite, pronta para a luta, com sua irmã caçadora ao lado. Mas agora, embora fosse interessante patrulhar com Samantha, ver a vida de caçadora pelos olhos dela começava a fazer parecer que elas só estavam andando a esmo.

— A polícia achou o suéter dela em algum lugar por aqui — disse Samantha. — A gente devia procurar pistas.

— Tudo bem. — Meredith se conteve para não dizer que a polícia já dera uma busca ali com cães, procurando pistas, e havia uma boa chance de elas não acharem nada. Ela passou a lanterna pela grama e pela calçada. — Talvez seja melhor fazer isto durante o dia, quando podemos enxergar melhor.

— Acho que tem razão — disse Samantha, apagando a lanterna. — Mas é bom sair à noite, não acha? Quando estamos patrulhando, podemos proteger as pessoas. Evitar que as coisas saiam de controle. Levamos Bonnie para casa ontem à noite e a mantivemos segura.

Meredith sentiu uma palpitação de ansiedade. E se elas *não tivessem* aparecido? Será que Bonnie teria desaparecido no lugar de Courtney?

Samantha olhou para Meredith, com um sorrisinho repuxando os cantos da boca.

— É nosso destino, não é? Nascemos para isso.

Meredith sorriu para ela, esquecendo-se da ansiedade momentânea. Adorava o entusiasmo de Samantha pela caça, sua luta constante para melhorar, para combater as trevas.

— Nosso destino — concordou ela.

Do outro lado do pátio, alguém gritou.

Entrando em ação sem pensar, Meredith desatou a correr. Samantha estava alguns passos atrás, já lutando para acompanhá-la. *Ela precisa*

trabalhar a velocidade, comentou friamente a parte de Meredith que sempre tomava notas.

O grito, estridente e assustado, voltou, um pouco à esquerda. Meredith mudou de rumo e disparou para lá.

Onde? Ela agora estava perto, mas não conseguia enxergar nada. Passou o facho da lanterna pelo chão, procurando.

Ali. No chão ali perto havia duas figuras prostradas, uma prendendo a outra no chão.

Todos ficaram parados por um momento, e Meredith correu em direção a eles, gritando “Pare! Saia daí! Saia!” e, um segundo depois, a figura que estivera prendendo a outra se levantou e correu para a escuridão.

Capuz preto, jeans preto, disse calmamente a tomadora de notas. *Não dá para saber se é homem ou mulher.*

Quem estivera preso era uma menina, e ela se encolheu e gritou quando Meredith passou correndo por ela, sem poder parar. Samantha vinha atrás, então podia ajudar a menina. Meredith tinha de pegar a figura em fuga. Suas longas passadas voavam pelo chão, mas ela não era rápida o suficiente.

Embora estivesse na maior velocidade possível, a pessoa de preto era mais rápida. Houve um vislumbre de palidez quando a criatura olhou para trás e se fundiu na escuridão. Meredith correu, procurando, mas não havia nada para ser encontrado.

Por fim, ela parou. Arquejando, tentando recuperar o fôlego, correu o facho da lanterna pelo chão, procurando alguma pista. Nem acreditava que tinha fracassado, que deixara o agressor escapar.

Nada. Nenhum vestígio. Elas chegaram *tão perto* e ainda assim ela só sabia que a pessoa que atacara a menina usava roupa preta e corria com uma velocidade insana. Meredith xingou e chutou o chão, depois se recompôs.

Aproximando-se da calma, ela voltou até a vítima. Enquanto Meredith perseguia o agressor, Samantha ajudara a menina a se levantar, e agora ela estava aninhada à lateral de Samantha, enxugando os olhos com um lenço.

Meneando a cabeça para Meredith, Samantha falou:

— Ela não viu nada. Acha que era um homem, mas não viu o rosto.

Meredith cerrou os punhos.

— Droga. Também não vi nada. Ele foi rápido demais... — Sua voz falhou enquanto lhe ocorria uma ideia.

— O que foi? — perguntou Samantha.

— Nada — disse Meredith. — Ele escapou. — Mentalmente, ela repassou o vislumbre momentâneo de um cabelo claro enquanto o agressor olhava para ela. Aquele tom; ela o vira em algum lugar recentemente.

Ela se lembrou de Zander, com o rosto virado para Bonnie. O cabelo louro-claro era do mesmo tom incomum, mas isso não era o bastante para investigá-lo, nem para contar a alguém. Uma impressão momentânea de cor não significava nada. Meredith afastou a ideia, mas, ao olhar para a escuridão novamente, ela se abraçou, sentindo um frio repentino.

Ninguém mentia para Elena Gilbert e se safava.

Ela andou decidida pela calçada até a biblioteca, a indignação mantendo a cabeça erguida e os passos rápidos. Então James achava que podia fingir que não se lembrava de nada sobre aqueles broches em forma de V? Pelo modo como seus olhos tinham se desviado dos dela e o leve rubor havia aparecido em suas bochechas gorduchas, era óbvio que existia alguma coisa ali, algo secreto sobre ele e seus pais que James não queria contar a ela.

Se ele não ia contar, ela descobriria sozinha. A biblioteca parecia o lugar lógico para começar.

— Elena — chamou uma voz, e ela parou. Estava tão concentrada em sua missão que quase tinha passado direto por Damon, recostado numa árvore em frente à biblioteca. Ele sorriu com uma expressão inocentemente curiosa, as pernas compridas estendidas.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ela abruptamente. Era tão *estranho* vê-lo à luz do dia no campus, como se ele fizesse parte de uma foto sobreposta a outra. Ele não pertencia a esta parte de sua vida, a não ser que ela própria o trouxesse.

— Curtindo o sol — disse Damon secamente. — E o cenário. — Seu gesto abrangia as árvores e os prédios do campus, bem como um grupo de

meninas bonitas que riam do outro lado da calçada. — E o que *você* está fazendo aqui?

— Eu estudo nesta universidade — respondeu Elena. — Não é esquisito que *eu* ande pela biblioteca. Entendeu meu argumento?

Damon riu.

— Descobriu meu segredo, Elena — disse ele, levantando-se. — Eu esperava ver você. Ou uma de suas amiguinhas. Fiquei tão solitário que até o seu Mutt seria uma distração bem-vinda.

— É mesmo? — perguntou ela.

Ele lhe lançou um olhar irônico com os olhos pretos.

— Claro que eu sempre quero ver você, princesa. Mas estou aqui por outro motivo. Eu devia investigar os desaparecimentos, lembra? Então tenho de passar algum tempo no campus.

— Ah. Tudo bem. — Elena pensou nas alternativas.

Oficialmente, ela não devia ficar perto de Damon de maneira nenhuma. Os termos de seu rompimento (ou o *tempo* , ela se corrigiu) com Stefan eram de que ela não veria nenhum dos irmãos Salvatore, não até que eles resolvessem seus problemas e essa *coisa* entre os três tivesse tempo de esfriar. Mas ela já violara isso deixando Damon dormir no chão de seu quarto, uma concessão muito maior do que ir à biblioteca juntos.

— E o que você veio fazer aqui? — perguntou Damon. — Alguma coisa que eu possa ajudar?

Na verdade, uma ida à biblioteca devia ser bem inocente. Elena se decidiu. Ela e Damon deviam ser *amigos* , afinal.

— Estou tentando descobrir uma informação sobre meus pais — disse ela. — Quer me ajudar?

— Certamente, minha linda — respondeu Damon, pegando sua mão. Elena sentiu um leve desconforto. Mas os dedos dele eram tranquilizadores

e firmes, e ela deixou a hesitação de lado.

A velha bibliotecária de tênis encarregada da sala do arquivo explicou como procurar no banco de dados dos registros da universidade, e colocou Damon e Elena num computador no canto.

— Ai — disse Damon, cutucando desdenhosamente uma tecla. — Não ligo para computadores, mas os livros e imagens deviam ser *reais*, e não estar em uma *máquina*.

— Mas assim todo mundo pode ver — argumentou Elena com paciência.

Ela já havia tido uma conversa dessas com Stefan. Podia parecer que os irmãos Salvatore tinham idade universitária, mas havia algumas coisas no mundo moderno com que eles não se entendiam.

Elena clicou na seção de fotos do banco de dados e digitou o nome da mãe. Elizabeth Morrow.

— Olhe, tem um monte de fotos. — Ela passou os olhos, procurando a que tinha visto pendurada na parede. Viu muitas fotos de elenco e da equipe técnica de várias produções teatrais. James disse a ela que a mãe era uma estrela do figurino e do cenário, mas parecia que ela também havia encenado algumas produções. Em uma, a mãe de Elena dançava com a cabeça jogada para trás, o cabelo voando para todo lado.

— Ela era parecida com você. — Damon contemplava a foto, a cabeça inclinada, os olhos escuros atentos. — Mais suave aqui, porém, perto da boca — fez um gesto com o dedo longo —, e o rosto dela é mais inocente que o seu. — Sua boca se torceu, irônica, e ele lançou um olhar de soslaio para Elena. — Uma garota mais gentil que você, eu diria.

— Eu sou gentil — disse Elena, magoada, e rapidamente clicou para encontrar a foto que procurava.

— Você é inteligente demais para ser *gentil*, Elena — comentou Damon, mas ela mal o ouvia.

— Aqui está — disse ela.

A foto era exatamente como se lembrava: James e os pais sob uma árvore, fervorosos e incrivelmente jovens. Elena deu um zoom na imagem, focalizando no broche na camisa do pai. Definitivamente era um V. Era azul, bem escuro, ela agora podia ver, o mesmo tom dos anéis de lápis-lazúli que Damon e Stefan usavam para se proteger do sol.

— Já vi esses broches — falou Damon abruptamente. Ele franziu a testa.
— Mas não me lembro onde. Desculpe.

— Viu recentemente? — perguntou Elena, mas Damon só deu de ombros. — James disse que minha mãe fez para eles — disse ela, dando um zoom maior para ver na tela apenas a imagem granulada do V. — Mas não acredito nele. Ela não fazia joias, não era disso que gostava. E não parece feito à mão, a não ser que tenha sido feito por um joalheiro. Acho que tem esmalte no V. — Ela digitou V no motor de busca, mas não conseguiu nada.
— Eu queria saber o que significa.

Com outro gracioso dar de um ombro só, Damon pegou o mouse a fim de ampliar e reduzir diferentes partes da foto. Atrás deles, a bibliotecária baixou um livro com ruído e Elena a olhou, descobrindo que os olhos da mulher estavam fixos neles com uma intensidade desconcertante. A boca da mulher se estreitou quando seus olhos pousaram nos de Elena e ela virou o rosto, andando um pouco mais pelo corredor. No entanto, Elena ficou com a sensação arrepiante de que a bibliotecária ainda os observava e ouvia.

Ela se virou para cochichar algo a Damon sobre aquilo, mas foi apanhada novamente pelo caráter inesperado dele, da presença dele *ali*. Damon não combinava com a monotonia e a estação de computador comum da biblioteca — era como encontrar um animal selvagem enroscado em sua mesa. Como um anjo negro preparando aveia em sua cozinha.

Será que ela já o havia visto sob luzes fluorescentes? Algo na iluminação realçava a palidez de sua pele, lançando sombras longas pelas maçãs do rosto e caindo sem reflexo no veludo preto de seu cabelo e dos olhos. Alguns botões da camisa estavam abertos, e Elena se viu quase hipnotizada pelo movimento sutil dos músculos longos do pescoço e dos ombros.

— O que seria a Vital Society? — perguntou ele de repente, arrancando-a de seus devaneios.

— O quê? — perguntou ela, confusa. — Do que está falando?

Damon clicou o mouse e alterou o zoom, focalizando desta vez no caderno ao colo da mãe de Elena. As mãos da mulher — lindas, Elena percebeu, mais que as dela, que tinham o dedo mínimo ligeiramente torto — estavam sobre o livro aberto, mas, entre os dedos, Elena podia ler: *Vital Society*.

— Imagino que seja isso que queira dizer — disse Damon, dando de ombros. — Já que você está procurando alguma coisa que começa com V. É claro que pode significar outra coisa. Vital Socially, talvez? Sua mãe era uma abelha-rainha social, como você?

Elena ignorou a pergunta.

— A Vitale Society — disse ela lentamente. — Sempre achei que fosse um mito.

— *Deixem a Vitale Society em paz.* — O silvo veio de trás deles, e Elena virou o corpo de repente.

A bibliotecária pareceu curiosamente impressionante emoldurada pelas estantes, apesar dos tênis e do suéter de tom pastel. Seu rosto de falcão estava tenso e concentrado em Elena, o corpo alto e, Elena sentiu instintivamente, ameaçador.

— O que quer dizer? — perguntou Elena. — Sabe alguma coisa sobre eles?

Confrontada com uma pergunta direta, a mulher pareceu encolher da figura quase ameaçadora que assumira um segundo antes para uma velha comum e um tanto agitada.

— Não sei de nada — murmurou ela, fechando a cara. — Só o que posso dizer é que não é seguro mexer com os Vitale. Coisas acontecem perto deles. Mesmo que você tenha cuidado. — E começou a empurrar o carrinho para longe.

— Espere! — Elena ergueu-se um pouco. — Que tipo de coisas? — No que os pais dela estavam envolvidos? Eles não teriam feito nada de *errado*, teriam? Não os pais de Elena. Mas a bibliotecária só acelerou o passo, as rodas do carrinho guinchando ao contornar a esquina de outro corredor.

Damon soltou um riso baixo.

— Ela não vai te contar nada — disse, e Elena olhou feio para ele. — Ela não sabe de nada ou tem medo demais de dizer o que *sabe*.

— Isso não ajuda em nada, Damon — falou Elena rigidamente. Ela apertou os dedos contra as têmporas. — O que vamos fazer agora?

— Procurar a Vitale Society, é claro — respondeu Damon. Elena abriu a boca para protestar, mas Damon a calou, arrastando um dedo frio por sua boca. O toque era macio em seus lábios, e ela levantou um pouco a mão em direção a eles. — Não se preocupe com o que uma velha tola tem a dizer — disse Damon. — Mas, se realmente quiser descobrir os segredos dessa sociedade, precisamos procurar em outro lugar, não na biblioteca.

Ele se levantou e estendeu a mão.

— Vamos?

Elena assentiu e pegou a mão dele. Quando se tratava de descobrir segredos, de cavar o que as pessoas queriam manter escondido, ela sabia que podia depositar sua fé em Damon.

* * *

— Atenda, Zander — murmurou Bonnie ao telefone.

O toque parou, e uma voz mecânica informou que ela podia deixar um recado na caixa postal. Bonnie desligou. Já deixara alguns recados, e não queria que Zander a achasse uma maluca ou mais sem noção do que ele inevitavelmente pensaria quando visse sua lista de chamadas não atendidas.

Bonnie tinha certeza absoluta de que ia passar pelas cinco Fases do Abandono. Quase havia acabado a Negação, onde estava convencida de que algo acontecera com ele, e passava rapidamente à Raiva. Mais tarde, ela sabia, resvalaria na Negociação, na Depressão e, por fim (assim ela esperava), na Aceitação.

Ao que parecia, suas aulas de psicologia já lhe serviam de alguma coisa.

Já fazia *dias* desde que ele tinha saído correndo abruptamente, deixando-a sozinha na frente do prédio de música. Quando ela descobriu que uma menina desapareceu na mesma noite, no início ficou com raiva e medo por si mesma. Zander a deixara só. E se a desaparecida fosse *Bonnie*? Depois começou a se preocupar com Zander, a ter medo de que ele estivesse com problemas. Ele parecia tão meigo e tão a fim dela que era quase impossível acreditar que simplesmente a estivesse evitando assim, tão de repente.

Os amigos dele não teriam soado o alarme se Zander também tivesse sumido? E, quando pensou nisso, Bonnie percebeu que não sabia como entrar em contato com nenhum daqueles garotos; não os via pelo campus desde aquela noite.

Bonnie olhou o telefone enquanto novos filetes de preocupação cresciam e se retorciam dentro dela. Na realidade, sentia muita dificuldade para avançar à Raiva quando ainda não tinha certeza de que ele estava seguro.

O telefone tocou.

Zander. Era *Zander*.

Bonnie pegou o celular.

— Onde você se meteu? — exigiu saber, com a voz trêmula.

Houve uma longa pausa do outro lado da linha. Bonnie quase estava desligando quando Zander finalmente falou.

— Desculpe — disse ele. — Eu não pretendia te assustar. Surgiu um problema de família, e tive que perder contato. Agora voltei.

Bonnie sabia que Elena ou Meredith teriam dito algo curto e grosseiro, para que Zander soubesse exatamente como não gostavam de ser esquecidas, mas ela não conseguiu fazer isso. Zander parecia nervoso e cansado, e sua voz saiu entrecortada quando ele pediu desculpas, levando-a a querer perdoá-lo.

— Você me deixou sozinha na rua — disse ela suavemente. — Uma menina desapareceu naquela noite.

Zander suspirou, um som triste e longo.

— Desculpe — disse ele de novo. — Foi uma coisa horrível de se fazer. Mas eu sabia que você ficaria bem. Precisa acreditar nisso. Eu não teria deixado você em perigo.

— Como? — perguntou ela. — Como poderia saber?

— Confie em mim, Bonnie. Não posso explicar agora, mas você não corria perigo naquela noite. Vou lhe contar quando puder, está bem?

Bonnie fechou os olhos e mordeu o lábio. Elena e Meredith nunca se conformariam com uma explicação dessas, ela sabia. Nem mesmo meia explicação, só um pedido de desculpas e uma evasiva. Mas ela não era parecida com as duas, e Zander parecia sincero, tão desesperado para que ela acreditasse nele. Era decisão dela, Bonnie sabia: confiar nele ou deixá-lo partir.

— Tudo bem. Tudo bem, eu acredito em você.

Zander soltou outro suspiro, porém desta vez mais de alívio.

— Vou compensá-la — disse ele. — Por favor. Que tal se eu levar você para sair este fim de semana, a qualquer lugar que queira ir?

Bonnie hesitou, mas estava começando a sorrir, mesmo contra a vontade.

— Tem uma festa no alojamento de Samantha no sábado — disse ela. — Quer me encontrar lá às nove?

— Tem alguma coisa peculiar acontecendo na biblioteca — disse Damon, e Stefan se sobressaltou com o aparecimento repentino do irmão.

— Não vi você aí — falou em voz baixa, olhando para a sacada escura na qual Damon se recostava.

— Acabei de pousar. — Damon sorriu. — Literalmente. Estive voando sobre o campus, dando uma olhada nas coisas. É uma sensação maravilhosa, cavalgar na brisa enquanto o sol se põe. Você devia experimentar.

Stefan assentiu, mantendo a expressão neutra. Os dois sabiam que uma das poucas coisas que Stefan invejava em Damon era sua capacidade de se transformar numa ave. Mas não valia a pena — ele teria de beber sangue humano regularmente para ter um Poder tão forte.

O rosto de Elena surgiu na sua mente, e ele afastou a imagem. Ela era sua salvação, aquela que o ligava ao mundo dos humanos, que o impedia de afundar nas trevas. Acreditar que sua separação era apenas temporária era o que o fazia continuar.

— Não sente falta de Elena? — perguntou Stefan, e o rosto de Damon se fechou imediatamente, tornando-se duro e vago.

Stefan suspirou demoradamente. Claro que Damon não sentia falta de Elena, porque ele sem dúvida a estava vendo o tempo todo. Ele *sabia* que Damon não obedecia a regras.

— Qual é o problema? — perguntou Damon. Sua voz estava quase preocupada, e Stefan se perguntou o que o próprio rosto revelava para gerar esse tipo de reação em Damon. Ele provavelmente acabara de ver Elena.

— Às vezes eu sou um tolo — respondeu Stefan, seco. — O que você quer, Damon?

O irmão sorriu.

— Quero que faça um trabalho de detetive comigo, maninho. Na verdade, qualquer coisa é melhor do que ver essa testa franzida e rabugenta na sua cara.

Stefan deu de ombros.

— Por que não? — Stefan saltou da sacada com uma elegância perfeita, e Damon o seguiu rapidamente.

Enquanto o levava ao destino dos dois, Damon forneceu os detalhes a Stefan. Ou melhor, o cenário vago que Stefan podia montar pela explicação de Damon. Ele não era de revelar tudo. Só o que Stefan sabia era que uma pesquisa na biblioteca incitou um alerta vago de uma velha bibliotecária. Stefan riu intimamente da ideia de uma mulher frágil encarando Damon por causa de multas de empréstimo.

— O que você estava procurando? — Stefan tentava obter informações mais substanciais. — Do que ela queria que você se afastasse? — Ele se mexeu no galho rugoso do carvalho no qual os dois estavam sentados, tentando ficar mais confortável. Damon tinha o hábito de se sentar em árvores, Stefan percebeu. Deve ser um efeito colateral de passar tanto tempo como pássaro. Eles vigiavam a frente da casa da bibliotecária, mas o que exatamente procuravam, Stefan não sabia.

— Só umas fotos antigas da história da universidade — respondeu Damon. — Não importa. Só quero ter certeza de que ela é humana. — Ele

espiou pela janela mais próxima da árvore, onde uma idosa bebia chá e via televisão.

Stefan notou com irritação que Damon parecia muito mais à vontade na árvore que ele. Estava curvado para a frente, apoiando graciosamente em um joelho, e Stefan podia sentir os filamentos inquisitivos de Poder enviados por Damon à mulher, tentando descobrir se havia algo de incomum nela.

Seu equilíbrio parecia tremendamente precário, e ele estava inteiramente concentrado na velha. Stefan se aproximou um pouco de Damon, estendeu a mão e de repente o empurrou.

Foi muito satisfatório. Damon, com sua compostura abalada pela primeira vez, soltou um grito abafado e caiu da árvore. No ar, transformou-se num corvo e voou de volta, empoleirando-se num galho acima de Stefan e olhando-o com um ódio maligno. Damon grasnou alto sua irritação para Stefan.

Stefan olhou pela janela de novo. A mulher não parecia ter ouvido o grito de Damon ou do corvo — estava mudando de canal. Quando ele voltou a olhar para Damon, o irmão tinha voltado à forma humana.

— Eu pensava que pregar uma peça dessas iria contra seu precioso código moral — disse Damon, ajeitando meticulosamente o cabelo.

— Na verdade, não — explicou Stefan, sorrindo. — Não pude me conter.

Damon deu de ombros, parecendo aceitar de bom humor a brincadeira de Stefan, e voltou a olhar pela janela da bibliotecária. Ela se levantara para preparar outra xícara de chá.

— Sentiu alguma coisa vindo dela? — perguntou Stefan.

Damon meneou a cabeça.

— Ou ela está escondendo brilhantemente sua natureza de nós ou é apenas uma bibliotecária peculiar. — Ele se impeliu do galho e pulou,

caindo de leve na grama bem abaixo. *Seja o que for, para mim já basta,* acrescentou em silêncio.

Stefan o seguiu, caindo ao lado de Damon ao pé da árvore.

— Você não precisa de mim para nada disso, Damon — disse ele. — Por que me pediu para vir com você?

O sorriso de Damon brilhava no escuro.

— Só pensei que você ia gostar de um pouco de animação — respondeu apenas. Claramente, não era com a atitude peculiar da bibliotecária que Stefan devia se preocupar.

Isto é bem pior que a prova com obstáculos, pensou Matt. E construir uma casa de jornal. E andar sobre brasas. Este é sem dúvida o pior evento dos aspirantes até agora.

Ele torceu a escova de dentes na mão para alcançar o pequeno nicho no fundo do revestimento das paredes, na sala de aspirantes da Vitale Society. A escova de dentes saiu preta de sujeira antiga e teias de aranha penduradas, e Matt fez uma careta de nojo. Suas costas já estavam doendo de ficar recurvado.

— Como está indo, soldado? — perguntou Chloe, agachada ao lado dele, com uma esponja pingando na mão.

— Sinceramente, não sei como esfregar esta sala vai nos ajudar a desenvolver honra, liderança e todas as coisas de que Ethan vive falando — disse Matt. — Acho que este é só um jeito de eles economizarem uma grana no serviço de faxina.

— Bem, dizem que a limpeza é uma virtude — lembrou Chloe, e riu. Ele gostava de seu riso. Era meio borbulhante e ressonante.

Por dentro, ele revirou os olhos consigo mesmo. *Borbulhante e ressonante*. Chloe tinha uma risada bonita, era o que ele queria dizer.

Eles vinham passando muito tempo juntos desde a morte de Christopher. Matt achava que nada podia ser pior do que morar com as coisas de Christopher quando o próprio Christopher não estava mais ali, mas os pais do menino vieram e empacotaram tudo, afagando gentilmente as costas de Matt como se *ele* merecesse alguma solidariedade, quando *eles* é que tinham perdido o filho único. E, com o espaço deixado pelas coisas de Christopher, tudo ficou mil vezes pior.

Meredith, Bonnie e Elena tentavam reconfortá-lo. Queriam tanto que Matt ficasse bem de novo, e ele se sentia culpado por não estar, tornando ainda mais difícil ficar na companhia delas.

Chloe passou a visitá-lo no quarto, ficando com ele ou levando-o ao refeitório ou outro lugar, mantendo-o em contato com o mundo quando ele tinha vontade de se trancar. Havia algo tão tranquilo nela. Elena, a única menina que ele amara — *antes*, cochichou parte dele —, dava muito mais *trabalho*. Por dentro, ele se encolheu pela deslealdade a Elena, mas era verdade.

Agora Matt começava a despertar e se interessar pelas coisas de novo. E ele sempre notava com uma surpresa renovada a covinha linda que Chloe tinha na bochecha direita, ou o brilho de seu cabelo preto, ou a graça e a beleza de suas mãos, apesar de em geral estarem sujas de tinta.

Até agora, porém, eles eram só amigos. Talvez... talvez fosse hora de mudar isso.

Chloe estalou os dedos na cara dele, e Matt percebeu que a estivera encarando.

— Está tudo bem, amigo? — perguntou ela com um leve franzido na testa, e Matt teve de se conter para não beijá-la bem ali.

— Sim, só voei um pouco. — Ele sentiu um rubor se esgueirar pelo rosto. Sorria feito um pateta, sabia disso. — Quer ajudar com estas paredes?

— Claro, por que não? — respondeu Chloe. — Vou jogar sabão na parede, e você continua fazendo isso aí com a escovinha de dentes.

Eles trabalharam juntos por um tempo, Chloe de vez em quando deixando cair água com sabão de propósito na cabeça de Matt.

Enquanto prosseguiam pelo revestimento, o nicho sob o rodapé ficou mais fundo, até que não era mais um nicho, mas um buraco. Matt esfregou a escova por baixo — *cara*, como estava sujo ali — e sentiu algo se mexer.

— Tem alguma coisa aqui embaixo — disse a Chloe, plantando a mão no chão e enfiando os dedos no buraco. Passou as mãos e a escova de dentes em volta, tentando puxar o que havia embaixo em direção a eles, mas não conseguiu pegar.

— Olhe — chamou Chloe depois de um instante —, acho que o forro pode deslizar aqui em cima. — Ela sacudiu a parte da madeira até que o material soltou um guincho e ela conseguiu levantá-lo. — Hummm — murmurou ela, confusa. — Uau, parece um compartimento secreto. Mas parece que já faz algum tempo que ninguém abre.

Depois que Chloe conseguiu soltar o revestimento, eles viram que o espaço atrás era pequeno, com apenas 30 centímetros de altura e largura, além de alguns centímetros de profundidade. Estava cheio de teias de aranha. Dentro dele havia algo retangular, embrulhado num tecido que um dia devia ter sido branco, mas agora estava cinzento de poeira.

— É um livro. — Matt o pegou. A sujeira na parte externa do tecido era grossa e macia, e saiu em suas mãos. Desenrolando, ele descobriu que o livro por dentro estava limpo.

— Uau — exclamou Chloe, baixinho.

Parecia antigo, bem antigo. A capa de couro escuro estava lascada, e as bordas das páginas eram ásperas, como se cortadas à mão, e não por uma

máquina. Virando um pouco o livro, Matt via os restos de dourado que deviam formar o título, mas agora estavam gastos.

Matt abriu-o no meio. Era escrito à mão, com tinta preta, em golpes fortes e elegantes. E totalmente indecifrável.

— Acho que é latim. Quem sabe? — disse Matt. — Entende alguma coisa de latim?

Chloe meneou a cabeça. Matt voltou para a primeira página, e uma palavra saltou para ele. *Vitale*.

— Deve ser a história da Vitale Society — disse Chloe. — Ou segredos antigos dos fundadores. Que legal! A gente devia levar para o Ethan.

— Sim, claro — respondeu Matt, distraído. Virou mais algumas páginas, e a tinta passou de preta a marrom escura. *Parece sangue seco*, pensou, estremecendo, depois afastou a imagem. Era só uma tinta antiga que o tempo havia desbotado para o marrom.

Uma palavra ele reconheceu, escrita três vezes — não, quatro — na página: *Mort*. Significava morte, não é? Matt passou o dedo na palavra, de cenho franzido. Apavorante.

— Vou mostrar ao Ethan — disse Chloe, levantando-se e pegando o livro. Ela atravessou a sala e interrompeu a conversa de Ethan com outra menina. Do outro lado da sala, Matt observou o rosto de Ethan se abrir num sorriso lento enquanto ele pegava o livro.

Depois de alguns minutos, Chloe voltou, sorrindo.

— Ethan ficou muito animado. Disse que vai nos falar sobre ele quando conseguir alguém para traduzir o livro.

Matt assentiu.

— Incrível — exclamou ele, livrando-se do que restava de sua inquietação. Esta era *Chloe*, a risonha Chloe, e ele tentaria não pensar em morte, sangue ou qualquer coisa mórbida perto dela. — Ei — disse ele,

afastando as ideias sombrias e concentrando-se nas luzes douradas do cabelo escuro dela. — Você vai à festa na McAllister House hoje à noite?

Talvez sem prender para trás, pensou Elena, olhando-se criticamente no espelho. Ela tirou o prendedor do cabelo e deixou as mechas douradas, sedosas e lisas caírem sobre os ombros. *Muito melhor.*

Ela estava bem, notou, passando os olhos desapaixonadamente por seu reflexo. Seu vestido preto e curto de alcinhas acentuava a pele de pétala de rosa e o cabelo claro, e os olhos azul-escuros pareciam imensos.

Sem Stefan, porém, o que importava sua aparência?

Ela olhou a própria boca se apertar no espelho enquanto afastava esse pensamento. Embora tivesse muita saudade de sentir a mão de Stefan na dela e seus lábios nos dela, por mais que quisesse estar com ele, agora era impossível. Ela não podia ser Katherine. E o orgulho também não a deixava se abater. *Não é para sempre,* disse Elena a si mesma com rigor.

Bonnie apareceu e passou o braço pelos ombros de Elena, avaliando as duas no espelho.

— Estamos ótimas, não é? — perguntou, animada. — Pronta para ir?

— Você está demais. — Elena olhou para Bonnie com carinho. A menina mais baixa praticamente brilhava de empolgação (os olhos faiscando, o sorriso luminoso, o rosto corado, a cabeleira ruiva voando aparentemente com vida própria) e o vestido azul curto e sapatos de salto alto eram lindos. O sorriso de Bonnie ficou maior.

— Vamos andando — disse Meredith, cheia de atitude.

Ela estava elegante e prática de jeans e uma blusa cinza macia e justa que combinava com seus olhos. Era difícil saber o que Meredith pensava, mas Elena a ouvira cochichando com Alaric ao telefone tarde da noite e deduziu

que Meredith, no fundo, talvez também não estivesse com vontade de ir a uma festa.

Na rua, as pessoas andavam rapidamente em grupos grandes e silenciosos, olhando em volta, nervosas. Ninguém parava, ninguém estava só.

Meredith parou a meio passo e enrijeceu, de repente ciente de uma possível ameaça. Elena seguiu seu olhar. Ela estava enganada: uma pessoa estava sozinha. Damon se encontrava sentado num banco na frente do alojamento delas, com o rosto virado para o céu como quem toma sol, apesar da escuridão da noite.

— O que você quer, Damon? — perguntou Meredith, cautelosa. Sua voz não estava grosseira (eles já tinham deixado isso para trás, trabalhando juntos no verão), mas também não estava simpática, e Elena sentiu a amiga se eriçar ao lado dela.

— Elena, é claro — respondeu Damon com indolência, levantando-se e pegando suavemente o braço de Elena.

Bonnie olhou para os dois, confusa.

— Pensei que você não ia ficar com nenhum dos dois por um tempo — disse para Elena.

Damon falou em voz baixa no ouvido de Elena.

— É sobre a Vitale Society. Tenho uma pista.

Ela hesitou. Não contara às amigas sobre os indícios que descobrira com Damon de que a Vitale Society podia ser mais do que um mito, ou que podia ter alguma relação com seus pais. Ainda não havia muito o que dizer, e ela não estava preparada para contar sobre a possibilidade de os pais terem se metido com algum segredo obscuro, nem como a própria Elena se sentiu, vendo as imagens de quando eles eram jovens.

Decidindo-se, ela se virou para Meredith e Bonnie.

— Preciso ir com Damon por um minuto. É importante. Explico depois. Vejo vocês na festa daqui a pouco.

Meredith franziu a testa, mas assentiu, conduzindo Bonnie até a McAllister House. Ao saírem, Elena ouviu Bonnie dizer: “Mas a ideia não era...”

Com a mão firme no braço de Elena, Damon a levou para o lado contrário.

— Aonde vamos? — perguntou ela, sentindo-se consciente demais da maciez da pele de Damon e da força de seu aperto.

— Vi uma menina usando um daqueles broches da foto — respondeu Damon. — Eu a segui até a biblioteca, mas, depois de entrar, ela simplesmente desapareceu. Procurei por ela em toda parte. Uma hora depois, ela saiu pelas portas da biblioteca. Lembra quando eu disse que precisávamos procurar respostas em outro lugar, não na biblioteca? — Ele sorriu. — Eu estava errado. Tem alguma coisa acontecendo lá dentro.

— Quem sabe você simplesmente a perdeu? — perguntou Elena em voz alta. — A biblioteca é grande; ela pode ter se metido em alguma cabine de estudo ou coisa assim.

— Eu a teria encontrado — disse Damon ríspidamente. — Eu *sou bom* em encontrar pessoas. — Seus dentes brilharam por um momento sob os postes.

O problema era que a biblioteca era *normal* demais. Depois de entrarem, Elena observou os pisos acarpetados de cinza, as cadeiras bege, as filas e mais filas de estantes e as luzes fluorescentes zumbindo. Era um lugar feito para estudar. Não parecia haver nenhum segredo escondido ali.

— Lá em cima? — sugeriu.

Eles pegaram a escada em vez do elevador para sair do térreo. Seguindo de andar em andar, não descobriram nada. Alunos lendo e tomando notas.

Livros, livros e mais livros. No porão, havia uma sala com máquinas de refrigerante e pequenas mesas para descanso. Nada inesperado.

Elena parou num corredor das salas da administração, perto da máquina.

— Não vamos achar nada — disse ela a Damon. O rosto dele se retorceu de frustração, e ela acrescentou: — Acredito que você tenha encontrado alguma coisa aqui, de verdade, mas, sem nenhuma pista, nem mesmo sabemos o que procuramos.

Abriu-se uma porta atrás dela, com a placa Sala de Pesquisa, e Matt saiu de lá.

Ele parecia cansado, e Elena sentiu uma onda rápida de culpa. Depois da morte de Christopher, ela, Meredith e Bonnie pretendiam grudar em Matt. Mas ele sempre estava ocupado com o futebol ou as aulas e parecia não querer as três por perto. Ela percebeu, com choque, que não falava com ele havia dias.

— Ah, oi, Elena — disse Matt, sobressaltado. — Vai à festa hoje? — Ele cumprimentou Damon com um gesto estranho de cabeça.

— Mutt — cumprimentou Damon, abrindo um meio-sorriso, e Matt revirou os olhos.

Enquanto eles conversavam sobre a festa, as aulas e o novo seminamorado de Bonnie, Elena catalogou suas impressões de Matt. Cansado, sim — seus olhos estavam meio injetados e havia uma dureza nos lábios que não estava ali semanas antes. Mas por que ele estava com um cheiro tão forte de sabão? Ele nem estava particularmente limpo, pensou ela, examinando um risco de sujeira que descia pelo rosto até o pescoço de Matt. Parecia que algo tinha pingado em sua cabeça. Era quase com se ele estivesse limpando alguma coisa. Algo muito sujo.

Ocorreu-lhe uma ideia, e ela olhou para o peito dele. Estaria ele usando um dos broches em forma de V? Como se estivesse consciente do que ela se

perguntava, Matt fechou mais o casaco.

— O que você estava fazendo nesta sala? — perguntou ela abruptamente.

— Hummm. — O rosto de Matt ficou vago por meio segundo, depois ele olhou para a porta, para a placa que dizia Sala de Pesquisa. — Pesquisa, é claro — respondeu. — Preciso ir — acrescentou. — Encontro você na festa mais tarde, está bem?

Ele tinha começado a se virar quando Elena por impulso estendeu a mão em direção ao seu braço.

— Por onde tem andado, Matt? Não o vi ultimamente.

Matt sorriu, mas não a olhou nos olhos.

— Futebol. O futebol universitário é puxado. — Ele afastou gentilmente a mão de Elena. — Até mais, Elena. Damon.

Eles o observaram sair, depois Damon assentiu para a porta de onde Matt viera.

— Vamos? — disse ele.

— Vamos aonde? — perguntou Elena, confusa.

— Ah, até parece que *isso* não foi suspeito — comentou Damon. Ele colocou a mão na maçaneta, e Elena ouviu a tranca estalar quando ele forçou a entrada.

A sala era muito entediante. Uma mesa, uma cadeira, um pequeno tapete no chão.

Talvez entediante *demais*?

— Uma sala de pesquisa sem livros? Nem um computador? — perguntou Elena. Damon inclinou a cabeça, refletindo; depois, com um movimento ágil, puxou o tapete para o lado.

Abaixo dele havia o contorno claro de um alçapão.

— Bingo. — Elena soltou o ar. Ela avançou, já se curvando para tentar abrir, mas Damon a puxou de volta.

— Quem está usando isto ainda pode estar aí embaixo — disse ele. —
Matt acabou de sair, e duvido que estivesse sozinho.

Matt. Matt deveria saber o que estava acontecendo.

— Talvez eu deva falar com ele — disse Elena.

Damon franziu o cenho.

— Vamos esperar até saber com o que estamos lidando — sugeriu. —
Não sabemos qual é o envolvimento de Matt nisso. Pode ser perigoso para
você. — Ele segurava seu braço de novo e a puxava com gentileza, mas
também com firmeza, para fora da sala. — Voltaremos depois.

Elena se deixou ser conduzida, pensando no que ele disse. *Perigoso?*,
pensou. Mas Matt não faria nada que fosse perigoso para Elena, não é?

— Por que está demorando tanto? — perguntou Bonnie, quicando nos calcanhares.

— Deixe de ser tão nervosinha — disse Meredith distraidamente, esticando o pescoço para ver por cima da multidão na frente do McAllister. Havia uma espécie de gargalo na entrada do alojamento que reduzia o passo de todos. Ela tremeu na blusa fina; estava começando a esfriar à noite.

— Tem segurança na porta — avisou Bonnie quando elas chegaram mais perto da entrada. — Estão *pedindo identidade* para as pessoas? — Sua voz estava estridente de indignação.

— Só estão vendo se a pessoa tem carteira de estudante — explicou alguém no grupo —, para saber se você não é uma assassina louca de fora do campus.

— Entendi — disse o amigo. — Só podem entrar os assassinos *do* campus.

Alguns riram de nervoso. Bonnie ficou em silêncio, mordendo o lábio, e Meredith tremeu de novo, desta vez por motivos que nada tinham a ver com o frio.

Quando enfim chegaram à frente da fila, os seguranças olharam rapidamente suas identidades e gesticularam para elas entrarem. Lá dentro

estava apinhado, e a música bombava, mas ninguém parecia realmente no clima para uma festa. As pessoas se reuniam em pequenos grupos, falando baixo e olhando em volta, nervosas. A presença dos seguranças lembrou a todos do perigo que espreitava, invisível, pelo campus. Qualquer um podia ser o responsável, até alguém ali naquele exato momento.

Ao pensar nisso, a visão que Meredith tinha da sala se alterou, os outros alunos transformando-se de inocentes a sinistros. Aquele cara de fraternidade de cabelo encaracolado no canto — ele estava fitando sua linda acompanhante com algo mais do que simples desejo? O rosto dos desconhecidos se distorceu cruelmente, e Meredith respirou fundo, acalmando-se, até que todos parecessem normais de novo.

Samantha vinha na direção dela com um copo de plástico vermelho.

— Tome — disse ela, entregando um refrigerante a Meredith. — Todo mundo está tenso hoje, é de arrepiar. É melhor ficarmos atentas e não bebermos — sugeriu ela, já no mesmo clima de Meredith.

Bonnie se despediu de Meredith com um aperto em seu braço e partiu na multidão para procurar Zander. Meredith bebeu o refrigerante e olhou, cautelosa, para os estranhos que a cercavam.

Apesar do mal-estar geral que permeava a festa, alguns estavam tão envolvidos com os outros que conseguiam se divertir assim mesmo. Ela viu um casal se beijar, tão concentrado um no outro que parecia não haver mais ninguém no mundo. Não estavam preocupados com os ataques e desaparecimentos no campus, e Meredith se viu sentindo uma pontada aguda de inveja. Ela *sentia falta* de Alaric, tinha saudade dele com uma intensidade profunda que não dava descanso, mesmo quando não pensava conscientemente nele.

— O assassino pode estar bem aqui nesta festa — comentou Samantha, infeliz. — A gente não devia *sentir* alguma coisa? Como podemos proteger

alguém se não sabemos a quem combater?

— Eu sei — disse Meredith.

A multidão se separou e ela viu um rosto que não esperava: Stefan, recostado na parede mais distante. Seus olhos se iluminaram quando a viram, e ele olhou para além dela com um meio-sorriso esperançoso já se formando nos lábios.

Coitado. Por mais que Meredith pensasse na decisão de Elena de dar um tempo — e, a propósito, Meredith achava que Elena tinha razão; graças ao seu envolvimento com os *dois* Salvatore, todos se metiam em problemas —, não conseguia deixar de ter pena dele. Stefan tinha o jeito de alguém que vivia a mesma pontada aguda de solidão e saudade que Meredith sentia ao pensar em Alaric. Devia ser pior para ele, porque Elena estava muito perto e havia escolhido se separar dele, contrariando seus desejos.

— Com licença um segundo — disse ela a Samantha, indo em direção a Stefan.

Ele a cumprimentou educadamente e perguntou sobre as aulas e o treinamento de caçadora, embora ela soubesse que ele ardia de vontade de perguntar sobre Elena. Ele *sempre* tinha boas maneiras.

— Ela ainda não chegou, mas virá com certeza — disse Meredith, interrompendo uma das amabilidades dele. — Teve que fazer uma coisa primeiro. — O rosto de Stefan se abriu num sorriso de alívio agradecido, depois ele franziu o cenho.

— Elena virá sozinha? — perguntou. — Depois de todos os ataques?

— Não. — Meredith o tranquilizou. Não tinha pensado nisso, e não achava que devia contar que Elena estava com Damon. — Ela está com outras pessoas — preferiu dizer, e ficou feliz com a impressão de que sua resposta o satisfez.

Meredith bebericou o refrigerante e torceu ardentemente para que Elena tivesse o bom-senso de não trazer Damon à festa.

Matt localizou Chloe do outro lado da sala. Esta era a noite, decidiu. Já bastava de brincar, trocar olhares, abraços e apertos de mão gentis e platônicos. Ele queria saber se ela sentia o mesmo, se ela sentia que talvez houvesse alguma coisa digna de ser explorada entre os dois.

Ela falava com alguém, um cara que ele reconheceu da Vitale, e o cabelo castanho e cacheado dela brilhava levemente sob a luz do teto. Havia tanta *vida* em Chloe: seu riso, o modo como ouvia o que o cara dizia, atenta e envolvida, o rosto concentrado.

Matt queria beijá-la mais do que qualquer coisa.

Partiu para atravessar a sala até ela, cumprimentando conhecidos ao passar. Não queria parecer mal-educado e ansioso demais, não queria dar a entender que ia direto até ela, mas também não queria parar e perdê-la na multidão.

Matt.

Matt sentiu um solavanco como se tivesse sido golpeado quando a saudação muda o atingiu. Girando para ver de onde vinha, encontrou Stefan parado bem atrás, e fechou a cara para ele com irritação. Ele *odiava* quando Stefan entrava em sua cabeça daquele jeito.

— Podia simplesmente ter dito oi — disse a Stefan com a maior brandura que pôde. — Sabe como é, em voz alta.

Stefan baixou a cabeça, ruborizando.

— Desculpe. Foi grosseria minha, eu só queria chamar sua atenção. Está muito barulhento aqui. — Ele gesticulou em volta e Matt se perguntou, como acontecia às vezes, como pareceria a vida de um adolescente moderno ao vampiro. Stefan vivera mais do que Matt um dia viveria, mas parecia que

o rock alto e a pressão dos corpos em volta dele o deixavam constrangido, mostrando as falhas em seu disfarce como alguém *jovem*. Ele se esforçava muito, por Elena, Matt sabia.

— Estou esperando Elena — disse Stefan. — Você a viu? — As rugas em seu rosto mostravam ansiedade e, num átimo, desfez-se a imagem que Matt tinha de Stefan como alguém muito velho e deslocado no salão. Stefan parecia dolorosamente novo, solitário e preocupado.

— Vi — respondeu Matt. — Acabei de vê-la na biblioteca. Ela disse que vinha para cá depois. — Ele mordeu a língua para não acrescentar que a vira lá com *Damon*, justo ele. Matt não sabia o que estava havendo entre Elena e os irmãos, mas imaginava que Stefan não precisava saber que Elena e Damon estavam juntos.

— Eu devia ficar longe dela — confidenciou Stefan com tristeza. — Ela acha que está se colocando entre mim e Damon e quer um tempo para nós todos resolvermos as coisas antes de ficarmos juntos de novo. — Ele olhou para Matt, quase suplicante. — Mas pensei que, como tem tanta gente aqui, não íamos ficar a sós mesmo.

Matt tomou um gole da cerveja, com a mente trabalhando furiosamente. Agora ele *sabia* que tinha razão em não contar que vira Elena e Damon juntos. Que jogo Elena estava fazendo agora?

Também foi um choque perceber como ele estava por fora. Quando foi que tudo isso aconteceu? Desde a morte de Christopher, ele andou evitando os amigos, passando tanto tempo concentrado na Vitale Society que não notou essa mudança na vida deles. O que mais estava perdendo?

Stefan ainda o olhava como se buscasse aprovação, e Matt esfregou a nuca pensativamente e propôs:

— Você devia conversar com Elena. Diga que está infeliz sem ela. O amor vale esse risco.

Enquanto Stefan assentia, os olhos de Matt procuraram Chloe na multidão. O cara com quem ela conversava sumira, e ela estava sozinha naquele momento, mordendo o lábio ao vasculhar a sala. Matt estava prestes a pedir licença e ir até lá quando outra voz falou em seu ouvido.

— Oi, Matt, como está passando?

Ethan apareceu ao lado dele, concentrando os olhos castanhos dourados nos de Matt, que se sentiu endireitar as costas e colocar os ombros para trás, tentando parecer leal e honroso, um candidato promissor, tudo o que a Vitale queria dele. Matt via esta reação a Ethan em outros aspirantes: eles queriam ser e fazer o que Ethan queria deles. Algumas pessoas eram líderes naturais, pensou Matt.

Eles conversaram por um minuto, não sobre a Vitale Society, é claro, não na frente de Stefan, mas simplesmente sobre futebol, aulas e a música que estava tocando, e então Ethan voltou seu sorriso caloroso para Stefan.

— Oh, hummm, Ethan Crane, Stefan Salvatore — apresentou Matt, acrescentando: — Stefan e eu fizemos o ensino médio juntos.

Stefan e Ethan entraram em uma conversa, e Matt procurou Chloe novamente. Ela não estava mais no lugar onde ele a vira, e ele começou a entrar em pânico, até que a encontrou novamente na multidão, movimentando-se com a música.

— Não posso deixar de perceber um leve sotaque, Stefan — dizia Ethan.
— Você é da Itália?

Stefan sorriu timidamente.

— A maioria das pessoas nem o nota mais — comentou. — Meu irmão e eu saímos da Itália há muito tempo.

— Ah, seu irmão também veio para cá? — perguntou Ethan, e Matt decidiu que os dois pareciam bem satisfeitos juntos, não havendo problema em se afastar agora.

— Vejo vocês depois. — Dando outro gole na cerveja, Matt deu passos firmes em direção a Chloe. Seus olhos brilhavam, as covinhas apareciam, e ele sabia que a hora era certa. Como tinha dito a Stefan, o amor vale o risco.

Bonnie soube assim que Zander e os amigos chegaram à festa, porque o nível de barulho aumentou *muito*. Sinceramente, Zander era mais calmo que os amigos, pelo menos com Bonnie, porém em grupo eles eram definitivamente loucos.

Na verdade, aquilo era meio irritante.

Mas, quando Zander apareceu ao lado dela — jogando Marcus na parede com uma batida dos quadris — e abriu seu longo e lento sorriso, os dedos dos pés de Bonnie se enroscaram dentro dos sapatos altos e ela se esqueceu da irritação.

— Oi! — disse ela. — Está tudo bem? — Ele arqueou uma sobrancelha, inquisitivo. — Quero dizer, você falou qualquer coisa sobre ver sua família e que por isso estava... ocupado.

— Ah, sim. — Zander baixou a cabeça para falar com ela e soprou seu hálito quente no pescoço de Bonnie ao suspirar. — Minha família é muito complicada — disse. — Às vezes eu queria que as coisas fossem mais fáceis. — Ele parecia triste, e Bonnie, por impulso, pegou sua mão, entrelaçando os dedos nos dele.

— Bem, qual é o problema? — Ela se esforçou para assumir um tom de compreensão e segurança. O tom de uma namorada confiável. — Talvez eu

possa ajudar. Sabe, um ouvido de fora, essas coisas.

Zander franziu a testa e mordeu o lábio.

— Acho que eu... tenho responsabilidades. O problema com minha família é que existem promessas que fizemos e coisas que temos de cuidar. E às vezes o que quero fazer e o que tenho que fazer não combinam.

— Dá para ser mais vago? — perguntou Bonnie, implicante, e Zander riu um pouco. — É sério, o que quer dizer? O que você tem que fazer? O que não quer fazer?

Zander a olhou por um momento, e seu sorriso se alargou.

— Venha — disse ele, puxando sua mão. Bonnie foi com ele, ziguezagueando pela festa e subindo a escada. Zander parecia saber aonde ia; virou em alguns cantos, depois abriu uma porta.

Do outro lado havia uma sala de estar de alojamento: alguns sofás puídos, uma mesa surrada. O projeto de arte de alguém, uma tela grande coberta de manchas de tinta, estava recostado numa parede.

— Você mora neste alojamento? — perguntou ela a Zander.

— Não — respondeu ele, com os olhos na boca de Bonnie. Ele a puxou e pôs as mãos em seus quadris. Depois a beijou.

Foi o beijo mais incrível de todos. Os lábios de Zander eram macios, porém firmes, e pequenos fogos de artifício estouraram por todo o corpo de Bonnie. Ela levantou a mão e a pôs em concha no rosto dele, sentindo os ossos fortes de sua face e o leve arranhão da barba por fazer.

Mais uma vez, ela sentiu como durante seu primeiro encontro, quando ficaram no terraço e ela se sentiu voar. Tão livre, com uma alegria desvairada zunindo por ela. Bonnie levou a mão à nuca de Zander, sentindo o cabelo louro claro e fino roçar suavemente em seus dedos.

Quando o beijo terminou, nenhum dos dois disse nada por um instante, só se recostaram um no outro, arquejando. Seus rostos estavam muito

próximos, e os brilhantes olhos azuis de Zander estavam fixos nos dela, quentes e intensos.

— Então, é isso que eu *quero* fazer, já que perguntou. Você... — a voz falhou. — Quer voltar para a festa agora?

— Não — disse Bonnie —, ainda não.

E desta vez foi ela quem o beijou.

— Ah, graças a Deus — disse Chloe quando Matt se aproximou dela. — Eu estava começando a me sentir parte da mobília.

Ela torceu o nariz para ele, sedutora. O nariz dela, meio arrebitado, era pontilhado de sardas, e Chloe tinha uma linda boca de cupido. Ele queria puxar suavemente os anéis castanhos e macios de seus cachos, só para vê-los se esticar e enrolar de novo.

— Como assim? — perguntou ele, contendo-se, embora estivesse dolorosamente ciente de que parecia um idiota. — Parte da mobília?

— Ah, é só... — ela gesticulou vagamente para a multidão. — Não tem ninguém que eu conheça além de você e Ethan. A festa está totalmente lotada de calouros.

O coração de Matt pesou no peito. Tinha se esquecido de que Chloe era do segundo ano. Não devia ser grande coisa, devia? Mas ela parecia pensar que os calouros eram inferiores a ela ou coisa assim. Desdenhoso, era a palavra que ele procurava para descrever o tom dela.

— Acho que a festa está boa — comentou ele numa voz fraca.

Chloe franziu os lábios, brincando, depois lhe deu um leve soco no braço.

— Bem — disse ela baixinho —, só tem espaço para *um* calouro na minha vida. Certo, Matt?

Isso foi mais do que um sinal otimista. O problema, Matt percebeu, era que sua única experiência de encontros tinha sido com garotas para quem ele não ligava, só pensava como possível acompanhante para festas ou coisa parecida. Ou com Elena, com quem ele se importava tremendamente, mas sabia muito bem e por tempo suficiente que ela responderia com um sim.

Ainda assim, ele pensou ter visto uma abertura ali.

— Chloe — disse ele —, eu estava me perguntando se você não...

Matt se interrompeu quando Ethan se juntou a eles com um largo sorriso. Pela primeira vez, Matt sentiu uma certa irritação direcionada a ele. Ethan era tão inteligente com as pessoas. Não via que estava quebrando o *clima* ali?

— Gostei de seu amigo Stefan — disse Ethan a Matt. — Ele me pareceu muito sofisticado para um calouro, fala muito bem. Acha que é porque é europeu?

Matt apenas deu de ombros, e Ethan virou-se pra Chloe.

— Oi, amorzinho. — Ele a abraçou e lhe deu um beijo na boca.

E sim, uau, talvez Ethan *tivesse* percebido que estava quebrando um clima. Não foi um beijo longo, mas definitivamente havia um ar possessivo nele e em seu braço ao redor dos ombros de Chloe. Quando terminou, Chloe sorriu para Ethan, sem fôlego, e os olhos de Ethan foram até Matt só por um segundo.

Matt teve vontade de se encolher e afundar no chão pegajoso e sujo de cerveja. Em vez disso, forçou um sorriso e brindou sua cerveja com a de Ethan.

Porque Chloe — a linda, doce, divertida, descontraída Chloe — tinha namorado. Ele devia ter previsto que não seria o único a ver que ela era maravilhosa. E Matt teria de recuar, independentemente de quem fosse o

namorado. Não queria ser o cara que estragava o namoro dos outros; nunca tinha sido.

E com o namorado de Chloe sendo Ethan? Ethan, o líder da Vitale Society, aquele que fazia Matt se sentir especial, como se pudesse ser o melhor? Como era Ethan, Matt teria de cerrar os dentes e ignorar o vazio que tinha no peito. Seria forte e guardaria para si qualquer pensamento sobre o que queria ter feito com Chloe.

Alguns limites não deviam ser cruzados. Nunca.

— Não sei como ficou tão *tarde* — comentou Elena pela terceira vez enquanto eles seguiam apressados pela calçada e passavam pelo pátio. — Bonnie e Meredith devem estar preocupadas comigo.

— Elas sabem que você está comigo — disse Damon, andando sem se abalar ao lado dela.

— Acho que elas não vão achar isso reconfortante. — Elena mordeu a língua quando Damon lhe lançou um olhar.

— Depois de todo o tempo que lutamos lado a lado, elas ainda não confiam em mim? — perguntou ele com a voz sedosa. — Eu ficaria terrivelmente magoado. Se me importasse com o que elas pensam.

— Não quero dizer que elas acham que você me faria mal. Não pensam mais assim. Ou que você não me protegeria. Acho que elas se preocupam que você... dê em cima de mim. Ou coisa parecida.

Damon parou e olhou para Elena. Depois pegou a mão dela e virou a palma para cima, passando um dedo pela parte interna do braço, acompanhando a veia que ia do pulso de Elena até o cotovelo.

— E o que você acha? — perguntou, sorrindo gentilmente.

Elena puxou a mão de volta, fuzilando-o com os olhos.

— É claro que elas têm razão. Pare com isto. Apenas amigos, lembra?

Depois de um suspiro longo, Damon recomeçou a andar, e Elena correu para alcançá-lo.

— Que bom que você decidiu ir à festa comigo — disse ela por fim. — Vai ser divertido.

Damon lançou um olhar negro por entre os cílios, mas não disse nada.

Sempre era divertido ficar com Damon, pensou Elena, ouvindo o estalo dos próprios saltos e vendo a própria sombra crescer e desaparecer enquanto eles passavam sob as luzes da rua. Ou, pelo menos, sempre era divertido quando Damon estava de bom humor e nada tentava matá-los, duas circunstâncias que ela queria que coincidissem com mais frequência.

Stefan, o doce e querido Stefan, era o amor de sua vida. Elena não tinha dúvidas disso. Mas Damon a deixava impetuosa e animada, tomada por algo maior que ela mesma. Damon fazia com que ela se sentisse especial.

E ele estava mais descontraído que de costume. Depois que Matt saiu, eles vasculharam mais um pouco a biblioteca, e Damon comprou fritas e refrigerante da máquina do porão. Eles se sentaram a uma das mesinhas, conversaram e riram. Não era nada chique nem elegante, nada parecido com as festas em que ele foi seu acompanhante na Dimensão das Trevas, mas era confortável e divertido. Quando ela olhou o celular, e ficou assustada ao ver que tinha se passado mais de uma hora.

E agora Damon até se ofereceu para ir a uma festa de universitários com cerveja. Talvez ele estivesse tentando se entender com os amigos dela. Talvez *eles* pudessem mesmo ser amigos, depois que as coisas se ajeitassem de algum modo entre Stefan e ele.

Elena tinha chegado a esse ponto em suas reflexões quando de repente teve a sensação inconfundível e arrepiante de que estava sendo observada. Os pelinhos de sua nuca se eriçaram.

— Damon — disse ela baixinho. — Tem alguém nos observando.

As pupilas de Damon se dilataram e ele farejou o ar. Elena sabia que ele procurava com seu Poder por uma resposta, se havia alguém concentrado neles.

— Nada — disse Damon depois de um momento. Ele colocou a mão sob o braço de Elena, puxando-a para mais perto. — Pode ser só sua imaginação, princesa, mas vamos ter cuidado.

O couro da jaqueta de Damon era macio no corpo de Elena, e ela se segurou firme nele ao saírem na rua que dividia o campus.

Do outro lado, um carro que estava em ponto morto junto ao meio-fio ligou o motor. Os faróis se acenderam, ofuscando Elena. O braço de Damon se fechou em sua cintura, tirando-lhe o fôlego.

O carro cantou pneu e disparou em direção aos dois. Elena entrou em pânico — *ah, meu Deus, ah, meu Deus*, pensou, impotente — e ficou paralisada. Depois estava voando pelo ar, Damon segurando-a com tanta força que doía.

Quando eles bateram na grama do outro lado da rua, Damon parou por um momento, ajustando o aperto em Elena, e ela espiou o carro, que tinha passado por onde eles estavam segundos antes e fazia a volta numa derrapada. Não conseguia distinguir nada, nem que carro era, nem nada do motorista; atrás das luzes altas, tudo era apenas uma forma escura e volumosa.

Uma forma escura e volumosa que dava uma guinada na grama e vinha atrás deles. Damon xingou e a puxou para continuar, desta vez correndo e não voando, e os pés de Elena mal tocavam o chão. Seu coração estava aos saltos. Ela sabia que Damon não podia usar toda sua velocidade se quisesse manter Elena junto. Eles viraram a esquina de um prédio e se recostaram na parede, cercados de arbustos.

O carro passou em disparada, depois virou, as rodas deixando longas marcas de derrapagem, e voltou à rua.

— Despistamos — sussurrou Elena, ofegante.

— Irritou alguém ultimamente, princesa? — Os olhos de Damon estavam penetrantes.

— Eu devia perguntar isso a *você* — retorquiu Elena. Ela se abraçou. De repente sentia muito frio. — Acha que pode ter sido por causa da Vitale Society? — perguntou, com a voz tremendo. — Alguma coisa sobre eles e meus pais?

— Não sabemos quem ou o que estaria do outro lado daquele alçapão — respondeu Damon sombriamente. — Ou talvez Matt...

— Matt não — disse Elena com firmeza. — Ele nunca me machucaria.

Damon assentiu.

— É verdade. Ele é ridiculamente honrado, o seu Matt. — Ele abriu um sorriso de esguelha. — E ele ama você. Todo mundo ama você, Elena. — Ele tirou a jaqueta e colocou nos ombros dela. — Mas uma coisa é certa. Se o motorista daquele carro achava que eu era humano, agora deve pensar outra coisa.

Elena puxou o casaco para mais perto do corpo.

— Você me salvou — disse ela baixinho. — Obrigada.

Os olhos de Damon estavam brandos quando ele a abraçou.

— Eu sempre a salvarei, Elena — prometeu. — A esta altura, não sabe disso? — Suas pupilas dilataram, e ele a puxou para mais perto. — Não posso perder você — murmurou ele.

Elena sentiu que ia desmaiar. O mundo era tragado pelos olhos negros de Damon e ela era atraída para eles, para a escuridão. Uma parte mínima dela disse *não*, mas, ainda assim, ela se curvou para ele e sua boca encontrou a de Damon.

Stefan tamborilava os dedos na parede a suas costas, olhando toda aquela gente espremida: conversando, rindo, discutindo, bebendo, dançando. Sua pele se arrepiava de ansiedade. Onde ela *estava*? Matt disse que a vira na biblioteca há mais de uma hora, e que ela pretendia vir à festa.

Decidindo-se, Stefan partiu para a saída. Talvez Elena não quisesse que ele entrasse em contato agora, mas havia mortes e desaparecimentos. Valia a pena ela ter raiva dele, desde que ele soubesse que ela estava bem.

Ele passou por Meredith, envolvida numa conversa com a amiga, e falou:

— Vou procurar Elena. — Ele teve a rápida impressão de que ela hesitara, estendendo a mão para impedi-lo, mas deixou-a para trás.

Abriu a porta e saiu para o ar frio da noite. Os seguranças do campus ainda estavam na porta verificando identidades, mas deixaram ele passar sem comentário nenhum, interessados apenas nas pessoas que tentavam entrar na festa.

Lá fora, o vento corria pelas árvores, e uma lua crescente estava alta e branca acima dos prédios que o cercavam. Stefan enviou seu Poder, procurando os traços distintos de Elena.

Ainda não sentia nada. Havia muita gente próxima demais por ali, e Stefan só percebia a mistura de vestígios de milhares de humanos, suas emoções e força vital mesclando-se num grande zunido subjacente do qual era impossível para ele, a essa distância, isolar qualquer indivíduo específico, mesmo um tão singular quanto Elena.

Se ele tivesse se alimentado de sangue humano recentemente, teria sido mais fácil. Stefan não podia deixar de pensar saudosamente em como o Poder o tomou quando ele bebeu com regularidade dos amigos. Mas isso foi quando Fell's Church precisou de suas melhores defesas contra os kitsune. Não beberia sangue humano só por prazer ou conveniência.

Stefan andou a passos rápidos pelo pátio, ainda enviando ondas exploradoras de Poder em volta e à frente. Se não conseguisse localizar Elena assim, iria aonde ela tinha sido vista pela última vez. Tinha esperanças de que seu Poder captasse algum indício dela assim que se aproximasse da biblioteca.

Todo o seu corpo pulsava de ansiedade. E se Elena tivesse sido atacada, e se ela tivesse desaparecido misteriosamente para nunca mais voltar, deixando essa distância estranha como última lembrança? Stefan acelerou o passo.

Estava a meio caminho da biblioteca quando a nítida sensação de *Elena* o atingiu como um muro. Em algum lugar perto dali.

Ele olhou para os dois lados e a viu. Uma dor horrível atingiu seu peito, como se pudesse realmente sentir o coração se partindo. Ela estava beijando Damon. Eles estavam meio escondidos nas sombras, mas a pele clara e o cabelo louro de Elena brilhavam. Estavam concentrados um no outro, tanto que, apesar de seu Poder, Damon não tinha consciência da presença de Stefan, nem mesmo quando ele se aproximou dos dois.

— Era por isto que você queria um tempo longe, Elena? — perguntou Stefan, a voz soando oca e distante. Enfim dando pela presença dele, os dois se separaram, o rosto de Elena lívido de choque.

— Stefan — disse ela. — Por favor, Stefan, não, não é o que parece. — Ela estendeu a mão e a puxou de volta, hesitante.

Tudo parecia tão distante para Stefan; ele sabia que estava tremendo, que a boca estava seca, mas era quase como se visse a dor de outra pessoa.

— Não posso fazer isto — disse ele. — De novo, não. Se eu lutar por você, vou acabar destruindo todos nós. Exatamente como aconteceu com Katherine.

Elena balançava a cabeça, de mãos estendidas para ele, suplicante de novo.

— Por favor, Stefan.

— Não posso — repetiu Stefan, recuando, a voz baixa e desesperada.

E então, pela primeira vez, ele olhou para Damon, e uma fúria cega o atingiu, superando de pronto o torpor.

— Você só sabe tomar as coisas — disse Stefan com amargura. — Esta é a última vez. Não somos mais irmãos.

O rosto de Damon se abriu em consternação por uma fração de segundo, e os olhos se arregalaram como se estivesse prestes a falar, mas depois ele endureceu novamente, retorcendo a boca com desdém e mexendo a cabeça para Stefan. *Muito bem*, indicava o gesto, *então dê o fora*.

Stefan cambaleou, virou-se e correu, movendo-se com toda graça e velocidade sobrenaturais que podia, deixando-os muito para trás enquanto Elena gritava:

— *Stefan!*

Rindo, Bonnie tropeçou ao descer a escada, o pé saindo do sapato de salto alto.

— Aqui está, Cinderela — disse Zander, pegando o sapato e ajoelhando-se diante dela. Ajudou-a a calçá-lo, com os dedos quentes e firmes no arco do pé. Bonnie fez uma falsa mesura, reprimindo o riso.

— Obrigada, milorde — agradeceu ela, sedutora.

Ela se sentia fabulosa, tão bobalhona e feliz. Era quase como se estivesse bêbada, mas só tinha tomado uns goles de cerveja. Não, ela *estava* bêbada. Bêbada de Zander, de seus beijos, de suas mãos gentis, de seus grandes olhos azuis. Ela pegou a mão de Zander e ele sorriu, aquele longo sorriso lento, e Bonnie simplesmente *tremeu*.

— Parece que a festa está acabando — disse ela quando eles chegaram ao térreo.

Era bem tarde, quase duas da manhã. Só havia alguns grupos de convidados mais resistentes: um bando de rapazes de fraternidade perto da cerveja, algumas meninas do departamento de teatro dançando com gestos largos dos braços, um casal sentado de mãos dadas no primeiro degrau da escada numa conversa intensa. Meredith, Stefan, Samantha e Matt haviam

desaparecido, e Elena, se é que apareceu na festa mesmo, também saíra. Os amigos de Zander tinham ido embora ou sido expulsos.

— Tchau, tchau — cantarolou Bonnie às poucas pessoas que ainda restavam.

Ela não teve a chance de conversar com nenhum deles, mas todos pareciam muito legais. Talvez da próxima vez que fosse a uma festa, ficasse mais tempo e realmente se relacionasse com pessoas que ainda não conheceria.

Veja todos os novos amigos que os amigos *dela* fizeram no campus. Bonnie deu um aceno especial para as pessoas que vira com Matt recentemente — um cara baixinho cujo nome ela achava que era Ethan e aquela menina de cachos escuros e covinhas. Não eram calouros. Ela adorara todo mundo esta noite, mas eles mereciam ainda mais, porque tinham visto como Matt era um cara maravilhoso. Eles responderam ao aceno, meio hesitantes, e a menina sorriu, aprofundando as covinhas.

— Eles parecem muito legais — comentou Bonnie a Zander, e ele olhou para os dois ao abrir a porta.

— *Hummmmm* — disse ele com indiferença, e seu olhar, só por um minuto, fez Bonnie tremer.

— Não são? — perguntou ela, nervosa. Zander virou a cara, voltando a atenção para ela, e seu sorriso brilhante e caloroso se espalhou pelo rosto. Bonnie relaxou; a frieza que vira nos olhos de Zander devia ter sido só um truque da luz.

— Claro que são, Bonnie. Só me distraí por um segundo. — Ele passou o braço por seus ombros, puxando-a para perto, e plantou um beijo no alto de sua cabeça. Ela suspirou de satisfação, aninhando-se nele.

Eles andaram juntos por um tempo.

— Olhe as estrelas — disse Bonnie baixinho. A noite estava clara, e elas brilhavam no céu. — É porque começou a fazer frio à noite que podemos enxergá-las tão bem.

Zander não respondeu, apenas soltou um murmúrio grave e gutural de novo, e Bonnie o olhou por entre os cílios.

— Quer tomar café comigo de manhã? — perguntou. — Aos domingos, o refeitório tem waffles que a gente mesmo faz, com muitas coberturas diferentes. Uma delícia.

Zander olhava ao longe com aquela expressão distraída que assumiu da última vez que eles atravessaram o campus juntos.

— Zander? — chamou Bonnie com cautela, e ele franziu a testa para ela, mordendo o lábio, pensativo.

— Desculpe — disse ele. Zander retirou o braço dos ombros de Bonnie e recuou alguns passos, sorrindo rigidamente. Todo o seu corpo estava tenso, como se ele estivesse prestes a sair correndo.

— Zander? — chamou Bonnie novamente, confusa.

— Esqueci uma coisa — disse ele, evitando seus olhos. — Tenho que voltar à festa.

— Ah, eu vou com você — ofereceu Bonnie.

— Não, está tudo bem. — Zander se remexia de um pé para o outro, olhando por cima do ombro de Bonnie como se, de repente, preferisse estar em qualquer outro lugar que não fosse ali com ela.

Abruptamente, avançou e lhe deu um beijo desajeitado, chocando os dentes, depois recuou e se virou, andando para o outro lado. Seus passos se apressaram e logo ele estava correndo para longe dela, desaparecendo na noite. De novo. Ele não olhou para trás.

Bonnie, de repente sozinha, tremeu e olhou em volta, espiando a escuridão por todos os lados. Estava tão feliz um minuto atrás e agora sentia

frio e desânimo, como se tivesse levado um balde de água gelada.

— *Só pode* ser brincadeira comigo — disse ela em voz alta.

Elena tremia tanto que Damon teve medo de ela se desintegrar. Ele a abraçou, reconfortando-a, e ela o olhou sem realmente parecer vê-lo, com os olhos vidrados.

— Stefan... — gemeu baixinho, e Damon teve de reprimir uma pontada aguda de irritação.

Então Stefan tinha exagerado na reação. Que novidade havia nisso? Damon estava *ali*, Damon estava com ela e a apoiava, e Elena precisava perceber isso. Ele ficou tentado a pegá-la firmemente pelo queixo e fazer com que ela realmente *olhasse* para ele.

Nos velhos tempos, ele teria feito exatamente isso. Ora essa, nos velhos tempos, ele teria mandado uma rajada de Poder a Elena até que ela ficasse dócil em seus braços, até que nem se lembrasse do nome de Stefan. Seus caninos coçavam de desejo só de pensar nisso. O sangue dela parecia *vinho*.

Mas esperar que Elena cedesse humildemente ao seu Poder nunca funcionou muito bem, admitiu para si mesmo, com a boca se curvando num sorriso.

Entretanto ele não era mais assim. E não a queria desse jeito. Ele estava se esforçando muito, embora odiasse admitir até a si mesmo, para ser digno de Elena. Para ser digno até de Stefan, pensando bem. Foi reconfortante finalmente ter o irmão mais novo olhando para ele com algo além de ódio e repulsa.

Bem, isso acabara. A trégua hesitante, o início da amizade, a fraternidade, o que havia entre ele e Stefan tinha terminado.

— Vamos, princesa — murmurou a Elena, ajudando-a a subir a escada até a porta. — Só mais um pouco.

Ele não podia se arrepender de terem se beijado. Ela era tão linda, tão viva e vibrante. E tinha um gosto tão bom.

E ele a amava, com toda a intensidade possível para um coração duro. Sua boca se curvou de novo e ele sentiu o gosto da própria amargura. Elena nunca seria dele, não é? Mesmo quando Stefan deu as costas a ela, o idiota hipócrita, era só nele que ela pensava. A mão livre de Damon, a que não estava pousada de um jeito protetor sobre o ombro de Elena, cerrou-se num punho.

Eles tinham chegado ao alojamento de Elena, e Damon pegou a chave na bolsa dela, destrancando a porta.

— Damon — disse Elena, virando-se na soleira para olhá-lo nos olhos pela primeira vez desde que Stefan os pegou no meio do beijo. Ela ainda estava lívida, mas resoluta, com a boca numa linha firme. — Damon, isso foi um erro.

O coração de Damon despencou feito uma pedra, mas ele sustentou o olhar dela.

— Eu sei — disse com a voz firme. — Mas tudo vai se ajeitar no final, princesa, você verá. — Ele forçou os lábios a se abrirem num sorriso tranquilizador, dando-lhe apoio. O sorriso de um amigo.

Então Elena se foi, a porta do quarto se fechando firme às suas costas.

Damon deu meia-volta, xingando, e chutou a parede de trás. Ela estalou e ele chutou de novo, com uma satisfação acre ao sentir o reboco se quebrando.

Houve um murmúrio vindo de trás das outras portas no andar, e Damon ouviu passos se aproximando, alguém vindo investigar o barulho. Se tivesse de lidar com alguém agora, provavelmente mataria a pessoa. Não seria uma boa ideia, por mais que pudesse desfrutar do momento, não com Elena bem ali.

Atirando-se em direção a uma janela aberta no corredor, Damon se transformou tranquilamente num corvo em pleno ar. Era um alívio esticar as asas, pegar o ritmo do voo e sentir a brisa nas penas, erguendo-o e sustentando-o. Ele voou pela janela com alguns golpes fortes das asas e se lançou na noite. Pegando o vento, disparou para bem alto, apesar da escuridão da noite. Precisava do vento correndo pelo corpo, precisava da distração.

Querido Diário

Nem acredito na tola que sou, que tola infiel e indigna.

Eu nunca devia ter beijado Damon, nem deixado que ele me beijasse.

A expressão de Stefan quando nos viu foi de partir o coração. Sua expressão tão tensa, a pele pálida, como se ele fosse de gelo. Os olhos brilhavam de lágrimas. Então pareceu que um raio saiu de dentro dele, e ele me olhou com ódio. Como se eu fosse Katherine. Apesar de tudo que aconteceu entre nós, Stefan nunca tinha me olhado assim.

Nem acredito. Stefan não pode me odiar. Cada batida de meu coração me diz que pertencemos um ao outro, que nada pode nos separar.

Fui uma tola e magoei Stefan, embora esta fosse a única coisa que eu jamais quis fazer. Mas não é o fim para nós. Depois que eu me desculpar e explicar o momento de loucura que ele testemunhou, ele vai me perdoar. Depois que eu puder tocar nele novamente, ele verá o quanto estou arrependida.

Foi só a adrenalina de chegar tão perto da morte, daquele carro nos perseguindo. Damon e eu não queríamos realmente um ao outro, aquele beijo foi só um jeito de nos agarrarmos à vida.

Não. Não posso mentir. Aqui não. Tenho de ser sincera comigo mesma, ainda que finja com os outros. Eu queria beijar Damon. Queria tocar em Damon. Sempre quis.

Mas não tenho que fazer isso. Posso e vou me conter. Não quero provocar mais dor em Stefan.

Stefan entenderá isso, entenderá que farei qualquer coisa para deixá-lo feliz novamente, e então vai me perdoar.

Este não pode ser o fim. Eu não permitirei.

Elena fechou o diário e discou o número de Stefan mais uma vez, deixando o telefone tocar até cair na caixa postal, desligando em seguida. Tinha ligado várias vezes para ele na noite passada e repetidas vezes esta manhã. Stefan podia ver que era Elena, ela sabia. Ele sempre deixava o celular ligado. Sempre atendia também; parecia sentir-se na obrigação de estar disponível, por ter o telefone com ele.

O fato de não atender significava que ele a evitava de propósito.

Elena meneou a cabeça intensamente e discou de novo. Stefan teria de ouvi-la. Ela não ia *deixar* que ele lhe desse as costas. Depois que explicasse e ele a perdoasse, tudo voltaria ao normal. Eles podiam terminar essa separação que deixava os dois tão infelizes — claramente, não tinha dado certo como Elena pretendia.

Mas o que exatamente ia dizer? Elena suspirou e se deixou cair de novo na cama, deprimida. Deixando de lado a adrenalina da perseguição do carro, só o que ela realmente podia dizer era que não pretendia que o beijo com Damon acontecesse, que ela não queria, não de verdade. Ela queria

Stefan. Só podia dizer a ele que não era algo que tivesse esperado ou planejado. Que não era *Damon* que ela queria. Não verdadeiramente. Que ela sempre escolheria Stefan.

Isso deveria bastar. Elena discou novamente.

Desta vez, Stefan atendeu.

— Elena — disse, monotonamente.

— Stefan, por favor, me escute. — Elena falou às pressas. — Eu sinto muito. Eu nunca...

— Não quero falar nisto. — interrompeu Stefan. — Por favor, pare de me ligar.

— Mas, por favor, Stefan...

— Eu te amo, mas... — A voz de Stefan estava tranquila, mas fria. — Acho que não podemos ficar juntos. Não se eu não puder confiar em você.

A linha ficou muda. Elena tirou o celular da orelha e o encarou por um momento, confusa, antes de entender o que tinha acontecido. Stefan, o querido e amado Stefan, que sempre estava presente para ela, que a amava independentemente do que ela fizesse, desligara na cara dela.

Meredith levou um pé às costas, segurou-o com as duas mãos, respirou fundo e, lentamente, puxou-o para trás, alongando o quadríceps.

Era bom se alongar, fazer o sangue fluir depois da madrugada de ontem. Estava ansiosa para lutar com Samantha. Havia um novo movimento que Meredith tinha bolado, inspirado no kickboxing, que ela achava que Sam ia *amar* depois que se recuperasse do choque de ter sido derrubada por Meredith mais uma vez. Samantha ficava mais rápida e mais segura de si com o treinamento juntas, e Meredith definitivamente queria que ela continuasse dedicada.

Quer dizer, seria ótimo lutar com Samantha, se ela realmente aparecesse. Meredith olhou o relógio. Sam estava quase vinte minutos atrasada.

Claro, elas chegaram tarde na noite anterior. Ainda assim, não era típico de Samantha sumir se havia dito que iria. Meredith ligou o telefone para ver se tinha algum recado, depois telefonou para Samantha. Ninguém atendeu.

Ela deixou uma mensagem na caixa postal, desligou e voltou a se alongar, tentando ignorar o leve tremor de inquietação que corria por seu corpo. Girou os ombros, alongando os braços nas costas.

Talvez Samantha tivesse se esquecido e o celular estivesse desligado. Talvez tivesse dormido demais. Samantha era uma caçadora; não corria perigo com quem — ou o que — estivesse atacando o campus.

Suspirando, Meredith desistiu da rotina de treinamento. Não ia conseguir se concentrar até saber de Samantha, embora ela provavelmente estivesse bem. Sem dúvida estava bem. Pegando a mochila, ela foi em direção à porta. Podia dar uma corrida no caminho.

O sol brilhava, o ar estava fresco e os pés de Meredith batiam nas calçadas num ritmo constante enquanto ela passava por entre as pessoas que andavam pelo campus. Quando chegou ao alojamento de Samantha, pensou que talvez Sam quisesse dar uma boa corrida com ela em vez de treinar.

Ela bateu à porta, chamando.

— Hora de acordar, dorminhoca! — A porta, que não estava trancada, abriu-se um pouco.

— Samantha? — Meredith empurrou a porta para abrir um pouco mais.

O cheiro a atingiu primeiro. Parecia ferrugem e sal, com um odor subjacente de decomposição, tão forte que Meredith cambaleou para trás, tapando o nariz e a boca.

Apesar do cheiro, no início Meredith não conseguiu entender o que havia por todas as paredes. *Tinta?*, perguntou-se ela, com o cérebro apático e

lento. *Por que Samantha estaria pintando?* Era tão vermelho. Ela passou pela porta lentamente, embora algo nela começasse a gritar. *Não, não, vá embora.*

Sangue. Sanguesanguesangue. Meredith não se sentia mais apática e lenta: o coração martelava, a cabeça girava, a respiração saía arfando com dificuldade. Havia morte naquele quarto.

Ela precisava ver. Tinha de ver Samantha. Apesar de cada nervo em seu corpo insistir para ela fugir, para lutar, Meredith continuou avançando.

Samantha estava de costas, a cama sob ela ensopada e vermelha de sangue. Parecia ter sido despedaçada. Seus olhos abertos encaravam o teto de um jeito vago, sem piscar.

Estava morta.

— Tem certeza de que não quer que a gente ligue para seus pais, senhorita?

— A voz do segurança do campus era ranzinza, mas gentil, a expressão preocupada.

Por um segundo, Meredith se deixou imaginar tendo os pais que ele devia estar imaginando: que correriam para resgatar a filha, a abraçariam e levariam para casa até que as imagens horríveis da morte da amiga desbotassem. Mas os pais *dela* só lhe diriam para ela continuar seu trabalho. Diriam que qualquer outra reação era um fracasso. Se ela se permitisse ser fraca, mais gente morreria.

Ainda mais porque Samantha era uma caçadora, de uma família de caçadores, assim como Meredith. Ela sabia exatamente o que o pai teria dito se ela telefonasse. “*Que isto lhe sirva de lição. Você nunca está segura.*”

— Vou ficar bem — disse ao segurança. — Minhas colegas de quarto estão lá em cima.

Ele a deixou sair, observando-a subir a escada com uma expressão agoniada.

— Não se preocupe, senhorita — disse ele. — A polícia vai pegar esse sujeito.

Meredith reprimiu a resposta, a de que ele parecia depositar muita fé numa força policial que ainda não encontrara pistas do paradeiro dos desaparecidos nem resolvera o assassinato de Christopher. Mas ele só estava tentando reconfortá-la. Ela assentiu e acenou para ele.

Ela mesma não tivera mais sucesso que a polícia, nem mesmo com a ajuda de Samantha. Nem tentara o suficiente, tão distraída que estava com a casa nova e os novos amigos.

Por que agora?, perguntou-se Meredith de repente. Não lhe ocorreu antes, mas esta era a primeira morte, ataque ou desaparecimento que acontecia num quarto de alojamento, e não no pátio ou nas calçadas do campus. O que quer que tenha sido, veio especificamente atrás de Samantha.

Meredith lembrou-se da figura escura que ela perseguiu depois de ter atacado uma garota, uma menina que disse não se lembrar de nada. Lembrou-se do clarão de cabelo louro quando a figura virou. Será que Samantha morreu porque elas chegaram perto demais do assassino?

Os pais dela tinham razão. Ninguém estava seguro. Meredith precisava se esforçar mais, precisava continuar com seu trabalho e seguir cada pista que tivesse.

No andar de cima, a cama de Bonnie estava vazia. Elena levantou a cabeça de onde estava deitada, enroscada na cama. Parte de Meredith notou que o rosto de Elena estava molhado de lágrimas, e sabia que em geral ela teria largado tudo para reconfortar a amiga, mas agora precisava se concentrar na descoberta do assassino de Samantha.

Meredith foi até o próprio armário, abriu e pegou uma bolsa preta e pesada, além do estojo de caçadora.

— Onde está Bonnie? — perguntou, jogando a bolsa na cama e desafivelando-a.

— Ela saiu antes de eu me levantar — respondeu Elena, com a voz trêmula. — Acho que tinha um grupo de estudo hoje de manhã... Meredith, o que está acontecendo?

Meredith abriu a bolsa e retirou suas facas e estrelas ninja.

— O que está acontecendo? — perguntou Elena de novo, mais insistente, arregalando os olhos.

— Samantha morreu — respondeu Meredith, testando a ponta de uma faca no polegar. — Foi assassinada em sua cama por quem está atacando o campus, e precisamos detê-lo.

A faca podia estar mais afiada — Meredith negligenciara a manutenção de suas armas —, então procurou uma pedra de amolar na bolsa.

— *Como?* Ah, não, ah, Meredith. Eu sinto muito. — As lágrimas começaram a escorrer por seu rosto de novo e Meredith a olhou, estendendo a bolsa com o bastão.

— Tem uma caixinha preta na minha mesa com três frascos de extratos venenosos diferentes — disse ela. — Acônito, verbena e veneno de serpente. Não sabemos com o que estamos lidando, então é melhor encher as seringas com uma variedade de coisas. Tenha cuidado — acrescentou.

A boca de Elena se abriu e, depois de alguns segundos, ela a fechou com firmeza e assentiu, enxugando o rosto com o dorso da mão. Meredith sabia que sua mensagem — *lamente depois, aja agora* — tinha sido recebida, e que Elena, como sempre, trabalharia com ela.

Elena pôs o bastão na cama e encontrou a caixa de venenos na mesa de Meredith. Esta viu Elena pensar em como encher as minúsculas seringas hipodérmicas embutidas na madeira-de-lei do bastão, os dedos firmes puxando-as para fora e abrindo-as com cautela. Depois de ter certeza de que Elena sabia o que estava fazendo, Meredith voltou a amolar a faca.

— Eles devem ter vindo atrás de Samantha de propósito. Ela não foi uma vítima ao acaso — disse Meredith, com os olhos na faca enquanto a passava de forma ritmada na pedra. — Acho que precisamos supor que a pessoa sabe que estamos atrás dela e que, portanto, corremos perigo. — Ela estremeceu, lembrando-se do corpo da amiga. — A morte de Samantha foi brutal.

— Um carro tentou atropelar Damon e eu na noite passada — contou Elena. — Estávamos investigando algo estranho na biblioteca, mas não sei se foi por isso. Não consegui ver o motorista.

Meredith parou de amolar a faca.

— Eu falei que Samantha e eu perseguimos alguém que atacava uma garota no campus — disse ela, pensativa —, mas não contei uma coisa, porque não tinha certeza. Ainda não tenho. — Ela relatou a Elena suas impressões sobre a figura vestida de preto, inclusive a impressão momentânea da palidez por baixo do capuz e de um cabelo quase branco.

Elena franziu o cenho, os dedos titubeando no bastão.

— Zander? — perguntou.

As duas olharam para a cama desfeita de Bonnie.

— Bonnie gosta dele de verdade — disse Meredith devagar. — Ela não saberia se houvesse alguma coisa errada com ele? Sabe como é... — Ela fez um gesto vago em torno da cabeça, tentando indicar as visões de Bonnie.

— Não podemos contar com isso. — Elena fechou a cara. — E ela não se lembra das coisas que vê. Não acho que ele seja o cara certo para Bonnie — continuou. — Ele é tão... quero dizer, ele é bonito e simpático, mas às vezes parece meio maluco, não acha? E os amigos dele são uns imbecis. Sei que a distância entre ter amigos horríveis e ser perigoso o suficiente para fazer algo assim é muito grande, mas não confio nele.

— Pode pedir a Stefan para observá-lo? — perguntou Meredith. — Sei que você está dando um tempo no namoro, mas isto é importante, e seria ótimo ter um vampiro de olho nele.

Stefan parecia tão triste na outra noite, pensou Meredith, distante. Por que Elena não ligava para ele? A vida era tão curta. Ela sentiu a lâmina da faca contra o polegar de novo. Melhor. Baixando a faca afiada, ela pegou outra.

Elena não respondeu, e Meredith levantou a cabeça, vendo que ela encarava firmemente o bastão, os lábios tremendo.

— Eu... Stefan não está falando comigo — disse ela de repente. — Não acho... Não sei se ele vai nos ajudar. — Ela fechou a boca com firmeza, claramente sem querer falar no assunto.

— Ah — disse Meredith. Era difícil imaginar Stefan não fazendo o que Elena queria, mas também estava claro que Elena não queria pedir. — Devo ligar para o Damon? — sugeriu com relutância. O vampiro mais velho era um mala, e ela não confiava nele, mas ele certamente sabia ser *dissimulado*.

Elena respirou fundo e assentiu rapidamente, com a boca cerrada.

— Não, eu ligo para ele — disse ela. — Vou pedir para ele investigar Zander.

Meredith suspirou e se recostou na parede, deixando a faca pender na cama. De repente, estava terrivelmente cansada. A espera por Samantha na academia esta manhã parecia ter sido mil anos atrás, mas ainda nem era hora do almoço. Ela e Elena olharam para a cama de Bonnie novamente.

— Temos que falar com ela sobre o Zander, não é? — perguntou Elena em voz baixa. — Temos que perguntar se ele ficou com ela a noite toda. E precisamos alertá-la.

Meredith assentiu e fechou os olhos, deixando a cabeça pousar no frio da parede, mas os abriu novamente. Embora estivesse cansada, sabia que as

imagens da morte de Samantha voltariam se ela se permitisse parar por um minuto que fosse. Não tinha tempo para descansar, não enquanto o assassino estivesse à solta.

— Ela não vai ficar nada satisfeita com isso.

Quica

Quica

Quica

Lança

Pega

Quica

Quica

Lança

Pega

Stefan estava na linha de lance livre da quadra de basquete, driblando e arremessando mecanicamente a bola sozinho. Sentia-se vazio por dentro, um autômato fazendo cestas perfeitas.

Não gostava muito de basquete. Para ele, carecia do contato satisfatório do futebol americano e da precisão matemática da sinuca. Mas era alguma coisa para fazer. Ele ficou acordado a noite e a manhã todas, e não suportou o andar dos próprios pés pelo campus ou a visão das quatro paredes do quarto.

O que ia fazer agora? Não parecia ter sentido voltar às aulas sem Elena. Ele tentou bloquear as lembranças dos séculos vagando sozinho pelo

mundo, sem ela, sem Damon, que precederam sua ida para Fell's Church. Reprimia suas emoções ao máximo, obrigando-se ao entorpecimento, mas não conseguia deixar de se perguntar vagamente se séculos de solidão lhe estariam reservados de novo.

— Você tem um talento e tanto — disse uma sombra, saindo da arquibancada. — Devíamos tê-lo recrutado para o time de basquete também.

— Matt. — Stefan o cumprimentou fazendo outra cesta, depois jogando a bola para ele.

Matt mirou atentamente na cesta e arremessou, e a bola contornou o aro antes de passar por dentro.

Stefan esperou enquanto Matt corria para pegar a bola, depois se virou para ele.

— Estava me procurando? — perguntou, com o cuidado de *não* indagar se Elena o havia mandado.

Aparentando surpresa, Matt meneou a cabeça.

— Não. Gosto de jogar umas bolas quando preciso pensar. Sabe como é.

— O que está acontecendo? — perguntou Stefan.

Matt esfregou a nuca, sem graça.

— Tem uma garota de quem eu meio que gosto, e andei pensando nela por um tempo, querendo convidá-la para sair. E, hummm, por acaso ela já tem namorado.

— Ah. — Depois de alguns minutos, Stefan percebeu que devia responder com algo mais. — Lamento saber disso.

— É. — Matt suspirou. — Ela é mesmo especial. Eu pensei... sei lá, que seria legal ter algo parecido com o que você tem com Elena. Alguém para amar.

Stefan estremeceu. Parecia que Matt tinha torcido uma faca em suas entranhas. Ele jogou a bola para a cesta, desta vez sem mirar, e ela quicou de volta depois de bater na tabela. Matt pulou para pegar e se aproximou dele, estendendo a mão.

— Ei, ei, Stefan. Calma. O que foi?

— Elena e eu não estamos mais juntos — disse Stefan friamente, tentando ignorar a pontada de dor ao pronunciar as palavras. — Ela... Eu a vi beijando Damon.

Matt olhou para Stefan em silêncio pelo que pareceu um bom tempo, os olhos azul-claros firmes e compassivos. Stefan foi atingido pela forte lembrança de que Matt também tinha amado Elena e que eles haviam namorado antes de Stefan entrar na história.

— Olhe — disse Matt por fim. — Não é possível controlar Elena. Se há uma coisa que sei a respeito dela... e eu a conheço a vida toda. Ela sempre vai fazer o que quer, sem se importar com o que se coloca em seu caminho. Você não pode impedi-la. — Stefan começou a assentir, lágrimas quentes ardendo por trás de seus olhos. — Mas — acrescentou Matt — também sei que, no fim das contas, você é o escolhido dela. Elena nunca sentiu nada parecido por ninguém. E, sabe de uma coisa, estou começando a descobrir que existem outras garotas no mundo, mas não acho que você vai fazer isso. Não sei o que está havendo com Damon, mas Elena vai voltar para você. E você seria um idiota se não permitisse, porque ela é perfeita para você.

Stefan esfregou a ponte do nariz. Sentia-se quebradiço, como se tivesse ossos de vidro.

— Não sei, Matt — disse, cansado.

Matt sorriu com simpatia.

— Tudo bem, mas eu sei. — Ele jogou a bola para Stefan, que a pegou automaticamente. — Quer disputar um mano a mano?

Ele estava cansado e magoado, mas, ao driblar a bola, pensando que tinha de pegar mais leve para dar uma chance a Matt, Stefan sentiu um sinal de esperança. Talvez Matt tivesse razão.

— Vocês ficaram *loucas*? — gritou Bonnie. Ela sempre pensou que “enxergar vermelho” fosse só uma metáfora, mas estava com tanta raiva que realmente *via* o toque escarlate em tudo, como se todo o quarto tivesse sido mergulhado em água ensanguentada.

Meredith e Elena trocaram um olhar.

— Não estamos dizendo que *tem* alguma coisa errada com Zander — disse Meredith com gentileza. — Só queremos que você tenha cuidado.

— Cuidado? — Bonnie soltou uma risadinha amarga e cruel e passou por elas para pegar uma bolsa de viagem no armário. — Vocês só estão com ciúme — disse ela sem olhar para as duas. Abriu o zíper da bolsa e começou a jogar algumas roupas ali.

— Ciúme do quê, Bonnie? — perguntou Elena. — *Eu* não quero o Zander.

— Ciúme porque finalmente sou eu que tenho namorado — retorqui Bonnie. — Alaric ficou em Fell’s Church, e você terminou com os seus *dois* namorados. Não gosta de me ver feliz quando está infeliz.

Elena cerrou a boca, pontos brancos apareceram nas maçãs do rosto e ela virou a cara. Olhando para Bonnie com atenção, Meredith falou.

— Eu te disse o que vi, Bonnie; não é nada definido, mas acho que a pessoa que atacou aquela garota pode ter sido Zander. Pode me dizer onde ele estava depois que vocês saíram da festa ontem à noite?

Concentrada em enfiar os jeans preferidos no que já parecia uma bolsa superlotada, Bonnie não respondeu. Sentia um irritante rubor revelador subir pelo pescoço e cobrir o rosto. Tudo bem, já devia ter roupas

suficientes. Ela podia pegar a escova de dentes e o hidratante no banheiro a caminho do corredor.

Meredith se aproximou dela, de mãos abertas e estendidas, tentando aplacá-la.

— Bonnie — disse ela com gentileza —, queremos que você seja feliz. De verdade. Mas também queremos que esteja segura e temos medo que Zander não seja tudo que você acha que ele é. Talvez deva ficar longe dele, só por um tempinho. Enquanto verificamos as coisas.

Bonnie fechou a bolsa, jogou a alça por sobre o ombro e foi para a porta, roçando em Meredith ao passar, sem olhar para ela. Pretendia simplesmente sair, mas, no último segundo, girou na porta para encará-las novamente, incapaz de reprimir o que pensava.

— O que me mata aqui — disse ela — é a hipocrisia de vocês duas. Não se lembram de quando o sr. Tanner foi assassinado? Ou do mendigo que quase morreu debaixo da ponte Wickery? — Ela verdadeiramente tremia de fúria. — Todo mundo na cidade toda achou que Stefan era o responsável. Todas as provas apontavam para ele. Mas Meredith e eu não pensávamos assim, porque Elena nos disse que *sabia* que Stefan não faria isso, que ele *não teria* feito isso. E acreditamos em você, embora não tivesse nenhuma prova para nos dar. — Ela encarava Elena, que baixou os olhos para o chão. — Achei que vocês confiariam em mim da mesma maneira. — Ela olhou de uma para a outra. — O fato de vocês desconfiarem de Zander, embora eu esteja aqui, dizendo que ele nunca machucaria ninguém, deixa claro que vocês não me respeitam — disse com frieza. — Talvez nunca tenham me respeitado.

Ela saiu do quarto pisando duro, subindo mais a alça da bolsa de viagem no ombro.

— *Bonnie* — chamaram às suas costas, e ela se virou para olhar mais uma vez. Meredith e Elena vinham atrás dela, com uma frustração idêntica transparecendo no rosto.

— Vou para o quarto de Zander — disse Bonnie ríspidamente. *Isso* mostraria a elas o que achava das suspeitas sobre ele.

Ela bateu a porta ao sair.

— É claro que a Bonnie está chateada — disse Alaric. — Este é o primeiro namorado de verdade dela. Mas vocês três já passaram por muita coisa juntas. Ela vai voltar para vocês e vai lhes dar ouvidos quando tiver a oportunidade de esfriar a cabeça. — Sua voz estava grave e carinhosa, e Meredith fechou os olhos e segurou o telefone mais perto do ouvido, imaginando o apartamento de doutorando dele, o sofá marrom confortável e a estante de caixotes de leite. Ela jamais teve tanta vontade de estar lá.

— E se acontecer alguma coisa com ela? — indagou Meredith. — Não posso ficar esperando Bonnie deixar de ficar chateada comigo, se ela estiver em perigo.

Alaric fez um ruído de quem pensa ao telefone, e Meredith imaginou sua testa se vincando daquele jeito fofo que ele fazia quando analisava um problema de diferentes ângulos.

— Bem — comentou ele por fim —, Bonnie está passando muito tempo com Zander, não é? Não ficam muito tempo sozinhos? E até agora ela esteve bem. Acho que podemos concluir que, mesmo que Zander esteja por trás dos ataques no campus, ele não pretende ferir Bonnie.

— Acho que seu raciocínio aqui é um tanto falacioso — disse Meredith, ainda assim se sentindo estranhamente reconfortada com as palavras.

Alaric riu de surpresa.

— Você me pegou — disse ele. — Tenho a fama de ser lógico. — Meredith ouviu o rangido da cadeira de Alaric do outro lado da linha e imaginou-o recostando-se, com o telefone preso no ombro, as mãos atrás da cabeça. — Lamento muito por Samantha. — Sua voz estava mais séria.

Meredith se aninhou mais na cama, apertando o rosto no travesseiro.

— Ainda nem consigo falar nisto. — Ela fechou os olhos. — Só preciso descobrir quem a matou.

— Não sei se será útil, mas estive pesquisando um pouco sobre a história da Dalcrest.

— Tipo os fantasmas e mistérios estranhos do campus, de que o professor da Elena andou falando em aula?

— Bem, há mais coisas na história da universidade do que ele contou. — Meredith o ouviu mexer em papéis, provavelmente folheando um de seus cadernos de pesquisa. — A Dalcrest parece ser uma espécie de foco paranormal. Houve incidentes que parecem ataques de vampiros e lobisomens por toda sua história, e não é a primeira vez que há uma série de desaparecimentos misteriosos no campus.

— É mesmo? — Meredith se sentou. — Como a universidade pode continuar funcionando, se desaparece gente o tempo todo?

— Não é o tempo todo — respondeu Alaric. — A última grande onda de desaparecimentos aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial. Houve muita mobilidade da população na época e, embora os alunos desaparecidos tenham deixado amigos e familiares preocupados, a polícia supôs que os jovens que sumiram tinham fugido para se alistar e as meninas, se casado com soldados ou ido trabalhar em fábricas de munição. O fato de que os alunos nunca mais apareceram parece ter sido desconsiderado, e ninguém viu relação entre os casos.

— Que trabalho *sensacional* do departamento de polícia — disse Meredith com acidez.

— Também há muitos comportamentos estranhos no campus — continuou Alaric. — Irmandades nos anos 1970 praticando magia negra, esse tipo de coisa.

— Alguma dessas irmandades ainda existe? — perguntou Meredith.

— Nenhuma especificamente, mas é uma coisa a se ter em mente. Pode haver algo no campus que deixa as pessoas mais propensas a experimentar o sobrenatural.

— E o que é? — Meredith arriou na cama de novo. — Qual é a sua teoria, professor?

— Bem, não é a *minha* teoria, mas conheci alguém on-line que sugeriu que a Dalcrest pode ficar numa área com grande concentração de linhas de força, como Fell's Church. Toda essa parte da Virgínia tem muito poder sobrenatural, algumas mais do que outras.

Meredith franziu o cenho. As linhas de força, as linhas de Poder que corriam sob a superfície da terra, brilhavam como faróis para o mundo sobrenatural.

— E algumas pessoas teorizam que as barreiras entre nosso mundo e as Dimensões das Trevas são mais tênues onde existem essas linhas de força — continuou Alaric.

Estremecendo, Meredith lembrou-se das criaturas que ela, Bonnie e Elena enfrentaram na Dimensão das Trevas. Se fossem capazes de atravessar, de ir à Dalcrest como os kitsune foram para Fell's Church, todo mundo corria perigo.

— Mas ainda não temos provas disso — disse Alaric, tranquilizador, apressando-se a preencher o silêncio entre os dois. — Só o que sabemos é

que a Dalcrest tem uma história de atividade sobrenatural. Nem mesmo temos certeza se é isso que estamos enfrentando agora.

Uma imagem dos olhos mortos e vagos de Samantha encheu a mente de Meredith. Havia uma mancha de sangue em sua bochecha abaixo do olho direito. A cena do crime era tão macabra, e Samantha tinha sido morta de um jeito tão horrível. Bem no fundo, Meredith acreditava que a teoria de Alaric devia estar correta: de maneira nenhuma Samantha havia sido morta por um ser humano.

– Devem estar orgulhosos. — Os aspirantes da Vitale Society estavam enfileirados na sala de reuniões do porão, como no primeiro dia, quando retiraram as vendas. Sob a arcada na frente deles, os Vitale de máscara preta observavam-nos em silêncio.

Ethan andava entre os aspirantes, e seus olhos brilhavam.

— Vocês devem estar orgulhosos — repetiu. — A Vitale Society lhes ofereceu uma oportunidade. A chance de se tornarem um de nós, de se unirem a uma organização que pode lhes dar muito poder, ajudá-los na estrada para o sucesso.

Ethan parou e olhou para eles com determinação.

— Nem todos foram dignos — disse ele com seriedade. — Nós os observamos, como sabem. Não só quando estão aqui ou cumprindo os eventos do processo, mas o tempo todo. Os candidatos que não conseguiram, que não merecem ser parte deste grupo, foram eliminados.

Matt olhou em volta. Era verdade, havia menos deles agora do que na primeira reunião. O barbudo alto do último ano que era uma espécie de mago da biogenética se fora. Uma loura magricela que Matt se lembrava de se esforçar teimosamente na corrida também não estava ali. Só restavam dez aspirantes.

— Aqueles que continuam? — Ethan ergueu as mãos como se lhes desse uma bênção. — Enfim é hora de serem iniciados, de tornarem-se membros plenos da Vitale Society, aprenderem nossos segredos e trilharem nosso caminho.

Matt sentiu uma pequena onda de orgulho enquanto Ethan sorria para todos. Parecia que os olhos de Ethan se demoraram mais em Matt do que nos outros, assim como parecia que o sorriso para Matt era um pouco mais caloroso. Como se, em meio a todos aqueles aspirantes excepcionais, Matt fosse *especial*.

Ethan começou a andar pelo grupo e voltou a falar, desta vez dos preparativos que precisavam ser feitos para a iniciação. Pediu a dois aspirantes para trazerem rosas e lírios para decorar a sala — parecia esperar que esvaziassem algumas floriculturas — e a outros que achassem velas. Uma pessoa teve a tarefa de comprar determinado vinho. Francamente, isso lembrou a Matt de Elena e das outras meninas planejando um baile do ensino médio.

— Muito bem. — Ethan dirigiu-se a Chloe e a uma menina de cabelo comprido chamada Anna. — Gostaria que as duas fossem a um herbanário e comprassem erva-mate, guaraná, pilriteiro, ginseng, camomila e sálvia. Querem anotar?

Matt se empertigou um pouco. As ervas eram um pouco mais místicas e misteriosas, adequadas a uma sociedade secreta, embora ginseng e camomila o lembrassem do chá que a mãe bebia quando ficava resfriada.

Ethan desviou-se das meninas, de olhos fixos em Matt, que se preparou para ser enviado em busca de ponche ou molho ranch.

Mas Ethan, encarando Matt, inclinou um pouco a cabeça, indicando que Matt deveria se juntar a ele um pouco afastado do resto do grupo. Matt

apressou-se a encontrar Ethan, ligeiramente intrigado. O que Ethan não podia dizer na frente dos outros?

— Tenho um trabalho especial para você, Matt — disse Ethan, esfregando as mãos num prazer evidente com a perspectiva. — Quero que convide seu amigo Stefan Salvatore para se juntar a nós.

— Como? — Matt ficou confuso.

— Para ser membro da Vitale Society — explicou Ethan. — Deixamos ele passar quando selecionamos candidatos no início do ano, mas agora que o conheci, acho... *nós* achamos — e gesticulou para as figuras mascaradas e silenciosas do outro lado da sala — que ele seria um membro ideal para nós.

Matt franziu o cenho. Não queria parecer um idiota na frente de Ethan, mas algo lhe parecia despropositado.

— Mas ele não passou pelo processo dos aspirantes. Não é tarde demais para entrar este ano?

Ethan sorriu ligeiramente, apenas um leve curvar dos lábios.

— Creio que podemos abrir uma exceção para Stefan.

— Mas... — Matt ia protestar, depois decidiu sorrir para Ethan. — Vou ligar para ele e ver se está interessado — prometeu.

Ethan lhe deu um leve tapinha nas costas.

— Obrigado, Matt. Você é um Vitale nato, sabia? Tenho certeza de que pode convencê-lo.

Enquanto Ethan se afastava, Matt o observou, perguntando-se por que o elogio desta vez pareceu acre.

Era porque não *fazia sentido*, decidiu Matt, voltando ao alojamento depois da reunião. O que havia de tão especial em Stefan que Ethan decidira tê-lo na Vitale Society agora em vez de esperar até o próximo ano? Tudo bem: *vampiro* — isto era especial em Stefan, mas ninguém sabia. E ele era bonito e sofisticado daquele jeito europeu que fazia com que todas as

meninas da escola se jogassem aos seus pés, mas não era *tão* bonito, e havia muitos alunos estrangeiros no campus.

Matt parou de repente. Ele estava com *ciúme*? Não era justo, talvez, que Stefan simplesmente entrasse direto e recebesse a oferta de algo que Matt se esforçou para conseguir, que Matt pensava que era só dele.

Mas e daí? Não era culpa de Stefan que Ethan quisesse lhe dar um tratamento especial. Stefan estava arrasado com o término do namoro com Elena; talvez fizesse bem a ele se juntar à Vitale. E seria divertido ter um dos amigos na sociedade. Stefan merecia, na verdade; era corajoso e nobre, um líder, mesmo que de maneira nenhuma Ethan e os outros pudessem saber disso.

Expulsando firmemente qualquer *não é justo* ranheta que lhe restava, Matt sacou o celular e telefonou para Stefan.

— E aí? Escute, lembra daquele cara, o Ethan?

* * *

— Acho que não estou entendendo — disse Zander. Seu braço no ombro de Bonnie era forte e solidamente tranquilizador, e a camiseta onde ela enterrara a cara cheirava a algodão limpo e amaciante. — Por que você brigou com suas amigas?

— A questão é que elas não confiam no meu discernimento — respondeu Bonnie, enxugando os olhos. — Se fosse uma das duas, elas não chegariam a conclusões tão precipitadas.

— Conclusões sobre o quê? — perguntou Zander, mas Bonnie não respondeu. Depois de um instante, Zander passou um dedo gentilmente pelo queixo de Bonnie e sobre seus lábios, com os olhos concentrados em

seu rosto. — É claro que pode ficar aqui pelo tempo que quiser, Bonnie. Estou a seu dispor — disse ele num tom estranhamente formal.

Bonnie olhou com interesse o quarto de Zander. Nunca tinha estado ali; na realidade, teve de ligar para ele a fim de descobrir em que alojamento ele morava — não era estranho uma namorada não saber? Mas, se ela tentasse imaginar como seria o quarto dele, teria suposto que era bagunçado e muito masculino; caixas de pizza velhas no chão, roupa suja, cheiros estranhos. Talvez um pôster de uma mulher seminua. Mas a verdade é que era o contrário. Tudo parecia muito minimalista e arrumado: nada em cima da cômoda e da mesa, sem fotos nas paredes nem tapete no chão. A cama estava bem arrumada.

A cama de *solteiro*. Em que eles estavam sentados. Ela e o namorado.

Bonnie sentiu um rubor subir ao rosto. Em silêncio, xingou seu hábito de corar — tinha certeza de que até as orelhas ficavam vermelhas. Ela simplesmente perguntou ao namorado se podia *se mudar* para o quarto dele. É claro que ele era lindo e adorável, e que beijá-lo provavelmente era a experiência mais incrível que ela teve na vida, mas ela começara a *beijar* Zander só na noite passada. E se ele achasse que ela estava sugerindo mais alguma coisa?

Zander a olhava pensativamente enquanto Bonnie ruborizava.

— Sabe — disse ele —, eu posso dormir no chão. Não estou... hummm... esperando que... — Zander se interrompeu, e agora era ele quem corava.

A visão dele atrapalhado fez Bonnie se sentir melhor de imediato. Ela acariciou o braço dele.

— Eu sei. Eu *disse* a Meredith e Elena que você era um cara legal.

Zander franziu o cenho.

— Como é? Elas acham que não sou? — Como Bonnie não respondeu, ele aos poucos a soltou, recostando-se para ver bem seu rosto. — Bonnie?

Quando teve essa briga feia com suas amigas, vocês brigaram por *minha* causa?

Bonnie deu de ombros, abraçando-se. Ele continuou:

— Tudo bem. Uau. — Zander passou a mão pelo cabelo. — Desculpe. Sei que Elena e eu não nos entendemos de cara, mas tenho certeza de que vamos nos dar melhor quando nos conhecermos. Tudo isso vai passar. Não vale a pena deixar de ser amiga delas por isso.

— Não é... — Lágrimas brotaram dos olhos de Bonnie. Zander estava sendo um fofo e ele não tinha *ideia* de como Elena e Meredith haviam o interpretado mal. — Não posso te contar — disse ela.

— Bonnie? — Zander a puxou para mais perto. — Não chore. Não pode ser assim tão ruim. — Bonnie desatou a chorar mais, as lágrimas escorrendo pelo rosto, e ele a abraçou forte. — Conte-me — pediu ele.

— Não é que elas não gostem de você, Zander — disse ela entre os soluços. — Elas acham que você pode ser o assassino.

— *O quê? Por quê?* — Zander se retraiu, quase pulando da cama para longe dela, o rosto branco e chocado.

Bonnie explicou o que Meredith pensou ter visto, sua impressão do cabelo de Zander por baixo do capuz do agressor que ela perseguiu.

— O que é muito injusto — concluiu ela —, porque, mesmo que ela tivesse visto o que pensa que viu, você não é a única pessoa que tem o cabelo bem louro no campus. Elas estão sendo ridículas.

Zander respirou fundo, com os olhos arregalados, e se sentou imóvel e silencioso por alguns segundos. Depois estendeu a mão e a colocou gentilmente sob o queixo de Bonnie, virando seu rosto para que eles se olhassem bem nos olhos.

— Eu nunca machucaria você, Bonnie — disse ele devagar. — Você me conhece, você me *vê*. Acha que sou um assassino?

— Não — respondeu Bonnie, com os olhos cheios de lágrimas. — Não acho. Nunca achei.

Zander se curvou e a beijou, os lábios macios nos dela, como se eles estivessem selando um pacto. Bonnie fechou os olhos e se entregou no beijo.

Ela estava apaixonada por Zander, sabia disso. E, apesar de ele ter fugido tão de repente na noite anterior pouco antes da morte de Samantha, Bonnie tinha certeza de que ele nunca poderia ser um assassino.

– Um cappuccino e um croissant? — perguntou a garçonete e, a um gesto de cabeça de Elena, baixou-os na mesa. Elena empurrou os cadernos de lado para abrir espaço. As provas de meio de período estavam chegando, além de tudo o que estava acontecendo. Elena tentou estudar no quarto, mas se distraía demais vendo a cama de Bonnie vazia. Ela e Meredith eram um erro *completo* sem Bonnie.

Ela também não foi muito bem-sucedida na lanchonete, apesar de ter conseguido uma das maiores mesas ao ar livre, na qual podia espalhar os livros. Ela tentou, mas sua mente sempre voltava à morte de Samantha.

Samantha era uma menina muito legal, pensou Elena. E se lembrou de como seus olhos se iluminavam quando ela ria e como quicava nos calcanhares como se estivesse louca para se mexer, correr, dançar, com energia demais para ficar parada. Meredith não fazia novos amigos com tanta facilidade, mas a frieza cautelosa que costumava ter com estranhos tinha relaxado com Samantha.

Quando Elena saiu do alojamento, Meredith estava ao telefone com Alaric. Talvez ele soubesse o que dizer, como reconfortá-la. Sem querer interromper a conversa dos dois, Elena deixou um bilhete indicando onde estaria se Meredith precisasse dela.

Mexendo o café, Elena levantou a cabeça e viu Meredith vindo em sua direção. A menina mais alta se sentou de frente para Elena e fixou nela seus olhos cinzentos e graves.

— Alaric disse que a Dalcrest é um foco de atividade paranormal — explicou. — Magia negra, vampiros, lobisomens, o pacote completo.

Elena assentiu e colocou mais açúcar na xícara.

— Como sugeriu o professor Campbell — disse ela, pensativa. — Tenho a sensação de que ele sabe mais do que está dizendo.

— Você precisa pressioná-lo — exigiu Meredith séria. — Se ele gostava tanto de seus pais, vai achar que precisa lhe contar a verdade. Não temos tempo a perder. — Ela estendeu a mão e pegou um pedaço do croissant de Elena. — Posso? Não comi nada o dia todo e estou começando a ficar meio tonta.

Olhando as rugas de tensão no rosto de Meredith e as olheiras, Elena sentiu uma forte pontada de solidariedade.

— Claro. — Ela empurrou o prato para a amiga. — Acabo de ligar para Damon pedindo que se encontre comigo. — Ela observou Meredith dizimar o croissant e pondo mais açúcar no café. Elena precisava de conforto.

Logo viram Damon andando pela rua na direção delas, com o cabelo reluzente e perfeito, as roupas pretas casualmente elegantes, e óculos escuros. Cabeças se viravam quando ele passava, e Elena viu uma menina nitidamente errar o passo e tropeçar no meio-fio.

— Que rápido — disse Elena enquanto Damon puxava uma cadeira e se sentava.

— Eu *sou* rápido — respondeu Damon —, e você disse que era importante.

— E é mesmo. Nossa amiga Samantha morreu.

Damon mexeu a cabeça, reconhecendo o fato.

— Eu sei. Há policiais pelo campus todo. Até parece que eles podem fazer alguma coisa.

— Como assim? — perguntou Meredith, olhando-o firme.

— Bem, esses três assassinatos não recaem exatamente na jurisdição da polícia, não é? — Damon tirou a xícara de café da mão de Elena, tomou um gole, depois fez um leve muxoxo de desprazer. — Querida, isto está doce demais.

As mãos de Meredith se cerravam em punhos, e Elena pensou que era melhor apressar as coisas.

— Damon, se souber de algo sobre isso, por favor, fale.

Damon devolveu o cappuccino e gesticulou para o garçom lhe trazer outro.

— Para falar a verdade, não sei muito sobre a morte de Samantha, nem do colega de quarto do Mutt; não sei nem o nome dele. Não consegui chegar perto o bastante dos corpos para ter uma informação real. Mas descobri provas de que existem outros vampiros no campus. Relapsos. — Seu rosto se contorceu na mesma expressão que ele fez depois de provar o café de Elena. — Provavelmente recém-criados. Sem técnica nenhuma.

— Que tipo de provas? — perguntou Meredith.

Damon demonstrou surpresa.

— Os corpos, é claro. Descarte muito ruim de corpos. Covas rasas, fogueiras, esse tipo de coisa.

Elena franziu a testa.

— Então as pessoas que desapareceram foram mortas por vampiros?

Damon balançou o dedo para ela, provocando.

— Eu não disse isso. Os corpos que examinei... e vou te contar, é a primeira vez que realmente *tiro* alguém de uma cova rasa... *não* eram das pessoas que desapareceram no campus. Não sei se os alunos desaparecidos

foram mortos por vampiros ou não, mas alguém foi. Vários alguéns. Estive tentando encontrar os causadores, mas ainda não tive sorte. Ainda.

Meredith, que normalmente teria pulado ao ouvir o comentário de Damon sobre ser a primeira vez que *tirava* alguém de uma sepultura, estava pensativa.

— Vi o corpo de Samantha — disse ela, hesitante. — Não me pareceu um ataque típico de vampiro. E, pelo modo como Matt descreveu o corpo de Christopher, acho que também não foi o caso. Eles estavam — ela respirou fundo — *mutilados*. Dilacerados.

— Pode ser um bando de vampiros realmente *furiosos* ou desleixados — ponderou Damon. — Os lobisomens podem ter essa crueldade. Faz mais o estilo deles.

A garçonete apareceu com o cappuccino e ele agradeceu educadamente. Ela se retirou, ruborizando.

— Tem mais uma coisa — disse Elena depois que a garçonete estava fora de alcance. Ela olhou inquisitivamente para Meredith, que assentiu. — Estamos preocupadas com Bonnie e o namorado novo.

Rapidamente, ela listou os motivos para desconfiarem de Zander e a reação de Bonnie à preocupação das duas.

Damon ergueu uma sobrancelha enquanto terminava o café.

— Então vocês acham que o pretendente da ruivinha pode ser perigoso? — Ele sorriu. — Vou dar uma olhada, princesa. Não se preocupe.

Deixando alguns dólares na mesa, ele se levantou e atravessou a rua, desaparecendo num grupo de árvores. Alguns minutos depois, um corvo grande e preto de penas iridescentes e brilhantes subiu acima das árvores, batendo as asas com força. Soltou um grasnado estridente e voou para longe.

— Isso foi surpreendentemente útil da parte dele — disse Meredith. Seu rosto ainda estava cansado e abatido, mas a voz parecia interessada.

Elena não levantou a cabeça para saber se amiga a olhava especulativamente. Com os olhos recatadamente baixos, sentindo o rosto ficar rosado, ela tomou outro gole do cappuccino. Damon tinha razão. Estava doce demais.

Por que eles sempre querem ficar no alto de prédios?, pensou Bonnie, irritada. Por que não dentro dele? Dentro é legal. Ninguém morre de uma queda se estiver dentro de um prédio. Mas lá vamos nós.

Olhar as estrelas do alto do prédio de ciências num encontro com Zander foi romântico. Bonnie estava disposta a ter outra noite de piquenique, só os dois. Mas uma festa num terraço diferente com um bando de amigos de Zander *não* era romântico, nem um pouco.

Ela tomou um gole da bebida e saiu do caminho sem nem olhar enquanto ouvia o bater de corpos no chão e os grunhidos dos meninos brigando. Depois de dois dias morando com Zander, ela começava a entender direito os nomes dos amigos: Tristan e Marcus eram os que estavam rolando no chão com Zander. Jonah, Camden e Spencer faziam algo que chamavam de *parkour*, que parecia envolver principalmente correr feito idiotas e quase cair do terraço. Enrique, Jared, Daniel e Chad estavam fazendo um jogo de bebida complicado no canto. Às vezes havia mais alguns meninos com eles, no entanto este era o grupo essencial.

Bonnie gostava deles, de verdade. Na maior parte do tempo. Eram turbulentos, claro, mas sempre foram muito legais com ela: pegavam bebidas, imediatamente tiravam o casaco se ela sentisse frio, diziam a ela que

não sabiam o que ela via num mané como Zander, claramente o jeito *masculino* deles de declarar o quanto o amavam e que estavam felizes por ele ter uma namorada.

Ela olhou para Zander, que ria ao dar uma chave de braço em Tristan e esfregar os nós dos dedos no alto de sua cabeça.

— Desiste? — perguntou ele, e grunhiu de surpresa quando Marcus, uivando alegremente, atacou os dois.

Teria sido mais fácil se houvesse outras meninas com eles para ela conhecer. Se Marcus (que era uma graça de um jeito Pé-Grande gigante e descabelado) ou Spencer (que tinha a elegância de riquinho que algumas meninas achavam muito atraente) tivesse namorada, Bonnie teria alguém com quem trocar olhares irônicos enquanto os meninos se comportavam feito bobalhões.

Mas, embora de vez em quando aparecesse uma garota pendurada no braço de um dos meninos, Bonnie nunca a via de novo depois daquela noite. A não ser por Bonnie, Zander parecia viver num mundo quase exclusivamente masculino. E, depois de dois dias seguindo o desfile de machões pela cidade, Bonnie estava começando a ficar cansada. Sentia falta de conversar com meninas. Sentia falta de Elena e Meredith especificamente, embora ainda estivesse chateada com elas.

— Ei — disse ela, aproximando-se de Zander. — Quer sair um pouquinho daqui?

Zander passou o braço sobre seus ombros.

— Hummm. Por quê? — perguntou ele, curvando-se para lhe dar um beijo no pescoço.

Bonnie revirou os olhos.

— Está meio barulhento, não acha? A gente podia dar uma caminhada tranquila ou coisa assim.

Zander demonstrou surpresa, mas assentiu.

— Claro, o que você quiser.

Eles desceram pela escada de incêndio, seguidos por alguns gritos dos amigos de Zander, que pareciam pensar que ele ia buscar comida e logo voltaria com frango frito e tacos.

Depois de estarem a uma quadra de distância do terraço, o ruído diminuiu e tudo ficou pacífico, a não ser pelo som distante de um carro ou outro nas ruas próximas. Bonnie sabia que devia estar com medo, andando à noite pelo campus, mas não era assim. Não com a mão de Zander na dela.

— Isto é bom, não é? — comentou Bonnie, feliz, olhando a meia-lua no céu.

— É. — Zander balançou a mão de Bonnie entre eles. — Antigamente eu dava longas caminhadas... longas mesmo... com meu pai à noite. Íamos para o campo, à luz da lua. Adoro ficar ao ar livre à noite.

— Ah, que fofo — disse Bonnie. — Vocês ainda fazem isso quando você está na sua cidade?

— Não. — Zander hesitou e recurvou os ombros, o cabelo caindo no rosto. Bonnie não conseguia ver sua expressão. — Meu pai... ele morreu. Há algum tempo.

— Sinto muito — disse Bonnie com sinceridade, apertando a mão dele.

— Está tudo bem. — Zander ainda encarava os sapatos. — Mas, sabe, não tenho irmãos, e os meninos se tornaram uma família para mim. Sei que eles às vezes podem ser um saco, mas são gente muito boa. E são importantes para mim. — Ele olhou para Bonnie pelo canto do olho.

Parecia tão apreensivo que Bonnie sentiu uma pontada de afeto por ele. Era fofo Zander e os amigos serem tão próximos; deve ter sido a história de família que ele teve de resolver outra noite. Ele era leal, disso ela sabia.

— *Zander* — disse ela. — Sei que eles são importantes para você. Não quero afastá-lo de seus amigos, seu bobalhão. — Ela passou o braço pelo pescoço dele e lhe deu um leve beijo na boca. — Talvez só por uma ou duas horas, às vezes, mas não por muito tempo. Eu prometo.

Ele retribuiu o beijo com entusiasmo, e Bonnie se arrepiou até os dedos dos pés.

Abraçados, eles foram a um banco junto da calçada e se sentaram para dar mais uns beijos. Era tão *bom* tocá-lo, todo músculos suaves e pele macia. Bonnie passou as mãos pelos ombros e pelos braços dele, descendo pela lateral do corpo.

Ao toque dela, Zander de repente estremeceu.

— O que foi? — perguntou ela, levantando a cabeça.

— Nada — disse Zander. — É que eu andei me atracando com a galera. Eles pegam pesado.

— Deixe eu ver. — Bonnie pegou a bainha da camiseta, meio preocupada e meio querendo ver o abdome de Zander. Ele se revelara surpreendentemente recatado, considerando que os dois dividiam um quarto.

Estremecendo de novo, ele respirou fundo entredentes enquanto Bonnie levantava a camiseta. Ela ofegou. Toda a lateral do corpo de Zander estava coberto de feios hematomas roxos e pretos.

— Zander. — Bonnie ficou apavorada. — Isto parece muito ruim. Não é possível conseguir hematomas assim só numa brincadeira. — *Parece que você esteve lutando pela própria vida. Ou outra pessoa esteve*, pensou ela, e afugentou as palavras.

— Não é nada, não se preocupe. — Zander puxou a camiseta para baixo. Ele ia abraçá-la de novo, mas Bonnie se afastou, vagamente nauseada.

— Queria que você me contasse o que aconteceu.

— Já contei — disse Zander, reconfortando-a. — Sabe como os caras são doidos.

Era verdade, ela jamais conhecera meninos tão agitados. Zander a abraçou de novo e, desta vez, Bonnie deixou-se ficar mais perto dele, virando o rosto para o beijo. Quando os lábios se encontraram, ela se lembrou de Zander dizendo: “*Você me conhece. Você me vê.*”

Ela o conhecia, disse Bonnie a si mesma. Podia confiar em Zander.

Do outro lado da rua, Damon estava à sombra de uma árvore, vendo os dois se beijando.

Tinha de admitir que sentia um pequeno aperto ao vê-la nos braços de outro. Havia algo tão doce em Bonnie, e ela era corajosa e inteligente sob aquela fachada de algodão-doce. O lado bruxa também dava a ela um certo tempero. Ele sempre a considerou dele.

Mas a ruivinha não merecia alguém só dela? Por mais que Damon gostasse de Bonnie, ele não a amava, sabia disso. Vendo a expressão do garoto desajeitado em resposta ao sorriso dela, Damon pensou que talvez este sujeito a amasse.

Depois de ficarem se agarrando por mais alguns minutos, Bonnie e Zander se levantaram e andaram, de mãos dadas, em direção ao que Damon sabia ser o alojamento de Zander. Damon os seguiu, mantendo-se nas sombras.

Ele reprimiu o riso de escárnio. *Estou amolecendo com a velhice*, pensou. Nos velhos tempos, teria *devorado* Bonnie sem pensar duas vezes, e agora ali estava ele preocupado com sua vida amorosa.

Ainda assim, seria bom se a ruivinha pudesse ser feliz. Se o namorado dela não fosse uma ameaça.

Damon esperava que o casal feliz desaparecesse no alojamento juntos, mas em vez disso Zander deu um beijo de despedida em Bonnie e a observou entrar, depois voltou para a rua. Damon o seguiu, mantendo-se oculto, enquanto ele voltava ao grupo com quem estivera. Alguns minutos depois, Zander desceu novamente, seguido pelo bando de garotos barulhentos.

Damon se contorceu de irritação. *Deus me livre dos universitários*, pensou ele. Provavelmente iam se entupir de comida gordurosa de bar. Depois de alguns dias observando Zander, ele estava pronto para voltar a Elena e contar que o garoto não era culpado de nada além da falta de refinamento.

Mas, em vez de irem para o bar mais próximo, os meninos correram pelo campus, com velocidade e decisão, como se tivessem um destino importante em mente. Ao chegarem à margem do campus, foram para o bosque.

Damon lhes deu alguns segundos e os seguiu.

Ele era *bom* nisso; era um predador, um caçador natural, e precisou de alguns minutos escutando, enviando sondas de Poder, para enfim disparar pelas árvores, estalando os galhos escuros à frente... e perceber que Zander e os meninos tinham sumido.

Por fim, Damon parou e se recostou numa árvore para recuperar o fôlego. O bosque estava em silêncio, a não ser pelo som inocente de várias criaturas silvestres que cuidavam da vida e da sua própria respiração entrecortada. Aquele bando de *crianças* barulhentas e irritantes tinha escapado dele, desaparecendo sem o mais leve rastro. Ele cerrou os dentes e conteve a raiva por escaparem, até que praticamente só sobrou a curiosidade sobre o que eles estavam fazendo.

Pobre Bonnie, pensou Damon, alisando e ajeitando meticulosamente as roupas. Uma coisa tinha ficado claríssima: Zander e os amigos não eram

inteiramente humanos.

Stefan se contorceu. Tudo aquilo era meio *estranho*.

Estava sentado numa cadeira com encosto de veludo numa sala imensa do subsolo enquanto universitários zanzavam por ali arrumando flores e velas. A sala era impressionante, Stefan tinha de admitir: enorme, mas elegante. No entanto os pequenos arranjos de flores pareciam baratos e falsos, como um cenário de palco no Vaticano. E as figuras de máscara preta à espreita no fundo da sala, observando, davam-lhe arrepios.

Matt ligara para ele contando do tipo de sociedade secreta universitária em que ingressara, e que o líder queria Stefan entre eles também. Stefan concordou em encontrá-lo e conversar sobre isso. Nunca foi de participar de grupos, mas gostava de Matt e era algo para fazer.

Isso o fazia parar de pensar em Elena, refletiu. À espreita pelo campus — e sempre parecia que estava à espreita quando via Elena, pelo modo como seus olhos eram irresistivelmente atraídos para ela mesmo enquanto ele saía de vista às pressas —, ele a observara. Às vezes ela estava com Damon. As unhas de Stefan pressionaram as palmas das mãos. Relaxando conscientemente, ele voltou a atenção para Ethan, sentado diante dele a uma mesa pequena.

— Os membros da Vitale Society têm um lugar especial no mundo — dizia ele, curvando-se para a frente e sorrindo. — Só os melhores entre os melhores podem ter esperança de ser eleitos. Creio que as virtudes que procuramos estão bem exemplificadas em você, Stefan.

Stefan assentiu educadamente e deixou a mente vagar de novo. As sociedades secretas eram algo que ele realmente conhecia um pouco. A Escola Noturna de Sir Walter Raleigh, na Inglaterra elisabetana, atracava-se com o que na época era conhecimento proibido: ciência e filosofia que a

Igreja declarara proibidas. *Il Carbonari*, na Itália, trabalhavam para estimular a revolta contra o governo de várias cidades-estado, objetivando a unificação de toda a Itália. Damon, Stefan sabia, brincou com os integrantes do Hellfire Club em Londres por alguns meses nos anos 1700, até se entediar com sua atitude e blasfêmia pueril.

Todas essas sociedades secretas, porém, tinham um propósito. Rebelar-se contra a moralidade convencional, buscar a verdade, a revolução.

Stefan se curvou para a frente.

— Perdoe-me — disse ele educadamente —, mas qual é o *sentido* da Vitale Society?

Ethan parou no meio do discurso para encará-lo, depois molhou os lábios.

— Bem — disse ele devagar —, os verdadeiros segredos e rituais da Sociedade não podem ser revelados a ninguém de fora. Nenhum dos aspirantes conhece nossas verdadeiras práticas e propósitos, não ainda. Mas posso lhe dizer que existem inumeráveis benefícios de ser um de nós. Viagens, aventuras, poder.

— Nenhum dos aspirantes conhece seu verdadeiro propósito? — perguntou Stefan. Sua inclinação natural a se manter afastado tornava-se mais resoluta. — Por que não usa máscara como os outros?

Ethan pareceu surpreso.

— Sou o rosto da Vitale para os aspirantes — respondeu simplesmente. — Eles precisam de alguém que conheçam para guiá-los.

Stefan se decidiu. Não queria ser guiado.

— Peço desculpas, Ethan — disse formalmente —, mas acho que eu não seria um candidato adequado para sua organização. Agradeço o convite. — E começou a se levantar.

— Espere. — Os olhos de Ethan estavam arregalados e dourados, e tinham uma expressão ansiosa e impaciente. — Espere — repetiu, lambendo os lábios de novo. — Nós... temos uma cópia de *De hominis dignitate*, de Pico della Mirandola. — Ele tropeçou nas palavras, como se não soubesse o que significavam. — Antiga, de Florença, uma primeira edição. Você poderia ler. Poderia *ficar com ele*, se quisesse.

Stefan enrijeceu. Tinha estudado com entusiasmo a obra de Mirandola sobre a razão e a filosofia quando ainda estava vivo, quando era um jovem se preparando para a universidade. Teve um desejo súbito e visceral de sentir o couro e o pergaminho antigos, ver a tipografia em bloco dos primeiros dias da imprensa, tão mais *correta* do que os livros modernos, compostos em computadores. De maneira nenhuma Ethan sabia que devia oferecer este livro específico a ele. Seus olhos se semicerraram.

— O que o faz pensar que quero isso? — sibilou, curvando-se sobre a mesa em direção a Ethan. Sentia o Poder fluindo por ele, alimentado pela fúria, mas Ethan não o olhou nos olhos.

— Eu... Você me disse que gosta de livros antigos, Stefan — respondeu, e riu falsamente, olhando para a mesa. — Achei que se interessaria.

— Não, obrigado. — A voz de Stefan estava baixa e irritada. Não podia obrigar Ethan a olhá-lo nos olhos, não com tanta gente por perto, então, depois de um momento, ele se levantou. — Declino sua oferta — concluiu ríspidamente. — Adeus.

Ele foi em direção à porta sem olhar para trás, mantendo-se ereto e ativo. Ao chegar à porta, olhou para Matt, que conversava com outro aluno, e deu de ombros para ele, meneando a cabeça, tentando telegrafar suas desculpas. Matt assentiu, decepcionado, mas sem questionar.

Ninguém tentou impedir Stefan de sair da sala, mas ele sentiu um nervosismo na boca do estômago. Havia algo *errado* ali. Não sabia o

suficiente para dissuadir Matt de ingressar na sociedade, mas decidiu ficar de olho na Vitale Society. Assim que fechou a porta ao passar, sentiu que Ethan o observava.

A lua brilhava pela janela, iluminando uma faixa na cama de Elena. Meredith tinha se revirado por um tempo, mas agora Elena a ouvia respirando regularmente. Era bom que Meredith estivesse dormindo. Ela estava exausta: treinando constantemente, patrulhando toda noite, certificando-se de que todas as suas armas estivessem em ótimas condições, louca de frustração por não conseguir descobrir nenhuma pista sólida da identidade do assassino.

Mas dava solidão ser a única acordada.

Elena estendeu as pernas sob os lençóis e virou o travesseiro para descansar a cabeça no lado mais frio. Galhos batiam na janela, e Elena mexeu os ombros contra o colchão, tentando acalmar a mente turbulenta. Queria que Bonnie voltasse para casa.

As batidas na janela soaram de novo, depois mais uma vez, incisivas e peremptórias.

Devagar, ocorreu a Elena, um tanto tarde demais, que não havia nenhuma árvore que chegasse até a janela. Com o coração aos saltos, ela se sentou, ofegante.

Olhos negros como a noite espiavam pelo vidro, a pele clara como o luar. O cérebro de Elena precisou de um minuto para voltar a funcionar, mas ela

saiu da cama e abriu a janela. Ele era tão rápido e gracioso que, quando ela fechou a janela e se virou, Damon já estava sentado em sua cama, recostado nos cotovelos e parecendo totalmente à vontade.

— Que caçadora de vampiros ela é — censurou ele friamente, olhando para Meredith, que soltava um ressonar suave no travesseiro. O olhar dele, porém, era quase afetuoso.

— Não é justo — disse Elena. — Ela está exausta.

— Um dia a vida dela pode depender de ela ficar alerta mesmo quando está exausta — alertou Damon incisivamente.

— Tudo bem, mas este dia não é hoje. Deixe Meredith em paz e me diga o que descobriu sobre Zander. — Sentando-se de pernas cruzadas ao lado dele, na cama, ela se inclinou para a frente para dar toda a atenção a Damon.

Ele pegou sua mão, entrelaçando os dedos lentamente nos dela.

— Não soube de nada definitivo — respondeu ele —, mas tenho minhas desconfianças.

— Como assim? — Elena estava distraída. Damon afagava seu braço levemente com a outra mão, toques de pluma, e ela percebeu que ele a olhava atentamente, querendo ver se ela protestaria.

Por dentro, ela estremeceu um pouco. O que importava, afinal? Stefan a deixara; agora não havia motivo para afastar Damon. Ela olhou para Meredith, mas a amiga morena ainda dormia profundamente.

Os olhos negros de Damon cintilavam ao luar. Ele parecia sentir o que ela pensava, porque se curvou para mais perto dela, puxando-a para se aninhar nele.

— Preciso investigar um pouco mais — disse Damon. — Mas definitivamente há alguma coisa estranha nele e nos meninos com quem anda. Eles são rápidos demais, para começar. Entretanto não acho que Bonnie corra perigo imediato.

Elena enrijeceu em seus braços.

— Que provas tem disso? — perguntou. — E não se trata só de Bonnie. Se todos estão em perigo, eles devem ser nossa prioridade máxima.

— Vou vigiá-los, não se preocupe. — Ele riu, um som seco e íntimo. — Ele e Bonnie certamente estavam ficando mais próximos. Ela parece inebriada.

Elena ficou tensa e se afastou do toque cuidadoso dele, ansiosa.

— Se ele pode ser perigoso, se há alguma coisa *estranha* nele, como você diz, temos que alertá-la. Não podemos ficar aqui sentados *observando* e esperando que ele faça algo errado. Pode ser tarde demais.

Damon a puxou de volta, com a mão aberta e firme em sua cintura.

— Você já tentou avisar a Bonnie e não deu certo, não foi? Por que ela daria ouvidos a você agora que passou mais tempo com ele, criando laços, e nada de mal lhe aconteceu? — Ele meneou a cabeça. — Não vai dar certo, princesa.

— Eu só queria poder *fazer* alguma coisa — comentou Elena, infeliz.

— Se eu desse uma olhada nos corpos — Damon estava pensativo —, poderia ter uma ideia melhor do que pode estar por trás disso. Acha que está fora de cogitação invadir o necrotério?

Elena pensou no assunto.

— Acho que, a esta altura, já devem ter liberado os corpos — respondeu, em dúvida —, e não sei para onde os mandaram. Espere! — Ela se sentou reta. — A sede da segurança do campus deve ter alguma coisa, não é? Registros, talvez até fotos dos corpos de Christopher e Samantha? Os seguranças do campus viram todas as cenas de crime antes de a polícia chegar.

— Podemos dar uma olhada amanhã, certamente — disse Damon casualmente. — Se isso a fizer se sentir melhor.

Sua voz e a expressão estavam quase desinteressadas e provocantes, e, mais uma vez, Elena sentiu a estranha mistura de desejo e irritação que Damon costumava incitar nela. Queria empurrá-lo e puxá-lo ao mesmo tempo.

Ela quase decidira pelo empurrão quando ele se virou para olhar em cheio para o rosto de Elena.

— Minha pobre Elena — falou num murmúrio tranquilizador, com os olhos cintilando à luz da lua. Ele passou a mão macia por seu braço, pelo ombro, pelo pescoço, parando delicadamente no queixo. — Não consegue se livrar das criaturas das trevas, não é, Elena? Por mais que tente. Casa nova, monstro novo. — Ele acariciou seu rosto com um dedo. Suas palavras eram quase sarcásticas, mas a voz era gentil e os olhos brilhavam de emoção.

Elena apertou o rosto contra a mão dele. Damon era elegante e inteligente, e algo nele falava à parte sombria e secreta dela. Não podia negar que era atraída por ele — que sempre fora atraída por ele, mesmo quando se conheceram e ele a amedrontou. E Elena o amava desde aquela noite de inverno em que ela acordou como vampira e ele cuidou dela, protegendo-a, ensinando-lhe o que precisava saber.

Stefan a havia abandonado. Não tinha motivo para não fazer isso.

— Nem sempre quero me livrar das criaturas das trevas, Damon.

Ele ficou em silêncio por um momento, a mão afagando seu rosto automaticamente, e a beijou. Os lábios dele eram uma seda fria nos dela, e Elena sentiu como se tivesse vagado por horas num deserto até finalmente receber água fria para beber.

Ela o beijou com mais intensidade, deixando que a mão dele entrelaçasse os dedos em seu cabelo macio.

Afastando-se de sua boca, Damon beijou seu pescoço gentilmente, esperando a permissão. Elena baixou a cabeça para trás para lhe dar melhor

acesso. Ouviu o silvo da respiração de Damon entre os dentes, e ele a olhou nos olhos por um momento, a expressão suave e mais aberta do que ela já vira, antes de voltar a baixar o rosto em seu pescoço.

As ferroadas de vespa de suas presas doeram por um instante, mas depois ela estava deslizando para a escuridão, seguindo uma linha de prazer doloroso que a levou pela noite, até Damon. Ela sentiu a alegria dele e o encanto por tê-la nos braços sem culpa, sem reservas. Em troca, ela deixou que ele sentisse sua felicidade nele e sua confusão por querê-lo e ainda amar Stefan, sua dor pela ausência dele. Não havia culpa, não agora, mas um imenso espaço no formato de Stefan em seu coração, e ela deixou que Damon visse isso.

Está tudo bem, Elena, ela sentiu vindo dele, não em palavras, mas em um contentamento sólido como uma pedra, como um ronronar de gato. *Só o que quero é isto.*

Matt observou que Ethan estava totalmente surtado. A postura animada e costumeira do garoto sumira, e ele supervisionava os arranjos da iniciação com a intensidade de um sargento.

— Não! — rosnou ele do outro lado da sala. Ele andou às pressas e bateu na perna de uma menina que subira numa cadeira e entrelaçava rosas no V de metal chumbado no alto do arco central.

— Ai! — gritou ela, deixando as rosas caírem no chão. — Ethan, qual é o seu problema?

— Não ponha nada no V, Lorelai — disse-lhe ele com frieza, e abaixou-se para pegar as flores. — Você deve respeitar os símbolos da Vitale Society. É uma questão de honra. Quando nosso líder finalmente se juntar a nós, devemos demonstrar a ele que somos disciplinados, que somos capazes. — Ele meteu as rosas nas mãos dela. — E não fazemos isso pendurando *lixo* no símbolo de nossa organização.

Lorelai o encarou.

— Desculpe, mas pensei que *você* fosse o líder da Vitale Society, Ethan.

Todos pararam de trabalhar para ver o surto de Ethan. Percebendo que era o centro das atenções, ele respirou fundo, claramente tentando recuperar a compostura.

Por fim dirigiu-se a todos, mordendo as palavras.

— Estou tentando preparar todos vocês, e a esta câmara, para a cerimônia de iniciação. Por *vocês*. — Sua voz se elevava enquanto ele fuzilava a todos com os olhos. — E é nessa hora que tomo conhecimento de que, apesar de todas as suas promessas, vocês são um bando de incompetentes. Nem conseguem colocar uma vela ou misturar umas ervas sem a minha ajuda. Estamos ficando sem tempo, e eu podia muito bem fazer tudo sozinho.

Matt olhou para os outros aspirantes. As expressões eram de assombro e cautela. Assim como ele, todos, o tempo todo, estiveram se mirando em Ethan, ficando lisonjeados e estimulados com seus elogios. Agora o exemplo se voltava contra eles, e ninguém parecia saber como reagir. Chloe, dispendo velas na arcada, ficou ansiosa, unindo firmemente os lábios. Olhou rapidamente para Matt e virou o rosto, voltando-se para Ethan.

— Basta nos dizer o que fazer, Ethan — disse Matt, avançando um passo. Ele tentou manter a voz calma e estável. — Vamos fazer o máximo para que saia tudo perfeito.

Ethan virou-se, irritado, para ele.

— Você nem conseguiu que seu amigo Stefan se juntasse a nós — disse com amargura. — Uma tarefa simples e você fracassou.

— Ei — Matt se ofendeu —, isto não é justo. Eu trouxe Stefan para conversar com você. Se ele não ficou interessado, foi decisão dele. Stefan não precisa se juntar a nós.

— Questiono seu compromisso com a Vitale Society, Matt — disse Ethan categoricamente. — E a conversa com Stefan Salvatore *não* acabou. — Ele passou por Matt, olhando brevemente o resto dos aspirantes reunidos em volta dele. — Não há muito tempo. Voltem todos ao trabalho.

Matt sentiu o princípio de uma dor de cabeça nas têmporas. Pela primeira vez, perguntou-se se queria mesmo ingressar na Vitale Society.

— Eu podia abrir esta porta em um segundo — disse Damon com irritação. — Mas estamos parados aqui, esperando.

Meredith suspirou e mexeu com cuidado o grampo na tranca.

— Se arrombar à força, Damon, vão saber de cara que alguém invadiu a sede da segurança do campus. Soltando a tranca, podemos agir discretamente. Entendeu? — O grampo agarrou em alguma coisa e ela o deslizou para cima com cuidado, tentando virar para pegar os pinos da fechadura e mover o tambor. Depois o grampo entortou e ela perdeu o ângulo. Então resmungou e procurou outro grampo na bolsa. — Vinte e sete armas — grunhiu Meredith. — Trouxe 27 armas diferentes para a faculdade e nenhum kit de arrombamento.

— Bem, não se pode estar preparada para *tudo* — disse Elena. — Que tal usar um cartão de crédito?

— Estar preparada para tudo é parte de minha descrição de cargo — murmurou Meredith. Ela se agachou sobre os calcanhares e encarou a porta. A tranca era bem frágil: não só Damon, mas ela ou Elena podia ter aberto à força. E, sim, um cartão de crédito ou coisa parecida devia funcionar bem. Largando o grampo na bolsa aberta, ela pegou a carteira e achou o cartão de estudante.

O cartão deslizou na fenda entre a porta e o batente, ela fez uma leve torção e, bingo, conseguiu deslizar facilmente a tranca e abrir a porta. Meredith sorriu para Elena por sobre o ombro, arqueando uma sobrancelha.

— Isto foi estranhamente satisfatório — disse ela.

Depois de entrarem e a porta se trancar novamente, Meredith verificou se as janelas estavam cobertas e acendeu a luz.

A sede da segurança era decorada com simplicidade: paredes brancas, duas mesas, cada uma com um computador, uma com meio copo de café esquecido no tampo, e um arquivo. Havia uma planta moribunda no peitoril, as folhas secas e amarronzadas.

— Temos certeza de que nenhum dos seguranças vai aparecer e nos dar um flagra? — perguntou Elena, nervosa.

— Já disse que verifiquei a rotina deles — respondeu Meredith. — Depois das oito da noite, todos os seguranças, menos um, ficam de patrulha no campus. O que não fica se senta no saguão do térreo da reitoria, mantendo contato por rádio com os outros e ajudando alunos que se trancaram nos alojamentos e coisas assim.

— Bem, vamos logo com isso — disse Damon. — Não me agrada muito a ideia de passar a noite toda neste buraco deprimente.

Sua voz parecia ao mesmo tempo educada e entediada, como sempre, mas havia algo de diferente nela. Damon estava muito perto de Elena, tão perto que seu braço roçava no dela e, Meredith observou, a mão de Damon subiu para tocar muito de leve as costas de Elena, só com a ponta dos dedos. Havia uma leve curva discreta em sua boca, quase como se Damon estivesse mais satisfeito consigo mesmo do que o habitual.

— Então? — perguntou ele, olhando novamente para Meredith. — E agora, caçadora?

Elena se afastou dele e se ajoelhou diante do arquivo antes que Meredith pudesse responder, abrindo a primeira gaveta.

— Qual era o sobrenome de Samantha? O arquivo deve estar ordenado por sobrenome.

— Dixon — respondeu Meredith, afugentando o leve choque que sempre lhe vinha quando alguém se referia a Samantha no pretérito. É que... ela era tão cheia de vida. — E o de Christopher era Nowicki.

Elena procurou nas pastas das duas gavetas, tirando primeiro uma pasta grossa, depois uma segunda.

— Achei. — Ela abriu a pasta de Samantha e soltou um leve ruído gutural. — É... pior do que eu pensava. — Sua voz tremia ao ver as fotos da cena do crime. Ela virou algumas páginas. — E aqui está o relatório do legista. Diz que ela morreu por causa da perda de sangue.

— Deixe-me ver — pediu Meredith. Ela pegou a pasta e se obrigou a examinar as fotos da cena do crime para ver se tinha deixado passar alguma coisa quando esteve lá. Seus olhos ficaram fugindo do pobre corpo indefeso de Sam, mas ela engoliu em seco e se concentrou nas áreas afastadas do corpo, no chão, nas paredes do quarto de Samantha. — Perda de sangue porque ela foi morta por um vampiro? Ou porque havia sangue demais para todo lado? — Ela se orgulhou de manter a voz firme; mais que a de Elena, pelo menos. Estendeu a pasta a Damon. — O que acha?

Damon pegou a pasta e examinou as fotos sem paixão, folheando algumas páginas para ler o relatório do legista. Depois estendeu a mão para pegar a pasta de Christopher com Elena e também analisou esta.

— Não posso dizer nada com certeza — explicou depois de alguns minutos. — Como os corpos que encontrei, eles podem ter sido mortos por lobisomens, que são primitivos assim. Ou podem ter sido vampiros relapsos. Demônios, tranquilamente. Até humanos podem fazer isso, se tiverem motivação suficiente. — Elena soltou um leve ruído de negação, e Damon lhe abriu um sorriso súbito e brilhante. — Ah, não se esqueça de que os humanos podem pensar em meios muito mais criativos de violência do que alguns simples monstros famintos, meu amor. — Sério de novo, ele olhou mais uma vez as fotografias. — Mas posso lhes dizer que mais de uma criatura... ou pessoa... foi responsável por isto.

Seu dedo traçou uma linha por uma das fotos e Meredith se obrigou a olhar. Manchas de sangue se espalhavam em um arco largo pelo quarto, para além dos braços estendidos de Samantha.

— Está vendo como o sangue espirrou aqui? — perguntou Damon. — Alguém segurou as mãos dela e outro segurou os pés, e pelo menos um terceiro, talvez mais, a matou. — Ele abriu a pasta de Christopher novamente. — A mesma coisa aqui. Isso pode ser prova de que a culpa é dos lobisomens, porque eles costumam andar em bandos, mas não é uma prova incontestável. Podemos ver grupos de quase qualquer coisa. Até de vampiros: nem todos são tão autossuficientes quanto eu.

— Matt viu só uma pessoa... ou coisa... perto do corpo de Chris — observou Elena. — E ele chegou logo depois de Christopher gritar.

Damon gesticulou com desprezo.

— Então eles foram rápidos. Um vampiro poderia fazer isso antes que um humano tivesse tempo de reagir ao grito. Quase qualquer ser sobrenatural poderia. A velocidade vem no pacote.

Meredith deu de ombros.

— Todo um bando de alguma coisa — disse num torpor. — Um só já era bem ruim.

— Um bando é *muito* pior — concordou Damon. — Agora estão prontas para ir?

— É melhor vermos se tem mais alguma coisa e depois arrumar tudo — disse Elena. — Quer montar guarda lá fora? Sinto que estamos provocando o destino, ficando muito tempo aqui. Você podia fazer algum sinal se vir alguém se aproximando ou usar seu Poder para se livrar deles. Por favor?

Damon sorriu para ela sedutoramente.

— Serei seu cão de guarda, princesa, mas só porque você pediu.

Meredith esperou até ele sair para num tom seco dizer:

— E, por falar em cães, lembra quando Damon matou o pug da Bonnie?

Elena abriu a primeira gaveta do arquivo de novo e procurou metodicamente.

— Não quero falar nisto, Meredith. De qualquer modo, foi Katherine que matou Yangtze.

— Só acho que você não entende no que está se metendo — disse Meredith. — Damon não serve para um relacionamento.

As mãos de Elena falharam em seu progresso eficiente.

— Eu não... não é isso. Não é um relacionamento, não quero ter relacionamento com ninguém, só com Stefan.

Meredith franziu o cenho, confusa.

— Bem, então o que...

— É complicado — explicou Elena. — Eu gosto de Damon, você sabe disso. Estou vendo até onde as coisas podem ir com ele. Com Stefan longe — a voz falhou —, tenho que dar uma chance a ele. Só... deixe esta história de lado por enquanto, está bem?

Ela pegou a pasta de Samantha para devolver à gaveta. Seus lábios tremiam, e Meredith estava prestes a insistir no assunto: ela *não ia* deixar de lado. Não quando Elena estava perturbada e de algum modo envolvida (*mais* envolvida que antes) com Damon, o vampiro perigoso. Mas Elena a interrompeu antes que ela pudesse falar:

— Hummmm. O que acha que isto quer dizer?

Meredith esticou o pescoço para ver do que ela falava, e Elena apontou. Na segunda pasta de Samantha, havia um V preto e grande na capa. Ela pegou a pasta de Christopher.

— Aqui também tem um — disse ela, mostrando a Elena.

— Vampiros? — perguntou Elena. — A Vitale Society? O que começa com V que possa ter relação com esses crimes?

— Não sei — Meredith começou a falar quando de repente elas ouviram o ronco de um motor de carro parando na frente do prédio. Um grasnado estridente atravessou a janela.

— É Damon — disse Elena, enfiando a pasta de Christopher de volta no arquivo. — Se não quisermos que ele tenha que influenciar toda a força de segurança, é melhor sairmos daqui rápido.

— Gosto de sua casa — disse Elena a Damon, olhando em volta.

Ela ficou um tanto surpresa quando ele a convidou para jantar. Um encontro convencional não era algo que ela um dia tenha associado a Damon, mas no caminho para lá ela estava se coçando de empolgação e curiosidade. Apesar de ter morado no mesmo palácio que Damon na Dimensão das Trevas, ela nunca viu uma casa que Damon montasse para si mesmo. Apesar de toda a ostentação, percebeu Elena, Damon era estranhamente reservado.

Ela esperava que o apartamento dele tivesse decoração gótica em preto e vermelho, como as mansões de vampiro que ela visitou na Dimensão das Trevas. Mas não era nada disso. Era minimalista, refinado e elegante em sua simplicidade, com paredes claras e despojadas, muitas janelas, mobília de vidro e metal e cores suaves e frias.

De algum modo, combinava com ele. Se não se olhasse muito fundo em seus olhos escuros e antigos, ele podia ser um lindo jovem modelo ou arquiteto, vestido de preto, na moda, e firmemente arraigado no mundo moderno.

Mas não inteiramente moderno. Elena parou na sala de estar para admirar a vista da cidade: estrelas cintilavam no céu acima das luzes suaves

das casas e dos faróis dos carros nas ruas. Em uma mesa de cromo e vidro abaixo da janela, algo mais emitia um brilho semelhante.

— O que é isto? — perguntou ela, pegando o objeto. Parecia uma esfera dourada coberta com uma filigrana de diamantes, do tamanho ideal para caber confortavelmente na palma de sua mão.

— Um tesouro — disse Damon, sorrindo. — Veja se consegue encontrar o fecho do lado.

Elena tateou a esfera com dedos cautelosos, enfim encontrando um fecho inteligentemente escondido. Apertou-o. A bola se abriu em suas mãos, revelando uma pequena figura dourada. Um beija-flor, viu Elena ao erguer o objeto, o ouro cravejado de rubis, esmeraldas e safiras.

— Gire a chave — orientou Damon parando atrás dela, com as mãos frias em sua cintura.

Elena encontrou a pequena chave atrás do passarinho e girou. A ave arqueou o pescoço e abriu as asas, movendo-se lenta e suavemente enquanto começava a tocar uma música delicada.

— É lindo — disse ela.

— Feito para uma princesa — falou Damon, de olhos fixos na ave. — Um brinquedinho delicado, da Rússia anterior à Revolução. Tinham bons artesãos lá nos velhos tempos. Também era um lugar divertido de se estar, se você não fosse camponês. Palácios, banquetes e cavalgadas pela neve em trenós amontoados de peles.

— Você esteve na Rússia durante a Revolução? — perguntou Elena.

Damon riu, um som curto, seco e afiado.

— Eu estive lá *antes* da Revolução, querida. “Saia antes que as coisas fiquem ruins” sempre foi o meu lema. Nunca me importei o suficiente para ficar e ver as coisas até o fim. Antes de conhecer você, quero dizer.

A música parou de tocar, e Elena se virou um pouco, querendo ver o rosto de Damon. Ele sorriu e pegou a mão dela, fechando a ave na esfera.

— Fique com isto — disse ele. Elena tentou protestar (certamente era inestimável), mas Damon deu de ombros levemente. — Quero que fique com ele. Além disso, tenho muitos tesouros. Tende-se a acumular coisas quando se vive várias vidas.

Ele a conduziu à sala de jantar, onde a mesa estava posta para um.

— Está com fome, princesa? — perguntou. — Comprei comida para você.

Ele lhe serviu uma sopa maravilhosa — de algo que ela não reconheceu e que era suave e aveludado na língua, com um leve toque de especiarias —, seguida de uma ave mínima assada, que Elena dissecou cuidadosamente com o garfo, estalando os ossinhos. Damon não comeu, jamais comia, mas bebeu uma taça de vinho e observou Elena, sorrindo quando ela lhe contou das aulas e assentindo com seriedade quando ela lhe falou do quanto custava a Meredith patrulhar toda noite.

— Foi maravilhoso — disse ela por fim, comendo a saborosa torta de chocolate que ele comprara para a sobremesa. — Acho que foi a melhor refeição que já tive.

Damon sorriu.

— Quero lhe dar o melhor de tudo. Você devia ter o mundo aos seus pés, sabe.

Algo em Elena se agitou. Ela baixou o garfo e se levantou, indo à janela para olhar as estrelas novamente.

— Você esteve em toda parte, não foi, Damon? — perguntou. Ela colocou a palma no vidro.

Damon se aproximou por trás e a puxou para ficarem frente a frente, acariciando delicadamente seu cabelo.

— Ah, Elena — disse ele. — Eu *estive mesmo* em toda parte, mas o que sei do mundo é que ele sempre muda, então é sempre novo e emocionante. São tantos lugares que quero lhe mostrar, que quero que veja com seus próprios olhos. Há tanta coisa lá fora, tanto a viver.

Ele beijou seu pescoço, os caninos apertando gentilmente a veia na lateral, depois colocou as mãos em seus quadris, virando-a para a janela, onde um manto de estrelas brilhava na noite.

— A maioria das pessoas nunca viu um décimo do que existe no mundo humano — murmurou ele em seu ouvido. — Seja extraordinária comigo, Elena. — Seu hálito estava quente no pescoço dela. — Seja minha princesa das trevas.

Elena se encostou nele, tremendo.

Querido Diário,

Não sei mais quem sou.

Esta noite, com Damon, quase pude imaginar minha vida se eu aceitasse a proposta que ele me fez, de me tornar sua “princesa das trevas”. Nós dois, de mãos dadas, fortes, lindos e livres. Tudo o que eu quisesse sem ter de levantar um dedo que fosse: joias, roupas, uma comida maravilhosa. Uma vida acima das preocupações que eu costumava ter, em algum lugar distante. Vivendo e vendo maravilhas que nem mesmo imagino.

Mas seria um mundo sem Stefan. Ele tem me rejeitado ultimamente. Mas me ver com Damon — não só nos beijando, mas sendo quem Damon quer que eu seja — o magoaria, eu sei. E não suporto mais fazer isso.

É como se existissem dois caminhos à minha frente. Um leva à luz do dia, e é o da menina comum que eu pensei que quisesse ser:

festas, aulas e, no futuro, um emprego, uma casa e uma vida normal. Stefan quer me dar isso. O outro leva às trevas, com Damon, e estou apenas começando a perceber o quanto esse mundo tem a oferecer e o quanto quero viver tudo que há nele.

Sempre pensei que Stefan estaria comigo no caminho do dia. Mas agora o perdi, e esse caminho me parece tão solitário. Talvez o caminho das trevas realmente seja meu futuro. Talvez Damon tenha razão e eu deva ficar com ele, na noite.

— Estou louca para ver minha surpresa. — Bonnie ria enquanto ela e Zander atravessavam o gramado do prédio de ciências de mãos dadas. — Você é tão romântico. Espere só até eu contar aos meninos.

Zander roçou um beijo leve como uma pluma em seu rosto, com os lábios quentes.

— Eles já sabem que perdi todos os meus pontos de cara descolado por sua causa. Eu cantei no karaokê com você ontem à noite.

Bonnie deu uma risadinha.

— Bem, depois que eu te mostrei *Dirty Dancing*, tínhamos que cantar o grande dueto, não é? Nem acredito que você nunca tivesse visto esse filme.

— Isso porque eu costumava ser mais homem — admitiu Zander. — Mas agora vi o erro que cometi. — Ele abriu um de seus sorrisos lentos e os joelhos de Bonnie quase se vergaram. — É um filme legal.

Eles chegaram ao pé da escada de incêndio, e Zander a impeliu, subindo atrás dela em seguida. Quando chegaram ao terraço, Zander gesticulou grandiosamente para a cena diante deles.

— Em nosso aniversário de seis semanas, Bonnie, uma recriação de nosso primeiro encontro.

— Ah! Que amor!

Bonnie olhou em volta. Lá estava a manta puída do exército, com uma caixa de pizza e refrigerantes. As estrelas brilhavam no alto, como seis semanas antes. Era *mesmo* um amor; uma ideia romântica, mesmo que o primeiro encontro não tenha sido tão maravilhoso. Depois ela se corrigiu: foi um encontro maravilhoso, sim, embora tivesse sido simples.

Ela se sentou na manta, olhou a caixa de pizza, e involuntariamente sorriu. Azeitonas, linguiça e cogumelos. A preferida dela.

— Pelo menos houve uma melhoria na recriação, pelo que vejo.

Zander se sentou ao lado dela e passou o braço sobre seus ombros.

— Claro que agora sei como você gosta de sua pizza. Tenho que prestar atenção na minha garota.

Bonnie se aninhou sob seu braço e eles dividiram a pizza, olhando as estrelas e conversando confortavelmente sobre uma coisa ou outra. Quando a pizza acabou, Zander limpou as mãos engorduradas com cuidado num guardanapo e pegou as mãos de Bonnie.

— Preciso falar com você — disse com seriedade, os olhos azuis celestes intensos nos dela.

— Tudo bem. — Bonnie ficou nervosa, com um certo pânico surgindo no estômago. Zander não a teria levado ali e recriado o primeiro encontro se estivesse planejando deixá-la, não é? Não, essa ideia era ridícula. Mas ele parecia tão solene e preocupado. — Você não está doente, está? — perguntou ela, apavorada com a ideia.

O canto da boca de Zander se torceu num sorriso.

— Você é muito engraçada, Bonnie. Sempre diz o que lhe passa pela cabeça. Este é um dos motivos para eu amar você. — O coração de Bonnie saltou na garganta e ela sentiu as bochechas ficarem vermelhas. Zander a *amava*?

Zander ficou sério de novo.

— É sério. Eu sei que é muito cedo, e você não precisa se sentir obrigada a responder nada, mas quero que saiba que estou me apaixonando por você. Você é incrível. Nunca senti nada assim. Nunca.

Lágrimas de uma surpresa feliz brotaram nos olhos de Bonnie e ela fungou, apertando a mão de Zander com força.

— Eu também sinto isso — disse ela numa voz mínima. — As últimas semanas foram maravilhosas. Quero dizer, não acho que um dia eu tenha me divertido tanto quanto me divirto com você. Nós *nos entendemos*, sabe?

Eles se beijaram, um beijo longo, lento e doce. Bonnie se encostou em Zander e suspirou, satisfeita. Nunca tinha ficado tão à vontade. Em seguida, ele se afastou.

Bonnie se aproximou de novo, mas Zander pegou as mãos dela e olhou em seus olhos.

— E, como estou me apaixonando por você — explicou ele devagar —, preciso lhe contar uma coisa. Você tem o direito de saber. — Ele fechou bem os olhos por um momento e os abriu novamente, olhando para Bonnie como se quisesse entrar em sua cabeça e descobrir como ela reagiria ao que ele falou em seguida. — Eu sou um lobisomem — disse simplesmente.

Bonnie ficou paralisada por um minuto, a mente lutando para entender. Depois deu um gritinho e soltou as mãos dele, levantando-se num salto.

— Ah, não — disse ela, ofegante. — Ah, meu *Deus*.

Imagens disparavam por sua mente: o rosto distorcido de Tyler Smallwood, se alongando grotescamente num focinho, os olhos amarelos e com pupilas em fenda fixos nela com um ódio cruel e sedento por sangue. Meredith, encolhida na cama como uma boneca abandonada, com os olhos vagos ao lhe dizer como o corpo de Samantha tinha sido mutilado. O clarão de cabelo louro que Meredith viu ao perseguir a figura de preto que fugia de uma menina aos gritos. Os hematomas escuros no corpo de Zander.

— Meredith e Elena tinham razão — concluiu ela, afastando-se dele.

— *Não!* Não, não é assim, Bonnie, por favor. — Zander levantou-se, atrapalhado, para os dois ficarem de frente um para o outro. Seu rosto estava lívido e tenso. — Sou um lobisomem bom, eu juro, eu não... não machucamos as pessoas.

— Mentira! — gritou Bonnie, furiosa. — Eu *conheci* lobisomens, Zander. Para se tornar um, você tem que *matar!* — Com essa, ela fugiu, descendo a escada de incêndio em direção à segurança relativa do chão. *Não olhe para trás, não olhe para trás*, martelava em sua cabeça. *Fuja, fuja.*

— *Bonnie!* — Zander a chamou do alto da escada de incêndio, e Bonnie o ouviu descer atrás dela.

Bonnie saltou os últimos degraus e bateu com força no chão, cambaleando. Endireitou o corpo e disparou a correr de pronto. Tinha de entrar, encontrar um lugar onde não ficasse sozinha.

Pelo canto do olho, teve um vislumbre de movimento nas sombras do prédio. Jared e Tristan e, ah, não, o musculoso e grandalhão Marcus. *Lobisomens*, percebeu ela, assim como Zander; parte do bando dele. Bonnie pensou que estava correndo na maior velocidade possível, mas, ao se aproximar da luz, encontrou uma energia renovada.

— Bonnie! — gritou Jared com a voz rouca, e eles foram atrás dela.

Ela corria com a maior rapidez possível, com soluços sem fôlego rasgando seu peito, mas não era veloz o suficiente. Eles estavam perto; ela ouvia os passos pesados alcançando-a.

— Só queremos conversar com você, Bonnie — chamou Tristan, com a voz estável e calma. Nem parecia sem fôlego.

— Pare — disse Marcus. — Espere por nós. — E, *ah, meu Deus*, ele agora estava chegando ao lado dela, e Tristan do outro, cercando-a. Eles estavam se aproximando, fechando o cerco.

Bonnie parou, com as mãos nos joelhos, arfando. Lágrimas quentes escorriam pelo rosto e pingavam do queixo. Eles a apanharam. Ela correu sem parar, com a maior velocidade possível, mas não conseguiu fugir. Os três andavam em volta dela, bloqueando-a, com a expressão preocupada.

Eles fingiram ser amigos, mas agora pareciam caçadores, rondando-a. Mentiram, todos eles.

— *Monstros* — murmurou ela como uma maldição, e se endireitou, ainda ofegante.

Eles a apanharam, mas não a tinham derrotado ainda. Ela era uma bruxa, não era? Bonnie cerrou as mãos em punhos e começou a entoar os encantamentos que a sra. Flowers lhe ensinou para proteção e defesa. Não pensava que podia derrotar três lobisomens, não sem tempo para fazer um círculo mágico, sem suprimento nenhum, mas talvez pudesse *machucá-los*.

— Ei, esperem. Parem. — Zander agora se aproximava, correndo pelo gramado da universidade em direção a eles.

Embora as lágrimas quentes toldassem sua visão, Bonnie via que ele era lindo, um corredor gracioso e natural, as pernas longas devorando a distância, e seu coração doeu um pouco mais. Ela o amava muito. Continuou a entoar, sentindo o poder crescer por dentro como a pressão em uma lata sacudida de refrigerante, pronta para estourar.

Zander parou quando os alcançou, agarrando o ombro de Marcus. Os outros três o olharam.

— Ela fugiu da gente — disse Tristan, parecendo perplexo e ressentido.

— É — concordou Zander. — Eu sei. — Lágrimas escorriam pelo rosto de Zander também, Bonnie percebeu, e ele não fez nenhum gesto para enxugar. Só olhava para ela, aqueles lindos olhos azuis bem abertos, dolorosamente tristes. — Para trás, pessoal — falou, sem desviar os olhos de Bonnie. A ela, então, acrescentou: — Faça o que tem de fazer.

Bonnie parou de entoar, deixando o poder acumulado se esvair. Tomou uma golfada áspera de ar e depois, rápida como uma flecha, o coração martelando como se pudesse explodir e escapar do peito, correu.

A noite de iniciação dos mais novos integrantes da Vitale Society enfim chegara. A sala imensa estava iluminada apenas pela luz dourada de velas em longos castiçais colocados em torno do espaço e pelo fogo de archotes de chama alta encostados nas paredes. Na luz bruxuleante, os animais entalhados na madeira dos pilares e arcadas quase pareciam se mexer. Matt, com um manto de capuz escuro como os outros iniciados, olhou em volta com orgulho. Eles se esforçaram muito, e a sala ficou *incrível*.

Na frente da sala, abaixo do arco mais alto, fora colocada uma longa mesa, coberta com um cetim vermelho pesado e parecendo uma espécie de altar. No meio da mesa havia uma imensa tigela funda de pedra, quase uma pia batismal, e em volta dela rosas e orquídeas. Outras flores foram espalhadas pelo chão, e o cheiro dos botões pisoteados era tão forte que chegava a provocar vertigens. Os aspirantes estavam enfileirados, a espaços regulares, diante do altar.

Como se compartilhasse o orgulho dele por como tudo tinha ficado, Chloe puxou um pouco o capuz preto para trás e se inclinou em direção a ele.

— Fabuloso, não é? — cochichou.

Matt sorriu para ela. E daí que ela estava namorando outro? Ele ainda *gostava* dela. Queria que fossem amigos, mesmo que só pudesse haver isso entre eles.

Ele puxou o manto, constrangido; o tecido era pesado e ele não gostava de como bloqueava sua visão periférica.

Os atuais membros mascarados da Vitale Society andavam em silêncio e sinuosamente entre os aspirantes, entregando cálices com um líquido. Matt o farejou e sentiu cheiro de camomila e gengibre, assim como odores menos conhecidos: então era para isso que precisavam das ervas.

Ele sorriu para a garota que lhe entregou o chá, mas não teve resposta. Os olhos dela por trás da máscara passaram por ele, neutros, e ela continuou. Depois que fosse um membro pleno da Vitale Society, saberia quem eram os atuais integrantes, veria todos sem máscaras. Ele bebericou do cálice e fez uma careta: o sabor era estranho e amargo.

O farfalhar suave de figuras de manto se movendo pelo chão foi silenciado quando o último cálice foi entregue, e os Vitale mascarados rapidamente se retiraram sob o arco para trás do altar, observando. Ethan deu um passo à frente, subiu ao altar e puxou o capuz para trás.

— Bem-vindos. — Ele estendeu as mãos para os aspirantes reunidos. — Bem-vindos enfim ao poder verdadeiro. — A luz das velas bruxuleava em seu rosto, distorcendo-o em algo desconhecido e quase sinistro. Matt se remexeu, nervoso, e tomou outro gole da mistura amarga de ervas.

— Um brinde! — gritou Ethan. Ele ergueu o próprio cálice e, diante dele, os aspirantes fizeram o mesmo. Ethan hesitou por um momento, depois disse: — À passagem para além do véu e à descoberta da verdade.

Matt ergueu o cálice e o bebeu todo, assim como os outros aspirantes. A mistura deixou uma sensação arenosa na língua, e ele a raspou distraidamente nos dentes.

Ethan olhou para os aspirantes e sorriu, fitando um depois de outro.

— Todos vocês alcançaram seu auge pessoal de inteligência, força e capacidade de liderança. Juntos, são uma força a ser considerada. Estão perfeitos.

Matt conseguiu se conter educadamente e não revirar os olhos. Era bom ser elogiado, é claro, mas às vezes Ethan exagerava um pouco: *perfeitos*? Matt duvidava que isso fosse possível. Parecia-lhe que sempre se podia prosperar um pouco mais, ou um pouco menos, em *alguma coisa*. Sempre era possível querer ser melhor. Mas, mesmo que ele afinal pudesse ser perfeito, desconfiava que seria preciso muito mais do que algumas provas de obstáculos e exercícios em grupo de solução de problemas para isso.

— E agora é hora de enfim revelar nosso propósito — continuou Ethan. — Hora de completar a última fase de sua transformação de estudantes comuns em verdadeiros avatares do poder. — Ele pegou um copo de prata reluzente e limpo no altar e o mergulhou na tigela funda de pedra diante dele. — A cada passo rumo à evolução, deve haver algum sacrifício. Lamento qualquer dor que isso possa infligir a vocês. Reconfortem-se sabendo que todo sofrimento é temporário. Anna, um passo à frente.

Houve uma certa inquietação entre os aspirantes. Essa conversa de *sofrimento e sacrifício* era diferente da ênfase habitual de Ethan na *honra e no poder*. Matt franziu o cenho. Havia algo errado ali.

Mas Anna, parecendo minúscula no manto longo, aproximou-se sem hesitar do altar e puxou o capuz para trás.

— Beba-me — disse Ethan, entregando-lhe o copo de prata.

Anna piscou, indecisa; então, com os olhos em Ethan, virou a cabeça para trás e secou o copo. Ao devolvê-lo, lambeu os lábios automaticamente, e Matt tentou vê-la melhor. Na luz bruxuleante das velas, seus lábios assumiram um vermelho brilhante e nada natural.

Em seguida, Ethan levou-a para o lado do altar e pegou-a nos braços. Ele sorriu, e seu rosto se contorceu, os olhos se dilatando e os lábios se repuxando num esgar. Os dentes pareciam tão longos, tão *afiados*. Matt tentou gritar um alerta, mas percebeu com horror que não conseguia mexer a boca, não conseguia juntar fôlego para gritar.

Ele entendeu, subitamente, que tinha sido um tolo.

Ethan cravou fundo as presas no pescoço de Anna. Matt se esforçou, tentou correr para eles, atacar Ethan e arrancá-lo de Anna. Mas não conseguia se mexer. Devia estar sob algum tipo de coerção. Ou talvez algo na bebida, algum ingrediente mágico, fez com que todos ficassem dóceis e imóveis. Impotente, ele viu Anna lutar por uns minutos, depois ficar flácida, rolando os olhos para trás.

Sem a menor cerimônia, Ethan deixou o corpo cair no chão.

— Não temam — disse ele gentilmente, olhando para os aspirantes apavorados e paralisados. — Todos nós — gesticulou para os Vitale mascarados e silenciosos atrás dele — passamos por esta iniciação recentemente. Devem se preparar para sofrer o que é apenas uma morte pequena e temporária; depois serão um de nós, um verdadeiro Vitale. Nunca envelhecerão, jamais morrerão. Poderosos para sempre.

Com os dentes brancos e afiados e os olhos dourados brilhando à luz das velas, Ethan estendeu a mão para o aspirante seguinte enquanto Matt se esforçava novamente para gritar, para lutar.

— Stuart, um passo à frente.

Elena tinha um cheiro tão bom, fragrante e doce quanto uma fruta madura e exótica. Damon queria simplesmente enterrar a cabeça na pele macia do vão de seu pescoço e respirá-la por uma ou duas décadas. Enroscando o braço no dela, puxou-a para mais perto.

— Não pode entrar comigo — disse ela pela segunda vez. — Posso conseguir que James fale porque é uma pergunta sobre meus pais, mas acho que ele não vai me dizer nada se houver mais alguém presente. Qualquer que seja a verdade sobre a Vitale Society e meus pais, acho que ele se sente constrangido com isso. Ou tem medo ou... algo assim. — Sem prestar atenção no que estava fazendo, Elena se aconchegou com mais firmeza no braço de Damon.

— Tudo bem — concordou Damon, obstinado. — Vou esperar do lado de fora. Não vou deixar que ele me veja. Mas você não vai andar pelo campus à noite sozinha. Não é seguro.

— Sim, Damon — disse Elena numa imitação convincente de docilidade, e pousou a cabeça em seu ombro. O cheiro de limão do xampu dela se misturou com o cheiro mais essencial de *Elena*. Damon suspirou de satisfação.

Ela gostava dele, Damon sabia, e Stefan estava fora do jogo. Ela ainda era jovem, sua princesa, e um coração humano podia se curar. Talvez, sem Stefan, ela finalmente visse o quanto era mais próxima de Damon, de alma e mente, e como os dois combinavam à perfeição.

De qualquer modo, por enquanto ela era dele. Ergueu a mão livre e acariciou sua cabeça, o cabelo sedoso e macio sob os dedos, e sorriu.

A casa do professor ficava fora do campus, do outro lado da rua, depois da entrada de portões dourados. Eles quase tinham chegado à margem do campus quando uma presença familiar que espreitava por perto enfim se aproximou.

Damon girou para examinar as sombras, puxando Elena com ele.

— O que foi? — perguntou Elena, alarmada.

Saia, pensou Damon exasperado, enviando a mensagem silenciosa para as sombras mais densas na base de um grupo de carvalhos. *Sabe que não*

pode se esconder de mim.

Uma sombra escura se destacou das outras, avançando na calçada. Stefan simplesmente olhava para o chão, com os ombros arriados, as mãos frouxas e abertas ao lado do corpo. Elena soltou um arquejar curto e magoado.

Stefan estava péssimo, pensou Damon, não sem solidariedade. Seu rosto parecia vazio e tenso, as maçãs mais proeminentes do que de costume, e Damon teria apostado que ele não estava se alimentando direito. Damon sentiu uma pontada de inquietação. Não tinha prazer nenhum em fazer o irmão sofrer. Não mais.

— E aí? — disse Damon, erguendo as sobrancelhas.

Stefan o olhou. *Não quero brigar com você, Damon*, disse em silêncio.

Então não brigue, rebateu Damon, e a boca de Stefan se torceu num meio-sorriso de reconhecimento.

— Stefan — disse Elena de repente, dando a impressão de que a palavra foi arrancada dela. — Por favor, Stefan.

Ele olhou para a calçada em que pisava, sem a fitar nos olhos.

— Senti que você estava por perto, Elena, e senti sua ansiedade — disse ele, cansado. — Pensei que talvez estivesse com problemas. Desculpe, eu me enganei. Não devia ter vindo.

Elena enrijeceu, e seus longos cílios escuros caíram sobre os olhos, escondendo, Damon tinha quase certeza, o que logo seriam lágrimas.

Um longo silêncio se estendeu entre eles. Por fim, irritado com a tensão, Damon fez um esforço para atenuá-la.

— Então — disse casualmente —, invadimos a sede da segurança do campus ontem à noite.

Stefan o olhou com uma fagulha de interesse.

— Ah, é? Descobriram algo de útil?

— Fotos de cenas de crime, mas não foram de muita ajuda — respondeu Damon, dando de ombros. — As pastas tinham um V preto, então estamos tentando entender o que isso significa. Elena vai falar com o professor dela sobre a Vitale Society, ver se poderia ter algo a ver com eles.

— A... Vitale Society? — indagou Stefan, hesitante.

Damon gesticulou com desdém.

— Uma sociedade secreta do tempo em que os pais de Elena estudaram aqui — disse ele. — Quem sabe? Pode não ser nada.

Passando a mão no rosto, Stefan pareceu raciocinar.

— Ah, não — murmurou. Depois, olhando para Elena pela primeira vez, perguntou: — Onde está Matt?

— Matt? — repetiu Elena, arrancada de sua contemplação tristonha de Stefan. — Hummm, acho que tinha uma reunião esta noite. Coisas do futebol, talvez?

— Preciso ir — disse Stefan rigidamente, e partiu de imediato.

Com suas capacidades aprimoradas, Damon podia ouvir os passos leves de Stefan correndo. Mas para Elena, ele sabia, Stefan não passou de um borrão que desapareceu em silêncio.

Ela se virou para Damon, o rosto contorcido no que ele reconheceu como um prelúdio a mais lágrimas.

— Por que ele me seguiu se não queria falar comigo? — Sua voz estava rouca de tristeza.

Damon trincou os dentes. Tentava ao máximo ser paciente, esperar que Elena lhe desse seu coração, mas ela ainda pensava em Stefan.

— Ele falou — respondeu, mantendo a voz tranquila. — Quer garantir que você esteja segura, mas não quer ficar com você. *Eu* quero, no entanto. — Pegando novamente seu braço com firmeza, ele a puxou um pouco para a frente. — Vamos?

Ao abrir a porta e ver Elena, o rosto de James se enrugou, só por uma fração de segundo, e ele deu um passo para trás, como se considerasse fechar a porta na cara dela. Depois pareceu pensar melhor e a abriu mais, mudando a expressão para seu sorriso familiar.

— Ora, Elena. Minha cara, eu não esperava uma visita a esta hora. Creio não ser o melhor momento. — Ele deu um pigarro. — Ficaria deliciado em vê-la na faculdade, em minha sala. Às segundas e sextas, lembra? Agora, se me der licença. — E, ainda sorrindo com gentileza, avançou e *tentou* fechar a porta na cara dela.

Mas Elena ergueu a mão e o impediu.

— Espere. James, sei que não quer falar comigo sobre os broches, mas é importante. Preciso saber mais sobre a Vitale Society.

Seus olhos negros e brilhantes a fitaram e se desviaram, como se ele estivesse sem graça.

— Sim, bem — disse ele —, o problema, claramente, é que visitas desacompanhadas de uma aluna... de *qualquer* aluno, entenda, minha cara, não me refiro a você pessoalmente... à casa de um professor são, hummm, reprovadas. No mundo inescrupuloso em que vivemos, sabe como é. — E,

com um risinho leve, empurrou com firmeza a porta. — Existe hora e lugar para tudo.

Elena empurrou a porta.

— Não acredito nem por um minuto que esteja tentando me fazer ir embora porque minha visita é inadequada — disse categoricamente. — Não vai se livrar de mim com facilidade. Há pessoas correndo perigo, James.

“Sei que você e meus pais fizeram parte da Vitale Society”, continuou Elena, teimosa. “Preciso que me diga o que tem escondido nos últimos dias. Acho que a Vitale está ligada aos assassinatos e desaparecimentos no campus, e temos que detê-los. A essa altura, você é minha única pista, James.”

Ele hesitou, os olhos lacrimosos de emoção, e Elena fixou o olhar nele.

— Vai morrer mais gente — disse ela asperamente —, mas você pode salvá-los. Vai fazer isso?

Estava evidente que James vacilava e parecera ceder de repente, arriando os ombros.

— Não sei de nada que lhe possa ser de alguma ajuda. Não sei de nada dos assassinatos. Mas é melhor você entrar. — Ele a conduziu pelo hall e pela casa.

A cozinha reluzia de tão limpa, as superfícies brancas imaculadas. Panelas de cobre, cestos de vime e panos de prato vermelho-cereja e toalhas pendiam de ganchos e estavam arrumados no alto de bancadas. Gravuras emolduradas de frutas e vegetais estavam penduradas nas paredes a certos intervalos. James sentou-a à mesa, depois se ocupou de preparar uma xícara de chá.

Elena esperou pacientemente até que ele enfim se acomodou diante dela, dispondo xícaras de chá na frente dos dois.

— Leite? — perguntou ele, atrapalhado, entregando-lhe o jarro, sem a olhar nos olhos. — Açúcar?

— Obrigada — agradeceu Elena. Depois se inclinou sobre a mesa e colocou a mão na dele, mantendo-a ali até ele levantar a cabeça e olhar para ela. — Fale — disse simplesmente.

— Não sei nada dos assassinatos — repetiu James. — Acredite, eu não guardaria esse segredo se pensasse que alguém corria perigo por causa dele.

Elena assentiu.

— Sei que não faria isso. Mesmo que não haja uma ligação, se o segredo se refere a meus pais, eu *mereço* saber.

James suspirou longamente.

— Entenda que já faz muito tempo. Éramos jovens e meio ingênuos. Na época, a Vitale Society era uma força do bem. Venerávamos espíritos da natureza e tirávamos energia da Terra sagrada. Éramos uma força positiva na comunidade, interessados principalmente em paz, amor e criatividade. Prestávamos serviços aos outros. Soube que a Vitale Society mudou desde aquele tempo, que elementos mais sombrios a dominaram. Mas não sei muito agora. Nem me envolvo com os Vitale há anos, desde os eventos que vou lhe contar agora.

Elena bebeu o chá e esperou. Os olhos de James foram até seu rosto quase timidamente, depois se fixaram na mesa.

— Um dia — disse ele, devagar —, um estranho foi a uma de nossas reuniões secretas. Ele era... — James fechou os olhos e estremeceu. — Eu nunca vi um ser de poder tão puro ou que irradiasse tamanha sensação de paz e amor. Nós, todos nós, não tínhamos dúvida de que estávamos na presença de um anjo. Ele dizia que era um Guardião. — Involuntariamente, Elena inspirou entre os dentes, soltando um silvo. Os olhos de James se abriram num átimo e ele a olhou longamente. — Você os conhece? — A um

gesto de concordância dela, James estremeceu um pouco. — Bem, pode imaginar como ele nos afetou.

— O que o Guardião queria? — perguntou Elena, com o estômago se contorcendo.

Ela conhecera as Guardiãs, e não gostava delas. Foram as Guardiãs que se recusaram de modo frio e eficiente a trazer Damon de volta à vida quando ele morreu na Dimensão das Trevas. E foram elas que provocaram o acidente de carro que matou seus pais numa tentativa de matar Elena e a recrutarem para ser uma delas. Mas todas as Guardiãs que ela conhecera eram mulheres; nem sabia que também havia Guardiões masculinos.

Elena sabia que, por mais que os Guardiões parecessem adoráveis, eles não eram anjos; não estavam do lado do bem, nem, a propósito, do lado do mal. Só acreditavam na ordem. Podiam ser muito perigosos.

James a olhou brevemente, depois mexeu na xícara de chá e no guardanapo que tinha diante de si.

— Quer um bolinho? — perguntou. Ela meneou a cabeça e o fitou, e ele suspirou novamente. — Precisa entender que seus pais eram muito novos. Eram idealistas.

Elena teve a sensação nauseante de que ia descobrir algo profundamente desagradável.

— Continue.

Mas, em vez de continuar, James dobrou o guardanapo em pedaços mínimos e exatos, cada vez menores, até que Elena deu um pigarro. Então ele recomeçou:

— O Guardião nos disse que havia a necessidade de um novo tipo de Guardiã. Que seria uma mortal, na Terra, e que teria poderes especiais dos quais precisaria para manter o equilíbrio entre as forças sobrenaturais do bem e do mal na Terra. Durante a visita dele, Elizabeth e Thomas, que eram

jovens, inteligentes, bons e profundamente apaixonados, além de ter um futuro brilhante pela frente, foram escolhidos como os pais da Guardiã mortal.

Ele deixou o guardanapo se desdobrar nas mãos e olhou sugestivamente para Elena. Ela precisou de um instante para entender.

— *Eu?* Está brincando? Eu não... — Elena se calou. — Eu já tenho muitos problemas — disse friamente. Então parou ao entender melhor algo que ele havia dito. — Espere, por que acha que meus pais foram ingênuos? O que eles fizeram?

James tomou um gole do chá.

— Francamente, acho que preciso de uma coisinha nisto antes de continuar — disse ele. — Guardei este segredo por muito tempo e ainda tenho de lhe contar a pior parte. — Ele se levantou e vasculhou um dos armários, por fim pegando uma garrafa pequena e cheia de um líquido âmbar. Estendeu a Elena, indagativo, mas ela balançou a cabeça. Tinha certeza absoluta de que precisava da mente clara pelo resto daquela conversa. Ele serviu uma quantidade generosa na própria xícara.

— Então — continuou ele, sentando-se novamente. Elena sabia que ele ainda estava ansioso, mas que também estava começando a gostar de contar a história. Ele era um fofqueiro natural (ensinava história como uma fofoca do passado) e isto era ainda mais familiar a ele, porque era sobre os pais de Elena, pessoas que os dois conheciam. — Thomas e Elizabeth ficaram tremendamente lisonjeados, é claro.

— E... — incitou Elena.

James entrelaçou os dedos sobre a barriga e a fitou, com os olhos caídos.

— Eles concordaram que, quando a criança tivesse 12 anos, abririam mão dela. Os Guardiões a levariam e eles nunca mais a veriam.

De repente, Elena sentiu muito frio. Os pais a criaram pretendendo *abrir mão dela*? Sentiu como se todas as suas lembranças de infância estivessem se estilhaçando. Num instante, James estava ao seu lado.

— Respire — disse ele gentilmente.

Ofegante, Elena fechou os olhos e se concentrou em inspirar e expirar, devagar e profundamente. Era arrasador que seus pais, seus amados pais, a considerassem uma espécie de projeto temporário. Até agora, ela jamais havia duvidado do amor deles.

Precisava saber toda a verdade.

— Continue.

— Sinceramente, este foi o fim de minha amizade com seus pais e de meu envolvimento com a Vitale Society. — James tomou um longo gole do chá batizado com uísque. — Eu não conseguia acreditar que ninguém mais na sociedade visse problema em criar uma filha até o início da adolescência e depois abrir mão dela para sempre, e não acreditava que seus pais... que eu sabia que eram pessoas amorosas e inteligentes... concordariam com um plano desses. Nós nos formamos e tomamos rumos diferentes, e eu só soube de seus pais de novo mais de 12 anos depois.

— Soube deles, então? — perguntou Elena em voz baixa.

— Seu pai me telefonou. Os Guardiões entraram em contato com eles, prontos para levar você. Mas Thomas e Elizabeth não deixaram você ir. — James sorriu com tristeza. — Eles a amavam muito. Pensavam que você não estava pronta para sair de casa... era apenas uma criança. Eles perceberam que tinham concordado rápido demais com o plano do Guardião, que não sabiam realmente o que estava reservado para você, e que não podiam deixar a filha sem ter certeza de que isso era o melhor para ela. Então Thomas pediu minha ajuda para proteger você. Eles sabiam que eu me interessara por feitiçaria quando estava na faculdade. — Ele gesticulou com

modéstia quando Elena o fitou. — Só magia pequena, e eu na época já tinha praticamente desistido disso. Mas ele e Elizabeth estavam desesperados. Então reuni o conhecimento que pude, pretendendo ajudá-los.

Ele parou, e uma sombra se alojou em seu rosto antes de continuar.

— Infelizmente, era tarde demais. Dias depois de nossa conversa, antes de eu partir para Fell's Church, seus pais morreram num acidente de carro. Fiquei de olho em você por alguns anos, mas parecia que os Guardiões não tinham colocado as mãos em você. E, agora, aqui está. Não acho que seja coincidência.

— Os Guardiões mataram meus pais — disse Elena sem emoção. — Eu sabia disso, mas não sabia... Pensei que tinha sido um acidente. — Ela lutava para compreender os segredos de sua infância. Pelo menos, no fim, os pais não conseguiram abrir mão dela. Eles a amaram, como Elena pensava.

— Eles tendem a conseguir o que querem — disse James.

— Por que não me levaram, então? — perguntou Elena.

James meneou a cabeça.

— Não sei. Mas acho que há um motivo para você estar na Dalcrest agora, onde isso tudo começou para você e para seus pais. Creio que surgirá alguma tarefa aqui, e você estará em posse de seus Poderes.

— Uma tarefa? Mas eu já *tive* Poderes, e as Guardiãs os tiraram. — Elas a haviam despojado das Asas e de todas as suas capacidades sem piedade. Iam devolver quando chegasse a hora certa?

James suspirou e deu de ombros, incapaz de ajudar.

— Às vezes os planos têm meios curiosos de se apresentar, mesmo os que estão fadados desde o início — disse ele. — Talvez esses desaparecimentos sejam o primeiro sinal. Mas não sei. Como eu disse à turma em aula, a Dalcrest é o eixo de muita atividade paranormal. Tendo a pensar que, quando sua tarefa se apresentar, você saberá.

— Mas eu não... — Elena engoliu em seco. — Não entendo o que tudo isso significa. Só quero ser uma garota normal. Pensei que agora poderia. Aqui.

James estendeu o braço pela mesa e afagou a mão de Elena, os olhos parecendo poços fundos de solidariedade.

— Sinto muito, minha cara. Não queria que esse fardo lhe fosse dado por mim. Mas farei o que puder para ajudar. Thomas e Elizabeth iam querer isso.

Elena achou que não conseguia respirar. Precisava sair dessa cozinha aconchegante, se afastar dos olhos ávidos e preocupados de James.

— Obrigada. — Ela empurrou apressadamente a cadeira para longe da mesa e se levantou. — Mas agora preciso ir. Agradeço por ter me contado tudo isto, mas preciso pensar.

Ele se alvoroçou em volta dela a caminho da porta da frente, claramente sem saber se a deixava ir embora, e Elena estava a ponto de gritar quando chegou à varanda.

— Obrigada — disse novamente. — Tchau.

Ela se afastou rapidamente sem olhar para trás, estalando os sapatos no cimento da calçada. Quando estava fora de vista, Damon saiu das sombras para se juntar a ela. Elena mantinha a cabeça erguida, piscando para afugentar as lágrimas que se acumulavam nos olhos. Por ora, este segredo seria só dela.

Ethan estava com Chloe, e a segurava com força nos braços como uma paródia de abraço de amor. Matt gemeu profundamente e esforçou-se para ir até ela, mas não conseguia se mexer, nem mesmo abrir a boca para gritar. Os olhos castanhos e grandes de Chloe fixavam-se nos dele, cheios de pavor. Enquanto Ethan baixava a cabeça para seu pescoço, Matt sustentou o olhar dela e tentou enviar a Chloe uma mensagem reconfortante.

Está tudo bem, Chloe, pensou ele. Por favor, não vai doer por muito tempo. Seja forte. Chloe gemeu, paralisada, com os olhos nos de Matt como se a firmeza daquele olhar fosse a única coisa que a impedisse de se desfazer em pedaços.

Concentrando-se nos olhos nela e na própria respiração lenta, Matt tentou emanar calma, tentou tranquilizar Chloe enquanto sua mente trabalhava freneticamente. Incluindo Ethan, havia 15 Vitale. Todos eram vampiros. Os outros Vitale assistiam em silêncio de trás do altar, deixando que Ethan tomasse a frente e dominasse os aspirantes.

Agora os corpos de quatro aspirantes jaziam aos pés de Ethan. Ficariam fora do ar por várias horas, seus corpos atravessando a transição que os transformaria de cadáveres em vampiros. Contando com Matt e Chloe,

restavam seis aspirantes. Quanto mais Matt esperasse para lutar, piores seriam suas chances.

Mas o que Matt podia fazer? Se ao menos conseguisse romper aquela imobilidade involuntária, se ao menos não fosse um prisioneiro impotente. Ele tentou se mexer de novo, desta vez concentrando toda a força em erguer o braço direito. Seus músculos se tensionaram com o esforço, mas depois de cerca de trinta segundos ele parou, enjoado. Estava se exaurindo, e não conseguia se mexer nem um centímetro. O que o segurava era *forte*.

Mas, se pensasse num jeito de se libertar, talvez conseguisse pegar um archote na parede. Por baixo do manto, o canivete pesava no bolso da calça. Vampiros queimavam. Cortar suas cabeças os mataria. Se conseguisse manter os vampiros distantes por tempo suficiente para puxar Chloe e os outros aspirantes que conseguisse tirar da sala, ele voltaria com reforços e os combateria com chances de vencer.

Mas, se não conseguisse romper o feitiço ou coerção que o mantinha preso, qualquer plano que bolasse seria inútil.

Ethan levantou a cabeça do pescoço de Chloe, retirando os dentes longos e afiados de seu pescoço, e lambeu gentilmente o sangue vermelho que escorria da ferida.

— Eu sei, meu amor — murmurou ele —, mas é só por um instante. Depois viveremos para sempre. — Os olhos de Chloe ficaram vidrados e se fecharam, palpitando, mas ela ainda respirava, ainda estava viva. Ainda havia uma chance para ela.

Aos pés de Ethan, Anna se agitou e gemeu. Enquanto Matt olhava apavorado, os olhos dela se abriram e ela olhou para Ethan com a expressão confusa, porém venerada.

Não!, pensou Matt. *É cedo demais!*

Como se tivesse captado o pensamento, Ethan se virou para Matt e piscou.

— As ervas na mistura que vocês todos beberam afinam o sangue e aceleram o metabolismo — disse ele, com a voz despreocupada e amistosa de quem conversa numa lanchonete. — Eu não tinha certeza se daria certo, mas parece que sim. Acelera muito a transição. — Seu sorriso se alargou. — Estou me formando em bioquímica, sabiam? — A boca de Ethan estava suja de sangue, e Matt estremeceu, mas não conseguiu se desviar dos olhos dourados fixos nos dele.

É possível, pensou Matt pela primeira vez, *que eu não sobreviva a isto*. Seu estômago se encolheu de náusea. Ele realmente não queria se tornar vampiro.

Se os aspirantes recém-transformados despertavam tão cedo, as chances já pequenas rapidamente se tornavam impossíveis. Os novos vampiros, ele se lembrou da transformação de Elena no inverno, despertam cruéis, insensatos, famintos e fanaticamente comprometidos com o vampiro que os transformou.

Ethan baixou a cabeça para morder o pescoço de Chloe novamente, enquanto Anna se colocava de pé com uma graça fluida e sobrenatural. Do outro lado do altar, Stuart agora começava a se agitar, uma perna longa se mexendo incansavelmente na madeira escura do piso.

Com a garganta ardendo por causa do choro mudo de frustração, Matt sentiu a última chama de esperança começar a dissipar e morrer. Não havia escapatória.

De repente, a porta na extremidade da câmara se abriu num rompante, e Stefan entrou.

Ethan levantou a cabeça, surpreso, mas antes que ele ou os outros vampiros conseguissem se mexer, Stefan voou pela câmara e arrancou Chloe

dos braços de Ethan. Ela caiu em cheio no altar, com o sangue escorrendo do pescoço. Matt não sabia se ela ainda estava respirando, ainda se agarrando à vida de humana.

Stefan pegou Ethan pelo manto longo e o jogou contra a parede. Sacudiu o vampiro de cabelo encaracolado com a facilidade com que um cão sacode um rato.

Por um momento, o medo terrível que mantinha Matt preso se afrouxou. Stefan sabia o que estava acontecendo, Stefan o encontrara. Stefan salvaria todos eles.

Os outros Vitale estavam correndo em direção a Stefan, que agora lutava com Ethan, os longos mantos flutuando às suas costas enquanto eles avançavam suavemente, movendo-se como um só.

Sem dúvida Stefan era muito mais forte que qualquer um deles. Ele jogou para longe e com facilidade uma vampira de preto — aquela que lhe entregou o cálice, pensou Matt — e ela voou pela câmara como se não pesasse mais que uma boneca de trapos, caindo num monte contra a parede oposta. Sorrindo cruelmente, Stefan dilacerou a garganta de outra com os dentes e ela caiu no chão, prostrada e imóvel.

Mas eles eram muitos, e Stefan, um só. Depois de alguns minutos assistindo à luta, Matt viu que era inútil, e seu coração ficou apertado. Stefan era muito mais velho e muito mais forte que qualquer outro vampiro na sala, mas, juntos, eles o sobrepujavam. A maré da batalha estava virando, e eles o dominavam graças à mera força numérica. Ethan agora estava livre, endireitando o manto, e quatro dos vampiros Vitale, trabalhando juntos, prenderam os braços de Stefan às suas costas. Anna, com os olhos brilhando, batia cruelmente nele.

Ethan pegou um archote na parede atrás dele e olhou para Stefan especulativamente, lambendo, distraído, o sangue das costas da mão.

— Você teve sua chance, Stefan — disse, sorrindo.

Stefan parou de lutar e se deixou pender, flácido, entre os vampiros que o seguravam pelos braços.

— Espere — disse, levantando a cabeça para Ethan. — Você queria que eu me unisse a vocês. *Implorou* para eu me unir. Ainda me quer?

Ethan inclinou a cabeça pensativamente, os olhos dourados brilhando.

— Quero. Mas o que pode me dizer para me fazer acreditar que quer ser um de nós?

Stefan lambeu os lábios.

— Deixe Matt ir embora. Se o deixar partir em segurança, ficarei no lugar dele. — Ele parou. — Dou minha palavra.

— Combinado — disse Ethan de imediato.

Ele agitou os dedos no ar sem tirar os olhos de Stefan e Matt cambaleou, de repente libertado da coerção que o mantinha aprisionado.

Matt respirou fundo e correu para o altar e para Chloe. Talvez não fosse tarde demais. Ele ainda podia salvá-la.

— Pare. — A voz de Ethan rompeu pela sala com autoridade. Matt ficou paralisado, mais uma vez incapaz de se mexer. Ethan o olhou com raiva. — Você não vai *ajudar*. Não vai *lutar* — disse com frieza. — *Você vai embora*.

Matt olhou para Stefan, suplicante. Não podia ir embora, abandonar Chloe, Stefan e os outros nas mãos dos vampiros Vitale. Stefan o encarou com as feições rígidas.

— Desculpe, Matt — disse friamente. — Uma coisa que aprendi com o passar dos anos é que às vezes é preciso se render. O melhor que pode fazer agora é ir embora. Ficarei bem.

Então, dissonante, invasiva e repentinamente na cabeça de Matt, surgiu a voz de Stefan. *Damon*, disse ele intensamente. *Traga Damon*.

Matt engoliu em seco e, enquanto a coerção de Ethan o libertava mais uma vez, assentiu devagar, tentando aparentar derrota e, ao mesmo tempo, indicar a Stefan com os olhos que a mensagem fora recebida.

Ele não conseguiu olhar para os outros aspirantes. Por mais que corresse, alguns morreriam antes que voltasse — ou todos. Talvez Stefan conseguisse salvar alguns. Talvez. Talvez conseguisse salvar Chloe.

Com o coração martelando de pavor e a cabeça girando de medo, Matt correu em direção à saída, em busca de ajuda. Não olhou para trás.

Bonnie não estava com as chaves. Sabia exatamente onde elas estavam, mas isso não ajudava muito: estavam na mesa de cabeceira ao lado da cama de solteiro simples e arrumada de Zander. Ela xingou e chutou a porta, as lágrimas escorrendo pelo rosto. Como ia pegar suas coisas?

Um aluno abriu a porta da frente do prédio para ela.

— Caramba, relaxe — disse ele, mas Bonnie já passava aos empurrões e corria escada acima até o quarto.

Por favor, que tenha alguém aqui, pensou, agarrada ao corrimão, *por favor*. Não tinha dúvida de que Elena e Meredith a reconfortariam e ajudariam, independentemente do que ela tivesse dito durante a briga. Elas ajudariam Bonnie a pensar no que fazer.

Mas talvez elas tivessem saído. E Bonnie não sabia onde encontrar Meredith e Elena, não tinha nenhuma ideia de onde elas passavam seu tempo livre ultimamente.

Como pude me afastar tanto das minhas melhores amigas?, perguntou-se Bonnie, passando as mãos pelo rosto para limpar as lágrimas e o muco. Por que havia tratado as duas tão mal? Elas só queriam protegê-la. E tinham *razão* sobre Zander; as duas tinham. Bonnie fungou, infeliz.

Quando chegou ao alto da escada, bateu o punho na porta do quarto, ouvindo um movimento rápido no interior. Elas estavam em casa. Graças a *Deus*.

— Bonnie? — disse Meredith, assustada ao abrir a porta. — Ah, *Bonnie* — suspirou enquanto a menina se atirava, aos prantos, em seus braços. Meredith a abraçou, apertado e com força, e pela primeira vez desde que fugiu de Zander e correu pela escada de incêndio, Bonnie se sentia segura.

— O que foi, Bonnie? O que aconteceu? — Elena estava atrás de Meredith, olhando com ansiedade.

Em algum lugar Bonnie percebeu que o rosto branco e assustado da amiga também estava marcado de lágrimas. Ela estava interrompendo alguma coisa, mas não podia se concentrar naquilo agora.

Atrás de Elena, ela se viu rapidamente no espelho. Seu cabelo se destacava em volta do rosto numa nuvem vermelha e rebelde, os olhos estavam vidrados e a face pálida, manchada de sujeira e lágrimas. *Parece que fui perseguida por lobisomens*, pensou Bonnie com um riso silencioso e meio histérico.

— Lobisomens — gemeu ela enquanto Meredith a puxava para dentro do quarto. — Todos eles são lobisomens.

— Do que você está... — Meredith se interrompeu. — Bonnie, está falando de Zander e dos amigos deles? Eles são *lobisomens*?

Bonnie assentiu com raiva, enterrando o rosto no ombro da outra menina. A amiga a afastou e olhou atentamente em seus olhos.

— Tem certeza, Bonnie? — perguntou com gentileza. Ela olhou para Elena, e as duas se viraram e olharam o céu pela janela. — Viu a transformação deles? Ainda não é lua cheia.

— Não — disse Bonnie. Ela tentou recuperar o fôlego, tomando golfadas abruptas e soluçantes de ar. — Zander me contou. E depois... ah, Meredith,

foi tão apavorante... eu fugi, e eles vieram atrás de mim. — Ela explicou o que aconteceu, no terraço e nos gramados da faculdade.

Meredith e Elena se olharam indagativamente, depois voltaram a Bonnie.

— Por que ele contou a você? — perguntou Elena. — Ele não pode ter pensado que você teria uma boa reação a essa notícia; teria sido mais fácil continuar escondendo.

Bonnie meneou a cabeça, desamparada.

Meredith arqueou uma sobrancelha irônica para ela.

— Até os monstros podem se apaixonar — disse. — Pensei que soubesse disso, Elena. — Ela olhou para o bastão de caçadora, recostado ao pé da cama. — Quando vier a lua cheia, agora sei o que procurar.

Bonnie a encarou, horrorizada.

— Não vai *machucá-los*, vai? — Era uma pergunta estúpida, ela sabia.

Se Zander e os amigos realmente estavam por trás dos assassinatos e desaparecimentos do campus, Meredith tinha de caçá-los. Era responsabilidade dela. Responsabilidade de todos eles, aliás, porque, se eram os únicos que sabiam a verdade, eram os únicos que podiam garantir a segurança de todos.

Mas Zander... Algo dentro dela uivou de dor. *Zander não...*

— Nenhum dos ataques aconteceu durante a lua cheia — disse Elena pensativamente, e Meredith e Bonnie piscaram para ela.

— É verdade. — Meredith franziu a testa, refletindo. — Não sei como não percebemos isso antes. Bonnie — disse ela. — Pense bem antes de responder. Você passou muito tempo com Zander e os amigos dele. Tinha alguma coisa neles que a fizesse pensar que eles podiam machucar alguém, de verdade, quando não estão na forma de lobo?

— Não! — disse Bonnie automaticamente. Depois parou, pensou e disse, mais devagar: — Acho que não. O Zander é realmente *gentil*, e não acho que

ele conseguiria fingir isso. Não o tempo todo. Eles brincam de um jeito bruto, mas nunca vi nenhum deles brigar com ninguém de fora do grupo. E, mesmo entre eles, não brigam de verdade, só ficam se atracando.

— Sabemos o que quer dizer — falou Meredith com secura. — Nós vimos.

Elena colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Os desaparecimentos também não aconteceram durante a lua cheia — disse ela, pensativa. — Embora eu ache que eles podiam levar as pessoas como prisioneiras, planejando matá-las quando estivessem na forma de lobo, mas isso não... quero dizer, não tive muita experiência com lobisomens além de Tyler, mas... não me parece muito *lupino*. É meio asséptico demais.

— Mas... — Bonnie se jogou na cama. — Acha que há uma possibilidade de Zander e os amigos não serem os assassinos? Então *quem*? — Ela estava perplexa.

Meredith e Elena trocaram um olhar firme.

— Você não vai acreditar em algumas coisas que acontecem neste campus — disse Elena. — Vamos te colocar a par.

Bonnie esfregou o rosto.

— Zander me disse que era um lobisomem bom — disse ela. — Que não machuca as pessoas. Isso é possível? Existe essa coisa de lobisomem *bom*?

Meredith e Elena se sentaram uma de cada lado e a abraçaram.

— Quem sabe? — disse Elena. — Eu realmente espero que sim, Bonnie. Pelo seu bem.

Bonnie suspirou e se aninhou mais nelas, descansando a cabeça no ombro de Meredith.

— Preciso pensar em tudo isso — disse —, mas pelo menos não estou sozinha. Que bom que eu tenho vocês. Desculpem pela briga.

Elena e Meredith a abraçaram com mais força.

— Você sempre teve nós duas — garantiu Elena.

Uma batida selvagem soou à porta.

Elena olhou para Bonnie, que se retesou visivelmente na cama sem tirar as mãos do rosto, depois para Meredith, que assentiu com firmeza e se levantou, pegando o bastão. Ocorreu às duas que, se quisesse falar com Bonnie, Zander sabia exatamente onde ela morava.

Elena abriu a porta, e Matt entrou aos tropeços. Vestia um manto de capuz longo e preto, e seus olhos estavam frenéticos enquanto ele ofegava.

— *Matt?* — chamou ela, surpresa, e olhou para Meredith, que deu de ombros levemente e baixou o bastão. — O que foi? E que *roupa* é esta?

Ele segurou Elena pelos ombros com força demasiada.

— Stefan está em perigo. — Ela ficou paralisada. — A Vitale Society... eles são vampiros. Stefan me salvou, mas não pode lutar com todos. — Ele explicou rapidamente o que aconteceu na câmara secreta abaixo da biblioteca, como Stefan veio ao seu resgate e depois o mandou procurar ajuda. — Não temos muito tempo — concluiu. — Eles estão matando... estão transformando todos os aspirantes em vampiros. Nem sei o que Ethan planeja para Stefan. Temos que voltar. E precisamos de Damon.

Meredith pegou o bastão de novo e, de cara fechada, tirou a bolsa de armas do armário. Bonnie também estava de pé, de punhos cerrados e queixo firme.

— Vou ligar para Damon. — Elena pegou o telefone.

Damon a deixou no alojamento depois de acompanhá-la na volta da casa de James, mas ainda devia estar por perto.

Stefan em perigo. Se ele... se acontecesse alguma coisa com ele, se acontecesse alguma coisa enquanto eles estivessem separados, enquanto ele

ainda estivesse magoado e fosse culpa dela, Elena jamais se perdoaria. Ela não mereceria ser perdoada.

A culpa parecia uma faca em seu estômago. Como pôde magoar Stefan desse jeito? Sentia atração por Damon, é claro, até o amava, mas nunca teve dúvida nenhuma de que Stefan era seu verdadeiro amor. E partira seu coração.

Ela faria qualquer coisa para salvar Stefan. Morreria por ele, se necessário. E, ao ouvir o toque do outro lado da linha e esperar que Damon atendesse, ela percebeu que não havia dúvida de que Damon também faria qualquer coisa para salvar Stefan.

Stefan não tinha um plano quando concordou em ficar no lugar de Matt. Só sabia que precisava salvar Matt, e agora torcia para que Damon viesse até ele. Os punhos de Stefan emanavam uma dor surda, latejante e insistente, quase impossível de ser ignorada. Ele tentou mais uma vez puxar as cordas que o mantinham na cadeira, virando as mãos da esquerda para a direita numa tentativa de afrouxar as amarras, mas era inútil. Não conseguia deslocá-las.

Confuso, Stefan olhou em volta. A sala parecia ao mesmo tempo serena e misteriosa novamente, como na primeira vez em que tinha passado pela porta. Um bom lugar para uma sociedade secreta. Archotes ardiam com força, flores estavam arrumadas no altar improvisado. Os Vitale não tiveram pressa de limpar depois de amarrá-lo e matar os aspirantes.

As cordas estavam cruzadas em seu peito, estômago e costas, os tornozelos e joelhos estavam amarrados às pernas da cadeira, e os cotovelos e pulsos, aos braços. Ele fora bem amarrado, mas a corda nos pulsos era a que mais doía, porque pegava a pele nua. E queimava.

— Estão ensopadas de verbena para que você fique fraco demais para se libertar, mas creio que deve arder um pouco — disse Ethan num tom simpático, como se explicasse um elemento interessante da arquitetura da

câmera secreta ao convidado. — Veja bem, eu posso ser novo nisto, mas conheço todos os truques.

Stefan pousou a cabeça nas costas da cadeira e olhou para Ethan com uma repulsa fervorosa.

— Nem *todos* os truques, desconfio.

Ethan era convencido, mas Stefan tinha certeza de que não era vampiro há muito tempo. Se Ethan ainda fosse humano, se nunca tivesse se tornado vampiro, Stefan imaginava que ele seria mais ou menos como era agora.

Ethan se agachou na frente da cadeira para olhar no rosto de Stefan, com o mesmo sorriso caloroso e simpático de quando tentou convencê-lo a se juntar a eles. Parecia um cara agradável, alguém com quem você quer relaxar e em quem quer confiar, e Stefan o olhou com raiva. O sorriso era uma farsa. Ethan era um assassino cuja máscara era menos evidente que a dos outros vampiros Vitale, só isso.

— Você deve ter razão nisso — disse Ethan, pensativo. — Imagino que exista todo tipo de truque que você aprendeu em... o quê, mais de quinhentos anos? Truques que ainda não conheço. Você pode ser muito útil a mim dessa maneira, se finalmente decidir se juntar a nós. Há muitas coisas que pode nos ensinar sobre toda essa coisa de vampiro. — Ele abriu aquele sorriso atraente de novo. — Sempre fui um bom aluno.

Coisa de vampiro.

— O que quer de mim, Ethan? — perguntou Stefan, cansado. Tinha sido uma noite longa entre semanas longas, e as cordas com verbena feriam seus braços, toldando os pensamentos.

Ethan sabia que idade ele tinha. Ethan sabia o que oferecer a ele quando conversaram pela primeira vez sobre a Vitale Society. Não era coincidência que ele estivesse nessa sala, então; Ethan não procurava um vampiro qualquer.

— Qual é o seu plano? — perguntou Stefan novamente.

O sorriso de Ethan ficou maior.

— Estou formando um exército invencível de vampiros, é claro. — Seu tom era animado. — Sei que parece meio ridículo, mas tudo se trata de poder. E o poder nunca é ridículo. — Ele lambeu os lábios, nervoso, mostrando um flash de língua rosa e fina. — Veja só, antigamente eu era apenas uma pessoinha comum. Era como todo mundo no campus. Minhas maiores realizações eram boas notas nas provas ou o fato de que eu tinha a liderança de um clube universitário secreto. Você nem *acreditaria* em como a Vitale Society era fraca. Só magia branca e adoração da natureza. — Ele fez uma careta autodepreciativa: *Veja como eu era tolo. Estou lhe contando algo constrangedor a respeito de mim mesmo, então confie em mim.* — Mas depois entendi como ter poder real.

Uma das figuras de preto apareceu atrás de Ethan, e este ergueu um dedo para Stefan.

— Espere um minuto, sim? — Ele se levantou e virou-se para falar com seu comandado.

Depois de amarrar Stefan, Ethan tinha voltado eficientemente a esgotar os aspirantes, um depois do outro, largando os corpos assim que terminava com eles. Todos agora tinham passado pela transição e estavam de pé. Pareciam irritadiços e desorientados, grunhindo e brigando entre eles, olhando para Ethan com uma adoração patente.

Típico de novos vampiros. Stefan os observou com cautela. Até que se alimentassem plenamente, eles iam pairar à beira da loucura, e seria fácil Ethan perder o controle deles. Depois ficariam ainda mais perigosos.

— Os aspirantes precisam se alimentar — disse Ethan calmamente à mulher de manto ao lado dele. — Cinco de vocês devem levá-los para fora e

ensiná-los a caçar. Você lidera o grupo de caça e escolhe quem quiser para ir com você. O resto ficará aqui e ajudará a guardar nosso convidado.

Stefan viu os Vitale se arrumarem. Oito seguidores de Ethan continuavam ali, parados nas laterais da sala. Stefan conseguiu matar um deles durante a briga, rasgando sua garganta, mas o corpo fora levado para algum lugar.

Stefan soltou um gemido involuntário. Era difícil pensar direito — estava cansado demais, e a verbena começava a machucar o corpo todo; não só os pulsos, mas todos os lugares em que as cordas tocavam as roupas. *Damon, por favor, venha rápido. Por favor, Damon*, pensou.

— Vai soltar nove vampiros recém-criados pelo campus? — perguntou a Ethan, com a mente voltando ao problema atual. — Ethan, eles vão *matar*. Pessoas que talvez sejam suas amigas. Vão chamar atenção para vocês. O campus já está cheio de policiais. Por favor, leve-os ao bosque para caçar animais. Eles podem viver de sangue animal. — Ele ouviu um tom suplicante tomar a própria voz enquanto Ethan apenas sorria distraidamente para ele, como se Stefan fosse uma criança implorando para ir à Disney. — Vamos lá, Ethan, não faz muito tempo que você também era humano. Não pode querer ficar estático e ver alunos inocentes serem assassinados.

Ethan deu de ombros, batendo levemente no ombro de Stefan enquanto começava a andar para conferenciar com outro de seus capangas.

— Eles precisam ser fortes, Stefan. Quero que estejam no auge durante o próximo equinócio. E já matamos muitos alunos inocentes — disse por sobre o ombro.

— Equinócio? *Ethan* — gritou Stefan às costas dele, frustrado.

Olhou freneticamente para a porta pela qual os aspirantes e seus acompanhantes estavam saindo. Eles levariam algum tempo para escolher as vítimas. Atualmente não havia muitos alunos andando sozinhos pelo

campus à noite. Se ele se soltasse, se Damon aparecesse *agora* e o libertasse, eles podiam impedir a chacina. Se todos esses vampiros novos ficassem à solta no campus, seria um massacre.

Ethan não pode ter transformado o resto da Vitale Society ao mesmo tempo, percebeu ele. Teria sido impossível disfarçar o número de assassinatos que teriam acontecido. Esta deve ter sido a primeira iniciação em massa. E quem transformou Ethan?, perguntou-se. Havia um vampiro mais velho em algum lugar no campus?

Damon, onde você está? Ele não tinha dúvida de que Damon viria, se pudesse.

Apesar da desavença entre eles por causa de Elena, as coisas tinham mudado o bastante entre os irmãos para Stefan saber que podia confiar que Damon o resgataria. Ele havia salvado sua vida antes, afinal, quando lutaram com Katherine e Klaus. Agora havia algo sólido como uma rocha entre eles, algo que não existia um ano antes, nem nas centenas de anos antes disso. Ele fechou os olhos e se ouviu soltar um riso seco e doloroso. Parecia um momento inoportuno para começar a ter revelações sobre os próprios problemas familiares.

— Então — disse Ethan, batendo papo, voltando para seu lado e puxando uma cadeira —, estávamos falando do equinócio.

— Sim — disse Stefan, com acidez na voz.

Não ia deixar que Ethan visse que estava ansioso em relação à porta, na expectativa. Precisava manter a frieza para que Damon tivesse o elemento surpresa ao seu favor. Ele devia manter Ethan falando, distraído, para o caso de Damon chegar, então fixou uma expressão de interesse no rosto e olhou atentamente para Ethan.

— Na época do equinócio, quando dia e noite estão perfeitamente equilibrados, a linha entre vida e morte fica em seu ponto mais fraco e

permeável. É quando os espíritos podem atravessar os mundos — começou Ethan teatralmente, com gestos largos.

Stefan suspirou.

— Eu sei disso, Ethan — disse com impaciência. — Passe ao que interessa. — Ele tinha que manter Ethan distraído, mas não precisava alimentar seu ego.

Ethan baixou a mão.

— Lembra-se de Klaus, não é? — perguntou. — O criador de sua linhagem? Nós o estamos ressuscitando. Tendo ele como chefe de nosso grupo, seremos invencíveis.

Tudo ficou imóvel por um momento, como se o coração lento de Stefan finalmente tivesse parado. Depois ele respirou fundo. Sentia como se Ethan o tivesse estapeado na cara. Não conseguiu falar por um momento. Quando conseguiu, disse, ofegante:

— *Klaus?* Klaus, o vampiro que... — Nem conseguiu terminar a frase.

Sua mente se encheu de Klaus: o Antigo, o vampiro Original, o louco. O vampiro que controlava os raios, que se gabava de não ter sido *feito*, de simplesmente *ser*. Nas lembranças mais remotas de Klaus, ele havia dito a Stefan que portava um machado de bronze; era um bárbaro no portão, em meio àqueles que destruíram o Império Romano. Alegava ter começado a raça dos vampiros.

Klaus tinha mantido o espírito de Elena refém e torturado a inocente Vickie Bennett até a morte para se divertir. Ele transformara Katherine, primeiro em vampira, depois numa boneca cruel em vez de numa pessoa, transformando-a até torná-la impiedosa e obtusa, interessada apenas em atormentar aqueles que um dia amara. Stefan, Damon e Elena por fim o mataram, mas foi quase impossível, teria sido impossível sem um batalhão

de fantasmas irrequietos da Guerra Civil, presos ao campo de batalha banhado de sangue de Fell's Church.

— Klaus que fez a vampira que fez você — disse Ethan, animado. — Foi outra descendente dele, que conheci na Europa este verão em minha viagem ao exterior. Eu a convenci a *me* transformar em vampiro. Ela me ensinou uns truques também, como o uso da verbena, e que o lápis-lazúli pode nos proteger do sol. Coloquei lápis-lazúli nos broches que usamos agora, assim todos os membros o usam o tempo todo. Ela foi muito útil, essa vampira que me transformou. E me contou tudo sobre Klaus. — Ele sorriu calorosamente para Stefan de novo. — Veja só, você *devia* gostar de mim, Stefan. Somos praticamente primos.

Stefan fechou os olhos por um momento.

— Klaus era louco — tentou explicar. — Ele não vai trabalhar com você, vai destruí-lo.

Ethan suspirou.

— Mas eu sinceramente acho que posso trabalhar com ele. Sou muito convincente. E estou oferecendo soldados a ele. Soube que Klaus gosta de guerra. Não há motivo para ele se voltar contra nós; *queremos* dar a ele tudo que ele quer. — Ele parou e olhou para Stefan, ainda sorrindo, mas agora havia um elemento naquele sorriso largo que não agradou a Stefan: uma falsa inocência. Ethan ia perguntar alguma coisa e Stefan já sabia a resposta. — Isso quer dizer que não está interessado em se juntar ao nosso exército, primo? — perguntou com uma falsa surpresa.

Trincando os dentes, Stefan se retesou nas cordas mais uma vez, mas elas não cederam. Ele fuzilou Ethan com os olhos.

— Não vou ajudar você — disse ele. — Nunca.

Ethan chegou mais perto, inclinando-se até o rosto ficar no mesmo nível do de Stefan.

— Mas vai — disse levemente, com um certo orgulho nos olhos. — Quer queira, quer não. Veja só, o que mais preciso para trazer Klaus de volta é sangue. — Ele passou as mãos pelos cachos, meneando a cabeça. — Sempre se usa sangue para esse tipo de coisa, já percebeu? — acrescentou.

— Sangue? — perguntou Stefan, apreensivo.

Os jovens vampiros nunca eram racionais, em sua opinião; a excitação inicial dos novos sentidos e dos Poderes era suficiente para aturdir qualquer um. Estava começando a pensar, porém, que a sanidade que restava a Ethan não era muito forte. Ele *convenceu* alguém a transformá-lo em vampiro?

— O sangue dos descendentes dele, especificamente. — Ethan assentiu, presunçoso. — Por isso fiquei tão deliciado ao descobrir que você estava bem aqui, no campus. Localizar os descendentes de Klaus foi meu passatempo neste verão, depois de eu ter convencido a primeira que conheci a me transformar. Alguns me deram sangue de boa vontade, quando souberam o que eu queria fazer. Nem todos os descendentes de Klaus são ingratos como você. Só preciso de um pouco mais, então terei o bastante. O seu, é claro — e seus olhos voaram para a porta que Stefan vigiava disfarçadamente o tempo todo, esperando por Damon —, e o de seu irmão. Suponho que ele chegará a qualquer minuto, não?

O coração de Stefan pesou no peito, e ele olhou abertamente a porta. *Damon, por favor, fique aí fora*, pensou, desesperado.

Damon se deslocava rapidamente, e Elena e os outros quase tinham de correr para acompanhá-lo em direção à biblioteca.

— É típico de Stefan se sacrificar — murmurou ele, com raiva. — Ele podia ter pedido ajuda quando percebeu que alguma coisa estava acontecendo. — Ele parou por um segundo para deixar os outros o alcançarem e os olhou com raiva. — Se Stefan não consegue lidar sozinho com alguns vampiros recém-criados, tenho vergonha dele — disse. — Talvez a gente deva deixá-lo, afinal. Sobrevivência do mais apto.

Elena tocou sua mão de leve e, depois de um momento, Damon correu para a biblioteca. Ela nem por um segundo acreditou que ele deixaria Stefan cativo. Nenhum deles acreditou. As linhas tensas no rosto dele mostravam que Damon estava inteiramente concentrado no perigo que o irmão corria, esquecendo-se temporariamente da rivalidade entre os dois.

— Não são só alguns vampiros — disse Matt. — São cerca de 25. Desculpe, gente, eu fui um imbecil. — Ele girou, decidido, o bastão que Meredith tinha lhe dado, o bastão de Samantha.

— Não é sua culpa — falou Bonnie. — Você não podia saber que sua fraternidade, ou sei lá o que, era do mal, podia?

Se alguém os visse atravessando o campus, Elena tinha certeza de que eles teriam sido uma visão alarmante: ela e Bonnie levavam as facas de caça largas e afiadas que Meredith lhes dera meio escondidas sob os casacos. Matt brandia o bastão e Meredith levava seu próprio numa das mãos. Mas passava da meia-noite, e o caminho que seguiam estava deserto.

Só Damon não portava uma arma, mas ele claramente *era* uma arma.

Sua fachada humana parecia ter sido retirada, e a expressão de raiva podia ser entalhada em pedra, a não ser pelo vislumbre de dentes brancos e afiados entre os lábios e a escuridão aparentemente sem fim dos olhos.

Quando eles chegaram à biblioteca fechada, Damon não parou, forçando suas portas de metal a se abrirem com um rangido alto. Elena olhou em volta, nervosa. A última coisa de que precisavam era o segurança do campus. Mas as calçadas perto da biblioteca estavam escuras e vazias.

Todos seguiram Damon até o porão e os corredores das salas da administração. Por fim, ele parou na frente da porta com a placa Sala de Pesquisa, onde ele e Elena tinham encontrado Matt uma vez.

— É esta a entrada? — perguntou a Matt e, quando ele assentiu, arrombou com eficiência a fechadura. — Vocês vão ficar aqui em cima. Só Meredith e eu vamos descer. — Ele olhou para Meredith. — Quer matar uns vampiros, caçadora? Vamos cumprir seu destino?

Meredith cortou o ar com o bastão, e um lento sorriso se formou nos cantos da boca.

— Estou pronta — concordou ela por fim.

— Também vou entrar — disse Elena, com a voz firme. — Não vou ficar esperando aqui em cima enquanto Stefan está em perigo. — Damon prendeu a respiração, e ela pensou que ele ia argumentar, mas em vez disso apenas suspirou.

— Muito bem, princesa — falou, com a voz mais suave que saía dele desde que Matt lhes contara o que tinha acontecido com Stefan. — Mas vai fazer o que eu ou Meredith mandarmos.

— Não vou esperar aqui em cima — disse Matt, teimoso. — A culpa disto tudo é minha.

Damon se virou para ele, torcendo a boca num esgar.

— Sim, a culpa é sua. E nos disse que Ethan pode controlar você. Não quero sua faca nas minhas costas enquanto estivermos lutando com seus inimigos.

Matt baixou a cabeça, derrotado.

— Tudo bem. Desçam dois lances de escada e verão as portas para a sala em que eles estão. — Damon assentiu incisivamente e abriu o alçapão.

Meredith o seguiu pela escada, mas Matt pegou o braço de Elena antes de ela ir atrás deles.

— Por favor — disse ele rapidamente. — Se algum dos aspirantes ainda parecer racional, mesmo que seja vampiro, procure tirá-lo de lá. Talvez possamos ajudar. Minha amiga Chloe... — Nas linhas amargas de seu rosto, os olhos azul-claros estavam assustados.

— Vou tentar — prometeu Elena, apertando sua mão. Ela trocou um olhar com Bonnie, depois seguiu Meredith pelo alçapão.

Quando chegaram à entrada para a câmara da Vitale Society, Meredith e Damon ficaram de costas para as portas de madeira entalhada. Observando, Elena viu pela primeira vez uma semelhança entre os dois. Agora que estavam diante de uma batalha, Meredith e Damon carregavam um sorriso ávido.

Um... dois... começou a contagem silenciosa de Damon... *três.*

Eles empurraram juntos. As portas duplas se abriram para dentro e as correntes que as mantinham fechadas voaram. Damon atacou, ainda com o

sorriso reluzente e cruel, Meredith ereta e atenta atrás dele, com o bastão a postos.

Figuras escuras correram em direção a eles, mas Elena estava olhando além delas, procurando Stefan.

Então seus olhos o encontraram e todo o ar a deixou. Ele estava *ferido*. Bem amarrado a uma cadeira, ele levantou o rosto pálido para recebê-la, os olhos verdes agoniados. De seu braço, pingava constantemente um sangue escuro, empoçando-se no chão abaixo da cadeira.

Elena ficou meio louca.

Disparando pela sala até Stefan, ela só estava meio consciente de uma das figuras encapuzadas que saltavam para ela e de Damon pegando-a no ar, quebrando despreocupadamente seu pescoço e deixando o corpo cair no chão. Distraída, ela registrou o estalo da madeira contra a carne quando Meredith atingiu outro atacante com o bastão e ele caiu em convulsões quando a essência concentrada de verbena dos cravos do bastão atingiu sua corrente sanguínea.

Em seguida ela estava agachada ao lado de Stefan e, pelo menos por um instante, nada mais importava. Ele tremia um pouco, só o mais leve dos tremores, e ela afagou sua mão, cautelosa com a ferida no braço. Riscos vermelhos corriam pelos pulsos sob a corda, manchada de sangue.

— Verbena nas cordas — murmurou ele. — Estou bem, mas seja rápida. — E então: — Elena? — Por baixo da dor em sua voz, havia um toque de alegria.

Elena torcia para ele poder ler todo o amor que ela sentia em seus olhos.

— Estou aqui, Stefan. Eu sinto tanto. — Ela pegou a faca que Meredith lhe dera e começou a serrar a corda que o segurava, com o cuidado de não o cortar, tentando não apertar as cordas ainda mais. Ele estremeceu de dor, e as cordas em seus pulsos se romperam. — Seu pobre braço — disse ela, e

tateou nos bolsos à procura de algo para estancar o sangue, finalmente tirando o casaco e pressionando. Stefan segurou o casaco para ele.

— Terá que cortar o resto das cordas também — disse ele, com a voz tensa. — Não posso tocar nelas por causa da verbena.

Ela assentiu e passou a trabalhar nas cordas que prendiam suas pernas.

— Eu te amo — afirmou ela, concentrando-se no trabalho, sem levantar a cabeça. — Eu te amo muito. Eu o magoei e jamais quis isso. *Nunca*, Stefan. Por favor, acredite em mim. — Ela terminou de cortar as cordas em volta dos joelhos e tornozelos e se arriscou a olhar o rosto de Stefan. Lágrimas, ela percebeu, escorriam pelo próprio rosto, e ela as enxugou.

O baque de outro corpo caindo no chão e um grito de fúria vieram de trás deles. Mas os olhos de Stefan se fixaram, inabaláveis, nos dela.

— Elena, eu... — Ele suspirou. — Te amo mais do que qualquer coisa no mundo — disse simplesmente. — Você sabe disto. Incondicionalmente.

Ela tomou um fôlego longo e trêmulo e enxugou as lágrimas mais uma vez. Precisava enxergar, tinha de impedir o tremor nas mãos. As cordas pelo tronco de Stefan estavam enlaçadas e torcidas. Ela as puxou, descobrindo onde havia espaço suficiente para cortar, e Stefan sibilou de dor.

— Desculpe, desculpe — disse ela apressadamente, e começou a cortar a corda com a maior rapidez que se atrevia a ter. — Stefan — recomeçou —, o beijo com Damon... bem, não posso mentir e dizer que não sinto nada por ele... mas não foi planejado. Eu nem mesmo pretendia estar com ele naquela noite, simplesmente aconteceu. E, quando você nos viu, aquele beijo, ele tinha acabado de salvar a minha vida... — Ela agora tropeçava nas palavras, e deixou que falhassem. — Não tenho desculpas de verdade, Stefan — revelou ela. — Só quero que me perdoe. Acho que não posso viver sem você.

O que restava das cordas se partiu, e ela as tirou de Stefan antes de olhar para cima, assustada e esperançosa.

Stefan a fitava, os lábios encurvados num meio-sorriso.

— Elena — disse ele, e a puxou num breve e terno beijo. Depois a empurrou para a parede. — Fique fora disto, por favor. — Ele mancou até a luta, ainda fraco da verbena, mas puxando um vampiro para longe de Meredith e cravando as presas em seu pescoço.

Mas ela não precisava da ajuda dele. Meredith era incrível. Quando é que ela havia ficado tão boa? Elena a vira lutar, é claro, e ela era forte e rápida, mas agora a garota alta era graciosa como uma dançarina e letal como uma assassina.

Ela lutava com três vampiros que a cercavam, furiosos. Girando e chutando, movendo-se quase com a rapidez dos monstros que combatia, apesar do fato de a velocidade deles ser sobrenatural, ela derrubou um deles, fazendo-o voar e, num golpe tranquilo, bateu na cara de outro, deixando o vampiro cambaleando de mãos erguidas e meio cego.

Havia corpos espalhados pelo chão, prova da habilidade de Meredith e da fúria cruel de Damon. Enquanto Elena olhava, Stefan jogou longe o corpo esgotado do vampiro com que lutava e olhou em volta. Só Ethan e os três que cercavam Meredith continuavam de pé.

Damon fez Ethan recuar, nervoso, enquanto avançava em direção a ele, bombardeando-o com fortes golpes de mão aberta.

— ... meu irmão — ela ouviu Damon murmurar. — Cachorrinho insolente. Acha que sabe alguma coisa, criança, acha que quer poder? — Com um movimento súbito e violento, ele pegou o braço de Ethan e puxou. Elena ouviu o osso estalar.

Stefan passou por Elena, indo até Meredith novamente, e parou por um momento.

— Ethan estava preparando uma armadilha para Damon — disse ele secamente. — Não sei por que me preocupei. Claramente, ele não sabia o

que estava tentando pegar.

Elena assentiu novamente, reprimindo um sorriso. A ideia de qualquer vampiro novo levar a melhor sobre Damon, com toda sua experiência e astúcia, parecia ridícula.

Mas a maré da batalha virou de repente.

Um dos vampiros que Meredith combatia esquivou-se de seu golpe e, meio recurvado, jogou-se contra ela, lançando a menina magra no ar. Houve um instante interminável em que Meredith pareceu estar voando, com os braços dobrados, então caiu, batendo de cabeça na pesada mesa que servia de altar na frente da sala.

A mesa virou, fazendo um baque pesado. Meredith jazia imóvel, com os olhos fechados, inconsciente. Elena correu até ela e se ajoelhou, aninhando sua cabeça no colo.

Os três vampiros com que Meredith lutava estavam bem debilitados. Um tinha sangue escorrendo constantemente pelo rosto, outro mancava, e o último estava curvado como se alguma coisa doesse por dentro, mas ainda conseguiam se movimentar com rapidez. Num instante, tinham cercado Stefan.

Quando Damon grunhiu e se virou, mudando de posição para ajudar o irmão, Ethan viu sua chance e se atirou em Damon. Mais rápido do que o olho de Elena podia acompanhar, seus dentes estavam cortando o pescoço de Damon, provocando um jato brilhante de sangue. Ele tinha uma faca na mão e tentava cortar Damon ao mesmo tempo em que mordia.

Com um grito de dor e choque, Damon arranhou Ethan, tentando afastá-lo. Elena pegou a faca novamente e correu em direção a eles.

Mas dois dos vampiros restantes já estavam em cima de Damon numa fração de segundo, puxando seus braços para trás. Um pegou o cabelo preto

de Damon, puxando a cabeça do vampiro mais velho para expor o pescoço plenamente aos dentes de Ethan.

Desequilibrado, Damon cambaleou para trás e, por um momento, viu os olhos de Elena, o rosto dele fraco de desânimo.

Apavorada, Elena se agarrou nas costas de um dos vampiros, que a jogou no chão sem nem mesmo olhar. Enquanto isso, Stefan estava preso numa luta com outro vampiro, desesperado para chegar até o irmão. Damon era um guerreiro melhor e mais experiente que qualquer um dos vampiros que o atacavam, mas, se eles aproveitassem a vantagem momentânea, usando a superioridade numérica, ele seria derrubado antes de conseguir se recuperar.

Ela segurou a faca com mais força e se levantou, sabendo, no fundo, que era tarde demais para salvá-lo, mas que precisava tentar.

Um borrão passou disparado e rosnando por ela; Stefan, livre do adversário, se jogou em Ethan, arremessando-o pela sala e fazendo sua faca voar. Sem parar, ele arrancou um dos outros vampiros do braço de Damon e quebrou seu pescoço. Quando o corpo bateu no chão, Damon tinha despachado o outro com elegância.

Os irmãos, ambos ofegantes, trocaram um longo olhar que parecia transmitir muita comunicação silenciosa. Damon limpou uma mancha de sangue carmim da boca com as costas da mão.

De repente, um braço estava no pescoço de Elena, a faca arrancada de sua mão. Ela estava sendo arrastada para cima. Algo afiado a perfurava na cavidade macia da base do pescoço.

— Posso matá-la antes que vocês consigam chegar aqui — disse a voz de Ethan, alta demais aos ouvidos dela. Elena jogou um braço para trás, tentando pegar o cabelo ou o rosto de Ethan, e ele chutou cruelmente suas pernas, tirando-lhe o equilíbrio e a puxando para mais perto. — Posso

quebrar seu pescoço com um só braço. Posso esfaqueá-la com a própria faca e deixar que sangre. Seria divertido.

Elena percebeu que ele estava apertando a faca dela em seu pescoço. O outro braço pendia frouxo e curiosamente torto. Damon o havia quebrado, lembrou-se Elena.

Os dois irmãos ficaram paralisados e, muito lentamente, se viraram para Elena e Ethan, ambos de cara fechada e preocupada. Damon abriu um ricto de cólera.

— Solte-a — rosnou ele. — Nós o mataríamos no segundo em que ela caísse no chão.

Ethan riu, um riso extraordinariamente genuíno para alguém numa situação de vida ou morte.

— Mas ela ainda estará morta, então acho que pode valer a pena. Vocês não pretendem me deixar sair daqui mesmo, não é? — Ele se virou para Stefan com a voz sarcástica. — Sabe de uma coisa, ouvi *tudo* sobre os irmãos Salvatore dos outros descendentes de Klaus. Eles disseram que vocês eram aristocratas, bonitos e tinham um gênio terrível. Que Stefan era ético e Damon não tinha remorsos. Mas também disseram que os dois eram tolos quando se tratava de amor, sempre pelo amor. É seu defeito fatal. Então, sim, acho que minhas chances são muito melhores agora que tenho sua namorada em meu poder. Ela é namorada de quem, aliás? Não sei dizer.

Elena se encolheu.

— Espere um segundo, Ethan. — Stefan estendeu as mãos, conciliador. — Espere. Se concordar em não trazer Klaus de volta e deixar Elena ir embora em segurança, vamos lhe dar o que você quer. Saia da cidade e não iremos atrás de você. Ficará seguro. Se nos conhece, sabe que cumprimos nossa palavra.

Atrás dele, Damon assentiu com relutância, os olhos no rosto de Elena.

Ethan riu novamente.

— Acho que você não tem nada que eu ainda queira, Stefan — disse ele.
— O resto da Vitale Society, inclusive nossos iniciados mais recentes, voltará logo, e acho que eles vão tombar a balança a meu favor novamente. — Ele apertou o braço no pescoço de Elena. — Matamos tantos alunos neste campus... Uma a mais certamente não vai fazer diferença.

Damon sibilou de fúria e avançou, mas Ethan exclamou:

— Pare bem aí ou...

De repente, ele deu um solavanco e Elena sentiu uma dor aguda e pungente no pescoço. Ela gritou de pavor e colocou a mão no local. Mas era só um arranhão da faca.

Enquanto Stefan e Damon ficavam parados, impotentes e furiosos, o braço de Ethan se afrouxou no pescoço de Elena e ele soltou um gorgolejar horrendo. Elena se afastou assim que seu aperto se desfez.

Sangue escorria em longas tiras grossas do tronco de Ethan, e sua boca se abriu de choque enquanto ele se segurava e caía devagar para a frente, com um buraco redondo no peito se enchendo de sangue.

Atrás dele, Meredith estava de pé, com o cabelo esvoaçando e os olhos cinzentos habitualmente frios ardendo como carvão escuro no rosto. Seu bastão estava coberto do sangue de Ethan.

— Eu o peguei no coração — disse ela com a voz feroz.

— Obrigada — murmurou Elena educadamente. Ela se sentia... sinceramente... muito peculiar, e foi apenas quando começou a cair que pensou: *Ah, não, acho que vou desmaiar.*

Num borrão, ela viu Damon e Stefan correndo para pegá-la e, quando voltou a si, um instante depois, estava segura por dois pares de braços.

— Eu estou bem — afirmou ela. — Foi só... por um segundo, eu fiquei...
— Ela sentiu um par de braços puxando-a para mais perto por um instante,

depois eles a soltaram, mudando seu peso para outro par. Quando levantou a cabeça, Stefan a segurava firmemente. Damon estava a alguns passos de distância, com uma expressão indecifrável.

— Eu sabia que você vinha me salvar — disse Stefan, abraçando Elena, mas olhando para Damon.

Os lábios de Damon se torceram num sorriso mínimo e relutante.

— Claro que viria, seu idiota — disse ele rispidamente. — Sou seu irmão.

Eles se olharam por um bom tempo, depois os olhos de Damon foram até Elena, ainda nos braços de Stefan, e se desviaram.

— Vamos apagar os archotes e sair — disse ele com rispidez. — Ainda temos que encontrar cerca de 14 vampiros.

Parecia que ele e Bonnie esperavam há uma eternidade na salinha dos fundos da biblioteca, pensou Matt. Eles se retesavam a cada ruído, tentando saber de algo que estivesse acontecendo embaixo. Bonnie andava de um lado para o outro, torcendo as mãos e mordendo os lábios, e ele se encostou na parede, de cabeça baixa, segurando firme o bastão de Samantha. Só por precaução.

Ele sabia de todas as portas, passagens e túneis embaixo, muitos que nem imaginava aonde levavam, mas não tinha notado que era tão à prova de som. Não dava para ouvir nada.

De repente, o alçapão se abriu e Matt se retesou, erguendo o bastão até ver o rosto de Elena.

Meredith, Elena, Stefan e Damon saíram, cobertos de sangue, mas basicamente bem, embora a ânsia com que Elena e Meredith contavam a Bonnie o que tinha acontecido, com as palavras tropeçando umas nas outras, fosse reveladora.

— Ethan está morto — disse Stefan a Matt. — Havia outros Vitale lutando lá embaixo, mas nenhum aspirante. Ele os mandou caçar.

Matt sentiu-se nauseado e estranhamente feliz ao mesmo tempo. Imaginou-os mortos nas mãos de Damon e Stefan: Chloe e todos os amigos

aspirantes. Mas não estavam. Não mortos de verdade. Mas transformados, agora vampiros.

— Vocês vão caçá-los — disse ele, voltando as palavras para Stefan e Damon, e também para Meredith. Ela assentiu, decidida, e Damon olhou para o outro lado.

— Temos que ir — afirmou Stefan. — Você sabe disto.

Matt olhou firme para os próprios sapatos.

— Sei. Eu sei. Mas, se tiver oportunidade, quem sabe não pode falar com um deles? Se você puder, se eles estiverem raciocinando e ninguém estiver em perigo? Talvez eles possam aprender a viver sem matar pessoas. Se você lhes mostrar como, Stefan. — Ele esfregou a nuca. — Chloe era... especial. E os outros aspirantes eram gente boa. Não sabiam no que estavam se metendo. Eles merecem uma chance.

Todos ficaram em silêncio e, depois de um momento, Matt levantou a cabeça e viu Stefan fitá-lo, os olhos verdes-escuros solidários, a boca repuxada em uma linha de dor.

— Farei o que puder — disse ele com gentileza. — Posso lhe prometer isso. Mas os vampiros novos... na verdade, os vampiros em geral... podem ser imprevisíveis. Talvez não consigamos salvar nenhum deles, e nossa prioridade tem que ser os inocentes. Mas *vamos* tentar.

Matt assentiu. Sua boca tinha um sabor amargo e os olhos ardiam. Começou a perceber o quanto estava cansado.

— É o máximo que posso esperar — respondeu severamente. — Obrigado.

— Quer dizer que tem uma sala cheia de vampiros mortos lá embaixo? — perguntou Bonnie, torcendo o nariz de nojo.

— Mais ou menos isso — disse Elena. — Passamos correntes nas portas, mas eu queria poder fechar a câmara mais permanentemente. Um dia

alguém vai descer lá, e a última coisa que o campus precisa é de outra investigação de assassinato ou outra lenda medonha.

— Tanraaaaaan! — Bonnie sorriu, radiante, pegando um saquinho no bolso. — Enfim algo que eu posso fazer. — Ela estendeu o saco. — Lembram de todas as horas que a sra. Flowers me fez passar estudando ervas? Bem, sei de feitiços para trancar e repelir, e tenho as ervas necessárias bem aqui. Eu *pensei* que podiam ser úteis, assim que Matt nos disse que íamos a uma câmara subterrânea secreta.

Ela estava tão satisfeita consigo mesma que Matt teve de sorrir um pouco, apesar do peso que sentia dentro de si ao pensar em Chloe e nos outros em algum lugar da noite.

— Talvez não funcione por mais de um ou dois dias — acrescentou ela com modéstia —, mas vai desencorajar as pessoas a investigar o alçapão por esse tempo.

— Você é um prodígio, Bonnie — disse Elena, e espontaneamente a abraçou.

Stefan assentiu.

— Podemos nos livrar dos corpos amanhã. Está perto demais do amanhecer para fazermos isso agora.

Bonnie passou ao trabalho, espalhando plantas secas pelo alçapão.

— Hissopo, selo-de-salomão e folha de damiana — disse ela quando viu que Matt a olhava. — Servem para fortalecer as trancas, proteger contra o mal e para proteção geral. A sra. Flowers me cobrou *tanto* sobre essas coisas que finalmente entendi tudo. Que pena que ela não estava lá para me ajudar no dever da escola. Talvez eu tivesse aprendido alguns verbos em francês.

Damon os observava com os olhos meio caídos.

— Precisamos procurar os novos vampiros também — disse. — Sabe que os vampiros não são animais de bando. Eles não vão caçar juntos por muito

tempo. Depois que se dividirem, poderemos pegá-los — falou a Stefan.

— Eu também vou — afirmou Meredith. Ela olhou com desafio para Damon. — Só vou levar Matt para casa e encontro vocês dois.

Damon abriu um sorriso peculiarmente caloroso que Matt nunca o viu dirigir a Meredith.

— Eu também estava falando com você, caçadora — disse ele. — Você melhorou muito. — Depois de um segundo, ela sorriu também, um torcer bem-humorado dos lábios, e Matt pensou ter visto algo que podia ser o início de uma amizade vacilando entre eles.

— Então os Vitale definitivamente estão por trás de todos os assassinatos e desaparecimentos? — perguntou Matt a Stefan, nauseado. Como pôde passar tanto tempo com Ethan e não desconfiar de que ele era um assassino?

O rosto de Bonnie ficou tão branco que suas sardas se destacaram como pontos escuros em papel. Depois sua cor voltou, o rosto e as orelhas assumindo um tom de rosa vivo. Ela se levantou, instável.

— Preciso ver Zander — disse ela.

— Ei — falou Matt, preocupado, e avançou para bloquear a porta. — Ainda tem um bando de vampiros lá fora, Bonnie. Espere que alguém vá com você.

— Sem contar que você tem outros compromissos — lembrou Damon secamente, olhado para as ervas espalhadas sobre o alçapão. — *Depois* de seu trabalho com os feitiços de bruxa, você pode ver seu cachorrinho.

— Desculpe, Bonnie — disse Meredith, remexendo-se pouco à vontade de um pé para o outro. — Devíamos ter acreditado que você reconheceria um bom sujeito quando visse um.

— Tudo bem! Está tudo perdoado — falou Bonnie, animada, e se jogou no alçapão de novo. — Só preciso dizer o feitiço. — Ela passou as mãos pelas ervas. — *Existo signum* — murmurou. — *Servo quis est intus*.

Ao pegar algumas ervas no saco, Bonnie continuava sorrindo e parando, olhando o vazio, depois se sacudindo um pouco. Matt sorriu para ela, cansado. Que bom para Bonnie. Alguém precisava ter um final feliz.

Ele sentiu uma mão forte e firme pegar a dele e se virou, vendo Meredith a seu lado. Ela sorriu com solidariedade. Perto deles, Elena colocava a mão, insegura, no braço de Stefan, e os dois olhavam para Bonnie. Damon ficou parado, observando-os com uma expressão quase terna.

Matt se encostou em Meredith, reconfortado. Não importava o que tinha acontecido; pelo menos eles estavam juntos. Seus verdadeiros amigos estavam com ele. Enfim, ele estava em casa.

O sol estava baixo a oeste quando Bonnie subiu na escada de incêndio, os pés tinindo a cada passo. Ao cruzar a beira do prédio, viu Zander sentado de costas para a parede de concreto bruto, na beira do terraço. Ele se virou e a olhou quando ela se aproximou dele.

— Oi — disse ela.

No caminho até ali, tinha estado muito empolgada para vê-lo, o suficiente para que Elena e Meredith vencessem sua culpa e começassem a rir dela, mas agora se sentia estranha e desconcertada, como se sua cabeça fosse grande demais. Ela percebeu que era totalmente possível que *ele* não quisesse falar com *ela*. Afinal, ela o acusara de assassinato, um grande erro que uma namorada podia cometer.

— Oi — disse ele devagar. Houve uma longa pausa, e ele deu um tapinha no concreto ao seu lado. — Quer se sentar? — perguntou. — Só estou olhando o céu. — Ele hesitou. — Vai ter lua cheia daqui a alguns dias.

Falar na lua cheia parecia um desafio, e Bonnie se acomodou ao lado dele. Depois apertou as mãos e desatou a falar.

— Desculpe por ter chamado você de assassino — disse ela. — Agora sei que eu estava errada em acusar você de ser responsável pelas mortes no campus. Eu devia ter confiado mais em você. Por favor, aceite minhas desculpas — terminou ela, apressada. — Porque eu sinto sua falta.

— Também sinto sua falta — falou Zander. — E entendo que foi um choque.

— Mas, sério, Zander — disse Bonnie, e deu uma pancadinha nele com o quadril. — Você simplesmente me diz que é um *lobisomem*? Foi mordido quando criança ou coisa assim? Porque eu sei que ser mordido é a única maneira de se tornar um lobisomem sem matar alguém. E, tudo bem, sei que você não é um assassino agora, mas Meredith viu você com uma garota que tinha acabado de ser atacada. E... e você tem *hematomas*, muito feios, em toda parte. Acho que eu tinha todo o direito de pensar que havia alguma coisa esquisita com você.

— Esquisita? — Zander riu um pouco, mas havia uma certa tristeza na ação, pensou Bonnie. — Acho que é meio esquisito, se quiser colocar deste jeito.

— Pode explicar? — perguntou Bonnie.

— Tudo bem, vou tentar — respondeu Zander, pensativo. Ele pegou a mão dela, virando-a na dele e brincando com seus dedos, puxando-os levemente. — Como deve saber, a maioria dos lobisomens é transformado sendo mordida ou tendo o vírus do lobisomem na família e ativando-o ao matar alguém num ritual especial. Então as opções são: um ataque terrível, que na verdade acaba com a vítima, ou um ato deliberado de maldade para pegar o poder do lobo. — Ele fez uma careta. — Isso de certo modo explica por que os lobisomens têm uma fama tão ruim. Mas existe outro tipo de lobisomem.

Ele olhou para Bonnie com um certo orgulho tímido.

— Eu vim do bando Original de lobisomens.

Original. A mente de Bonnie disparou. *Imortal*, pensou ela, e lembrou-se de Klaus, que nunca foi humano.

— Então... você é bem velho? — perguntou ela, hesitante.

Tudo bem, pensou ela, porque Elena namorava caras que viram séculos passarem. Era até romântico. Mais ou menos.

Apesar da paixão que teve por Damon, porém, Bonnie sempre se imaginou namorando alguém mais perto de sua idade. Até o gracinha inteligente do Alaric de Meredith parecia meio velho para ela, e ele só tinha uns 20 e poucos anos.

Zander bufou de rir subitamente e apertou mais sua mão.

— Não! — disse ele. — Acabei de fazer 20 no mês passado! Os lobisomens não são assim... Estamos vivos. Nós vivemos e morremos. Somos como qualquer outra pessoa, só que...

— Se transformam em lobos superfortes e super-rápidos — continuou Bonnie,afiada.

— É, isso mesmo — concordou Zander. — Bom argumento. Mas, então, o bando Original é tipo a família original de lobisomens. A maioria dos lobisomens é infectada por uma espécie de vírus místico. Pode ser transmitido, mas fica latente. O bando Original descende dos primeiros lobisomens, aqueles que eram homens das cavernas, exceto durante a lua cheia. Está em nossos genes. Somos diferentes dos lobisomens comuns. Podemos impedir a transformação, se precisarmos. Podemos aprender a mudar quando a lua não está cheia também, embora seja difícil.

— Se pode impedir a transformação, isso faz com que alguns de vocês deixem de ser lobisomens? — perguntou Bonnie.

Zander a puxou para mais perto.

— Nunca deixamos de ser lobisomens, mesmo que não nos transformemos. É isso que somos. E dói não mudar quando a lua está cheia. É como se ela cantasse para nós, e a música fica mais alta e mais nítida quanto mais perto do estágio final. Então nos *doemos* para mudar quando chega a hora.

— Puxa vida — disse Bonnie. Depois seus olhos se arregalaram. — Então todos os seus amigos também são membros do bando Original? Todos são *parentes*?

— Hummm. Acho que sim. Mas o parentesco pode ser muito antigo... não somos primos em primeiro grau, nem nada.

— Que esquisito — disse Bonnie. — Tudo bem, bando Original, entendi. — Ela aninhou a cabeça confortavelmente no ombro de Zander. Agora me fale do resto.

— Está bem. — Zander voltou a falar. Tirou o cabelo dos olhos e abraçou Bonnie. O concreto estava ficando meio frio, e ela se recostou, agradecida, no calor de seu corpo. — Então, a Dalcrest fica num foco de atividade paranormal. Existem coisas chamadas linhas de força...

— Já sei disso — disse Bonnie rapidamente. — Continue com a sua parte.

Zander a fitou.

— Tudo... bem — continuou ele devagar. — Enfim, o Alto Conselho dos Lobos manda alguns de nós à Dalcrest todo ano como alunos. Assim podemos monitorar qualquer perigo. Somos como cães de guarda, acho. Os cães de guarda *originais*.

Bonnie bufou.

— O Alto Conselho dos Lobos.

Zander lhe deu um cutucão nas costelas.

— Pare com isso, não é piada — disse. — Eles são muito importantes. — Bonnie riu de novo, e ele lhe deu uma leve cotovelada. — Portanto, com todos os desaparecimentos e ataques, as coisas ficaram ruins no campus este ano — continuou ele, mais sério. — Muito pior do que de costume. Estivemos investigando. Um bando de vampiros de uma sociedade secreta no campus está por trás disso, e estamos lutando com eles e protegendo as pessoas quando podemos. Mas não somos tão fortes quanto eles, a não ser na lua cheia, mesmo que nos transformemos. Por isso os hematomas. E sua amiga me viu protegendo uma garota que tinha acabado de ser atacada.

— Não se preocupe. Já cuidamos da Vitale Society hoje à noite — disse Bonnie com presunção. — Bem, pelo menos do líder e de alguns outros — corrigiu-se ela. — Ainda tem um bando de vampiros no campus, mas vamos nos livrar deles.

Zander se virou e a encarou por um bom tempo antes de falar.

— Acho — disse por fim, numa voz cuidadosamente neutra — que é a sua vez de se explicar.

Bonnie não era tão boa em explicações lógicas e organizadas, mas fez o que pôde, avançando e voltando no tempo, acrescentando observações e se lembrando de detalhes ao prosseguir. Contou a ele sobre Stefan e Damon, como tudo mudou quando os irmãos vampiros foram para Fell's Church no ano anterior e Elena se apaixonou por eles. Contou sobre o dever sagrado de Meredith como caçadora de vampiro e de suas próprias visões paranormais e seu treinamento de bruxa.

Ela deixou muita coisa de fora — tudo sobre a Dimensão das Trevas e a negociação de Elena com as Guardiãs, por exemplo, porque era muito confuso e talvez ela devesse contar isso mais tarde, para ele não ficar sobrecarregado —, mas ainda assim levou muito tempo falando.

— Hummm — disse Zander quando ela terminou, depois riu.

— O que foi? — perguntou Bonnie.

— Você é uma garota estranha — disse Zander. — Mas muito heroica.

Bonnie colocou o rosto em seu pescoço, respirando feliz o cheiro essencial de *Zander*: amaciante de tecido, algodão surrado e um *garoto* limpo.

— *Você é que é estranho* — brincou ela, e depois, com admiração: — E um verdadeiro herói. Esteve combatendo ataques de vampiros por semanas sem fim para proteger a todos.

— Somos uma dupla e tanto — disse Zander.

— É — respondeu Bonnie. Ela se sentou reta e o encarou, depois estendeu a mão e passou-a em seu cabelo claro, puxando-o para mais perto. — Ainda assim — continuou ela, pouco antes de seus lábios se tocarem —, o normal é superestimado.

Elena, Stefan e Damon foram para o alojamento de Elena juntos, e a tensão pulsava entre eles.

Elena pegou a mão de Stefan automaticamente enquanto eles andavam, e ele se enrijeceu, relaxando aos poucos. Agora sua mão estava natural na dela.

As coisas não tinham voltado a ser como eram entre eles, ainda não. Mas os olhos verdes de Stefan estavam cheios de um afeto tímido quando a olhavam, e Elena *sabia* que podia consertar tudo. Algo tinha mudado em Stefan quando Damon apareceu em seu resgate, quando Elena o desamarrou e pediu desculpas. Talvez Stefan só precisasse saber que, independentemente do que houvesse entre ela e Damon, ele vinha em primeiro lugar para ela. Ninguém o estava rejeitando.

Elena destrancou a porta e eles entraram. Só tinham se passado algumas horas desde que ela esteve ali, mas tanta coisa aconteceu que parecia um lugar do passado distante, os pôsteres, roupas e ursinho de pelúcia de Bonnie como relíquias de uma civilização perdida.

— Ah, Stefan — disse Elena —, estou tão feliz por você estar bem. — Ela estendeu a mão e envolveu os braços nele, e, como aconteceu quando pegou

sua mão, ele se retesou por um momento antes de retribuir o abraço. — Estou feliz porque os dois estão bem — corrigiu-se ela, e olhou para Damon.

Seus olhos negros encontraram os dela friamente, e ela sabia que, sem precisar discutir o assunto, ele entendia que as coisas não iam seguir o caminho que estavam tomando. Ela amava Stefan. Tinha tomado sua decisão.

Quando Stefan contou a eles do plano de Ethan de pegar o sangue dos dois irmãos para ressuscitar Klaus, ela ficou apavorada. Não só pelo perigo que Stefan correria, ou pela ideia medonha de Klaus vivo e sem dúvida vingativo, mas por causa da armadilha que Ethan tinha preparado para Damon. Ele pretendia tirar o melhor de Damon — o amor relutante, com frequência desfigurado mas ainda assim forte, que ele tinha pelo irmão — e usar para destruí-lo.

— Estou eternamente feliz por ver os dois bem — disse ela novamente, estendendo a mão para Damon também.

Damon caiu em seus braços de boa vontade, mas, quando ela o apertou, ele estremeceu.

— O que foi? — perguntou, confusa, e Damon franziu o cenho.

— Ethan me cortou — disse ele, com o franzido na testa transformando-se numa careta de dor. — É só um corte pequeno. — Ele pegou a camisa pela borda rasgada e puxou para cima, expondo um trecho de pele firme e clara. Na pele branca, Elena viu que o corte longo já estava se curando.

— Não é nada — continuou Damon. Ele abriu um sorriso malicioso para Elena. — Um bom drinque de uma doadora complacente e estarei novo em folha, garanto.

Ela meneou a cabeça para ele em reprovação, mas não respondeu.

— Boa noite, Elena — disse Stefan, e roçou as costas da mão gentilmente em seu rosto. — Aliás, bom dia, mas procure dormir um pouco.

— Vocês vão atrás dos vampiros? — perguntou ela, ansiosa. — Cuidado.
Damon riu.

— Vou cuidar para que ele tome cuidado com os *vampiros* maus — disse ele. — Pobre Elena. A vida normal não está indo muito bem, não é?

Elena suspirou. Era este o problema, não? Damon jamais compreenderia por que ela queria ser uma pessoa comum. Ele a considerava sua princesa das trevas, queria que fosse igual a ele, que fosse *melhor* que uma pessoa comum. Stefan não a via como uma princesa das trevas; pensava que ela era um ser humano.

Mas será que ela era? Elena pensou brevemente em contar a eles sobre os Guardiões e os segredos de seu nascimento, mas não podia. Não agora. Ainda não. Damon não entenderia por que isso a incomodava. E Stefan estava tão pálido e cansado depois da provação com as cordas com verbena que ela não queria sobrecarregá-lo com seus temores em relação aos Guardiões.

Enquanto Elena pensava isso, Stefan cambaleou, só um pouco, e Damon estendeu a mão automaticamente para segurá-lo.

— Obrigado — agradeceu Stefan. — Por ir me salvar. Vocês dois.

— Eu sempre o salvarei, maninho — disse Damon, mas olhava para Elena, e ela ouviu o eco de quando ele disse o mesmo a ela. — Embora eu pense que ficaria melhor sem você — acrescentou.

Stefan abriu um sorriso fatigado.

— Hora de ir — disse ele.

— Eu te amo, Stefan. — Elena roçou os lábios nele suavemente.

Damon assentiu para ela brevemente, com a expressão neutra.

— Durma bem — disse ele.

A porta se fechou, e Elena ficou sozinha. Sua cama nunca lhe pareceu tão confortável ou convidativa, e ela se deitou com um suspiro, olhando a luz

branda que começava a passar pela janela.

A Vitale Society acabara. O plano de Ethan fora interrompido. O campus estava mais seguro e um novo dia nascia. Stefan a perdoara e Damon não foi embora, nem se voltou contra eles.

Por ora, era o melhor que ela podia esperar. Elena fechou os olhos e enfim dormiu. Amanhã seria outro dia.

Epílogo

Ethan ofegou, puxando uma longa golfada de ar, e despertou tossindo, com o corpo todo tremendo. Tudo doía.

Cautelosamente, ele se tateou, descobrindo que estava pegajoso de sangue meio seco e coberto de vários ferimentos pequenos. Estendendo a mão, ele sentiu com os dedos delicados a marca que já se curava nas costas. O bastão que a garota enfiara nele roçou seu coração, mas não o perfurou. Meio centímetro mais para o lado e ele estaria morto. Morto de verdade, desta vez, e não morto-vivo.

Segurando-se com uma das mãos na cadeira forrada de veludo, Ethan se levantou e olhou em volta. Seus comandados da Vitale Society, seus amigos, jaziam mortos no chão. Os irmãos Salvatore e as meninas que estavam com eles tinham escapado.

Nervoso, ele tateou um bolso e suspirou de alívio quando sua mão se fechou num pequeno frasco. Pegando-o, olhou para o fluido vermelho e grosso dentro dele. O sangue de Stefan Salvatore. Procurou no mesmo bolso e retirou um tecido com uma longa mancha marrom-avermelhada. O sangue de Damon Salvatore.

Tinha tudo de que precisava.

Klaus viveria de novo.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Diários do Vampiro
Caçadores Vol. 2 | Canção da Lua

Skoob do livro

http://www.skoob.com.br/livro/379484-cancao_da_lua

Site da autora

<http://www.ljanesmith.net/>

Wikipedia da autora

http://pt.wikipedia.org/wiki/Lisa_Jane_Smith

Good reads da autora

http://www.goodreads.com/author/show/50873.L_J_Smith

Fã page da autora no facebook

<https://www.facebook.com/ljsmithauthorofvampirediaries>

Sumário

Capa	
Série Diários do Vampiro	
Rosto	
Créditos	
	1
	2
	3
	4
	5
	6
	7
	8
	9
	10
	11
	12
	13
	14
	15

16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42

Epílogo

Colofon
Saiba mais